**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas**

Ivan Neves Marques Júnior

**O riso segundo Cícero e Quintiliano:
tradução e comentários de
De oratore, livro II, 216-291 (*De ridiculis*) e
da
Institutio Oratoria, livro VI, 3 (*De risu*)**

São Paulo
2008

Ivan Neves Marques Júnior

**O riso segundo Cícero e Quintiliano:
tradução e comentários de
De oratore, livro II, 216-291 (*De ridiculis*) e
da
Institutio Oratoria, livro VI, 3 (*De risu*)**

Dissertação apresentada ao
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, como
parte dos pré-requisitos para a
obtenção do título de Mestre em
Literatura Latina.

Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues
Seabra Filho

São Paulo
2008

Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação
(CIP)

Marques Júnior, Ivan Neves, 1971-
O riso segundo Cícero e
Quintiliano: tradução e comentários
de *De oratore*, livro II, 216-291
(*De ridiculis*) e da *Institutio
Oratoria*, livro VI, 3 (*De risu*) /
Ivan Neves Marques Júnior – São
Paulo: Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da
Universidade de São Paulo
(Dissertação de mestrado), 2008.

1. Marco Túlio Cícero – 2.
Marco Fábio Quintiliano – 3.
Literatura Latina – 4. Século II e I
a.e.c. – Século I – 5. Retórica – 6.
Oratória – I. Título

RESUMO

Este trabalho é uma tradução de dois excertos de dois tratados retóricos que tratam do uso do riso na oratória: um deles situado entre os parágrafos 216 e 291 do livro II de *De oratore* de Marco Túlio Cícero, chamado *De ridiculis*, e o outro, um capítulo todo, o terceiro, do livro VI da *Institutio Oratoria* de Marco Fábio Quintiliano, denominado *De risu*, com comentários sobre os aspectos da utilização do riso no discurso oratório, a relação estabelecida entre os dois textos e os itens acolhidos por Quintiliano em *De risu* do texto de *De ridiculis*, de Cícero.

Palavras-chave: Retórica, Oratória, Riso, Cícero, Quintiliano, *urbanitas*, *facetiae*.

ABSTRACT

This work is composed by a translation of two excerpts of two essays on Rhetorics that focus the laughter in oratory: one of them is located from the paragraph 216 to the paragraph 291 of *De oratore's* book II by Marcus Tullius Cicero, untitled *De ridiculis*; and the other one, a whole chapter, the third of the book VI of *Institutio oratoria* by Marcus Fabius Quintilianus, untitled *De risu*, with comments on the aspects of the laughter use in oratorical discourse, the relations between the two texts, and the items from Cicero's *De ridiculis* utilized by Quintilian in *De risu*.

Keywords: Rhetorics, oratory, laughter, Cicero, Quintilian, *urbanitas*, *facetiae*.

ÍNDICE

Apresentação	1
Esclarecimentos	4
Abreviaturas e Símbolos	5
Introdução	6
<i>De oratore</i> , livro II, 216-219 (<i>De ridiculis</i>)	29
<i>Institutio Oratoria</i> , livro VI, 3 (<i>De risu</i>)	90
Conclusão	147
Bibliografia	153

AGRADECIMENTOS

À QUELE que me criou, me atendeu, me ama e É TUDO para mim.

À minha amada esposa, Ana Paula, pelo amor, pelo incentivo, apoio, paciência, ajuda, carinho e compreensão.

A Lia de Abreu Sacchetta, minha outra mãe, pelo apoio, compreensão e carinho.

À minha mãe, Eunice, pela abdicação, orações, doação, amor e compreensão.

Ao meu pai, Ivan, pela origem do que sou e pela presença, mesmo à distância.

À minha avó Regina, pela vida.

A Marília, minha irmã, pelo amor, carinho e atenção.

A Sônia, pelo carinho e amizade.

A Adriano de Paula Rabelo, meu chapa, pela companhia, paciência e apoio.

A Ana Paula Mussel, pela ajuda, carinho e grande amizade.

A Liliana Laganá, pelo apoio, ajuda, incentivo e instrução.

À saudosa professora Dra. Ingeborg Braren, que me acolheu, instruiu e confiou a mim esta tarefa.

Ao Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho, pela acolhida, orientação, instrução.

Ao Prof. Dr. Pablo Schwartz Frydman, pela acolhida, orientação, instrução e incentivo.

Ao Prof. Ms. Hélio Requena da Conceição, meu primeiro mestre, pelo incentivo, apoio e instrução.

Ao Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos, pela instrução.

Ao Prof. Dr. Paulo Martins, pela confiança e incentivo.

Ao Prof. Dr. João Ângelo de Oliva Neto, pela instrução bibliográfica.

A Benta, minha sogra, pelo apoio, amizade, carinho e exemplo.

Ao meu irmão Marcos, pela ajuda oportuna.

Ao Bruno, meu sobrinho, pela alegria e o sorriso.

Ao Ivan, pela amizade.

A Noemi, pela amizade.

Aos meus tios, Moisés, Zaqueu, Márcia Regina, Evani, Ana, Máximo, pela companhia em família.

A Henrique e Leon Lobl, meus patrícios, pela amizade, companhia religiosa e acolhida.

Ao Flamarion, pela instrução e amizade.

A Samara, amiga para todas as horas.

Aos amigos Ricardo Conceição, Tereza, Ana Cristina, Eduardo, Renata e Luís.

A Dulci, Camila, Melissa e Adilson, pela preciosa amizade.

A Marilena, pela dedicação e alimento.

A Mel, razão do meu sorriso.

A Babi, que, mesmo longe, me faz sorrir.

Ao Joe, que sempre está aqui.

Ao Ito, a Luíza e ao Zé, pela alegria, companheirismo e amizade preciosa.

Aos funcionários da Biblioteca Florestan Fernandes, pela ajuda.

Ao professor Carlos Zélio Dimant, pela companhia religiosa e carinho.

Ao Sérgio, companheiro de moradia que se tornou meu chapa, pela acolhida e amizade.

Ao Paulinho, pela amizade e companhia esportiva.

Ao Adalgiso, companheiro de moradia, pela amizade.

Dedico este trabalho a minha amada esposa, Ana Paula,
a mulher da minha juventude,
pelo amor que vive nos meus sonhos e faz um sonho minha vida.

Em homenagem à Prof^ª Dra. Ingeborg Braren, *in memoriam*.

“D’us preparou-me riso,
portanto todo aquele que ouvir rirá
comigo” (*Bereshit* 21:5-6).

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem três objetivos: **1** Traduzir dois excertos de dois tratados retóricos que tratam do uso do riso na oratória: um deles situado entre os parágrafos 216 e 291 do livro II de *De oratore* de Marco Túlio Cícero, pela crítica especializada chamado de *De ridiculis* em referência ao parágrafo 217, no qual o personagem do diálogo oratório¹ Antônio diz ter lido alguns livros escritos pelo gregos sobre o riso sob o título *De ridiculis*; o outro, um capítulo todo, o terceiro, do livro VI da *Institutio Oratoria* de Marco Fábio Quintiliano, denominado *De risu* em referência ao parágrafo 22 em que o retor refere aos textos gregos chamados *περὶ γελοίου* (*De risu*). **2** Comentar os textos por meio de notas de rodapé explicativas. **3** Colher, a partir de uma aproximação comprovada entre os textos, o que Quintiliano acolhe do texto de Cícero através do prisma de cinco perguntas feitas por César no parágrafo 235 de *De ridiculis*, a saber: O que é o riso? Onde se encontra? É próprio ao orador utilizá-lo? Até que ponto o orador pode utilizá-lo? Quais são os gêneros oratórios de ridículo?

Traduzi os textos diretamente do latim utilizando as edições da *Belles Lettres* para ambos. Para *De ridiculis* utilizei aquela editada e traduzida por Edmond Courbaud e para *De risu* aquela realizada por Jean Cousin. A fim de confrontar minha tradução, solucionar trechos obscuros, verificar e conferir que arranjo fizeram outros tradutores em seus idiomas (sobretudo ao traduzir as anedotas e os ditos ridículos ou picantes) fiz uso de outras edições em inglês (Loeb Classical Library: da *Institutio Oratoria* a tradução de H. E. Butler, e de *De oratore* a tradução de E. W. Sutton), em italiano (Editora Bur: da *Institutio Oratoria* a tradução e notas conjuntas de Cesare Marco Calcante e Stefano Corsi com introdução de Michael Winterbottom; de *De oratore*, a tradução conjunta de Mario Martina, Maria Ogrin, Ilaria Torzi e Giovanna Cettuzzi com introdução de Emanuele Narducci. Editora Mondadori: da *Institutio Oratoria* a tradução de Simone Beta e Elena D'Incerti Amadio com introdução de George Kennedy) e em espanhol (Editora Gredos: de *De oratore*, a tradução, introdução e notas de José Javier Iso).

Antes da tradução estabeleci uma introdução que cumpre objetivo duplo e simultâneo: primeiro, situar o leitor no ambiente dos textos traduzidos; segundo,

¹ Gênero ao qual pertence a chamada obra da maturidade de Cícero.

mostrar os pontos em comum entre esses textos, e conseqüentemente indicar o diálogo entre ambos e observar em Quintiliano itens acolhidos a partir de Cícero.

Para construir as notas de rodapé explicativas abordei os textos através de alguns aspectos que os próprios textos revelaram pertinentes. Verifiquei em que pontos cada uma das cinco perguntas feitas por César no parágrafo 235 de *De Ridiculis* foram respondidas pelo próprio Cícero e, quando foi necessário, inseri algum comentário para esclarecer ou elucidar. O mesmo fiz em *De risu*, que não estabelece diretamente as mesmas perguntas, mas as responde, ainda que indiretamente. Anotei soluções, escolhas, ajustes impossibilidades de traduções de determinados trechos quando os textos isso exigiram. Inseri comentários sobre palavras técnicas, referências e citações. Procurei nas obras de Cícero e Quintiliano outras instruções e prescrições sobre figuras, tropos e outros elementos retóricos (p.ex.: metáfora, alegoria, ironia etc.) quando, nos exemplos, alguns deles que se revelaram mais importantes ou abriam a possibilidade de algum comentário, tomando o cuidado, porém, de não estender muito esse procedimento para não incorrer no desagrado de explicar anedotas, palavras ou assuntos ridículos e também para que, agindo assim, minha intervenção não ocupasse o espaço dinâmico dos textos traduzidos. Apontei em que situações o riso se mostra mais utilizável, a saber, nas altercações e toda vez que o embate entre os oradores exija a tentativa de deslocar *benevolentia* de um para o outro (cf. Quintiliano, VI 4 e *De inuentio* I, 23–25). Fiz pequenos resumos biográficos para que o leitor tivesse ao menos uma parca idéia de quem era a pessoa citada em um excerto ou exemplo, tarefa em que evitei me estender também para que não fugisse do gênero do qual este trabalho faz parte [auxiliaram-me nesta tarefa as obras *Dictionary of classical antiquities* de Oskar Seyffert (Boston: Little, Brown, and Company, 1894) e *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology* de William Smith (London: John Murray, 1867)]. Indiquei os pontos em que os textos estabelecem um diálogo ou em que há alguma referência externa a eles, como p. ex., a citação de algum verso ou parágrafo em outra obra de Cícero ou outro autor. Lembrei ainda alguma curiosidade ou coincidência entre algum gênero ou exemplo e noções do cotidiano. Discorri (às vezes mais brevemente outras vezes menos) sobre os conceitos de *urbanitas*, *facetiae*, *rusticitas*, *ars* etc. baseados em literatura moderna existente ou mesmo na clássica; decerto, esta última atende por si só em muito à demanda por instruções a respeito desses termos.

Introduzo o trabalho: **1** ambientando, em um primeiro momento, *De ridiculis* e *De risu* no contexto de *De oratore* e da *Institutio Oratoria*; **2** traçando sucintamente evidências que comprovam a influência do texto de Cícero na obra de Quintiliano. Mostro seis aspectos do texto de Cícero que se repetem em Quintiliano: a tópica em que os dois textos estão inseridos (um brevíssimo resumo da primeira parte desta introdução – ambientação); as inumeráveis citações que Quintiliano faz a respeito de Cícero (algumas diretamente de *De ridiculis*, outras de obras diversas além de *De oratore*); as palavras técnicas em suas acepções e usos; as imprecisões na categorização dos gêneros de facécia em Cícero e gêneros de urbanidade em Quintiliano; os exemplos de ditos ridículos repetidos por Quintiliano os gêneros de ridículo de Cícero e Quintiliano; o uso das cinco perguntas de César (*De ridiculis*, § 235) na tentativa de estabelecer uma arte e doutrina a respeito do riso, que embora não estejam explicitamente adotadas por Quintiliano em *De risu*, se fazem presentes no decurso do texto.

ESCLARECIMENTOS

No decorrer da introdução, utilizei alguns termos técnicos que são resultado de todo processo tradutório e analítico. Pretendendo atender à uniformidade dos termos da tradução, mas, necessitando introduzir o texto, precisei utilizar os termos “dito picante”, “dito ridículo”, “anedota”, “gracejo”, “urbanidade”, “facécias” em acepções aproximadas do que seria a piada ou a tirada humorística ou ridícula, ou mesmo anedota e “riso” e “ridículo” com a acepção genérica da matéria, sem a necessidade de uma precisão maior. O mesmo ocorreu com as palavras “juízes” e “ouvintes”, que no trabalho são sinônimos. Nos dois casos, utilizei, por vezes, um ou outro termo para evitar a redundância. Noutras vezes tentei determinar com menor imprecisão a palavra, o gênero ou o exemplo do qual falava. Repeti esse procedimento nos comentários nas rodas de rodapé e na conclusão quando isso se mostrou necessário.

Ao formatar a tradução optei por intercalar os respectivos parágrafos em latim e em português (p. ex.: § 1 em latim seguido do § 1 em português; § 2 em latim seguido do § 2 etc.), colocando o texto latino em *itálico*. Em decorrência dessa opção, ocorreu que em alguns parágrafos o período não terminava naquele em que ele iniciou, terminando apenas no seguinte, se estendendo, em outros casos, por mais de dois parágrafos. Por isso, preferi não assinalar as rupturas causadas nos períodos pela mudança de parágrafo nem alterar a construção sintática dos mesmos, a fim unicamente de preservar a integridade dos textos tal qual foram escritos.

Quanto às notas de rodapé, procurei inseri-las somente quando o texto abria espaço para tanto e reservei para mim a opção de não colocar alguma que resultasse imprecisa ou desnecessária. Em alguns momentos, necessitei indicar uma verificação em outro parágrafo e a nota correspondente àquela referência. Nesses casos, indiquei o parágrafo em questão e acresci a abreviatura “n.” ou “nn.” (nota ou notas). Por fim, pretendi que o trabalho todo fizesse prevalecer a beleza, a similaridade e a importância dos textos traduzidos. Espero tê-lo conseguido.

Já no texto conclusivo, resolvi, devido ao gênero dessa parte do trabalho, introduzir os parágrafos de *De ridiculis* e *De risu* que fazem referência um ao outro dentro de parênteses e espaçados por um barramento. Optei por esse procedimento unicamente para evitar o cansaço e cumprir a brevidade requisitada em um texto de encerramento.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

§: parágrafo
§§: parágrafos
a.e.c.: antes da era comum
cf.: conforme ou conferir
e.c.: da era comum
i.e.: isto é
n.: nota;
nn.: notas
p.ex.: por exemplo
p.:página
pp.: páginas
Quint.: Quintiliano
Cic.: Cícero
v.: vide ou veja-se
vol.:volume

INTRODUÇÃO

1 A inserção de *De ridiculis* no livro II de *De oratore* e de *De risu* no livro VI da *Institutio Oratoria*

1.1 *De ridiculis* em *De oratore*

O pequeno tratado sobre o riso, também chamado *De ridiculis*, se insere no Livro II de *De oratore*, especificamente onde Cícero começa a tratar da *inuentio*.²

O livro II³ inicia-se com Cícero dirigindo-se ao irmão Quinto falando sobre a família, Crasso, Antônio, de fatos da vida e sobre a arte,⁴ de cuja digressão afirma que “todas as artes possuem sua autonomia, mas a eloquência não possui um campo definido.”⁵

Começava o segundo dia na casa de campo de Crasso em Túsculo, onde já estavam o anfitrião Licínio Crasso⁶, Marco Antônio,⁷ Quinto Múcio Cévola *Augur*,⁸ Caio

² Compõem também o livro II a *dispositio* e a *memoria*.

³ Como se sabe, no livro I, após o preâmbulo (onde Cícero dedica *De oratore* ao irmão Quinto e expressa seu desejo em dedicar-se, agora que está maduro, à oratória, à literatura e à filosofia, não obstante novas preocupações tenham de permitir-lhe um tempo em que possa dedicar-se à escrita) há a introdução do diálogo fictício entre Lúcio Licínio Crasso, o anfitrião em Túsculo, Marco Antônio – o avô do triúmviro –, P. Sulpício Rufo, Quinto Múcio Cévola *Augur* e Caio Aurélio Cota. Num primeiro momento Crasso, Cévola e Antônio discutem a respeito do objeto, da definição e dos limites da oratória (1–107). Depois o mesmo Crasso, Cota e Cévola, tratam das qualidades exigidas do orador e dos conhecimentos que dele se exigem (107–62).

⁴ V. nota 101.

⁵ Cf. *De oratore* II, 5.

⁶ Lúcio Licínio Crasso nasceu em 140 a.e.c. (cf. *Brutus* 161) e tinha 49 anos na suposta época do diálogo de *De Oratore*. Foi educado pelo pai com grande cuidado e recebeu instrução do celebre historiador e jurista *Lucius Caelius Antipater* (cf. *Brutus* 102). Crasso figurava uma liderança entre a douta aristocracia romana, da qual foi seu mais ilustre orador antes de Cícero, de quem foi tutor na infância. De fato, Cícero tinha enorme admiração por Crasso, que para ele era o modelo de orador. De tal modo isso era evidente, que as falas de Crasso em *De Oratore* reproduzem as opiniões de Cícero.

⁷ Marco Antônio nasceu em 143 a.e.c. (cf. *Brutus* 161) e foi avô do triúmviro. Quando foi pretor em 103 a.e.c. pôs fim à pirataria na Cilícia (província romana na Ásia Menor), sendo premiado pelo feito. Foi censor seis anos mais tarde. E quatro anos depois da suposta data do diálogo de *De Oratore* foi morto por Mário quando jantava na casa de um amigo. Cícero costumava dizer que ele era um dos maiores oradores de Roma. Ao introduzir Antônio e Crasso em *De Oratore*, Cícero não só lhes presta homenagem, como também indica os oradores que o influenciaram.

⁸ Quinto Múcio Cévola *Augur* participa apenas do primeiro livro *De oratore*. Foi primo de Quinto Múcio, o jurisconsulto, que foi cônsul em 133 a.e.c., tio de Quinto Múcio Cévola Pontífice e também sogro de Crasso com quem aprendeu o Direito. Eminentíssimo jurisconsulto foi pretor em 121 e cônsul em 117 a.e.c. Possuía uma firmeza e caráter como a de poucos em Roma, chegando certa vez a enfrentar Sula em 88 a.e.c. quando este quis declarar Mário como inimigo público. Na ocasião, Cévola respondeu a Mário que mesmo que ele o matasse (com efeito, o ameaçava), ainda assim não teria o seu voto para tornar inimigo alguém que salvara Roma e a Itália.

Aurélio Cota⁹ e Públio Sulpício,¹⁰ quando ali chegaram Lutácio Cátulo¹¹ e seu irmão, Júlio César Estrabão.¹² Assim, depois dos cumprimentos e de uma pequena conversa entre aqueles que lá estavam e os novos visitantes, a palavra¹³ foi dada a Antônio, que ficou incumbido de falar sobre a *inuentio*. Ao começar sua intervenção, ele primeiro diz que ainda que não haja uma arte da eloquência, nada há de mais esplêndido do que um orador completo, e depois faz um elogio à ela na forma de belíssimas perguntas sobre a oratória: “Que canto mais doce pode ser encontrado do que um discurso harmonioso? Que poema mais apto há do que um período artificioso? Qual ator mais jucundo ao imitar a verdade do que o orador a defender um caso real? Que é mais refinado e sutil do que uma seqüência de pensamentos agudos? Que é mais admirável do que iluminado pelo esplendor de palavras? Que é mais completo do que um discurso repleto de conteúdos?”. Então, expõe quais são os três gêneros de discurso: o gênero deliberativo (que trata sobre uma ação do futuro), o demonstrativo ou epidítico (que trata sobre uma ação do presente) e o judiciário (que trata de uma ação do passado).¹⁴ A seguir, faz algumas considerações sobre o gênero demonstrativo, um paralelo entre a historiografia e a oratória, e outros comentários e prescrições. Trata ainda das competências do orador (ele deve estar preparado para falar sobre qualquer assunto e não pode recusar um que seja, deve falar do mal e do bem, do honesto e do desonesto, do útil e do inútil, do virtuoso e do vicioso etc.), sobre os elementos da arte e mais adiante, entre os parágrafos 78–84 dos tipos de causas e das cinco partes (*membra*) do discurso, que são: 1 a *inuentio*, onde se encontra aquilo que se vai dizer; 2 a *dispositio*, onde se organiza aquilo que se encontrou; 3 a *elocutio*, que adorna com palavras as idéias obtidas na *inuentio*; 4 a *memoria*, que o próprio nome explica o que vem a ser; 5 a *actio*, que é a

⁹ Caio Aurélio Cota era da mesma idade de Sulpício Rufo. Pertencia ao partido de Rufo, mas não aderiu ao movimento por reformas radicais a que seguiu seu amigo. Foi cônsul em 75 a.e.c. E morreu no ano seguinte após alguns pequenos sucessos militares como procônsul na Gália.

¹⁰ Públio Sulpício Rufo. Era discípulo de Crasso. Nasceu em 124 a.e.c. tinha 33 anos à época de *De ridiculis* era um dos jovens (o outro é Cota) participantes que no diálogo possuem um papel menor e que estão ali menos para intervir do que para aprender. Rufo destacou-se em atuações políticas. Sendo uma das maiores esperanças da aristocracia, acabou, depois do assassinato de seu grande amigo Druso, aproximando-se dos movimentos populares, que lutavam por reformas radicais em Roma.

¹¹ Quinto Lutácio Cátulo, irmão do César, foi cônsul em 102 a.e.c. Era conhecido por sua cultura e helenismo. Em sua época o político mais culto dentre todos. Não se destacou pela oratória, embora fossem evidentes sua elegância e pureza de estilo. Depois de 87 a.e.c. passou a pertencer à lista de inimigos de Mário, que depois de inúmeras contendas, lhe permitiu o suicídio.

¹² Júlio César Estrabão Vopisco. Irmão uterino de Quinto Lutácio Cátulo. Foi cônsul em 90 a.e.c. O riso era a principal característica da oratória de César e nisso ele era superior aos seus contemporâneos. Decerto, foi por isso que Antônio e os demais tanto pediram para que César tratasse sobre o riso em *De ridiculis*.

¹³ *De oratore* foi constituído por seu autor no gênero diálogo oratório.

¹⁴ Cf. §§ 41–73.

execução do discurso. Mais adiante, depois de tratar dos talentos e qualidades desejáveis num orador e da escolha de um modelo a imitar, além de outras considerações não menos importantes, Antônio chega propriamente ao campo da *inuentio*, ao qual, como dissemos, o discurso sobre o riso, *De ridiculis*, pertence.

Surgem então os três objetivos do orador: *probare*, *conciliare* e *mouere*. O *probare* consiste em provar que o orador defende a verdade. Antônio explica que no *probare* duas coisas importam ao orador: aquelas que não dependem dele, a saber, os fatos, os documentos, as pessoas etc., e aquelas que dependem do seu engenho. O orador deve descobrir o ponto fundamental da causa. Ademais, ele demonstra a conformidade dos princípios ali expostos com os de Aristóteles e, numa digressão, discorre sobre a relação entre dialética grega e a retórica, apresentando depois os *loci argumentorum*.

Se no *probare* o foco do orador está em direção à causa, daqui em diante,¹⁵ tanto no *conciliare* quanto no *mouere*, o que importa são os seus interlocutores, seus ouvintes, seu público.

Assim, Antônio passa a tratar da importância do *conciliare*, que consiste em captar a simpatia dos ouvintes para o êxito na persuasão. Ora, isso se dá na configuração de dois aspectos essenciais na *captatio benevolentiae*:¹⁶ o ἤθος e πάθος. A configuração do ἤθος do orador e de seu cliente é de extrema importância para o sucesso da causa. Os costumes, os princípios, as ações e a vida do orador e de seu cliente devem ser apreciados pelos ouvintes e também é importante que o oposto ocorra ao adversário. Vão a favor do orador o tom de voz suave, um rosto afável, o comedimento das palavras e o parecer contrariado ao ter de tratar de algo com maior dureza. De resto, a tranqüilidade, o recato e a discrição dispõem o juiz favorável à causa, ao orador, ao cliente. O efeito é especial se o caráter do orador se mostra verdadeiro, íntegro, sincero, e o de seu cliente, de forma semelhante, pareça ser honesto, justo, cumpridor dos deveres religiosos¹⁷ e vítima de uma injustiça.

Quanto ao πάθος, interessa ao orador que os sentimentos dos juízes estejam voltados ao favor ao orador e de seu cliente. Seus afetos devem tornar-se predispostos a salvar o cliente; é importante que o medo, o ódio, a alegria, a tristeza, a complacência, a

¹⁵ Do parágrafo 178 ao 216.

¹⁶ Importa anotar que a *captatio benevolentiae* não é um recurso exclusivo do exórdio. Ela tem muita utilidade também na peroração.

¹⁷ Para com seus antepassados, como era costume na religião romana.

compaixão etc. sejam excitados a favor da causa. Mas, para que esse efeito se assegure, é importante que o orador também esteja movido, de forma sincera e sem fingimento algum, pelos mesmos sentimentos que deseja despertar. Trata-se de um processo em que o πάθος se funde ao ῥήθος do orador de tal modo que o ouvinte termina percebendo nele, orador, um homem sincero e bom tomado por algum sentimento que condiz com seu caráter.

Antônio apresenta ainda as regras que constituem os recursos do *mouere*, que normalmente ocorre na *peroratio*, conforme instrui Cícero em *De inuentione* (§§ 98–109).¹⁸ Este recurso consiste em levar os ouvintes a um estado de ânimo favorável à causa através do despertar de sentimentos, a depender da causa, de complacência ou piedade, ódio, ira, alegria, compaixão, afeto, simpatia, antipatia ou outro qualquer. Antônio insiste naquele processo que se explicou como uma fusão do πάθος ao ῥήθος.

Os sentimentos que o orador quiser despertar no ouvinte devem ser nele também despertados e este orador deve se apresentar como um homem honrado, contido e tranqüilo, disposto a mudar de comportamento somente quando uma injustiça se avizinha e ameaça seu cliente.

Tratando do *mouere* desde o parágrafo 178, quando ali passou a discorrer sobre o ῥήθος do orador e de seu cliente e do πάθος desejável de imprimir nos ouvintes, a intervenção de Antônio chega até o pequeno tratado do riso no parágrafo 216, onde começa *De ridiculis*. É onde a prescrição dos afetos culmina: num recurso que a arte não pode contemplar por completo e que tanto se mostra mais interessante quanto parece ser mais eficiente. Com efeito, Antônio preceitua, já no início do parágrafo 216, que se substituam os sentimentos impressos pelo adversário por outro contrário. Desfazer aqueles sentimentos mais densos, aliviar o ouvinte e torná-lo simpático por algo mais suave, leve, desimportante é a função do riso.

Cícero não trata o *mouere* dentro de seu campo mais comum, a *peroratio*, como faz Quintiliano. Isso se explica porque o escopo dessa parte de *De oratore* é a *inuention*, que não exige que o trato dessa doutrina da parte da retórica venha incluso naquele outro de parte do discurso (a *peroratio*). Também há de se esperar que a presença do *mouere*, nessa parte do livro II, traga à memória não somente as doutrinas da *narratio*, *argumentatio* e da *refutatio*, partes do discurso relacionadas ao *probare*, escopo oratório

¹⁸ A teoria da *peroratio* está baseada em Aristóteles, cf. *Retórica* 1419b, 10–1420a.

tratado na *inuentio*, mas também as doutrinas do exórdio e da peroração, relacionadas ao *conciliare* e *mouere*, respectivamente.

1.2 De risu na *Institutio Oratoria*: Da peroração

1.2.1 Proêmio

No proêmio Quintiliano faz uma longa queixa sobre a perda da mulher e dos filhos.

1.2.2 Capítulo I

A peroração é composta por duas partes: recapitulação e afetos.

A recapitulação deve ser breve e permeada por figuras. Este era o único tipo de peroração adotado pelos atenienses e pelos filósofos. Da escolha dos primeiros, Quintiliano diz acreditar que o motivo não pode ser outro senão a proibição de se excitar os sentimentos em Atenas. Dos últimos, Quintiliano diz não se espantar, afinal os filósofos não têm em grande conta o homem passional. De resto, a recapitulação tem espaço em outras partes do discurso.

Os afetos podem ser movidos tanto pelo acusador quanto pelo defensor. Quintiliano explica que no exórdio o orador deve procurar conquistar a simpatia dos juízes de maneira moderada. Mas na *peroratio* é importante despertar seus sentimentos para que eles, ao julgar a causa, estejam inclinados ao cliente e à causa pelo afeto.

O acusador pode suscitar a ira, o ódio, o aborrecimento, mostrando que o crime de que acusa o réu é atroz e um fato infeliz, miserável. Cabe ao acusador distanciar o juiz dos pedidos de misericórdia que serão feitos pelo acusado, dizendo entre outras coisas que o crime por ele cometido não somente é o mais atroz como o mais digno de compaixão. Falando o acusador sobre a infelicidade do réu (mesmo sendo ele um inimigo), de seu abandono e de sua família, e lamentando a situação em que o réu se enredou, adiantar-se-á e neutralizará os pedidos semelhantes que o réu vier a fazer. Por outro lado, na *peroratio* o acusador deve, como em nenhuma outra parte do discurso, excitar a animosidade, a ira, o rancor. Toda infâmia deve recair sobre o réu. E mesmo ao

dizer que o réu é digno de compaixão, o acusador deve lembrar ao juiz da sua obrigação de julgar a causa com justiça.

O defensor, por sua vez, deve alegar a dignidade do acusado, suas boas inclinações e intenções. Isso pode ser feito mostrando feridas de guerra se ele as tiver, suas boas ações e as de seus antepassados. Deve também despertar a compaixão dos juízes dizendo dos males por que passou o réu no passado, das dificuldades por que passa no presente e das por que terá de passar se for condenado. As prosopopéias, bem como o falar com coisas inanimadas, funcionam muito bem nessa parte do discurso. No entanto, o orador deve evitar se estender nos pedidos de compaixão, afinal “nada seca mais facilmente do que as lágrimas.”¹⁹

Além das palavras, o orador pode também despertar os sentimentos por meio das coisas. O acusador pode mostrar um punhal manchado de sangue ou as vestes ensangüentadas do morto ou discorrer sobre a má vida pregressa do acusado, sua indignidade. Já o defensor pode mostrar em trajes miseráveis a família do acusado. Quintiliano chega a dizer que essa viva pintura da miserabilidade da família do réu e a mostra de sua dignidade podem vir a salvá-lo.

Na parte final do livro I, Quintiliano alerta sobre a necessidade de habilidade para despertar os sentimentos, pois se orador não consegue despertar as lágrimas, o afeto mais forte de todos, deve contentar-se com as inclinações internas dos juízes. Quintiliano prescreve que se não há como mover os sentimentos, há de se provocar o riso, pois não há outro jeito. Na *peroratio* o orador não só deve mover os sentimentos como deve também tentar esvaziá-los. Por fim, o orador deve ser movido pelos mesmos sentimentos que deseja despertar. O retor repete ainda que o *mouere* tem seu lugar no exórdio e sobretudo na peroração. Mas em qualquer parte da oração ele pode ser muito útil, desde que seu processo se faça com moderação.

1.2.3 Capítulo II: Afetos

A *peroratio* é o lugar principal dos afetos. O *mouere adfectus* é não somente o recurso mais eficaz como também, entre todos anteriores, é o mais difícil de ser posto em prática. Pois há oradores habilidosos em manipular os argumentos necessários para provar sua tese, mas nem todos estão aptos a mover os sentimentos dos juízes a ponto,

¹⁹ Cícero, *De inuentione* I, 109.

às vezes, de quase transformá-los. Há, com efeito, um poder que domina os tribunais: ali quem reina é a eloquência. Quanto aos argumentos, eles nascem das próprias causas e são mais numerosos na parte que está em melhor situação, de modo que nesse caso o advogado pode vencer a causa apenas pela força dos argumentos, nesse caso ele apenas faz aquilo que é seu dever. Porém, quando a violência dos sentimentos do juiz o afasta da verdade, aí entra o papel do orador. Por outro lado, não se aprende a mover os sentimentos pelas informações do cliente nem por meio dos livros. Demais, os argumentos convencem os juízes de que a justiça está do lado do orador, mas são os afetos que os movem. Assim, quando eles começam a sentir que vão favorecer, aborrecer, compadecer-se etc., aí eles já têm como deles a causa do orador.

Os sentimentos despertados nos juízes se dividem em dois tipos: o primeiro foi chamado pelos gregos de ἥθος (caráter, moral) e em latim se traduz por *mores*; o segundo foi denominado πάθος (paixão, sentimentos), em latim *adfectus*. Quintiliano enumera várias definições baseadas em comparação sobre essas duas categorias de sentimentos: o πάθος revela um sentimento passional, o ἥθος um sentimento calmo e tranqüilo; o πάθος comanda, o ἥθος convence; o πάθος agita, o ἥθος aplaca, amaina; o πάθος age num tempo limitado, o ἥθος é um movimento contínuo. Toda discussão cujo argumento se baseia no que é honesto e útil, no que se deve fazer e não fazer ou o que se pode fazer ou não, pode ser chamado de ἥθος. Para Quintiliano, ainda que alguns afirmem que a comiseração e as desculpas sejam próprias da peroração (com o que ele concorda em parte), esse não é o recurso único na peroração. Para ele o ἥθος e o πάθος possuem a mesma natureza. A diferença entre eles é que o último é mais intenso que o primeiro.

1.2.3.1 Descrição de ἥθος

O ἥθος está ligado, antes de tudo, à bondade, àquilo que não é somente calmo, tranqüilo, mas também gentil, humano, favorável e agradável àqueles que ouvem. A grande virtude do ἥθος reside nisto: a expressão do orador se faz de tal modo, que tudo o que ele disser revelará o seu bom, honesto e íntegro caráter. Concluindo, o recurso do ἥθος requer um homem honesto e gentil, o que deve ocorrer também a seu cliente. Há

grande vantagem na procura pela persuasão se o orador emprestar à causa a garantia de sua honestidade.

1.2.3.2 Descrição de πάθος

Quintiliano equipara o ῥῆθος à comédia e o πάθος à tragédia. O πάθος abarca sentimentos como a ira, o medo, o ódio, a compaixão. Há, com efeito, dois tipos de medo: aqueles que possuímos e aqueles que infligimos aos outros. O mesmo vale para o ódio. Na peroração, há de se usar da amplificação, que ocorre, por exemplo, quando dizemos que uma causa grave excede as outras em gravidade ou quando pintamos um mal comum como insuportável. A força da eloquência não consiste somente em causar nos juízes os afetos que a própria natureza poderia causar, mas sim em excitar aqueles que eles não sentem e avivar aqueles que eles já possuem.

Finalizando o capítulo II, Quintiliano prescreve ao orador provar dos mesmos dos sentimentos que tentar excitar. Afinal, resultaria ridículo²⁰ se o orador quisesse provocar quaisquer sentimentos sem mostrar ter sido também tomado por eles. Se o orador quiser falar com verossimilhança, deve parecer sentir os afetos que busca imprimir nos juízes. Há, segundo Quintiliano, uma técnica para que o orador consiga mover a si mesmo. É o que Quintiliano chama de imaginação.²¹ E ela consiste numa atitude simples: que o orador, ao representar os fatos como aconteceram, procure colocar-se no lugar de alguém que está em perigo.

²⁰ Sem o trocadilho e sem a noção de ridículo presente neste trabalho.

²¹ No texto *imagine*, de *imago*, -onis.

2 A influência de Cícero no texto de Quintiliano

2.1 Tópica²²

Ao conduzir a discussão do *mouere*, sobretudo a excitação dos sentimentos,²³ o conteúdo que antecede tanto *De ridiculis* quanto *De risu* conecta os dois pequenos tratados e o faz numa progressão tal que ambos culminam a doutrina da manipulação dos afetos dos juízes. Estão presentes nos parágrafos que antecedem *De ridiculis* e *De risu* questões como a necessidade e eficiência do *mouere* na peroração,²⁴ a constituição do ᾠθος do orador e de seu cliente como fator de sucesso na persuasão, a definição e o funcionamento do πάθος²⁵ e, enfim, a prescrição do mover os afetos dos ouvintes. Quanto à tópica, o lugar onde o riso se insere e se manifesta é, primeiro, dentro da *inuentio* e depois dentro da doutrina do *mouere* ou da peroração, que são próximas e pertinentes à mesma parte do discurso. Como se disse anteriormente, em *De oratore* Cícero trata do riso dentro da *inuentio* no campo de um dos objetivos do orador, o *mouere*. Quintiliano também insere a matéria na *elocutio*, mas diferentemente de Cícero, demarca a presença do riso dentro da *peroratio*.

2.2 Citações

Outro fator que aproxima os dois textos são as recorrentes citações de Cícero na obra de Quintiliano.²⁶ Já no começo de *De risu* o retor o coloca como o príncipe da eloquência latina que possuía uma admirável urbanidade.²⁷ Na verdade, as citações de Cícero em *De risu* não se resumem ao início do tratado: elas praticamente permeiam *De*

²² Cf. Curtius (1996: pp.121–122).

²³ Em geral, como o próprio Quintiliano diz (VI, 2, 20), a *peroratio* é por excelência o lugar das súplicas, das desculpas e do mover dos sentimentos, mas isso não quer dizer que estes recursos estejam sós na peroração.

²⁴ Lembro que Cícero não inclui a peroração no livro II, mas trata do *probare*, do *conciliare* e do *mouere*, os dois últimos, sobretudo o último, relacionados à peroração.

²⁵ Mais evidente em Quintiliano, mas indiretamente presente em Cícero.

²⁶ Refiro-me ao *De risu* especificamente.

²⁷ As observações sobre a urbanidade de Cícero e sobre a acusação de seu suposto exagero no uso do riso se estendem até o parágrafo cinco.

risu do começo ao fim.²⁸ Além disso, verifica-se num segundo momento a coincidência de gêneros, exemplos, equívocos e doutrina entre *De ridiculis* e *De risu*.

2.3 Palavras técnicas

Em *De ridiculis*, o conjunto dos gêneros de ridículo chama-se *genera facetiarum*, que o próprio denomina diretamente nos parágrafos 218 e 239. O termo *facetia* é encontrado também em *Brutus* (§ 177),²⁹ onde Cícero faz um elogio a Júlio César Estrabão,³⁰ cujas virtudes incluíam a urbanidade. Ora, como instrui Edwin Ramage (1960 e 1963),³¹ isso faz entender a autoria de Cícero na ligação de facécia com urbanidade ao mesmo tempo em que inclui a acepção humorística de *urbanitas* na obra de Quintiliano. Além disso, Cícero alinha o dito picante à urbanidade no parágrafo 231 de *De ridiculis*.

Em *De risu*, o gênero de riso é a *urbanitas*, cuja acepção é sabida pela crítica³² tomada tanto dos conjuntos quanto dos gêneros de ditos ridículos. Quintiliano não indica diretamente a existência de gêneros de urbanidade. Por isso, estabeleci a nomenclatura *genera urbanitatis*, a fim de indicar um nome aos gêneros de ridículo em *De risu* à maneira do que ocorre em *De ridiculis*. Para tanto, fiz apenas colher o termo *genus* e adequá-lo à acepção de humor de Quintiliano, que é, a saber, a *urbanitas*.

Essa concepção de *urbanitas* em Quintiliano é um atendimento ao conceito humorístico em Roma que começou a tomar corpo à época de Cícero³³ e que não se ausenta de sua obra³⁴ e se prova quando Quintiliano iguala a fala picante à urbanidade:

“Por outro lado, assim como desejo que o orador fale com urbanidade, também não quero que ele pareça, em todas as ocasiões, querer mostrar isso explicitamente. Por isso é que ele não deve falar picantemente todas

²⁸ O nome de Cícero aparece nos seguintes parágrafos de *De risu*: 8, 18, 20, 23, 24, 39, 42, 43, 47, 48, 49, 51, 55, 56, 67–69, 73, 75–77, 84, 86–88, 90, 96, 98, 108, 109, 11.

²⁹ Além de ocorrer em *Brutus*, o termo aparece também em *Orator* (§ 90).

³⁰ Um dos protagonistas de *De oratore*.

³¹ V. *De ridiculis*, § 217, n. 106, § 219, n. 117; *De risu*, § 8, n. 355, § 17, n. 362).

³² V. HANSEN, João Adolfo. “Retórica da agudeza”. In: *Letras Clássicas*, nº 4. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000: p.319.

³³ Em *De ridiculis* (§ 231), Cícero usa o termo urbanidade com a acepção de “riso”.

³⁴ RAMAGE, E. S. “Early roman urbanity”. In: *The American Journal of Philology*, vol. 81, No. 1: 1960, pp. 65-72; “Urbanitas: Cicero and Quintilian, a contrast in attitudes”. In: *The American Journal of Philology*, 1963, vol. 84, No. 4, pp. 390-414.

as vezes que puder e preferirá por vezes perder algum dito picante a diminuir sua autoridade.”³⁵

O que se prova também ao indicar o lugar do riso:

O riso possui seu lugar, como diz Cícero, em alguma torpeza ou imperfeição, chamadas de urbanidade quando apontadas nos outros e estultice quando recaem sobre os mesmos que estão falando.³⁶

O termo ainda se repete em *De risu* quase sempre em contextos em que Quintiliano discute sobre definições, gêneros exemplos do riso oratório. Quanto à facécia, gênero de ridículo em Cícero, Quintiliano alinha *facetiae* ao riso nos parágrafos 4, 20 e 42 de *De risu*.

Por outro lado, a citação da definição de *urbanitas* de Domício Marso, nos parágrafos finais de *De risu*, está ali apenas para espelhar a de Quintiliano. Com efeito, o retor afirma que há algo de equivocado na definição do poeta, embora ela esteja congruente com a sua em alguns poucos aspectos.

Nos textos, as palavras “picante”, “ridículo”, “tempero”, “gracejo” “dito picante”, “dito ridículo” etc. são a expressão mais comum em toda esta matéria. Por isso, procurei, na tradução, obedecer a ocorrência em latim do termo a partir das escolhas iniciais, que anotei quando necessárias, traduzindo-as conforme o texto as apresentava. Evitei a todo custo alterar a progressão dos textos. Deste modo, tanto nas explicações das notas de rodapé, quanto nesta introdução, bem como na conclusão, alguns destes termos têm o sentido mais comum neste objeto de estudo, que é o riso. Mas em outras vezes eles possuem um sentido mais preciso. Neste caso, abri notas quando o texto, por si só, não podia, pelo contexto, deixar evidente em qual acepção a palavra ocorria.

2.4 Imprecisões

Tanto Cícero quanto Quintiliano deslizam em algumas imprecisões terminológicas ao tentar definir ou categorizar os *genera ridiculorum* dentro de

³⁵ *De risu*, §30.

³⁶ *De risu*, § 8.

categorias pré-determinadas. Cícero deixa imprecisa uma definição ao caracterizar o ridículo estendido no discurso como facécia em *Orator* (§ 87), e chamá-lo em *De ridiculis* (§ 218) de *cauillatio* (cavilação).³⁷ Quanto à categorização, Cícero se confunde em dois momentos. O primeiro, ao utilizar o mesmo termo com duas acepções diferentes, uma no parágrafo 218 onde distribui os *genera facietiarum* em *cauillatio* e *dicacitas* (gêneros de facécias cavilação e mordacidade) e outra no parágrafo 239, quando os distribui então em gêneros de facécias de assunto e de ditos. E o segundo ao distribuir outros três gêneros de facécias no parágrafo 248 (quando já os havia distribuído – com aquela nomenclatura idêntica – no parágrafo 218, redistribuído no 239, e descrito e exemplificado entre os §§ 239–247) com a mesma nomenclatura usada nos dois primeiros casos (§§ 218, 239) adicionando um terceiro gênero (gênero de facécias de assuntos e de ditos), misto desses dois primeiros gêneros (de assuntos e de ditos).³⁸

Quintiliano por sua vez, também deixa escapar algumas imprecisões quanto à organização de seus *genera urbanitatis* ao não constituir claramente sua categorização de ditos ridículos. Ela é um misto dos modelos encontrados nos §§ 218 e 284 de *De ridiculis*. No parágrafo 22, o retor faz uma bipartição que é desenvolvida somente a partir do parágrafo 39.³⁹ No vigésimo terceiro e vigésimo quarto parágrafos há uma tripartição, da qual desenvolve apenas o último gênero.⁴⁰ Além disso, ele também não explica qual o funcionamento desse sistema nem submete um ao outro, como faz Cícero nos parágrafos 218 e 239.

Duas hipóteses podem tentar explicar os motivos daquilo que em Cícero e Quintiliano não podemos chamar de erros, mas sim de imprecisão, ademais, justificáveis.

É preciso explicar que o riso, segundo Cícero⁴¹ e Quintiliano⁴² não é matéria que possua uma arte e, por conseguinte, uma doutrina. Não obstante, ambos manifestem o desejo da existência de uma arte do riso.⁴³ Ora, a própria existência de *De ridiculis* e *De risu* não é outra coisa senão a tentativa de tal empreendimento. Cícero e Quintiliano definem, preceituam, classificam e exemplificam sobre a matéria. No entanto, eles

³⁷ V. *De ridiculis*, § 218, n. 114.

³⁸ V. § 239, n. 177.

³⁹ V. §§ 39 e 45 e nn.

⁴⁰ A partir do § 84.

⁴¹ *De ridiculis*, §§ 216–220, 229, 231.

⁴² *De risu*, §§ 11, 14.

⁴³ *De ridiculis*, §§ 232, 248; *De risu*, § 16.

mesmos parecem perceber (justamente nos parágrafos em que manifestam o desejo de encontrar uma arte sobre o riso) a dificuldade da tarefa logo no início⁴⁴ de seus pequenos tratados. Decerto, o riso, como diz Quintiliano, possui uma força poderosíssima e irresistível, mas se sua natureza é sua mestra⁴⁵ (ou seja, os tempos, as circunstâncias, o improviso, o engenho, agudeza) a arte passa a ter sobre um papel quase nulo. Essa natureza do riso não permite, portanto, um conjunto de regras pré-estabelecido, e por conseguinte, não há uma doutrina correspondente. Por outro lado, o riso funciona muito bem nos embates, nas alterações, nos momentos em que a agudeza e o engenho do orador necessitam agir com agilidade, presteza, instantaneidade.⁴⁶ Não à toa Quintiliano afirma que “tudo fica melhor na resposta do que na provocação.”⁴⁷ Sendo assim, que matéria tão flexível, tão natural e tão poderosa caberia em um conjunto de preceitos (arte) e poderia ser ensinada (doutrina) quando seu uso se dá quase em momentos de improviso?

Como disse, duas hipóteses podem justificar as imprecisões na categorização do riso em Cícero e Quintiliano. A primeira é justamente essa característica assaz flexível e natural da matéria, que se, de um lado, permite aprender pelo estudo, pela prática, pelos exemplos, por outro dificulta uma categorização cabal e definitiva. A segunda, difícil de provar, é a distração e o excessivo gozo que proporcionam os ditos picantes que, de tão agradáveis, afastam da seriedade e dos assuntos sérios.

2.5 Exemplos

Coincidem também em *De ridiculis* e *De risu* alguns exemplos de anedotas e ditos ridículos cujos motes e personagens são idênticos ou, em alguns casos, com a mudança apenas de personagens. Disso aponto três exemplos: o dito ridículo sobre Mêmio, que se considerava tão alto que batia com a cabeça no arco de Fábio em *De ridiculis*, § 267, que Quintiliano acolhe em *De risu* (§ 67); a anedota de um siciliano cujo amigo se queixava certa vez dizendo que a esposa se enforcara num pé de figo, a quem ele respondeu: “Por favor, dá-me uma muda dessa árvore para eu plantar!”, que Quintiliano reproduziu no parágrafo 88; a frase de Caio Claudio Nero, citada no

⁴⁴ *De ridiculis*, § 217; *De risu*, §§ 1, 6.

⁴⁵ *De ridiculis*, § 247.

⁴⁶ *De ridiculis*, §229; Quintiliano VI, 4

⁴⁷ *De risu*, § 13.

parágrafo 248 de *De ridiculis* sobre um servo ladrão: “Ele é o único em casa a quem nada fica escondido ou trancado”, que Quintiliano acolhe em *De risu* (§ 50).

2.6 Arte e doutrina

A respeito da doutrina, tanto observei que ambos os textos insistem marcadamente sobre a ausência de uma arte ou doutrina que tratasse o riso⁴⁸ quanto percebi que mesmo assim eles tentam traçar algum método que seja compatível com a matéria. Em Cícero encontramos primeiro a indicação de que o uso do ridículo não está ligado a algum método (arte) e sim que a capacidade de fazer rir está ligada à natureza, i.e., provocar o riso é algo nato⁴⁹ e na medida de cada um.⁵⁰ Quintiliano deixa isso implícito quando diz que o dom de Demóstenes não era exatamente usar o riso,⁵¹ deixando isso evidente quando diz:⁵²

“a natureza não apenas exerce influência alguém seja mais agudo e habilidoso para a invenção humorística (pois isso pode seguramente ser ensinado por uma doutrina); no entanto algumas pessoas possuem um decoro tão especial do corpo e do rosto, que as mesmas coisas parecem ser menos urbanas quando ditas por outras pessoas.”⁵³

Além disso, eles concordam não somente a respeito da impossibilidade de aprender a utilizar o riso por meio de alguma arte,⁵⁴ exercício ou professor,⁵⁵ como também sobre a necessidade da preceituação de algum método para o seu uso.⁵⁶ Em resumo, Cícero e Quintiliano dizem que saber provocar o riso é algo relacionado à natureza, um talento natural, portanto; que já se tentou empreender algum método sobre assunto sem sucesso; que nisso a arte não é necessária; que não existe a possibilidade em aprender a utilizá-lo por meio de uma arte. Ora, se é assim, o que justifica dois tratados sobre a matéria com definições, gêneros, recomendações e exemplos os mais

⁴⁸ Talvez em *De oratore* (Cf. § 233) tenha sido a primeira vez que, em latim, se falou sobre o riso.

⁴⁹ Cf. *De risu*, § 12.

⁵⁰ Cícero diz ainda que no uso do riso a arte não é necessária.

⁵¹ Cf. *De risu*, § 2.

⁵² Cf. *De risu*, § 11.

⁵³ *De ridiculis*, § 232.

⁵⁴ Cf. *De ridiculis*, § 227.

⁵⁵ Cf. *De risu*, § 14.

⁵⁶ Cf. *De ridiculis*, 232 e *De risu*, §§ 15–16.

diversos e numerosos? Acredito que a resposta esteja no teor implícito de dois parágrafos, um de Cícero, outro de Quintiliano. Quando Cícero diz:

“Quem, com efeito, não poderia aprender estas coisas com facilidade ou de algum modo? Mas eu creio que há nestes preceitos força e utilidade. Não que pela arte sejamos conduzidos a encontrar o que dizer, mas que sigamos aquelas que pela natureza, pelo estudo e pelos exercícios, confiamos serem retas ou entendamos serem ruins, para que saibamos ao que elas devam referir-se.”

Entendo que todas aquelas negativas sobre a capacidade e o aprendizado do uso do riso não desautorizam a formulação de uma arte ou doutrina que tente justamente ao menos dirimir a suposta impossibilidade de organizar um conhecimento sobre a matéria. É o que vejo subjacente em Quintiliano quando ele diz:

“A urbanidade é rara na oratória e não oriunda de uma arte própria, mas emprestada do uso.⁵⁷ Por outro lado, nada impediu a composição de matérias apropriadas ao assunto, de tal maneira que fossem compostas controvérsias misturadas a jovialidades e que até temas específicos fossem propostos aos jovens como exercício.⁵⁸ Ademais, se fossem compostas com um pouco mais de método ou até se fosse misturado algo sério nelas, essas mesmas /discussões/ (chamadas de ditos picantes), que costumávamos dizer em certos dias de liberdade festiva, poderiam trazer algo útil do que agora é só uma prática dos jovens ou dos que se divertem.”⁵⁹

Chamo a atenção para o último período, pois ali o retor chancela, pelo subjuntivo condicional, a elaboração desse método que pretende saber o que é, onde se encontra, a quem é próprio e em que medida, e quais são os gêneros do riso na oratória.

⁵⁷ *De risu*, § 14.

⁵⁸ *Ibid.*, § 15.

⁵⁹ *Ibid.*, § 16.

2.6.1 As cinco perguntas de César em *De ridiculis*, § 235

Refiro-me às cinco perguntas elaboradas por Júlio César Estrabão no parágrafo 235 de *De ridiculis*, quando foi instado a discorrer sobre o riso, que foram, a meu ver, a abordagem escolhida por Cícero para estabelecer uma arte e doutrina mínima que seja sobre o ridículo na oratória.

As perguntas são colhidas deste trecho de *De ridiculis*:⁶⁰

“E para não vos demorar por muito tempo, exporei muito sucintamente aquilo que penso a respeito deste assunto. A respeito do riso há cinco coisas que devem ser perguntadas. Primeira: o que é o riso; segunda: onde é encontrado; terceira: se é próprio do orador querer provocar o riso; quarta: até que ponto o orador pode utilizá-lo; quinta: quais são os gêneros do riso?”

2.6.1.1 O que é o riso?

“O que é o riso” é o ponto mais intrigante de todo o *corpus* constituído por *De ridiculis* e *De risu* simplesmente porque tanto o orador quanto o retor não respondem à pergunta. Por isso, mais demoradamente do que o recomendado, mas com a intenção de não deixar nada às escuras, expus na nota 165 as observações das repetidas buscas que efetuei nos dois textos à procura de um ponto que pudesse determinar com clareza que ali o retor ou o orador respondiam efetivamente à pergunta. As afirmações de Cícero

“Quanto ao primeiro, o que é o próprio riso, por que ajuste é causado, onde se encontra, por que modo aparece e de repente irrompe, por que, desejando contê-lo, não podemos segurá-lo e por qual modo ocupa ao mesmo tempo os pulmões, a boca, as veias, os olhos e o rosto, que o explique Demócrito, porque isso não é pertinente a este discurso e, se o

⁶⁰ *De ridiculis*, § 235.

fosse, não me envergonharia todavia não saber o que também não sabem aqueles que isso prometem.”⁶¹

e de Quintiliano,

“o fato de haver vários juízos dos homens a seu respeito, porquanto ele não é entendido por meio de algum princípio racional, mas por um certo movimento do ânimo que não sei se pode ser explicado.”⁶²

indicam que a aparência do ato de rir não lhes passou despercebida. No entanto, além de não se mostrarem como uma definição, elas apresentam apenas parte do resultado final ou inicial de um processo que em linhas gerais consiste em um ponto de partida, que é o ato provocador do riso (um dito ridículo, anedota etc.), um processo cognitivo (comparação com algum conhecimento ou informação precedente) uma motivação (uma surpresa, admiração, encanto etc.) e reações químico-físicas no corpo humano.

2.6.1.2 Onde se encontra o riso?

A segunda pergunta “Onde o riso é encontrado?” poderia, talvez, ser reescrita algo como “Do que se ri?” ou “Que coisas e situações são dignas de riso?”. A noção de que o riso se encontra no que é torpe, disforme ou vicioso vem de Aristóteles⁶³ e está presente tanto em Cícero quanto em Quintiliano em adjetivos do tipo “feio”, “deformado”, “torpe”, que se ligam a termos como escárnio, derrisão, caçoadas. Para além dessa acepção do lugar onde se encontra ridículo, encontradas nos parágrafos 239, 242, 243, 248, Cícero aponta a inexorabilidade de se expor ao ridículo:

“Quem, com efeito, pode mover-se sem que se vejam os vícios”⁶⁴

enquanto Quintiliano adiciona o substantivo imperfeição à afirmação de Cícero no parágrafo 236 de *De ridiculis*:

⁶¹ *De ridiculis*, § 236.

⁶² *De risu*, § 6.

⁶³ *Poética*, 1449 a 34 sg.

⁶⁴ *De ridiculis*, § 233.

“O riso possui seu lugar, como diz Cícero, em alguma torpeza ou imperfeição, chamadas de urbanidade quando apontadas nos outros e estultice quando recaem sobre os mesmos que estão falando,”⁶⁵

o que mostra a influência de Cícero também nesse aspecto.

A noção de que o riso está ligado ao que é censurável pela total falta de beleza ou pela imperfeição ou pelo desajuste, foi ampliada em Bergson (1983), que acrescenta à essa a idéia de que tudo que se coloca fora de moda ou com rigidez quebra da normalidade. O riso para Bergson é o castigo do automatismo ou do desajuste em relação ao que é tido como padrão ou rotineiro.⁶⁶ Ora, ainda que ampliado, o conceito de ridículo de Bérqson e de outros autores, como Thomas Hobbes,⁶⁷ Baldassare Castiglione,⁶⁸ Laurent Joubert,⁶⁹ deve totalmente ao conceito de Aristóteles, Cícero e Quintiliano. Afinal tudo aquilo que é rígido ou sai da rotina ou está fora de moda passa a estar, devido ao vício perene ou momentâneo, exposto ao riso.

Outro aspecto do lugar do riso está associado à natureza e à ocasião.⁷⁰ Em outras palavras, a natureza da situação ou das coisas e o momento propício ao riso. Essa relação entre o riso, a circunstância e o momento se insere no quesito moderação, que por sua vez se enquadra na resposta à quarta pergunta: “Até que ponto o orador pode utilizar o riso?”

2.6.1.3 É próprio do orador utilizar o riso?

Além da resposta positiva, a questão da utilidade do riso nos leva a observar as vantagens do seu uso no discurso. De fato, Cícero diz que muita vantagem se obtém nos processos por meio da amenidade e das facécias,⁷¹ porque ela é benévola àquele que as desperta, porque as pessoas apreciam as agudezas, a resposta a um ataque. Demais, o riso serve para temperar o discurso semelhantemente ao sal que espalhado na comida,

⁶⁵ *De risu*, § 8.

⁶⁶ BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico* / Henri Bergson; tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983

⁶⁷ HOBBS, Th. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil* (Tradução de João Paulo Monteiro). São Paulo: Abril Cultural, 1979.

⁶⁸ CASTIGLIONE, Baldassare. *O cortesão* (Tradução de Carlos Nilson Moulin Louzada e revisão de Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁶⁹ JOUBERT, L. *Treatise on Laughter* (Translated by Gregory David De Rocher). Alabama: University of Alabama, 1980.

⁷⁰ *De risu*, § 11.

⁷¹ *De ridiculis*, § 219.

sem exagero, dá a ela o seu sabor.⁷²

Além disso, o riso se ajusta nos momentos do processo em que o antagonismo entre o orador e seu adversário se torna mais rápido e agudo, como p. ex.: a *altercatio*⁷³ ou na sua obtenção de vantagem através da fala ou do tipo de causa em processo.⁷⁴ Nesses casos o riso serve para enfraquecer, constranger, diminuir, afugentar e refutar o adversário. O riso pode auxiliar também a constituir o ῥῆθος do orador, ao mostrá-lo como um homem polido e urbano,⁷⁵ e combater o πᾶθος administrado pelo adversário, ao abrandar a tristeza e a severidade das coisas.⁷⁶

Em Quintiliano essa utilidade do riso coincide com a de Cícero e mostra toda a utilidade do riso para conquistar o favor dos juízes ao aliviá-los do cansaço e saturação da recapitulação e, sobretudo, dissolver os sentimentos tristes,⁷⁷ de ódio e de ira⁷⁸ ocasionado pelo *mouere adfectus*.

Ora, toda a vantagem do riso reside justamente naqueles aspectos que se resumiu nos capítulos que antecedem *De ridiculis* em *De oratore* e *De risu* na *Institutio Oratoria*. Lá estão presentes tanto o mover dos sentimentos tristes, como comiseração, piedade, clemência; quanto o ódio, a ira e outros afins, que são justamente os sentimentos que o riso pode neutralizar. Assim, *De oratore* e *Institutio Oratoria* antecedem de forma semelhante seus pequenos tratados sobre o riso, e o riso para ambos possui a utilidade de dissolver qualquer tipo de sentimento mais grave e mais sério, angariando, por conseguinte, a simpatia dos juízes, o que estabelece entre os textos mais um diálogo.

2.6.1.4 Até que ponto o orador pode utilizar o riso?

A moderação no uso do riso é insistentemente preceituada por Cícero e Quintiliano. Ambos censuram com convicção o uso de um humor aproximado da rusticidade e dos bufões, mimos e pantomimos.

Se num momento a configuração do ῥῆθος exigiu um homem honrado pela

⁷² Cf. *De ridiculis*, § 274, 275, 279; *De risu*, § 19.

⁷³ V. *Institutio Oratoria* VI, 4.

⁷⁴ V. Cícero, *De inuentione* I, 23-25

⁷⁵ Importante lembrar como se verá na questão da moderação que o orador deve evitar não somente o riso dos bufões como também qualquer um que parece bruto, deselegante, inadequado.

⁷⁶ *De ridiculis*, § 236.

⁷⁷ *De risu*, § 1.

⁷⁸ *Ibid.*, § 9.

bondade e pela honestidade, agora também faz parte de seu ῥῆθος evitar terminantemente a vulgaridade e tudo o que remeta à rusticidade. Opõem-se então urbanidade⁷⁹ e rusticidade.⁸⁰ A primeira se caracteriza, por um lado, segundo a definição de Quintiliano, como uma “virtude na qual nada de inconveniente, nada de rústico, nada de grosseiro, nada de exótico (nem quanto ao pensamento, às palavras, à voz ou aos gestos) pode ser encontrado,”⁸¹ e por outro como a expressão do humor em Cícero e Quintiliano, conforme instrui Edwin Ramage a respeito da urbanidade⁸² no mundo romano antigo,⁸³ e em Cícero e Quintiliano mais especificamente.⁸⁴

Cícero defende primeiramente que a perversidade exacerbada e a miséria extrema não devem ser motivos de riso e que o orador deve respeitar o máximo possível as pessoas a fim de não ofendê-las, sobretudo aquelas que lhe são mais queridas.⁸⁵ E depois, no parágrafo 238, preceitua a moderação ao gracejar. Mais adiante, ele passa a apontar quais os tipos de humor devem permanecer à distância do orador: a imitação dos mimos e pantomimos, a mordacidade típica do bufão,⁸⁶ os maneirismos do farsista⁸⁷ e, por fim, as caretas e as obscenidades.⁸⁸

Já Quintiliano, como em todo *De risu*, encontra apoio em Cícero em mais esse aspecto do riso oratório. Seus preceitos a respeito começam no parágrafo 28 e completam o preceito de Cícero a respeito das pessoas: é importante que o orador leve em conta o lugar onde usa as palavras, pois a linguagem chula convém aos rudes, e as alegres e moderadas convém a todos. Depois, já no parágrafo 29, imita Cícero ao preceituar que o orador permaneça longe da mordacidade do bufão e da imitação dos mimos, além de toda obscenidade. De resto, Quintiliano instrui também que o orador não fale picantemente em todas as ocasiões (apenas quando necessário),⁸⁹ não seja escarnecedor numa causa atroz nem zombeteiro numa que inspira comoção,⁹⁰ não se

⁷⁹ Cf. *De ridiculis*, § 236.

⁸⁰ *De risu*, § 17.

⁸¹ V. *De risu*, § 107.

⁸² V. *De ridiculis*, §§ 231, 236; *De risu*, §§ 4, 8, 30.

⁸³ RAMAGE, E. S.. “Early roman urbanity”. In: *The American Journal of Philology*, vol. 81, No. 1: 1960, pp. 65-72.

⁸⁴ RAMAGE, E. S.. “Urbanitas: Cicero and Quintilian, a contrast in attitudes”. In: *The American Journal of Philology*, 1963, vol. 84, No. 4, pp. 390-414.

⁸⁵ *De ridiculis*, § 237.

⁸⁶ *Ibid.*, § 244-247.

⁸⁷ *Ibid.*, § 251-252.

⁸⁸ *Ibid.*, § 253.

⁸⁹ *De risu*, § 30.

⁹⁰ *Ibid.*, § 31.

mostre petulante⁹¹ e, enfim, que utilize do riso com dignidade, pois isso custa caro se seu preço é a honra.⁹²

Como apontei mais acima, a tipologia do riso do orador põe em oposição a rusticidade e a urbanidade. Sobre isso, é importante anotar que, além da definição de *urbanitas* de Quintiliano (*De risu*, § 107), da qual se define também a *rusticitas*,⁹³ pois ela é o seu contrário, há também um tipo de humor característico do vulgo e do camponês. Nesse ambiente, o riso tinha espaço nas mais diversas festas que ocorriam anualmente entre as pessoas dessa classe social, entre elas estavam as *Saturnalia*, que começavam em 17 de dezembro e homenageavam Saturno; as *Lupercalia* (em homenagem a Luperco ou Pan), iniciadas em 15 de fevereiro; as *Liberalia*, em 17 de março (que eram festas em honra de Baco); e as *Floralia*, que eram jogos florais em honra a Flora, a meretriz, e ocorriam em abril. Nelas, o riso estava marcado através das grosserias, obscenidades, inversões, licenciosidades, bebedeiras etc., que caracterizam esses doze dias de festa. Também faziam parte desse riso rústico os mimos que tiveram sua origem no helenismo e consistiam originalmente em representações extemporâneas ou imitações ridículas de aspectos da vida comum em algumas festas e se transformaram mais tarde em farsas dramaticamente construídas, e as pantomimas, que eram danças mímicas com acompanhamento musical, geralmente sem palavras, e que já era popular entre os gregos nos tempos clássicos. É justamente dessa categoria de humor e situações que tanto Cícero quanto Quintiliano instruem ao orador para que se mantenha afastado ao gracejar.

2.6.1.5 Quais são os gêneros do ridículo?

Como vimos, os gêneros de riso são introduzidos por Cícero e Quintiliano em vários pontos dos tratados e das mais diversas formas. Quanto aos supostos equívocos na categorização dos modelos de ditos ridículos, tanto de um quanto de outro já discorri mais acima, ao separar uma parte exclusiva para o assunto com fim de mostrar que também nisso Quintiliano se assemelha a Cícero no trato da matéria.

⁹¹ *Ibid.*, § 33

⁹² *Ibid.*, § 35.

⁹³ Ramage (1961: p. 484) afirma ser difícil isolar as peculiaridades do discurso rústico porque, em primeiro lugar, isso depende na maior parte das vezes por uma observação randômica espalhada pelas obras de Cícero e depois porque se tratam de definições e descrições intangíveis.

Quintiliano reutiliza alguns exemplos de anedotas, respostas ridículas ou ditos ridículos, para com eles ilustrar suas categorizações que, como se viu, condizem apenas em parte com aquelas determinadas por Cícero. Entre esses exemplos lembramos a resposta de Cátulo a Filipe, que lhe indagava: “Por que ladras?”, ao que ele respondeu: “Porque vejo um ladrão!”⁹⁴; a anedota do siciliano que, ouvindo um amigo queixar-se de que a esposa se enforcara num pé de figo lhe disse: “Por favor, dá-me uma muda dessa árvore para eu plantar!”⁹⁵; e aquilo que Nero disse a respeito de um péssimo escravo: “Ninguém pode ser considerado mais fiel que ele. Para ele nada está escondido ou trancado.”⁹⁶

Por outro lado, relativizadas aquelas imperfeições de categorização, podemos ver que uma boa quantidade de ditos ridículos (alguns baseados em figuras, outros em tropos, outros em tópicos oratórios etc.) também coincide entre Cícero e Quintiliano. A meu ver, os exemplos mais marcantes são o uso da metáfora, da ironia e da alegoria para a criação de ditos ridículos.⁹⁷ No entanto todos revelam, além de criatividade, a obediência aos critérios de moderação preceituados. Na medida do possível, e tendo em mente não me estender mais que os textos traduzidos, analisando indefinidamente gêneros e exemplos, procurei no corpo da tradução mostrar como esses recursos funcionam em alguns exemplos de gêneros de facécia ou urbanidade. Quando foi também possível, apontei se Quintiliano acolhia diretamente algum gênero, se o inseria em outra categoria ou se dele fazia outro uso.

De fato, os exemplos de ditos ridículos apresentados por Cícero e Quintiliano são inúmeros e fazem parte de uma grande lista: constam entre ambos exemplos de ditos ridículos advindos de hipérboles, uso de versos e provérbios, paronomásia, ambigüidade, interpretação de nomes, fatos da história etc.

Juntamente com os outros aspectos vistos até aqui, sobretudo as cinco perguntas, tentarei expor, ao concluir este trabalho, quais desses gêneros e exemplos são acolhidos por Quintiliano.

⁹⁴ Cf. *De ridiculis*, § 220; *De risu*, § 81.

⁹⁵ Cf. *De ridiculis*, § 278; *De risu*, § 88.

⁹⁶ Cf. *De ridiculis*, § 248; *De risu*, § 50.

⁹⁷ V. *De ridiculis*, §§ 261-262 e *De risu*, §§ 61, 68, 69.

Documentada a relação entre os dois textos nos mais variados aspectos, resta colher do texto de Quintiliano aquilo que ele acolhe de Cícero. Abordei *De risu* por meio das cinco perguntas feitas por César no parágrafo 235 de *De ridiculis*. Através da busca da definição, do motivo, do seu importante auxílio ao orador no exercício da persuasão, dos aspectos da moderação no seu uso e do elenco dos gêneros e suas categorizações, pude abordar o texto de Quintiliano com o mesmo método que Cícero utilizou para tratar da matéria. Utilizar então as perguntas para colher de Quintiliano o que ele colhe de Cícero se revelou adequado, correto, necessário e oportuno, muito longe de uma escolha. Com efeito, não haveria opção melhor do que aquela determinada por Cícero, que, sendo anterior, influenciou Quintiliano. Este escreveu *De risu* permeado não somente pelo teor dessas perguntas, como também por outros aspectos que acredito já ter demonstrado aqui e que espero deixar visíveis ao concluir o trabalho.

MARCVS TVLLIVS CICERO

De oratore II, 216–291

(*De ridiculis*)

Tradução e Notas

216 (LIV) “[...] *Suavis autem est et uehementer saepe utilis iocus et facetiae; quae, etiam si alia omnia tradi arte possunt, naturae sunt propria certe neque ullam artem desiderant. In quibus tu longe aliis mea sententia, Caesar, excellis; quo magis mihi etiam aut testis esse potes nullam esse artem salis aut, si qua est, eam tu potissimum nos docere.*”

216 [...] “Por outro lado,⁹⁸ o gracejo é suave e muitas vezes extremamente útil,⁹⁹ como também o são as facécias,¹⁰⁰ que de fato estão relacionadas à natureza e não

⁹⁸ O pequeno tratado sobre o riso, também chamado *De ridiculis*, se insere no Livro II de *De oratore*, especificamente onde Cícero começa a tratar da *inuentio*. O livro II inicia-se com Cícero dirigindo-se ao irmão Quinto falando sobre a família, Crasso, Antônio, de fatos da vida e sobre a arte, de cuja digressão afirma que “todas as artes possuem sua autonomia, mas a eloquência não possui um campo definido.” Começava o segundo dia na casa de campo de Crasso em Túsculo, onde já estavam o anfitrião Licínio Craso, Marco Antônio, Quinto Múcio Cévola *Augur*, Caio Aurélio Cota e Públio Sulpício, quando ali chegaram Lutácio Cátulo e seu irmão, Júlio César Estrabão. Assim, depois dos cumprimentos e de uma pequena conversa entre aqueles que lá estavam e os novos visitantes, a palavra foi dada a Antônio, que ficou incumbido de falar sobre a *inuentio*. Ao começar sua intervenção, ele primeiro diz que ainda que não haja uma arte da eloquência, nada há de mais esplêndido do que um orador completo, e depois faz um elogio à ela na forma de belíssimas perguntas sobre a oratória: “Que canto mais doce pode ser encontrado do que um discurso harmonioso? Que poema mais apto há do que um período artificioso? Qual ator mais jucundo ao imitar a verdade do que o orador a defender um caso real? Que é mais refinado e sutil do que uma sequência de pensamentos agudos? Que é mais admirável do que iluminado pelo esplendor de palavras? Que é mais completo do que um discurso repleto de conteúdos?”. Então, expõe quais são os três gêneros de discurso: o gênero deliberativo (que trata sobre uma ação do futuro), o demonstrativo ou epidíctico (que trata sobre uma ação do presente) e o judiciário (que trata de uma ação do passado). A seguir, faz algumas considerações sobre o gênero demonstrativo, um paralelo entre a historiografia e a oratória, entre outros comentários e prescrições. Trata ainda das competências do orador (ele deve estar preparado para falar sobre qualquer assunto e não pode recusar um que seja, deve falar do mal e do bem, do honesto e do desonesto, do útil e do inútil, do virtuoso e do vicioso etc.), sobre os elementos da arte e mais adiante, entre os parágrafos 78–84 dos tipos de causas e das cinco partes (*membra*) do discurso, que são: 1 a *inuentio*, onde se encontra aquilo que se vai dizer; 2 a *dispositio*, onde se organiza aquilo que se encontrou; 3 a *elocutio*, que adorna com palavras as idéias obtidas na *inuentio*; 4 a *memoria*, que o próprio nome explica o que vem a ser; 5 a *actio*, que é a execução do discurso. Mais adiante, depois de tratar dos talentos e qualidades desejáveis num orador e da escolha de um modelo a imitar, além de outras considerações não menos importantes, Antônio chega propriamente ao campo da *inuentio*, ao qual, como dissemos, o discurso sobre o riso, *De ridiculis*, pertence. Surgem então os três objetivos do orador: *probare* (que consiste em provar que o orador defende a verdade), *conciliare* (que consiste em captar a simpatia dos ouvintes) e *mouere* (que consiste na capacidade do orador em levar os ouvintes a um estado de ânimo exigido pela causa que ele defende). Na sequência, Antônio discorre sobre a importância do *conciliare* para o êxito na persuasão e desenvolve as regras que constituem os recursos do *mouere*, que são, a princípio, despertar nos ouvintes, a depender da causa, sentimentos de complacência, ira, piedade, indignação etc. Daí a possibilidade de provocar o riso é uma alternativa à qual pode recorrer o orador para desfazer os efeitos pelo primeiro recurso *mouere* (piedade, compaixão etc.). Dessa parte do livro II (e, por conseguinte, da *inuentio*) se inicia *De ridiculis*, que se estende do § 216 até o § 291.

requerem arte¹⁰¹ alguma, ainda que todas as outras coisas possam ser transmitidas por uma arte¹⁰². Nos quais, a meu ver, tu, César, excedes de longe aos outros;¹⁰³ pelo que,

⁹⁹ Cf. Quint. (VI, 3,1 e nn.): *Huic diuersa uirtus quae risum iudicis mouendo et illos tristes soluit adfectus et animum ab intentione rerum frequenter auertit et aliquando etiam reficit et a satietate uel a fatigatione renouat* (Diversa a essa, /há/ uma virtude que provocando o riso do juiz não somente dissolve os sentimentos tristes, como também afasta com frequência o ânimo da atenção aos fatos, bem como algumas vezes o reanima e renova da saturação e da fadiga). Semelhante a Quintiliano, a introdução do tratado do ridículo em Cícero se refere ao outro recurso que tem por objetivo ganhar a simpatia do juiz ou dos ouvintes, a saber: a excitação dos sentimentos de comoção ou piedade para com a causa do cliente conforme a própria causa requeira e dependendo do ῥθος que o orador queira desenhar para si e para seu cliente perante aqueles que o ouvem ou aquele que julgará a causa. Parece também semelhante a Quintiliano, o efeito que o riso pode causar nesses sentimentos, se quem os excita é o adversário. Assim, se o advogado da causa contrária quis despertar sentimentos de afeto, piedade, comoção, emoções diversas a respeito de seu cliente e de sua causa, o riso pode funcionar na anulação desses efeitos, tornando a atenção e simpatia do juiz ou dos ouvintes favoráveis à sua causa, e ao mesmo tempo desfazendo aquela impressão positiva provocada e conquistada pelo adversário. É dessa situação que resulta a utilidade dos “gracejos” e das “facécias”.

¹⁰⁰ *Iocus* e *facetiae* são elementos opostos àqueles sentimentos de ódio, ira, indignação, comiseração, complacência, piedade etc. No entanto, *facetiae* é o termo escolhido por Cícero para definir o instrumento do ridículo oratório. Isso se evidencia, de um lado, pela maior quantidade de ocorrências da palavra em *De ridiculis* (nas mais diversas formas morfológicas) e, por outro, pelo fato de que essas ocorrências se fazem quase que totalmente com o objetivo de caracterizar, preceituar e categorizar o termo. Quanto ao termo *iocus*, observamos que sua presença no texto se equivale ao termo *facetiae* (cf. §§ 216, 229, 238, 239, 248, 285 etc.), mas em uso comum durante o discurso, diferentemente de *facetiae* que se configura em gêneros nos parágrafos 218 e 239 (v. §§ 251, 252).

¹⁰¹ Não somente neste parágrafo, mas também nos demais, a palavra arte refere-se ao conceito de *Ars* (τέχνη): um conjunto de regras extraídas da experiência, que preceituam determinado fazer criativo de modo que este se torne perfeito e adequado à vontade de seu realizador e não se permita a ação do acaso em sua execução; cf. Quintiliano II, 17, 41: *Confirmatur autem esse artem eam breuiter. Nam siue, ut Cleanthes uoluit, ars est potestas uia, id est ordine, efficiens, esse certe uiam atque ordinem in bene dicendo nemo dubitauerit, siue ille ab omnibus fere probatus finis obseruatur, artem constare ex perceptionibus consentientibus et coexercitatis ad finem utilem uitae, iam ostendimus nihil non horum in rhetorice inesse* (v. também Cícero, *Brutus* 29, 111, Cleantes, *Frag.* 790). No trecho anotado, primeira aparição do termo em *De ridiculis*, a tradução literal poderia ser “transmitidas pela arte” ou “transmitidas por um método – ou conjunto de regras” ou ainda “ensinadas por um método – ou arte ou conjunto de regras”. No entanto, por um lado, essa preposição determinante que rege o agente da passiva, poderia proporcionar à palavra “arte” o sentido hodierno de arte como obra artística em contraposição às obras não artísticas como, p.ex., uma pintura cubista em oposição a uma planta de engenharia destinada à construção de um edifício, o que me obrigou a retirar o artigo definido na preposição na forma sintética e colocar um indefinido na forma analítica para que aquela acepção hodierna enfraquecesse, fortalecendo assim a acepção técnica do termo. Por outro lado, preferi manter a palavra técnica no corpo da tradução, para que ela mostre, como acontece no texto latino, que o termo “arte” engloba não somente este aparato técnico obtido pela experiência e transformado em teoria, como também a constituição de uma doutrina, que tem a finalidade de instruir e a prerrogativa de ser transmitida (cf. Quintiliano I, 14, 5; Cícero, *De inuentione* I, 5, 7; *De oratore* I, 4, 15).

¹⁰² Cf. § 218. Em *De inuentione* (§§ 98–106), Cícero prescreve uma partição (precisamente uma tripartição) e os lugares-comuns que devem ou podem constar na peroração não fazendo constar ali o riso como recurso ou lugar-comum. Por outro lado, o próprio Cícero diz em *De oratore* (§ 184) que o recurso do *mouere* (incluindo aí por lógica o riso) pode ser usado, além de na peroração, também no exórdio e na narração, e isso faz saber que embora *De oratore* não trate da peroração especificamente onde *De ridiculis* se situa, o recurso do riso dali pertencente é lembrado. Conclui-se então, a partir dessas observações e do trecho anotado (lembro: “que de fato estão relacionadas à natureza e não requerem arte alguma, ainda que todas as outras coisas possam ser transmitidas por uma arte”), que provavelmente o uso do riso não se encaixa numa doutrina semelhante ao que ocorre em *De inuentione*, uma vez que ele tem seu *habitat* na alteração, no jogo existente entre o discurso e a réplica, entre esta e a tréplica, entre a fala ou pergunta e a devida resposta, como aponta Cícero aqui mesmo em *De ridiculis* (§§ 219, 220, 223–226, 229, 230) e Quintiliano em *De risu* (§§ 4, 7, 11–14, 75, 81). Por outro lado, como o próprio Cícero

de novo a meu ver, podes ser testemunha de que não existe arte alguma que trate das palavras picantes¹⁰⁴ ou se existir, és o mais apto a nos ensiná-la.”

217 *Ego uero, inquit, omni de re facilius puto esse ab homine non inurbano quam de ipsis facetiis disputari. Itaque cum quosdam Graecos inscriptos libros esse uidissem ‘de ridiculis’, non nullam in spem ueneram posse me ex iis aliquid discere. Inueni autem ridicula et salsa multa Graecorum – nam et Siculi in eo genere et Rhodii et Byzantii et praeter ceteros Attici excellunt –; sed qui eius rei rationem quandam conati sunt artemque tradere, sic insulsi exstiterunt, ut nihil aliud eorum nisi ipsa insulsitas rideatur.*

217 “Na verdade – disse César –,¹⁰⁵ julgo ser mais fácil para um homem não inurbano¹⁰⁶ discutir a respeito de qualquer outro assunto do que sobre as facécias.¹⁰⁷ Eu,

diz (§ 232), o relativo distanciamento desses matizes retóricos não impede que preceitos sejam estabelecidos a respeito do riso.

¹⁰³ Sobre a superioridade de César: v. §§ 23, 98; III 8, 30; *Brutus* 48, 117 (*festiuitate ... facetis*); *De officiis* I, 37, 133.

¹⁰⁴ Tradução literal: “não existe arte alguma que trate sobre os sais”. A palavra *salis* em latim tem o sentido de sal em português. No texto ela possui a acepção de algo que funciona como um tempero do discurso (cf. Quintiliano VI, 3, 19: *Salsum igitur erit quod non erit insulsum, uelut quoddam simplex orationis condimentum, quod sentitur latente iudicio uelut palato, excitatque et a taedio defendit orationem. Sales enim, ut ille in cibis paulo liberalius adpersus, si tamen non sit inmodicus, adfert aliquid propriae uoluptatis, ita hi quoque in dicendo habent quiddam quod nobis faciat audiendi sitim*). (“Portanto, a palavra picante será semelhante àquilo que não é insosso, como que um simples tempero do discurso, que é sentido por uma percepção latente, tal qual acontece com o paladar, e que estimula e afasta o discurso do tédio. De fato, são coisas picantes: assim como o sal espalhado na comida com um pouco de abundância – mas sem exagero – dá a ela algo do seu próprio gosto, também o dito picante possui no discurso algo que cria em nós a sede de ouvi-lo”). Como em português é raro, senão inexistente, o uso do termo “sal” com essa acepção e, além disso, existe em nossa língua o termo “picante” com sentido de algo que provoca gracejo e/ou humor e/ou riso misturando esse sentido ao conteúdo sério de um discurso, preferi substituir o termo “sal” pelo termo “picante” (acrescido de “palavras”), que preserva aquela noção de “tempero” ou de algo que provoca o apetite e ao mesmo tempo remete por si própria à idéia de leve malícia ou de mordacidade. Demais, como expliquei no parágrafo 2 (n. 344) de *De risu* por que lá e ocasionalmente aqui traduzi *dictum* por “dito picante”, também devo explicar que neste parágrafo não o fiz do mesmo modo para preservar a essência da palavra conforme descrita acima. A ela somei o termo em plural “palavras”, para que textualmente houvesse mais clareza, embora preferisse evitar a perífrase “palavras picantes”.

¹⁰⁵ O narrador que aparece entre as falas dos interlocutores é Cícero, que se dirige ao irmão Quinto.

¹⁰⁶ O trecho original traz uma dupla negação: *homine non inurbano*. Em português essa duplicidade é traduzida em simples afirmação (*non inurbanus*/urbano). Ocorre que em latim há também o adjetivo *urbanus*, o que deixa em perspectiva a possibilidade de Cícero ter pretendido demarcar o grau de urbanidade que qualifica um homem a discorrer sobre as facécias. De acordo com Ramage (1963: p. 391) a ocorrência de *non inurbanus* funciona em *Rhetorica ad Herennium* (IV, 51, 64) para caracterizar um escravo polido ou inteligente, alinhado, simpático. Assim, se levarmos em consideração outro artigo em que o próprio Ramage discorre sobre a urbanidade (Ramage, E. S. *Early Roman Urbanity*. In: *The American Journal of Philology*, vol. 81, nº 1, 1960: pp. 65–72.), no qual ele estabelece três acepções para

depois que li alguns livros escritos pelos gregos, denominados *De Ridiculis*,¹⁰⁸ cultivei alguma esperança de que poderia aprender algo deles. Encontrei muitas coisas ridículas e picantes¹⁰⁹ dos gregos. Afinal, neste gênero sobressaem não somente os Sicilianos, como também os Ródios, os Bizantinos e, acima dos demais, os Áticos.¹¹⁰ Mas aqueles que tentaram empreender algum método¹¹¹ e arte a respeito do assunto, tiveram resultado tão insofrito que nada neles seria risível, não fosse a própria insipidez.

218 *Qua re mihi quidem nullo modo uidetur doctrina ista res posse tradi. Etenim cum duo genera sint facetiarum, alterum aequabiliter in omni sermone fusum, alterum peracutum et breue, illa a ueteribus superior cauillatio, haec altera dicacitas nominata est. Leue nomen habet utraque res! quippe; leue enim est totum hoc risum mouere.*

218 Motivo pelo qual, segundo minha opinião, parece que por nenhum modo doutrinário¹¹² se possa tratar desse assunto. Com efeito, há dois gêneros de facécias,¹¹³

o termo *urbanitas*, entre elas a de que o conceito envolve uma idéia de refinamento desenvolvida pelo habitante da cidade e outra que opõe o humor urbano ao rústico (cf. *De officiis* I, 29, 104), iremos perceber a marcante diferença entre os termos *urbanitas*, que se desenvolve naturalmente em *urbanus*, -a, -um, (cf. Quintiliano VI, 3, 21 e 94; Cícero, *De officiis* I, 29, 104), e o *non inurbanus*, que se desenvolve de forma semelhante, denotando polidez e ausência de rusticidade; o que faz entender em certa medida que está qualificado a discutir sobre as facécias qualquer “homem minimamente polido” ou que não tenha mais no falar e nos modos (cf. Ramage, *op. cit.*: p. 66) os maneirismos do homem do campo. Daí ter eu escolhido para a tradução a frase “não inurbano” não somente neste e nos demais parágrafos de *De ridiculis*, como também em todas as ocorrências do termo em *De risu*.

¹⁰⁷ Aqui o termo *facetiae* estabelece uma relação com o termo *non inurbanus*. Isso não ocorre meramente da forma como se explicou na nota anterior, mas sim conceitualmente. Se na nota anterior o texto indica haver necessidade de aptidão para que um homem discorra sobre as facécias, ser não inurbano, aqui a atenção recai sobre a relação existente entre o conceito de *urbanitas* e de *facetiae*. Conforme já se disse, *facetiae* parece estar em evidência para o resto do texto quando Cícero as mostra relacionadas à natureza e não a uma arte, e quando permeia o texto com a palavra *facetiae* (e todas suas derivações morfológicas).

¹⁰⁸ Talvez Cícero esteja se referindo ao livro II da poética de Aristóteles, ao *περι γελοιοῦ* de Teofrasto e a algum livro de Górgias sobre o riso. De qualquer maneira nenhum dos três chegou até nós, e há também a possibilidade de Cícero ter lido outros textos que não estes (v. *De risu*, § 11).

¹⁰⁹ Na nota 104 explico por que traduzi *salsum* por “picante”.

¹¹⁰ Pela lógica da enumeração de povos, conclui-se que Cícero está se referindo unicamente ao povo Ático, que se comportava da maneira como explica Quintiliano (XII, 10, 17): era um povo refinado e sensível, mas que não suportava redundâncias. Segundo o próprio Quintiliano, essa característica foi assimilada na definição do estilo oratório Ático, que se opunha ao Asiático, que também tem no povo homônimo a origem da definição do seu estilo (O povo asiático sempre fora inclinado à pompa e à ostentação). Um pouco sobre o estilo asiático e seu rival, o ático, se encontra em *De risu*, § 41.

¹¹¹ Entende-se aqui *rationem* (*ratio*, -onis – método) como doutrina, e esta com a acepção apresentada na nota 101.

¹¹² Cf. § 216, n. 101; Quintiliano II, 14, 5; Cícero *De inuentione* I, 5, 7; *De oratore* I, 4, 15.

¹¹³ Explico na nota 177, que tanto lá como aqui Cícero utiliza duas acepções para o mesmo termo, dúvida agravada pelo fato de Cícero também incluir no § 243 o gênero de facécia de assunto entre os gêneros de facécia cavilação sem incluir os outros (de palavras e de palavras e assunto, cf. §§ 239 e 248, respectivamente) em algum outro gênero.

um dos quais distribuído igualmente pelo discurso, e o outro muito incisivo e breve; aquele foi chamado pelos antigos de cavilação, e este de mordacidade.¹¹⁴ Tanto um como outro recebem um nome desimportante, porquanto todo ato de provocar o riso é desimportante.¹¹⁵

219 *Verum tamen, ut dicis, Antoni, multum in causis persaepe lepore et facetiis profici uidi. Sed cum illo in genere perpetuae festiuitatis ars non desideretur – natura enim fingit homines et creat imitatores et narratores facetos adiuuante et uultu et uoce et ipso genere sermonis –, tum uero in hoc altero dicacitatis quid habet ars loci, quom ante illud facete dictum emissum haerere debeat, quam cogitari potuisse uideatur?*

219 Todavia, como dizes, Antônio, tenho visto que amiúde muita vantagem se obtém nos processos por meio da amenidade¹¹⁶ e das facécias.¹¹⁷ Mas, de um lado, naquele gênero de contínua graça no dizer,¹¹⁸ a arte não é necessária – afinal a natureza produz os homens, cria os imitadores¹¹⁹ e os narradores facetos, ajudando com as feições, a voz e com o próprio gênero de discurso – ;¹²⁰ por outro lado, qual o lugar da arte neste

¹¹⁴ As facécias que se estendem pelo discurso constituem um tipo de humor que se espalha por frases, orações, períodos, capítulos etc. Já as facécias de mordacidade são aquelas momentâneas e agudas e funcionam num instante preciso, exato. Em *Orator* (§ 87), Cícero define o ridículo estendido no discurso como facécia. Porém neste parágrafo este mesmo gênero de ridículo é denominado por ele como *cauillatio* (cavilação), incluindo-a entre os *genera facetiarum*, o que redundava em certa confusão terminológica.

¹¹⁵ A palavra *leuis* possui vários significados: algo leve, suave, sem importância, incosiderado, frívolo etc. A nosso ver este adjetivo tem por finalidade introduzir (que se desenvolverá em parte até o parágrafo 229) a diferença entre o peso da seriedade dos discursos e a brincadeira, leveza, desimportância da palavra picante (cf. Quintiliano VI, 3, 1), cuja essência coincide com seu objetivo, que é esvaziar momentaneamente do discurso aquela tensão natural dos assuntos sérios e proporcionar ao interlocutor um instante de descanso e refrigério sem que se perca a continuidade do trabalho. Por isso, tentando encontrar um termo em português que evidenciasse minimamente essa noção, optei pela palavra desimportante, porquanto ela traz em seu corpo a palavra “importante”, fazendo lembrar a noção ali presente que está enfraquecida pelo prefixo (des-).

¹¹⁶ Ao traduzir *lepor* procurei ajustar seu sentido ao da palavra *leuis*, dando aos dois uma indicação de esvaziamento daquilo que é sério ou pesado, que é ademais o sentido dessas palavras em português. Os termos opostos a elas apresentam-se no texto em palavras como *seueritas* ou semelhantes.

¹¹⁷ Cf. Ramage (1959: p. 253): “Elsewhere Cícero uses *urbanus* and *urbanitas* in company with *facetious* and *facetia* words which immediately suggest sophisticated humor and wit”. V. *De risu*, § 8, n. 344.

¹¹⁸ Cavilação. Cf. § 216.

¹¹⁹ Cf. parágrafo 242.

¹²⁰ Ao que parece, a natureza fornece aos narradores e imitadores facetos o decoro de seu gênero discursivo.

gênero de mordacidade,¹²¹ já que um dito lançado facetamente deva prender antes que haja sequer a possibilidade de pensar?¹²²

220 *Quid enim hic meus frater ab arte adiuuari potuit, quom a Philippo interrogatus quid latraret, 'furem se uidere' respondit? Quid in omni oratione Crassus uel apud centum uiros contra Scaevolam uel contra accusatorem Brutum, quom pro Cn. Plancio diceret? Nam id, quod tu mihi tribuis, Antoni, Crasso est omnium sententia concedendum. Non enim fere quisquam reperietur praeter hunc in utroque genere leporis excellens, et illo quod in perpetuitate sermonis et hoc quod in celeritate atque dicto est.*

220 Em que, com efeito, este meu irmão¹²³ pôde ter sido ajudado por alguma arte quando, questionado por Filipe¹²⁴ por que ladrava, respondeu: 'Porque vejo um ladrão!'.¹²⁵ Em que ajudaria Crasso em vários tipos de discurso, ora diante dos Centúnvios¹²⁶ contra Cévola,¹²⁷ ora contra o acusador Bruto,¹²⁸ quando discursava em

¹²¹ A saber: a *dicacitas*, o segundo gênero de facécia preceituado por César. Cf. § 218.

¹²² *Dictum emissum haerere debeat, quam cogitari potuisse uideatur?*: o texto empresta a imagem do arco e da flecha para ilustrar o processo em que uma palavra picante é lançada de tal modo, que receptor não tem como reagir.

¹²³ Quinto Lúcio Cátulo, irmão por parte de mãe de César Estrabão (Cícero, *De oratore* II, 12 e 44). Lê-se no início do Livro II de *De oratore* que ele e o irmão chegaram a Túsculo quando Antônio e Crasso já conversavam.

¹²⁴ Lúcio Márcio Filipe. Cônsul em 91 a.e.c. e inimigo de Marco Lívio Druso (Cícero, *Pro Rabirio* I, 7-9) que propusera no Senado mudanças de leis (entre elas a ampliação do senado e a concessão da cidadania romana aos itálicos) às quais Filipe se opunha ferrenhamente (cf. Cícero *De oratore* I, 24; II, 315; III, 4; *Brutus* 173; Quintiliano III, 89).

¹²⁵ Filipe brincou claramente com a coincidência entre o sobrenome *Catulus* (Cátulo) e seu outro significado cachorrinho (diminutivo de *canis*). Suspeita-se que a resposta de Cátulo refira a uma acusação de concussão (cf. Cícero *De oratore* III, 1-7). Não se encontraram referências sobre a data e o local onde ocorreram essas provocações.

¹²⁶ Membros de um tribunal constituído inicialmente por cem juízes e depois por cento e oitenta, que julgavam os negócios civis em Roma ou nos municípios e colônias romanas, onde eram chamados de Decuriões.

¹²⁷ Quinto Múcio Cévola Pontífice (Tito Lúvio, *Ab Urbe Condita Periocha*, Livro 86), contemporâneo de Crasso (cf. Cícero *De oratore* I, 180) – 140-82 a.e.c. – e seu colega de consulado em 95 a.e.c. Como procônsul reorganizou e pacificou a Ásia. Morreu assassinado por Lúcio Júnio Bruto Damasipo quando talvez passasse do partido mariano ao silano (cf. Cícero *De oratore* II, 257 e Mommsen, 1975: pp. 378-379).

¹²⁸ Marco Júnio Bruto, filho de Marco Júnio Bruto. Sem ter se aplicado às funções militares ou políticas ou ao direito civil, como fizera seu pai (cf. § 225), passou a exercer a função de acusador (cf. § 226) – afinal, possuía certo renome como orador (cf. Cícero *Pro Cluentio* 140) –, de onde angariou a fama de especialista (cf. *De Officiis* II, 50) que, somada à sua outra de perdulário, extravagante e sórdido (cf. *Brutus* 130; *De Officiis* II, 50), justificava a acusação de ter desonrado a reputação de sua família, sobretudo a de seu pai.

defesa de Gneu Plânicio?¹²⁹ Pois esse talento que tu, Antônio, atribuis a mim deveria segundo o parecer de todos ser atribuído a Crasso. Com certeza não se encontrará outro orador tão excelente quanto ele nos dois gêneros de amenidades:¹³⁰ não somente naquele que aparece na extensão do discurso, como também neste que se verifica na rapidez e no dito agudo.¹³¹

221 *Nam haec perpetua contra Scaeuolam Curiana defensio tota redundauit hilaritate quadam et ioco; dicta illa breuia non habuit. Parcebat enim aduersari dignitati; in quo ipse conseruabat suam: quod est hominibus facetis et dicacibus difficillimum, habere hominum rationem et temporum et ea quae occurrant, quom salsissime dici possunt, tenere. Itaque non nulli ridiculi homines hoc ipsum non insulse interpretantur;*

221 Pois aquela contínua defesa de Cúrio¹³² contra Cévola, que redundou do início ao fim em certa hilaridade e gracejo, não possuía daqueles ditos breues.¹³³ Com efeito,

¹²⁹ Embora seja também citado em Cícero (*Pro Cluentio* 140), o personagem e o processo movido contra ele são, todavia, desconhecidos.

¹³⁰ Neste parágrafo César parece culminar em certa confusão terminológica. No parágrafo 218 ele nomeia dois tipos de facécias (a cavilação e a mordacidade). Ali o termo utilizado é *genera facetiarum*. Depois, no parágrafo 219, ele afirma haver grande vantagem no uso da amenidade e das facécias – *Verum tamen, ut dicis, Antoni, multum in causis persaepe lepore et facetiis profici uidi*. Já neste parágrafo ele aponta dois gêneros de amenidades (*genere leporis* e não *genera facetiarum*, como faz no parágrafo 218), que desenvolvidos coincidem com os *genera facetiarum* do parágrafo 218. Embora o termo *facetiae* esteja mais presente no texto do que a palavra *lepor*, não podemos afirmar que, neste parágrafo, Cícero, por meio do personagem César, quis substituir *facetiarum* por *leporis*. Por outro lado, podemos, ao menos em parte, justificar a imprecisão como uma espécie de adequação expectada do gênero de discurso do qual *De oratore* faz parte: o diálogo retórico.

¹³¹ Expus no § 2, (n. 344) de *De risu* por que traduzi a palavra *dictum* por “dito picante”. Não obstante, explico agora que obedecendo à divisão presente no § 219, que determina cavilação o gênero de facécia estendido pelo discurso e mordacidade aquele que é incisivo, traduzi aqui o mesmo termo por “dito agudo”. Aqui a palavra *dicto* (*dictum*, -i) não somente diz respeito ao último gênero, como também é acompanhada do advérbio *celeritate*, completando a referência ao gênero de mordacidade. Com essa acepção a palavra encontra correspondente em termos como o substantivo *acutum*, (cf. parágrafo 280, *acute*), agudo, e *acumen*, que também traduzi por agudeza. Todas denotam a idéia numa palavra que tem o objetivo de provocar ou, no popular, cutucar. Por isso, quando foi necessário, deixei aquela primeira escolha e adequiei o termo ao contexto (v. § 222).

¹³² Cícero se refere à causa curiana no livro I, § 180. Em linhas gerais, o caso é este: um homem havia morrido e deixado a esposa supostamente grávida. Assim, deixou como herdeiro de seus bens o filho póstumo e Mânio Cúrio, (por determinação do falecido ou da esposa) ficou como segundo herdeiro, caso o primeiro falecesse antes de completar a maioridade. Ocorreu, porém, que a criança não nasceu e então Marco Copônio, parente do falecido e próximo herdeiro depois de Cúrio, passou a questionar e exigir a letra do testamento dizendo que este não tinha validade, porque o bebê não havia nascido. Foi então que Cévola, o pontífice, e Crasso entraram na disputa, o primeiro a favor do cumprimento literal do testamento, o segundo em defesa de Cúrio e da *aequitas*.

¹³³ Ou seja: Cúrio utilizou a primeiro gênero de facécias, a cavilação; e não o segundo, a mordacidade.

ele respeitava a dignidade do adversário,¹³⁴ no que também preservava a sua própria, porque é difícil para os homens facetos e mordazes ter em conta as pessoas, as circunstâncias e observar as coisas que ocorrem e que podem ser ditas muito picantemente. Assim, alguns homens ridículos interpretam não insossamente isto:

222 *dicere enim aiunt Ennium, ‘flammam a sapiente facilius ore in ardente opprimi, quam bona dicta teneat’: haec scilicet bona dicta, quae salsa sint; nam ea ‘dicta’ appellantur proprio iam nomine. [LV] Sed ut in Scaeuola continuit ea Crassus atque in illo altero genere, in quo nulli aculei contumeliarum inerant, causam illam disputationemque lusit, sic in Bruto, quem oderat et quem dignum contumelia iudicabat, utroque genere pugnauit.*

222 contam alguns que, de fato, Ênio¹³⁵ dizia: ‘É mais fácil para o sábio sufocar uma chama numa boca flamejante do que reprimir ditos oportunos’;¹³⁶ isto é, ditos oportunos que sejam picantes (*bona dicta*), pois os primeiros já são chamados pelo nome próprio (*dicta*).¹³⁷ Mas Crasso assim como ao falar contra Cévola os conteve e, naquele outro gênero, em que não havia ponta alguma de sarcasmo, ironizou aquela causa e discussão, do mesmo modo combateu a Bruto, a quem odiava e julgava digno de injúrias, tanto com um quanto com outro gênero.¹³⁸

223 *Quam multa de balneis, quas nuper ille uendiderat, quam multa de amisso patrimonio dixit! Atque illa breuia, quom ille diceret se sine causa sudare: ‘minime’ inquit ‘modo enim existi de balneis’, – innumerabilia huiusce modi fuerunt, sed non minus iucunda illa perpetua. Quom enim Brutus duo lectores excitasset et alteri de colonia Narbonensi Crassi orationem legendam dedisset, alteri de lege Seruilia, et cum contraria inter sese de re publica capita contulisset, noster hic facetissime tris patris Bruti de iure ciuili libellos tribus legendos dedit.*

¹³⁴ Conforme instrui Cícero (v. *Orator* 89).

¹³⁵ Quinto Ênio (240-169 a.e.c.). Compositor do poema épico *Annales* sobre a história de Roma em 18 livros (cf. Cícero, *Brutus* 73).

¹³⁶ Ênio, *Scaenica* CLXVII.

¹³⁷ Expus em *De risu* (§ 2, n. 344) porque traduzi o termo *dictum* (aqui modificado pelo adjetivo *salsus*, -a, -um) por “dito picante”.

¹³⁸ A saber, com a cavilação (*cauillatio*) e com a mordacidade (*dicacitas*).

223 Quantas coisas ele disse a respeito das salas de banho, que Bruto vendera recentemente, quantas disse a respeito do patrimônio que este perdera! E aquelas breves, quando Bruto dissera estar suando sem motivo e ele lhe respondeu: ‘Não me admiro, pois acabaste de sair dos banhos’. Dessas, fez muitas outras. Mas não menos agradável foi aquela contínua: Bruto, depois de fazer dois leitores levantarem-se, pediu para um deles ler o discurso escrito por Crasso sobre a colônia narbonense e para o outro o discurso sobre a lei Servília.¹³⁹ E como ele expusesse opiniões contrárias entre si a respeito da república, este nosso amigo, muito facetamente, deu os três pequenos livros sobre direito civil do pai de Bruto para que três pessoas os lessem.

224 *Ex libro primo: Forte euenit ut in Priuernati essemus. ‘Brute, testificatur pater se tibi Priuernatem fundum reliquisse.’ Deinde ex libro secundo: In Albano eramus ego et Marcus filius. ‘Sapiens uidelicet homo cum primis nostrae ciuitatis norat hunc gurgitem; metuebat ne, quom is nihil haberet, nihil esse ei relictum putaretur.’ Tum ex libro tertio, in quo finem scribendi fecit – tot enim, ut audiui Scaeuolam dicere, sunt ueri Bruti libri –: In Tiburti forte adsedimus ego et Marcus filius. ‘Vbi sunt hi fundi, Brute, quos tibi pater publicis commentariis consignatos reliquit? Quod nisi puberem te, inquit, iam haberet, quartum librum composuisset et se etiam in balneis lotum cum filio scriptum reliquisset.’*

224 Então, do primeiro livro leu-se: ‘Sucedeu por acaso que estivéssemos em Priverno’. E disse Crasso: ‘Bruto, aqui teu pai testifica ter deixado para ti um fundo em Priverno’. Depois, do segundo livro leu-se: ‘Em Albano estávamos meu filho Marco¹⁴⁰ e eu’. E Crasso: ‘Homem sábio, certamente, como os primeiros de nossa cidade, conhecia esta voragem do filho: temia que, depois de morto, pensassem que nada tivesse deixado para ele.’ Então, do terceiro livro, no qual finalizou sua escrita (tantos são, segundo me disse Cévola, os verdadeiros livros de Bruto) leu-se: ‘Em Tíbur

¹³⁹ Em 118 a.e.c. Crasso defendeu a criação da colônia Narbonense. À época havia duas opiniões contrárias a respeito: o Senado em sua maioria se opunha, e a ordem equestre era a favor da fundação. Depois, em 106, mudou de opinião, atendendo a uma proposta de lei de Quinto Servílio Cipião, que pretendia limitar ou eliminar o monopólio da ordem equestre nos tribunais desde 112 a.e.c., quando Caio Graco era tribuno. Essa lei ganhou o nome de *Lex Seruilia* (Lei Servília). Os discursos contraditórios que Bruto deu a duas pessoas para que lessem eram justamente aqueles em que as posições de Crasso em 118 e 106 a.e.c. entravam em contradição.

¹⁴⁰ Bruto.

estávamos, por acaso, meu filho Marco e eu’. Aí Crasso perguntou: ‘Bruto, onde estão esses bens que teu pai te deixou consignados em comentários públicos?’ Se não tivesses já alcançado a puberdade à época, disse, ele teria composto um quarto livro e teria deixado escrito o fato de ter estado com o filho nos banhos’.¹⁴¹

225 *Quis est igitur qui non fateatur hoc lepore atque his facetiis non minus refutatum esse Brutum quam illis tragoediis, quas egit idem, quom casu in eadem causa efferretur anus Iunia? Pro di immortales, quae fuit illa, quanta uis! quam inexpectata, quam repentina! Quom coniectis oculis, gestu omni ei imminenti, summa gravitate et celeritate uerborum: ‘Brute, quid sedes? quid illam anum patri nuntiare uis tuo? quid illis omnibus, quorum imagines duci uides? quid maioribus tuis? quid L. Bruto, qui hunc populum dominatu regio liberauit? quid te agere? cui rei, cui gloriae, cui uirtuti studere? patrimonione augendo? At id non est nobilitatis.*

225 Quem há, portanto, que não confesse que por meio dessa amenidade e facécias tenha sido Bruto não menos censurado do que com aqueles gestos dramáticos, que o mesmo Crasso utilizou, quando por acaso durante a mesma audiência passava o funeral da anciã Júnia¹⁴²? Pelos deuses imortais, como foi grande aquela força! Quão inesperada! Quão repentina! Quando com olhar agudo e todos aqueles gestos e num tom ameaçador e com especial gravidade e rapidez de palavras disse: ‘Bruto, por que estás sentado? O que queres que anuncie a teu pai aquela anciã? Ou àqueles todos cujas imagens vês serem conduzidas? O que a teus ancestrais? O que a Lúcio Bruto, que libertou este povo do domínio real?’¹⁴³ Qual a tua ocupação? A qual deusa, a qual glória, a que virtudes te aplicas? Aplicas-te a aumentar o patrimônio? Ora, isso não é digno de um nobre.

¹⁴¹ Era costume entre os romanos que o filho acompanhasse o pai nos banhos até a puberdade somente.

¹⁴² Júnia pertencia à mesma *gens* de Bruto. Não se sabe qual o grau de parentesco entre eles, mas percebe-se pela ausência de Bruto ao funeral de Júnia, que não era de proximidade.

¹⁴³ Lúcio Júnio Bruto. Chamado por Cícero de *Nobilitatis Vestrae Princeps* – O príncipe da vossa nobreza – (cf. Cícero, *Brutus* 53). A ele foi atribuído por Tácito o ato criador da república romana (Tácito, *Annales*, XI, 22-24), da qual foi o primeiro cônsul (Tácito, *Annales* XI, 25).

226 *Sed fac esse, nihil superest; lubidines totum dissipauerunt. An iuri ciuili? Est paternum. Sed dicet te, cum aedis uenderes, ne in rutis quidem et caesis solium tibi paternum recepis. An rei militari? Qui numquam castra uideris! An eloquentiae? Quae neque est in te et, quicquid est uocis ac linguae, omne in istum turpissimum calumniae quaestum contulisti! Tu lucem aspicere audes? tu hos intueri? tu in foro, [tu in urbe,] tu in ciuium esse conspectu? Tu illam mortuam, tu imagines ipsas non perhorrescis? Quibus non modo imitandis, sed ne conlocandis quidem tibi locum ullum reliquisti.'*

226 E se o fosse, nada resta. O teu desregramento dissipou tudo. Aplicas-te, por acaso, ao direito civil? É a ocupação de teu pai. Mas Júnia diz¹⁴⁴ que ao venderes as casas, entre os bens móveis, nem ao menos o assento de jurisconsulto preservaste. Acaso te aplicas às coisas militares? Tu que nunca viste um acampamento! Ou à eloquência? Da qual nada há em ti, e o que há na voz e na língua,¹⁴⁵ aplicaste tudo neste torpíssimo proveito da calúnia!¹⁴⁶ Tu ousas contemplar a luz? Tu ousas olhar para teus juízes? Tu no foro, tu na Urbe,¹⁴⁷ tu na presença dos cidadãos?¹⁴⁸ Tu não temes aquela morta? Não temes aquelas imagens, não só para imitá-las como para colocá-las em algum lugar reservado por ti?

227 (LVI) *Sed haec tragica atque diuina; faceta autem et urbana innumerabilia uel ex una contione meministis; nec enim maior contentio umquam fuit nec apud populum grauior oratio, quam huius contra collegam in censura nuper, neque lepore et festiuitate conditior. Qua re tibi, Antoni, utrumque adsentior, et multum facetias in dicendo prodesse saepe et eas arte nullo modo posse tradi. Illud quidem admiror, te nobis in eo genere tribuisse tantum et non huius rei quoque palmam [ut ceterarum] Crasso detulisse."*

¹⁴⁴ O verbo *dicet* tem o seu sujeito no parágrafo anterior. Com efeito, quando Crasso dizia aquelas palavras a Bruto passava o funeral da anciã Júnia, Crasso aproveitou a oportunidade e passou a fazer as perguntas para atacar Bruto.

¹⁴⁵ Alusão à capacidade oratória de Bruto (v. § 220).

¹⁴⁶ Alusão ao fato de Bruto ter se dedicado à função de acusador (v. § 220).

¹⁴⁷ Como Roma era chamada.

¹⁴⁸ "Tu, estar no foro, na Urbe, na presença dos cidadãos?". Talvez Crasso quisesse dizer que Bruto, perdulário e extravagante, não poderia frequentar os mesmos lugares dos homens urbanos ou que, sendo como era, pertencia menos à classe urbana que à rústica.

227 No entanto, essas palavras são dramáticas e divinas. Por outro lado, vós vos lembrais das inúmeras palavras facetadas e urbanas utilizadas recentemente num só discurso seu. Pois então, jamais houve, sem dúvida, um debate maior nem um discurso mais grave diante do povo nem mais realçado de amenidade e graça do que este, na censura a um colega.¹⁴⁹ Em duas coisas concordo contigo, Antônio: que as facécias são muito proveitosas no discurso e que não há como aprender a utilizá-las por uma arte sequer.¹⁵⁰ Mas me admiro verdadeiramente do imenso talento que atribuístes a nós neste gênero, e não tenhas concedido (como fizeram os demais) o primeiro lugar a Crasso.”

228 *Tum Antonius: "Ego vero ita fecissem," inquit "nisi interdum in hoc Crasso paulum inuiderem. Nam esse quamvis facetum atque salsum non nimis est per se ipsum inuidendum; sed quom omnium sit uenustissimus et urbanissimus, omnium grauissimum et seuerissimum et esse et uideri, quod isti contigit uni, mihi uix ferendum uidebatur."*

228 Então Antônio disse: “Eu em verdade assim teria feito, se nisso não invejasse um pouco a Crasso. Pois ser faceto e picante não é de per si muito invejável, mas quando um homem é o mais venusto e o mais urbano dentre todos e, além disso, não somente o é, mas também parece ser o mais grave e o mais sério, o que só a este nosso amigo aconteceu, isso me parecia difícil de suportar!”

229 *Hic cum adrisisset ipse Crassus: "Ac tamen," inquit Antonius "quom artem esse facetiarum, Iuli, negares, aperuisti quiddam, quod praecipendum uideretur. Haberi enim dixisti rationem oportere hominum, rei, temporis, ne quid iocus de grauitate decerperet; quod quidem in primis a Crasso observari solet. Sed hoc praeceptum praetermittendarum est facetiarum, quom eis nihil opus sit. Nos autem quo modo utamur, quom opus sit, quaerimus, ut in aduersarium et maxime, si eius stultitia poterit agitari, in testem stultum, cupidum, leuem, si facile homines audituri uidebuntur."*

¹⁴⁹ V. Livro II, § 45.

¹⁵⁰ Quando César diz da arte que transmite o conhecimento sobre qualquer assunto, está falando em doutrina. V. § 2, nota 101.

229 Aqui, tendo rido o próprio Crasso, disse Antônio: “E, porém, quando negaste que existe a arte das facécias, Júlio, mostraste algo que parece dever ser preceituado. De fato, disseste ser oportuno considerar as pessoas, as coisas, os tempos, para que o gracejo não diminua o que há de gravidade no discurso. O que, em primeiro lugar, certamente costuma ser observado por Crasso. Mas este é justamente o preceito que manda omitir as facécias, quando elas não servirem para coisa alguma. No entanto, perguntamo-nos por qual modo podemos utilizá-las, quando elas tiverem utilidade, por exemplo, contra um adversário (se sua estultice pode ser censurada) e sobretudo contra uma testemunha estulta, parcial, leviana, se facilmente parecerem que o público as ouvirá.”¹⁵¹

230 *Omnino probabiliora sunt, quae lacessiti dicimus, quam quae priores; nam et ingeni celeritas maior est quae apparet in respondendo, et humanitatis est responsio. Videmur enim quieturi fuisse, nisi essemus lacessiti; ut in ipsa ista contione nihil fere dictum est ab hoc, quod quidem facetiis dictum uideretur, quod non prouocatus responderit. Erat autem tanta in Domitio grauitas, tanta auctoritas, ut, quod esset ab eo obiectum, lepore magis eleuandum quam contentione frangendum uideretur.”*

230 Em geral, as palavras que dizemos quando somos agredidos são mais apreciáveis do que aquelas que dizemos quando atacamos primeiro; pois não só é maior a rapidez da imaginação, a qual aparece na resposta, como também o próprio ato de responder é inerente à humanidade. Com efeito, damos a impressão de que teríamos permanecido quietos, não fosse termos sido atacados; como nessa discussão acima¹⁵², em que quase nada do que foi dito (daquilo que parecesse mais faceto) foi outra coisa senão uma resposta a uma provocação¹⁵³. Ao contrário, em Domício¹⁵⁴ se encontrava tanta gravidade, tanta autoridade que, qualquer coisa que fosse objetada por ele, parecia ser mais mitigada pela amenidade do que aplacada pela contenda.”

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² V. § 227 e nn.

¹⁵³ V. § 2, nota 101.

¹⁵⁴ Gneu Domício Aenobarbo, contemporâneo de Crasso. Ambos viviam em alterações (Cícero, *Brutus* 164). Em Valério Máximo (IX, 1.4) e Plínio (XVII, 3) encontramos um diálogo em que Domício censura a luxuosidade da casa de Crasso. Macróbio (*Saturnalia* 2, 11) e Plutarco (*Como tirar proveito de seus inimigos*, 88), contam a anedota da murena: Domício perguntou a Crasso: “É verdade que uma murena morreu em vossa piscina e pranteaste por ela?”, ao que Crasso respondeu: “É verdade que enterraste vossa esposa sem prantear por ela?”.

231 (LVII) *Tum Sulpicius: "Quid igitur? patiemur" inquit "Caesarem, qui quamquam Crasso facetias concedit, tamen multo in eo studio magis ipse elaborat, non explicare nobis totum genus hoc iocandi, quale sit et unde ducatur; praesertim cum tantam vim et utilitatem salis et urbanitatis esse fateatur?" "Quid, si" inquit Iulius "adsentior Antonio dicenti nullam esse artem salis?"*

231 Então Sulpício disse: “Que é então? Seremos pacientes com o fato de que César, mesmo atribuindo as facécias a Crasso, se dedique muito mais a estudar o assunto e não nos explique qual é a natureza e de onde deve ser tirado todo este gênero de gracejar; principalmente quando reconhece a grande força e utilidade do dito picante e da urbanidade?” “Que é, disse Júlio, se concordo com Antônio que diz não haver arte alguma do dito picante?”

232 *Hic cum Sulpicius reticuisset: "Quasi uero," inquit Crassus, "horum ipsorum, de quibus Antonius iam diu loquitur, ars ulla sit! Observatio quaedam est, ut ipse dixit, earum rerum quae in dicendo ualent; quae si eloquentis facere posset, quis esset non eloquens? Quis enim haec non uel facile uel certe aliquo modo posset ediscere? Sed ego in his praeceptis hanc vim et hanc utilitatem esse arbitror, non ut ad reperiendum quid dicamus arte ducamur, sed ut ea, quae natura, quae studio, quae exercitatione consequimur, aut recta esse confidamus aut praua intellegamus, quom quo referenda sint didicerimus.*

232 Aqui, como Sulpício se calasse, Crasso disse: “Como se dessas mesmas coisas que Antônio vem falando há algum tempo houvesse alguma arte! Como ele mesmo disse, dessas coisas eficazes no discurso há certa observação, que se pudesse produzir pessoas eloqüentes, quem não o seria? Quem, com efeito, não poderia aprender estas coisas com facilidade ou de algum modo? Mas eu creio que há nestes preceitos força e utilidade não para que pela arte sejamos conduzidos a encontrar o que dizer,¹⁵⁵ mas para

¹⁵⁵ Ao que parece, Cícero diz aqui que os três preceitos (natureza, estudo, exercício – v. nota seguinte) funcionam na falta de uma arte sobre o riso na constituição da peroração nos moldes de *De inuentione* 98-106 ou mesmo da *Retórica* de Aristóteles 1419b, 10 – 1419 a. Em linhas gerais, o riso possui sim tópicos de estudo e exercícios apropriados, porém eles não se confirmam como uma arte e sim funcionam melhor aproveitando a natureza do fato, ou das palavras ou das pessoas e a ocasião.

que (uma vez que tenhamos aprendido ao que elas devam referir-se)¹⁵⁶ sigamos aquelas que, pela natureza, pelo estudo e pelos exercícios, confiamos serem retas ou entendamos serem ruins.

233 *Qua re, Caesar, ego quoque hoc a te peto, ut, si tibi uidetur, disputes de hoc toto iocandi genere quid sentias, ne qua forte dicendi pars, quoniam ita uoluistis, in hoc tali coetu atque in tam accurato sermone praeterita esse uideatur.* "Ego uero," inquit ille *"quoniam collectam a conuiuia, Crasse, exigis, non committam ut, si defugerim, tibi causam aliquam recusandi dem. Quamquam soleo saepe mirari eorum impudentiam, qui agunt in scaena gestum inspectante Roscio. Quis enim sese commouere potest, cuius ille uitia non uideat? Sic ego nunc, Crasso audiente, primum loquar de facetiis et docebo sus, ut aiunt, oratorem eum, quem quom Catulus nuper audisset, 'faenum alios' aiebat 'esse oportere'."*

233 Então, César, eu também te peço isto: que, se assim te parece, discutas o que pensas a respeito de todo este gênero de gracejar e que não venha a parecer (numa tal reunião e numa conversa tão elaborada) que alguma parte da oratória tenha sido esquecida, afinal tu assim o quiseste." "Na verdade – respondeu ele –, como exigis, Crasso, que o convidado pague sua quota,¹⁵⁷ não começarei dando-te, se me esquivar, algum pretexto ao recusar; ainda que costume muitas vezes admirar o atrevimento daqueles que atuam na presença de Rócio.¹⁵⁸ Quem, com efeito, pode mover-se sem que se vejam os vícios?¹⁵⁹ Assim eu, na presença de Crasso, falarei agora pela primeira

¹⁵⁶ Segundo Platão, estas são as três condições para um homem alcançar a eloquência: φύσις (natureza ou talento natural) – *natura, ingenium* –; ἐπιστήμη (estudo, conhecimento) – *ratio, ars, doctrina* –; μελέτη (exercício, dedicação, prática) – *diligentia, studium, industria* (cf. Platão, *Fedro*, 269d).

¹⁵⁷ Crasso era o anfitrião, daí ser ele quem exigisse a cota. Quanto a esta última, trata-se de uma cota que os convivas deveriam pagar numa refeição em conjunto.

¹⁵⁸ Quinto Rócio Galo, ator famosíssimo à época. Mais tarde cliente e amigo de Cícero (cf. Cícero *De oratore* I, 251–261).

¹⁵⁹ Bergson diz em várias partes de *O riso* sobre o ridículo despertado pelos movimentos dos corpos, inclusive aqueles que rompem a normalidade ou se apresentam momentaneamente fora da moda ou dos costumes (v. Bergson, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico* – tradução de Nathanael C. Caixeiro –, Rio de Janeiro: Zahar, 1983).

vez¹⁶⁰ a respeito das facécias e ensinarei – eu, o porco,¹⁶¹ como dizem –, a esse orador, a quem Cátulo ouvindo há pouco dizia que seria oportuno que os outros comessem feno.”

234 *Tum ille: "Iocabatur" inquit "Catulus, praesertim cum ita dicat ipse, ut ambrosia alendus esse uideatur. Verum te, Caesar, audiamus, ut Antoni reliqua uideamus." Et Antonius: "Perpauca mihi quidem restant," inquit "sed tamen defessus iam labore atque itinere disputationis meae requiescam in Caesaris sermone quasi in aliquo peropportuno deuorsorio." (LVIII) "Atqui" inquit Iulius "non nimis liberale hospitium meum dices; nam te in uiam, simulac perpaulum gustaris, extrudam et eiciam."*

234 Então Crasso disse: “Cátulo queria fazer graça, sobretudo porque ele fala como se fosse alimentado por ambrosia.¹⁶² Porém, que a ti, César, ouçamos, para que vejamos o restante de Antônio”. E Antônio: “Para falar a verdade, me resta muito pouco o que falar, mas por outro lado, cansado do trabalho e da jornada de meus discursos, descansarei no discurso de César como se estivesse numa providencial estalagem”. “Ora – disse Júlio –, dirás que minha hospedaria não é muito generosa; pois, assim que dela gostares um pouco que seja, empurrar-te-ei e jogar-te-ei na rua.”

235 *Ac ne diutius uos demorer, de omni isto genere quid sentiam perbreuiter exponam. De risu quinque sunt quae quaerantur: unum, quid sit; alterum, unde sit; tertium, sitne oratoris risum uelle mouere; quartum, quatenus; quintum, quae sint genera ridiculi. Atque illud primum – quid sit ipse risus, quo pacto concitetur, ubi sit, quo modo existat atque ita repente erumpat, ut eum cupientes tenere nequeamus, et quo modo simul latera, os, uenas, oculos, uultum occupet –, uiderit Democritus; neque enim ad hunc sermonem hoc pertinet, et, si pertineret, nescire me tamen id non puderet, quod ne ipsi illi quidem scirent, qui pollicerentur.*

¹⁶⁰ Não se sabe ao certo se de Júlio César ou de Cícero; na literatura latina é talvez a primeira exposição sobre as facécias com essa acepção. *Orator*, onde Cícero cita o termo *facetiae*, foi composto posteriormente (em 46 a.e.c.) a *De oratore* (em 55 a.e.c.).

¹⁶¹ Alusão ao provérbio *Sus mineruam docet* (Um porco ensina Minerva), ou seja um ignorante querendo ensinar um sábio (cf. Festo, 408; Cícero, *Academica* I, 5; *Ad Familiares* IX, 18, 3).

¹⁶² Ambrosia, alimento dos deuses. Alusão ao grande engenho de Cátulo e seu reconhecido helenismo (cf. Livro II, § 28).

235 “E para não vos demorar por muito tempo, exporei muito sucintamente aquilo que penso a respeito deste assunto. A respeito do riso há cinco coisas que devem ser perguntadas.¹⁶³ Primeira: o que é o riso; segunda: onde é encontrado;¹⁶⁴ terceira: se é próprio do orador querer provocar o riso; quarta: até que ponto o orador pode utilizá-lo; quinta: quais são os gêneros do riso. Quanto à primeira, o que é o próprio riso, por que ajuste é causado, onde se encontra, por que modo aparece e de repente irrompe, por que, desejando contê-lo, não podemos segurá-lo, e por qual modo ocupa ao mesmo tempo os pulmões, a boca, as veias, os olhos e o rosto, que o explique Demócrito,¹⁶⁵ porque isso

¹⁶³ Cícero estabelece em forma de perguntas cinco pontos pelos quais a matéria deve ser abordada. Todas elas encontram de certa forma eco em *De risu*. De início, a primeira (o que é o riso?) termina por não ser respondida neste tratado nem em *De risu*, como se verá adiante. A segunda faz referência a Aristóteles e sua *Poética* quanto ao aspecto daquilo que está sujeito ao risível, conceitos que chegaram a autores como Bergson, por exemplo. A terceira pergunta diz respeito à possibilidade do uso do riso por parte do orador. Embora a própria existência de um tratado sobre o riso responda à questão, importa dizer quanta vantagem o uso do riso traz ao orador na busca de seu objetivo maior, que é a persuasão. A quarta pergunta traz à tona a questão da moderação, indicada tanto por Cícero quanto por Quintiliano. Demais, à discussão acrescem questões como a oposição entre *urbanitas* e *rusticitas*, além da gênese de termos técnicos do riso oratório, tais como *facetiae*, *urbanitas* etc. A quinta pergunta encontra resposta no elenco de gêneros de ditos ridículos, que Cícero e Quintiliano organizaram cada um a seu modo.

¹⁶⁴ *Ubi sit*: literalmente, “onde esteja”. César quer dizer onde o riso é encontrado, onde ele existe possível de ser colhido. Por isso, preferi a construção passiva para traduzir este trecho.

¹⁶⁵ Referência a Demócrito de Abdera: o filósofo risonho. As loucuras humanas o faziam rir como faziam Heráclito chorar (Cf, Sêneca *De ira* II, 5; Horácio, *Epistulae* II, 1, 194). “O que é o riso?” é a primeira pergunta na abordagem do riso oratório. Cícero e Quintiliano, porém, restringem essa discussão dentro dos parâmetros de suas discussões maiores, a *facetiae* e a *urbanitas* como recursos do *mouere* dentro de seus discursos sobre a oratória. Assim, se por um lado os textos (*De ridiculis* e *De risu*) convergem para vários pontos em comum que se resumem a partir do parágrafo 235 do texto do orador e Quintiliano também responde a tais perguntas, por outro lado, ambos se eximem de definir o que vem a ser o riso propriamente. Para cada uma dessas perguntas presentes no referido parágrafo, encontramos algum tratamento feito por Quintiliano. Porém, tanto Cícero quanto Quintiliano enquadram essa questão dentro dos limites do interesse eleito por eles para tratar da matéria: a permissão do uso do riso por parte do orador, a prerrogativa da moderação (que para Cícero chama-se *facetiae* e para Quintiliano vem a ser *urbanitas*), as maneiras de utilizá-lo e seus gêneros. Em outras palavras, a importância sobre o que é o riso não é a primeira para ambos; eles preferem tangenciar as características do processo que leva as pessoas ao riso em algumas passagens do que tratar o assunto com mais demora. Entre as várias hipóteses para essa escolha, podemos citar o fato de que eles se propuseram a tratar do assunto de forma breve, pois se ocupavam, tanto em *De oratore* quanto na *Institutio oratoria*, de objetivos maiores (Como se disse, *De ridiculis* e *De risu* são dois pequenos tratados sobre o uso do riso como um dos recursos do *mouere*). Isso fica evidente quando César diz, no parágrafo 235 de *De ridiculis*, que sua explicação sobre o assunto seria sucinta e o próprio Quintiliano, no parágrafo 102, ao dizer que havia demonstrado quais são os gêneros do riso, disse deles ter tratado ligeiramente. Outra motivação para tanto seria a essência do que é, para Cícero e Quintiliano, o riso na oratória. Deste modo, entre aquelas convergências apontadas acima, essa, a não definição do riso, é mais uma; porquanto nem Cícero nem Quintiliano se ocupam de mostrar, ou definir ou discorrer sobre o que isso vem a ser em essência. Ou seja, há aqui uma convergência, se não pela ausência de uma tarefa, uma vez que o conceito de riso está subjacente em alguns parágrafos ou na união (mesmo que não coesa) de alguns deles, ao menos, pela imperfeição no trato desse aspecto da matéria. Para ter uma idéia do que vem a ser uma definição do riso, procurei em tratados médicos ou filosóficos autores que tratassem do assunto de forma ímpar ao modo como Cícero e Quintiliano ou outro autor dele se ocupa. Assim, encontrei o nono capítulo de *Controuersiarum Medicarum et Philosophicarum*, onde o médico Francisco Vallesio discorre sobre o processo do riso. Vallesio procura basear-se na idéias de Fracastoro, que aponta, no capítulo 20 de seu de *Sympathia & Antiphatia Rerum* (VALLESIO, 1556: IX), que o que move nos homens o riso é um sentimento de alegria e admiração. Não obstante Vallesio se

detenha no debate, citado por ele mesmo, entre Fracastoro e Valeriola, para o qual somente o sentimento de alegria promove o riso (*idem ibidem*), ele acaba por fazer menção ao processo físico em que se dá o fenômeno. E não apenas isso. Em seu texto, observamos que aquela alegria e admiração, causadas pelo prazer e pela novidade, respectivamente, são parte do processo em que o coração, movido pelas sensações agora descritas, move os músculos, entre eles os do tórax, que, por decorrência, vibra não só ele, mas também o septo e a boca (*idem ibidem*). Essa idéia de que paixões internas, como a alegria, por exemplo, induzem ao riso não foi defendida apenas por Vallesio e Fracastoro (De acordo com Skinner, com “a redescoberta da teoria clássica da eloquência – uma das características da cultura renascentista –, a teoria clássica do riso foi igualmente despertada”). Opiniões iguais a essa em que o riso é acionado por um sentimento interno de alegria, prazer, admiração e novidade, surgiram em autores como Juan Luis Vives, que diz que o riso nasce da felicidade e do prazer (*apud* Skinner, 2004: p.26) ou Descartes, ao dizer que o riso parece ser um dos principais signos da alegria” (*ibid.*, *op. cit.*, p. 27) ou Laurent Joubert, que, aproximando o fenômeno do riso ao da tristeza, diz que “qualquer coisa ridícula nos dá um prazer e uma tristeza combinados” (*ibid.*, *op. cit.*, p. 29) ou ainda Fracastoro, ao dizer que “a causa da alegria”, do riso por extensão, “deve ser sempre alguma forma de felicidade interior”, e que “as coisas que geralmente nos levam a rir devem trazer alguma novidade de forma repentina e inesperada” (*ibid.*, *op. cit.*, p. 32). Todas essas assertivas, como se vê, mostram que o riso nasce de um movimento do ânimo interior, também citado por Quintiliano em *De risu* (§ 6). E delas é importante observar a noção de que há um processo no qual o riso é provocado nos sentimentos e se torna algo físico. Quando Cícero diz que é Demócrito quem deve explicar o que esse processo vem a ser está, em verdade, se eximindo de efetivá-la. O resultado é que passamos a perguntar que mecanismos físicos estariam envolvidos nesse fenômeno. Nas palavras de Skinner (2004: pp. 32–33):

“‘as coisas que geralmente nos levam a rir (...) devem trazer alguma novidade’ e devem aparecer diante de nós ‘de forma repentina e inesperada’. Quando isso acontece, ficamos no mesmo instante admirados, o que, por sua vez, gera em nós uma satisfação. A sequência emocional é, portanto, a seguinte: ‘o imprevisto e o inesperado dão origem à *admiratio*, que, por sua vez, dá origem à *delectatio*, que por sua vez, provoca o movimento facial que chamamos de riso’”. (...) “A razão pela qual a presença da *admiratio* é indispensável é que rimos somente quando encontramos coisas novas e surpreendentes. É a presença da *novitas* que no conduz à admiração, e é nossa impressão de admiração que nos faz rir.”

Nos parágrafos de *De ridiculis* em que algo neste sentido parece se efetivar, o que se encontra na verdade são meios pelos quais poderíamos construir algo que se assemelhe a uma definição. No início, nos parágrafos 216 e 218, aparecem tanto construções predicativas do que vem a ser o gracejo ou a facécia (que não são o riso propriamente dito, mas aquilo que o provoca) quanto uma referência do que se disse sobre o elemento que dispara o riso, que é o agradável (*suavis*) e o não sério (*levis*). Ora, tanto uma quanto a outra ocorrência não são uma definição, mas sim, como é a natureza desse tipo de construção, predicados de um meio pelo qual o riso surge; embora seja possível saber que o gracejo e a facécia são suaves (*De ridiculis*, § 218) e não sérios (*ibidem*, 216), também é possível entender que o riso em si, é um gesto que está relacionado à suavidade e à brincadeira e, lembramos, isso se relaciona, mais especificamente com a sensação de espírito que sentimos ao rir do que ao gesto. Afinal, às vezes a gesticulação em si não é tão suave ou leve, como diz Quintiliano:

“Ele irrompe, muitas vezes, involuntariamente e não só se torna visível pela expressão do rosto e da voz, como também sacode todo o corpo com sua força.”

Não obstante essas observações sejam importantes e proporcionem alguma noção, ainda que parca, de como Cícero e Quintiliano viam o fenômeno, elas não são ainda a definição do que vem a ser o riso de um modo igual ou semelhante ao que podemos encontrar nos autores já citados. E é especificamente disso que o retor e o orador se eximem. Cícero aponta, no parágrafo especial 235, os aspectos físicos presentes no ato de rir.

“por que modo e de repente irrompe, por que desejando contê-lo, não conseguimos e por qual modo ocupa ao mesmo tempo os pulmões, a boca, as veias e o rosto”

Há ainda outro ponto observado por Skinner na sua discussão sobre os elementos provocadores do riso, que coincide no texto *De oratore* com o fato de que se ri daquilo que é torpe e disforme (cf. *De ridiculis*, § 236). Nas próprias palavras de Cícero, “da deformidade e dos vícios dos corpos” é “que surge a matéria suficiente para gracejar”. Disse-se, mais acima, sobre falta em definir o riso a partir do seu elemento provocador. Agora, aqui vemos que o orador cita o elemento provocador, mas não o seu efeito. A descrição do ato físico de rir ainda permanece incompleta. Nos parágrafos 236, 237, 238 e 239, Cícero inicia o excerto dessa forma que aqui se expõe e o termina com as vantagens que há para o orador na moderação de seu uso. Em outras palavras, o que se poderia esperar de uma definição, se perde na progressão semântica que há entre esses parágrafos, pois a Cícero ali importa, na verdade, dizer que ao apontar os vícios alheios e disso colher vantagens no discurso oratório nos tribunais, deve o orador conter o seu uso e fazê-lo com moderação, para que, com isso, evite parecer não urbano; já que o riso desmedido é visto como coisas de bufões e de pessoas sem cultura. Também Skinner caminha nessa direção quando afirma que Cícero “aludiu” sim “à importância do inesperado” (Skinner, *op. cit.*: p. 31), mas que “seus seguidores renascentistas deram muito mais ênfase a esse ponto” ao citar uma declaração bastante pertinente de Maggi (*apud ibidem*, p. 33):

“Não tenho como expressar o tanto do meu espanto por Cícero não ter dito uma única palavra sobre o tema da *admiratio* como uma das causas do riso, quando o fato é que na ausência da *admiratio* nunca é possível que o riso ocorra.”

Depois disso, o texto de *De ridiculis* se afasta por completo de qualquer definição do processo físico do riso. O mesmo processo acontece com o texto de Quintiliano. Porém, isso não se dá antes que ali Quintiliano estabeleça relações de aparência com o que vem a ser o riso (expressas nos parágrafos 6, 7, 8, 11, 19, 21 e 35). No sexto e sétimo parágrafos há, como em Cícero, uma construção predicativa que dá ao dito ridículo as qualidades de falso, distorcido e não lisonjeiro. Predicados que, embora se liguem aos gracejos e não especificamente ao ato de rir, podem dar uma pequena idéia da disposição de espírito de quem ri e dos motivos que o levam ao fato. Porém, quanto à definição em si, clara e inequívoca, Quintiliano (*De risu*, 6) é categórico:

“e segundo, vários são os juízos dos homens a seu respeito, porquanto ele não é entendido por algum princípio racional, mas por um certo movimento do ânimo que não sei se pode ser explicado.”

Este excerto, não obstante referir-se primeiro àquelas qualidades do dito ridículo (que é “quase sempre falso, geralmente distorcido e nunca enaltecedor”) remete também ao processo pelo qual o riso surge e que tem como um dos seus possíveis componentes provocadores (cf. Bergson, 1983) justamente o dito ridículo. Todavia, sobre o mecanismo que promove desde, neste caso, a fala ridícula proferida e a explosão do riso (seja em maior ou menor intensidade) Quintiliano afirma apenas desconhecer como isso ocorre, sobretudo porque, em suas palavras, não há nisso um princípio racional pelo qual ele possa ser entendido (cf. *De risu*, § 6). Depois, no oitavo parágrafo, há uma predicação semelhante àquela encontrada em *De oratore*: o ridículo é dito como algo leve. Já no parágrafo décimo primeiro, Quintiliano, se exime de explicar o processo pelo qual o riso nasce quando, dizendo não importar o que vem a ser o riso, prioriza o fato de que o riso está principalmente baseado na natureza e na ocasião, e isso se confirma quando, no decorrer do discurso, Quintiliano passa a tratar dos aspectos que envolvem a produção do riso por parte da natureza e da ocasião. Por outro lado, o retor se aproxima, no final do parágrafo dezenove, de uma explicação do que seria este processo que faz com que as pessoas soltem o riso. Ele explica, através de uma analogia, que o uso do riso por parte do orador é picante, um tempero do discurso, como o sal, que, posto na comida com a quantidade certa, dá-lhe um sabor característico, próprio; ou seja, realça-lhe o sabor. Depois disso, ao terminar o parágrafo, afirma, como resultado da analogia, que o uso do riso, moderado, por parte do orador causa naqueles que ouvem a sede de ouvir suas palavras. E é justamente este um dos momentos daquele processo: a expressão ridícula proferida proporciona uma reação no ouvinte. Para Quintiliano, o que importa é ressaltar a utilidade desse processo sinestésico na utilização da *urbanitas* por parte do orador. O desencadeamento de reações físicas provocadas por uma sensação é disparada quando “uma imperfeição individual ou coletiva pede correção imediata” (BERGSON, 1983: p. 69) a fim de sublinhar e reprimir “certa distração especial dos homens e dos acontecimentos” (*idem ibidem*), não são em *De risu* uma questão não importante, mas um processo cuja discussão não é necessária. Ao afirmar, no parágrafo 21, que o gracejo é tudo aquilo que é contrário ao que é sério, Quintiliano refere-se àquilo que se disse sobre os parágrafos 216 e 218 de *De ridiculis*. Do

não é pertinente a este discurso e, se o fosse, não me envergonharia todavia não saber o que também não sabem aqueles que isso prometem.

236 *Locus autem et regio quasi ridiculi – nam id proxime quaeritur – turpitudine et deformitate quadam continetur. Haec enim ridentur uel sola uel maxime, quae notant et designant turpitudinem aliquam non turpiter. Est autem, ut ad illud tertium veniam, est plane oratoris mouere risum: uel quod ipsa hilaritas beneuolentiam conciliat ei, per quem excitata est; uel quod admirantur omnes acumen, uno saepe in verbo positum, maxime respondentis, non numquam etiam lacescentis; uel quod frangit aduersarium, quod impedit, quod eleuat, quod deterret, quod refutat; uel quod ipsum oratorem politum esse hominem significat, quod eruditum, quod urbanum, maxime[que] quod tristitiam ac seueritatem mitigat et relaxat odiosasque res saepe, quas argumentis dilui non facile est, ioco risuque dissoluit.*

236 Quanto ao lugar onde encontrar o riso (pois em seguida, é isso que se pergunta), seu campo está limitado por alguma torpeza ou deformidade;¹⁶⁶ porque as coisas que fazem rir, de forma simples ou estridente, marcam e designam de maneira não torpe alguma torpeza.¹⁶⁷ Por outro lado, respondendo à terceira pergunta, é claramente próprio do orador provocar o riso; ou porque a própria hilaridade é benévola àquele que a desperta ou porque todos adoram uma agudeza contida, muitas vezes, numa palavra, sobretudo de quem responde, e às vezes também de quem ataca;¹⁶⁸ ou porque enfraquece o adversário; ou o constrange, diminui,¹⁶⁹ afugenta; ou porque o refuta; ou também, pode ser, porque mostra que o próprio orador é um homem polido, erudito, urbano; ou, sobretudo, porque muitas vezes mitiga e abranda a tristeza, a severidade e as coisas desagradáveis.¹⁷⁰ O gracejo e o riso dissolvem aquilo que não é fácil de ser diluído com argumentos.¹⁷¹

mesmo modo, portanto, que, no texto de Cícero, a definição não se completa, aqui igualmente seu autor também se exime de defini-la.

¹⁶⁶ O *locus* do riso é basicamente este: marcar uma torpeza ou deformidade ou imperfeição (*De ridiculis*, §§ 236, 273; *De risu*, § 8) ou os vícios dos corpos ou presentes na vida das pessoas (*De ridiculis*, §§ 238, 239, 273).

¹⁶⁷ Cf. Aristóteles, *Poética*, 1449 a 34 sg. (v. *De risu*, § 8 e nn.).

¹⁶⁸ Cf. § 230 e *Brutus*, 197.

¹⁶⁹ Cf. *Brutus*, 322.

¹⁷⁰ Cf. *De risu*, § 1º.

¹⁷¹ Resposta à terceira pergunta (v. § 235 e *De risu*, § 1º).

237 *Quatenus autem sint ridicula tractanda oratori, perquam diligenter uidendum est,— [id] quod in quarto loco quaerendi posueramus. Nam nec insignis improbitas et scelere iuncta nec rursus miseria insignis agitata ridetur: facinerosos [enim] maiore quadam ui quam ridiculi uulnerari uolunt; miseros inludi nolunt, nisi se forte iactant. Parcendum autem maxime est caritati hominum, ne temere in eos dicas qui diliguntur.*

237 (LIX) Por outro lado, até que ponto o ridículo deve ser tratado pelo orador é a quarta coisa que nos pusemos a perguntar, e isso deve ser tratado com grande atenção. Pois nem a infame perversidade associada ao crime nem a miséria extrema fazem rir. Com efeito, deseja-se que os facínoras sejam feridos com alguma força maior que o ridículo; e não se deseja que os miseráveis sejam escarnecidos, a não ser que sejam, por acaso, jactanciosos.¹⁷² Por outro lado, deve-se respeitar o máximo possível a afeição das pessoas, para que não digas temerariamente algo contra aqueles que são amados.

238 *Haec igitur adhibenda est primum in iocando moderatio. Itaque ea facillime luduntur, quae neque odio magno neque misericordia maxima digna sunt. Quam ob rem materies omnis ridiculorum est in eis uitiiis, quae sunt in uita hominum neque carorum neque calamitosorum neque eorum, qui ob facinus ad supplicium rapiendi uidentur; eaque belle agitata ridentur.*

238 Por conseguinte, essa moderação deve ser a primeira coisa a ser aplicada ao gracejar.¹⁷³ Assim, muito facilmente são ridicularizadas aquelas coisas que não são dignas nem de grande ódio nem de grande misericórdia. É por essa razão que toda a matéria do riso está naqueles vícios que se encontram na vida das pessoas que não são queridas nem desafortunadas e daquelas que por causa de seus crimes, parecem merecer sofrer. Esses vícios, explorados com graça, são risíveis.

¹⁷² V. Aristóteles, *Poética*, 1453a 1.

¹⁷³ Aqui e no parágrafo anterior, Cícero responde à quarta pergunta (v. § 235). A moderação ao usar o riso é um preceito amplamente defendido por ele e por Quintiliano. Em linhas gerais, ambos afirmam que o orador deve ter em conta as pessoas (§ 237), os lugares e os momentos (§ 221) ser discreto e usar de gracejos não típicos dos bufões ou dos mímicos (§§ 239, 238 e 247). Cícero chama o orador que obedece a esses quesitos de *faceto* (v. §§ 219, 228, 241, 285), termo relacionado àquele que define o tipo de humor adequado ao orador, a *facécia* (v. n. 1 e *De risu*, § 34).

239 *Est etiam deformitatis et corporis uitiorum satis bella materies ad iocandum; sed quaerimus idem, quod in ceteris rebus maxime quaerendum est, quatenus. In quo non modo illud praecipitur, ne quid insulse, sed etiam, si [quid] perridicule possis, uitandum est oratori utrumque, ne aut scurrilis iocus sit aut mimicus. Quae cuius modi sint facilius iam intellegemus, quom ad ipsa ridícolorum genera uenerimus. Duo sunt enim genera facetiarum, quorum alterum re tractatur, alterum dicto.*

239 Com efeito, é da deformidade e dos vícios dos corpos que surgem suficientemente belas matérias para gracejar.¹⁷⁴ Entretanto a respeito desse assunto perguntamos o mesmo que, nas demais coisas, se deve também perguntar: até que ponto e por qual modo isso é preceituado para que não só não digas algo insulso, mas também possas fazê-lo por meio do riso. Duas coisas devem ser evitadas pelo orador, a saber: que o gracejo não seja como o de um bufão¹⁷⁵ ou de um mímico.¹⁷⁶ Coisas cujos modos entenderemos melhor, quando chegarmos aos próprios gêneros do riso. Dois são, enfim, os gêneros de facécias¹⁷⁷: dos quais, um está relacionado ao assunto¹⁷⁸ e o outro aos ditos.¹⁷⁹

¹⁷⁴ V. § 236; Aristóteles, *Poética*, 1449 a 34 sg. e *De risu*, § 8.

¹⁷⁵ A bufonaria fazia parte de festas religiosas entre os gregos, como as Leneanas e as Antestérias. Nelas, eles ficavam em cima de carroças caçoando e provocando as pessoas que por ali passavam. Nos banquetes era bastante comum haver um bufão que divertia os convidados com paródias, imitações, caretas etc. em troca de comida. Por isso eram chamados, em Roma, de *parasitos*. Em Plauto (*Persa*) se encontra um bufão chamado Satrião que queria dar sua compilação de pilhérias como dote de sua filha (v. Minois, 2003: p. 55-59). Cícero adverte também em *Orator* (88) a que o orador não use o riso típico dos bufões e dos mimos. A asseveração para que o orador evite este riso reside em dois aspectos que estão presentes na atuação do bufão. Como diz Aristóteles, ele está ali nas festas para fazer outros rirem; ele é, portanto, o palhaço. Ora, não é este, em absoluto, o ῥθος desejado pelos oradores. Por outro lado, não é incomum que o exercício do bufão permita o uso de palavras chulas, rudes e que suas pilhérias se aproximem do linguajar do vulgo. Também disso o orador deve manter distância, pois também não condiz com o ῥθος desejado por quem quer produzir persuasão.

¹⁷⁶ Kelsey (1907: p.7) afirma que Cícero censurava o uso deste tipo de riso devido a sua agressão desnecessária e por ter a aparência de algo premeditado.

¹⁷⁷ No parágrafo 218, Cícero utiliza o termo *genera facetiarum* para compor um conjunto formado pelo gênero de facécia cavilação e o outro, mordacidade. Aqui o termo é repetido com outra acepção: os gêneros recebem os nomes de facécia de assunto e facécia de palavras. Dos primeiros chama-se cavilação o tipo de humor estendido pelo discurso e mordacidade aquele incisivo e breve. Destes, um está relacionado aos assuntos (às coisas, aos fatos) e o outro às palavras. Duas acepções diferentes para o mesmo termo entre as quais não podemos estabelecer uma relação parcial que seja. Além disso, Cícero faz outra divisão, desta vez tríplice, no parágrafo 248, onde indica novamente, mesmo que indiretamente, os *genera facetiarum* nos moldes dessa segunda acepção, adicionando, porém, uma terceira composta pelas já existentes facécia de assunto e de palavras. Importa demarcar que a descrição destes *genera facetiarum* de assunto e de palavras se completa entre os parágrafos 239 (este) e 247. No entanto, aquele editado depois do parágrafo 248 carece de uma organização correspondente à sua introdução. Explico: Cícero aponta três *genera facetiarum* no parágrafo 248: aqueles baseados nos assuntos, nas palavras, e um terceiro misto dos dois primeiros; ocorre, porém, que na descrição dos gêneros o próprio Cícero não distingue os dois últimos e os enumera seguidamente sem obedecer à sua primeira tripartição. Entre os §§

240 *Re, si quando quid tamquam aliqua fabella narratur, ut olim tu, Crasse, in Memmium, ‘comedis eum lacertum Largi’, quom esset cum eo Tarracinae de amricula rixatus: salsa, ac tamen a te ipso ficta [tota] narratio. Addidisti clausulam tota Tarracina tum omnibus in parietibus inscriptas fuisse litteras, tria L.L.L. duo M.M.; quom quaereres id quid esset, senem tibi quendam oppidanum dixisse: ‘lacerat lacertum Largi mordax Memmius.’*

240 O gênero de facécias de assunto se configura quando algo é contado na forma de anedota, como outrora fizeste, Crasso, ao discursar contra Mêmio¹⁸⁰ dizendo que ele mordera o braço de Lárquio¹⁸¹ quando tivera uma rixa com ele em Tarracina por causa de uma amiguinha. Picante. Mas, ela foi toda inventada por ti. E a ela acrescentaste este arremate: ‘Então, em todas as paredes de Tarracina foram escritas estas letras, três L.L.L. e dois M.M.’. E quando perguntaste a um velho da cidade o que isso significava, ele lhe respondeu: ‘Lacera o lacerto de Lárquio o mordaz Mêmio.’

241 *Perspicitis genus hoc quam sit facetum, quam elegans, quam oratorium, siue habeas uere quod narrare possis, quod tamen est mendaciunculis aspergendum, siue fingas. Est autem huius generis uirtus, ut ita facta demonstres, ut mores eius de quo narres, ut sermo, ut uultus omnes exprimantur, ut iis qui audiunt tum geri illa fierique uideantur.*

248–264 ele descreve os gêneros de facécias baseados nas palavras e os demais (os gêneros de assunto e/ou os gêneros de palavra e de assunto) jazem sem distinção de categoria entre os §§ 264–287. Assim, mesmo elencando os primeiros, a ausência de uma organização mais clara quanto ao segundo nos impossibilitou de verificar o enquadramento dos gêneros em uma ou outra categoria. Todas nossas tentativas nesse sentido resultaram se não confusas, ao menos discutíveis, pelo que preferi anotar estas discrepâncias, que à sua maneira ocorrem também no texto de Quintiliano.

¹⁷⁸ Prefiro traduzir *re tractatur* por “assunto” no lugar de “fato”, como fizeram algumas edições, por entender que o termo é mais abrangente e se adequa da melhor forma às nomenclaturas compostas, tais como facécia de assunto ou facécias baseadas em assuntos.

¹⁷⁹ Aqui especificamente, na denominação de gêneros, a palavra *dictum* é traduzida apenas por “dito”, diferentemente, portanto, de outros momentos em que se traduziu *dictum* por dito picante. Para facilitar a compreensão e a leitura resolvi transpor livremente a palavra do singular para plural.

¹⁸⁰ Caio Mêmio, tribuno da plebe em 111 a.e.c. e pretor por volta de 104. Foi, antes de morrer, candidato ao consulado. Mêmio era considerado um orador medíocre, mas mordaz (cf. Cícero, *Bruto* 247). Também apresentado por Salústio como um tribuno hostil à classe dos nobres (*Bellum Iugurthinum* 27 e 30).

¹⁸¹ Não se encontrou referências sobre esta personagem. Há certa dúvida em saber se seu nome era precisamente Lárquio ou Largo.

241 Percebeis quão faceto é este gênero, quão elegante, quanto ele é oratório, quando tens algo verdadeiro que possas narrar (que, porém, deve ser salpicado com algumas mentirinhas) ou quando o inventas. D’outra parte, esta é a virtude deste gênero: que demonstres os fatos de tal maneira que os costumes, a conversa e as feições das coisas que tu narras sejam representadas de tal modo que a todos aqueles que ouvem pareçam acontecer e ser feitas ali mesmo¹⁸².

242 *In re est item ridiculum, quod ex quadam deprauata imitatione sumi solet; ut idem Crassus: ‘per tuam nobilitatem, per uestram familiam!’ Quid aliud fuit in quo contio rideret, nisi illa uoltus et uocis imitatio? ‘Per tuas statuas!’ uero quom dixit et extento brachio paulum etiam de gestu addidit, uehementius risimus. Ex hoc genere est illa Rosciana imitatio senis: ‘tibi ego, Antipho, has sero’, inquit; senium est, cum audio. Atque ita est totum hoc ipso genere ridiculum, ut cautissime tractandum sit. Mimorum est enim et ethologorum, si nimia est, imitatio, sicut obscenitas. Orator surripiat oportet imitationem, ut is qui audiet cogitet plura quam uideat; praestet idem ingenuitatem et ruborem suum uerborum turpitudine et rerum obscenitate uitanda.*

242 Também há ridículo de assunto em coisas que costumam ser tiradas de certa distorção que há na imitação; como disse o próprio Crasso: ‘Por tua nobreza, por vossa família’. Por que outra coisa a platéia riu senão pela imitação feita com o rosto e com a voz? Então quando disse ‘Por tuas estátuas!’¹⁸³ e estendeu o braço fazendo também um pouco do gesto do adversário, rimos muitíssimo. Faz parte também deste gênero aquela imitação que Rócio fez de um ancião: ‘Para ti, *Antipho*, é que eu as planto’¹⁸⁴, disse. Quando ouço isso, parece a própria velhice a falar. Contudo, todo o ridículo neste gênero é tal que deve ser tratado com muito cuidado. A imitação excessiva assemelha-se à obscenidade dos mimos e dos imitadores.¹⁸⁵ Ao orador importa ocultar a imitação,

¹⁸² O recurso que consiste em narrar algo de tal modo que tudo o que tudo pareça acontecer no local onde o fato é contado chama-se *euidencia* e consta dos recursos da narrativa. Seu uso é preceituado por Quintiliano (IV, 2, 64; VI, 2, 32; VIII, 3, 61-62) e Cícero (*De oratore* II, 326-329).

¹⁸³ Há nessa frase talvez uma alusão a uma estátua de Lúcio Bruto alinhando-se com o braço estendido aos sete importadores romanos no Capitólio (cf. Leeman, *apud* Cícero, *Sobre el orador*, introducción, traducción y notas de José Javier Isso. Madrid: Editorial Gredos, 2002, p. 312, n. 235).

¹⁸⁴ Verso atribuído aos Sinefebos de Cecílio Estácio em imitação a Menandro (Cícero, *De Finibus* 1, 4). Em *De senectute* 24 e *Tusculanae disputationes* I, 31, Cícero atribui a Estácio versos semelhantes a esse.

¹⁸⁵ Denominados pelos gregos de ἡθολόγοι, estes imitadores de classe inferior saíam às ruas e aos teatros fazendo imitações burlescas.

para que aqueles que o ouvem cogitem mais do que vêem. É preciso que ele, o orador, mostre seu recato e pudor, e evite a torpeza das palavras e as coisas obscenas.

243 *Ergo haec duo genera sunt eius ridiculi, quod in re positum est; quae sunt propria perpetuarum facetiarum, in quibus describuntur hominum mores et ita effinguntur, ut, aut re narrata aliqua, quales sint intellegantur aut, imitatione breuiter iniecta in aliquo insigni ad inridendum uitio reperiantur.*

243 Portanto, esses são os dois gêneros daquele ridículo baseado no assunto, os quais pertencem às facécias contínuas. Neles os costumes das pessoas são descritos e são de tal modo representados, que, narrado algum fato, reconhece-se quais sejam eles ou, depois de feita brevemente uma imitação, ali se encontre algum vício marcante que nos leva à derrisão.

244 *In dicto autem ridiculum est id, quod uerbi aut sententiae quodam acumine mouetur. Sed ut in illo superiore genere uel narrationis uel imitationis uitanda est mimorum et ethologorum similitudo, sic in hoc ilis oratori dicacitas magno opere fugienda est. Qui igitur distinguemus a Crasso, a Catulo, a ceteris familiarem uestrum Granium aut Vargulam amicum meum? Non mehercule in mentem mihi quidem uenit: sunt enim dicaces; Granio quidem nemo dicacior. Hoc, opinor, primum, ne, quotiensquomque potuerit dictum dici, necesse habeamus dicere.*

244 Nos ditos, porém, o ridículo é provocado por alguma palavra ou frase provocante; mas como naquele gênero anterior, de anedota ou imitação, devem ser evitadas aquelas semelhantes às dos mimos e dos imitadores; assim como neste gênero a mordacidade típica do bufão também deve ser grandemente evitada pelo orador.¹⁸⁶ Por que distinguiremos de Crasso, de Cátulo e dos demais, vosso amigo Grânio¹⁸⁷ ou Várgula,¹⁸⁸ amigo meu? Não, por Hércules, isso nem me passa pela mente. São decerto

¹⁸⁶ Quintiliano também assim orienta em *De risu*, § 29.

¹⁸⁷ Quinto Grânio, amigo de Crasso e pregoeiro público. Conhecidíssimo pelo humor ácido, do qual alguns exemplos são contados por Lucílio, 411 M (cf. Cícero, *Ad Familiares* IX, 2; *Brutus* 160 e 172).

¹⁸⁸ Personagem desconhecido.

mordazes. Ninguém é mais mordaz do que Grânio. Esta é, em primeiro lugar, minha opinião: não consideremos necessário dizer um dito picante todas as vezes que ele puder ser dito.

245 *Pusillus testis processit. 'Licet' inquit 'rogare?' Philippus. Tum quaesitor properans 'modo breuiter.' Hic ille: 'non accusabis: perpusillum rogabo'. Ridicule. Sed sedebat iudex L. Aurifex breuior ipse quam testis etiam: omnis est conversus risus in iudicem; uisum est totum scurrile ridiculum. Ergo haec, quae cadere possunt in quos nolis, quamuis sint bella, sunt tamen ipso genere scurrilia.*

245 Uma testemunha muito pequena se aproxima e Filipe pergunta: “Posso interrogá-lo?”. Então o presidente do tribunal, que tinha pressa, respondeu: “Apenas brevemente”¹⁸⁹. Ao que respondeu Filipe: “Não terás do que me repreender: farei uma pergunta bem pequena”. Ridículo. Mas ali estava sentado como juiz *L. Aurifex*,¹⁹⁰ que era menor que a própria testemunha. Com isso o riso se voltou contra ele e este fato ridículo se assemelhou totalmente ao de um bufão. Portanto são, pelo próprio gênero, típicos dos bufões todos os gracejos que, embora elegantes, possam cair sobre aqueles que não queremos.

246 *Vt iste, qui se uolt dicacem et mehercule est, Appius – sed non numquam in hoc uitium scurrile delabitur – : 'Cenabo' inquit 'apud te,' huic lusco familiari meo, C. Sextio, 'uni enim locum esse uideo.' Est hoc scurrile, et quod sine causa lacessiuit et*

¹⁸⁹ No período *Pusillus testis processit. 'Licet' inquit 'rogare?' Philippus. Tum quaesitor properans 'modo breuiter.' Hic ille: 'non accusabis: perpusillum rogabo'*, a palavra *pusillus* refere a imagem da testemunha de pequena estatura que adentrava ao tribunal para prestar depoimento. A cena fica ridícula quando Filipo, depois de perguntar se poderia interrogar a testemunha e ter obtido a permissão com a condição de que fosse breve, afirma que perguntaria bem pouco. Ocorre que *perpusillum* funciona não só como complemento circunstancial de *rogabo*, mas também como um complemento verbal (acusativo) na forma de adjetivo (concordando com o nome subentendido na ambigüidade *quaesitum*, i.e., pergunta). Assim, o ridículo se faz ali pela ambigüidade da palavra *perpusillum* em referência à imagem da testemunha de baixa estatura. Em português, preferi compensar a tradução utilizando “farei uma pergunta” para traduzir *rogabo* e “bem pequena” para *perpusillum*, para que já no texto essa ambigüidade ficasse mais clara do que se tivesse traduzido o trecho por “perguntarei bem pouco”.

¹⁹⁰ *L. Aurifex*: personagem desconhecido. Não havendo vocábulo correspondente em português nos dicionários, preferi manter a escrita latina do nome do juiz.

tamen id dixit, quod in omnis luscis conueniret. Ea minus, quia meditata putantur esse, ridentur. Illud egregium Sexti et ex tempore: 'Manus laua', inquit, 'et cena.'

246 Como Ápio¹⁹¹, que deseja ser mordaz e, por Hércules, o é. No entanto, ele escorrega às vezes neste vício próprio do bufão: 'Jantarei na tua casa – disse ele a Caio Séxtio,¹⁹² um amigo íntimo meu, que é cego de um olho –, pois vejo que há lugar para um.'¹⁹³ Esse dito é típico de um bufão, não só porque agride sem causa, como também isso que ele disse seria aplicável a todos aqueles que vêem só de um olho. Essas coisas, por serem consideradas premeditadas, são menos risíveis. Por outro lado, a resposta de Sexto foi, ela sim, brilhante e oportuna: 'Lava as mãos – disse –, e janta.'¹⁹⁴

247 *Temporis igitur ratio et ipsius dicacitatis moderatio et temperantia oratorem et raritas dictorum distinguunt a scurra, et quod nos cum causa dicimus, non ut ridiculi uideamur, sed ut proficiamus aliquid, illi totum diem et sine causa. Quid enim est Vargula adsecutus, cum eum candidatus A. Sempronius cum M. fratre suo complexus esset: 'puer, abige muscas?' Risum quaesiuit, qui est mea sententia uel tenuissimus ingeni fructus. Tempus igitur dicendi prudentia et grauitate moderabimur; quarum utinam artem aliquam haberemus! sed domina natura est.*

¹⁹¹ Não se sabe ao certo quem vem a ser este Ápio. Tanto é possível que ele seja o mesmo citado no § 284, o *Appius maior*, como que se trate de Cláudio Pulcro Ápio, pretor em 89 a.e.c., cônsul em 79 a.e.c. e pai de Clódio, inimigo de Cícero (cf. *Ad Att.* 2, 21, 6), ou mesmo Cláudio Ápio, cônsul substituto em 130. As referências não são precisas e algumas edições chegam a afirmar que a personagem é totalmente desconhecida.

¹⁹² Também não encontramos referências seguras sobre a identidade desta personagem. Ainda que Cícero se refira em *Brutus* (§ 130) a um claudicante Caio Séxtio Calvino, a correspondência não se confirma, seja porque aquele é manco e este vê só de um olho, seja porque as referências históricas não confirmam se tratar da mesma pessoa.

¹⁹³ Algumas edições apontam que os pares dessa ambigüidade são as palavras *olho* e *hóspede* antecedidas pelo artigo indefinido "um". Concordamos que há ali uma ambigüidade, mas não que ela se dê entre tais palavras. Na verdade o par que forma este processo ridículo de gosto extremamente duvidoso é a palavra *hóspede* e o fato de o anfitrião ver apenas com um olho. Assim, Ápio foi ambíguo ao dizer que havia lugar para um como se fosse Caio Séxtio a falar, configurando-se assim um processo em que a ambigüidade se forma com maior complexidade, entre uma palavra (*uni locum*) e um assunto (o fato de Caio Séxtio ser cego de um olho representado por Ápio).

¹⁹⁴ Esta expressão, "Lava as mãos", era usada para conotar que determinada pessoa não era honesta ou havia praticado algum crime. Como não sabemos ao certo quem era esta personagem Ápio, desconhecemos também que incorreção haveria em seu caráter passível desta sutil censura asseverada por Sextio. Talvez não fosse necessário que Sexto mandasse que ele lavasse as mãos, e que só tenha feito isso para responder com sutileza à provocação de Ápio.

247 Portanto a atenção ao tempo, a moderação e temperança no uso da mordacidade e a raridade dos ditos picantes distinguem o orador do bufão. E o que nós oradores dizemos com causa, não para visarmos o ridículo, mas para fazer bom proveito de algo, os bufões fazem, sem motivo, todos os dias. O que, com efeito, obteve Várgula¹⁹⁵ quando disse ao candidato A. Semprônio,¹⁹⁶ que viera com seu irmão Marco e o abraçara: ‘Moço¹⁹⁷, espante as moscas’? Buscou o riso, que é, a meu ver, o fruto mais fútil do engenho. Em suma, temperaremos o tempo de dizer com a prudência e a discrição. Oxalá disso derivasse alguma arte! Mas, é a natureza a sua mestra.

248 (LXI) *Nunc exponamus genera ipsa summatim, quae risum maxime moueant. Haec igitur sit prima partitio: quod facete dicatur, id alias in re habere, alias in uerbo facetias; maxime autem homines delectari, si quando risus coniuncte re uerboque moueatur. Sed hoc mementote, quoscumque locos attingam, unde ridicula ducantur, ex eisdem locis fere etiam grauis sententias posse duci. Tantum interest, quod grauitas honestis in rebus seuerisque, iocus in turpiculis et quasi deformibus ponitur; uelut isdem uerbis et laudare frugi seruum possimus et, si est nequam, iocari. Ridiculum est illud Neronianum uetus in furaci seruo: ‘solum esse, cui domi nihil sit nec obsignatum nec occlusum’; quod idem in bono seruo dici solet.*

248 Agora exporemos sucintamente os gêneros que provocam grandemente o riso.¹⁹⁸ Portanto, seja esta a primeira partição: aquilo que é dito facetamente encontra-se tanto nos assuntos quanto nos ditos e, por outro lado, os homens deleitam-se imensamente se o riso é provocado conjuntamente pelo assunto e pelos ditos.¹⁹⁹ Mas lembrai-vos disto:

¹⁹⁵ Não encontramos referências sobre este personagem, que ao que parece é o mesmo do § 244.

¹⁹⁶ Aulo Semprônio. Tito Lívio (XLV, 13) faz referência a um dos Semprônios que tinha um cognome Musca, a cuja *gens* Aulo e Marco pertenciam. O nome da família é homônimo da palavra latina mosca, daí Várgula ter mandado o moço (servo) espantar os insetos depois que Aulo Semprônio e o irmão Marco dele se aproximaram.

¹⁹⁷ A saber: o servo, o escravo.

¹⁹⁸ Inicia aqui e se estende até o parágrafo 287 a descrição desses gêneros de facécias seguidos de exemplos. Trata-se da resposta à última pergunta (“Quais são os gêneros do riso?”, cf. § 235). V. § 239.

¹⁹⁹ Cícero estabelece aqui uma tripartição: as facécias baseadas nos assuntos, aquelas baseadas nas palavras e, por último, as baseadas tanto nos assuntos quanto nas palavras. Quintiliano faz partição semelhante nos §§ 248 e 252 (o último relembrando o primeiro) de *De risu*. No entanto, no § 57 o retor aponta outra aceção para este terceiro gênero disposto aqui por Cícero, a facécia baseada nos assuntos e nas palavras (*maxime autem homines delectari, si quando risus coniuncte re uerboque moueatur*), que para ele, Cícero, consiste na simultaneidade. Lá, Quintiliano utiliza o verbo *traho*, *-is*, *-axi*, *-actum*, *-ahere* (tirar, puxar, extrair, fazer sair) associado à palavra *uis*, *uis* (força) que está no ablativo, denotando a idéia

de qualquer consideração que eu trate, de onde o riso pode ser tirado, dessa mesma consideração podem ser construídos, em geral, os discursos sérios. Interessa saber que a gravidade se encontra nas coisas sérias e honestas e o gracejo naquilo que é quase feio e algo deformado; tal como, com as mesmas palavras, podemos louvar um servo que tem bom procedimento e caçoar dele, se assim não se comporta. Há aquela estória antiga e ridícula neroniana²⁰⁰ sobre um servo ladrão: ‘Ele é o único em casa a quem nada fica escondido ou trancado.’²⁰¹ Isso se costuma dizer também de um servo bom.

249 *Sed hoc eisdem etiam uerbis; ex eisdem autem locis nascuntur omnia. Nam quod Sp. Caruilio grauiter claudicanti ex uolnere ob rem publicam accepto et ob eam causam uerecundanti in publicum prodire mater dixit: “quin prodis, mi Spuri? Quotienscumque gradum facies, totiens tibi tuarum uirtutum ueniat in mentem”, praeclarum et graue est; quod Caluino Glaucia claudicanti ‘ubi est uetus illud: num claudicat? At hic clodicat’, Hoc ridiculum est; et utrumque ex eo, quod in claudicatione animaduerti potuit, est ductum. ‘Quid hoc Naeuio ignauius?’ seuerare Scipio; at in male olentem: ‘Video me a te circumueniri’ subridicule Philippus. At utrumque genus continet uerbi ad litteram immutati similitudo.*

249 Por outro lado, são das mesmas palavras e dos mesmos lugares que nascem todas as coisas. Vede: por ter recebido um ferimento por causa da república, *Spurio Caruilius*²⁰² manquejava gravemente e por essa causa tinha vergonha de andar em

de algo que é extraído ou até mesmo arrancado de algum lugar. Nesse caso, as palavras extraídas da força dos assuntos (cf.: *Acriora igitur sunt et elegantiora quae trahuntur ex ui rerum*).

²⁰⁰ Caio Cláudio Nero, venceu Asdrúbal na batalha de Menauro durante a Segunda Guerra Púnica. Em 207 a.e.c. foi cônsul com Lívio Salinador, de quem fora antigo inimigo.

²⁰¹ Quintiliano cita a mesma anedota em *De risu*, § 50. O retor o apresenta como exemplo de ridículo nascido da multiplicidade e oposição de significados das palavras. Segundo o teor da última parte do parágrafo, o processo por que surge este exemplo parece ser o mesmo apresentado em *De risu*.

²⁰² Personagem incerto: Trata-se de Espúrio Carvílio Máximo, cônsul em 293 e 272 a.e.c. com Lúcio Papírio Cursor ou Espúrio Carvílio Máximo Ruga, cônsul em 234 a.e.c. ou Espúrio Carvílio, liberto de Carvílio Ruga, que, segundo Plutarco, foi o primeiro a abrir uma escola de gramática em Roma. Demais, a identificação desta personagem não é consensual, algumas edições apontam como provável o primeiro, outras o segundo e há edições que não indicam quem vem a ser este *Spurius*. Quanto à tradução, em português *Spurius* se escreve Espúrio. Ora, em nosso idioma este nome está ligado ao adjetivo “espúrio” que significa “adulterado”, “ilegítimo”, “falso” etc. Por isso, independentemente da origem do nome, preferi manter a grafia latina da palavra (*Spurius*) porque no parágrafo em questão o nome carrega um caráter de virtude (um herói de guerra com marcas de batalhas no corpo), o que não condiz com a grafia portuguesa, que, se fosse utilizada, poderia descaracterizar o personagem dentro do contexto do texto.

público. Sua mãe então perguntou: ‘Por que não saís, *Spurio*²⁰³ querido? Quantas vezes deres um passo, tantas vezes tuas virtudes te virão à mente’. Isso é grandioso e sério. Mas somente aquilo que Gláucia²⁰⁴ disse a Calvino,²⁰⁵ que também manquejava, é ridículo: ‘Onde está aquele velho dito: Acaso claudica? Este clodica.’²⁰⁶ Tanto um como outro advém do mesmo mote: o que pode ser considerado no fato de alguém manquejar. ‘O que há de mais ignavo do que este Névio?’²⁰⁷ disse Cipião, com severidade;²⁰⁸ já Filipe disse de um modo um tanto ridículo a um homem que cheirava mal: ‘Vejo que estou embodegado por ti.’²⁰⁹ A semelhança das palavras abrange um e outro gênero, às vezes mudando-se apenas uma letra.²¹⁰

250 *Ex ambiguo dicta uel argutissima putantur, sed non semper in ioco, saepe etiam in grauitate uersantur. Africano illi superiori coronam sibi in conuiuio ad caput accommodanti, quom ea saepius rumperetur, P. Licinius Varus: ‘Noli mirari, inquit “si non conuenit; caput enim magnum est”; et laudabile et honestum. At ex eodem genere est: ‘Caluo satis est, quod dicit parum’. Ne multa: nullum genus est ioci, quo non ex eodem seuera et grauia sumantur.*

²⁰³ Idem.

²⁰⁴ Caio Servílio Gláucia, provavelmente tribuno da plebe em 101 a.e.c. e seguidor de Saturnino e Mário. Segundo Cícero (*Brutus*, § 224) ele foi “... desde o nascimento (...) o mais ímprobo dentre os homens, porém entre os principais foi o mais arguto, cáldico e ridículo” */longe aut em post natos homines improbissimus C. Servilius Glaucia, sed peracutus et callidus cum primisque ridiculus/* (cf. Smith, 1867: v. 2, p. 272).

²⁰⁵ Provavelmente, Caio Séxtio Calvino. V. nota 192.

²⁰⁶ Referência ao registro lingüístico do vulgo: clodica no lugar de claudica (o “o” em lugar de “au”). O termo possui na acepção política uma conotação de falta de firmeza em opiniões e decisões.

²⁰⁷ Alguns manuscritos trazem *ignauius* e outro *ignaus*. Aqui o jogo de palavras é claro: o nome *Naeuius* se confunde pelo som com o adjetivo *ignauus*, potencializando a censura ao comportamento de Névio.

²⁰⁸ Não há referências precisas sobre quem são estes Névio e Cipião. Quanto ao primeiro, trata-se possivelmente do poeta Gneu Névio (270–201 a.e.c. aprox.), nascido em Cápua e que lutou na Primeira Guerra Púnica e já conhecido em Roma em 235 a.e.c. ou de Marco Névio, tribuno em 184 a.e.c. Quanto a Cipião, trata-se provavelmente de Públio Cornélio Cipião Africano (*Maior*), que derrotou Aníbal em Zama (202 a.e.c.), pondo fim à Segunda Guerra Púnica. Aulio Gélíio afirma que este último Névio escreveu alguns versos ridicularizando Públio Cipião (*Noites Áticas VIII*), o que faz supor, mas incertamente, que o Névio citado pelo texto seja este último: Marco Névio.

²⁰⁹ O verbo *circumueniri* embute sons que causam o riso pela paronomásia. Nele se encontram, pelo som, as palavras *circum* (preposição ou advérbio: ao redor, em volta, em torno de), *hircus* (bode, cabra), e *ueniri* (entre outras acepções, vir a ser, estar exposto, estar em uma determinada situação). Estes termos juntos e somados à circunstância do homem que cheirava mal dão a entender que, metaforicamente, Filipo estava cercado por um bode, que exalava seu cheiro característico. Em minha tradução tentei solucionar a questão por meio do verbo embodegar, derivado da palavra bodega que tem, entre outras acepções, o significado de “tornar uma bodega”, ou seja, “emporcalhar”, “sujar” e, por extensão, cheirar mal, embodear. Reconheço se tratar de um arranjo insuficiente, no entanto a escolha reproduz ao menos uma parte do efeito que aquela paronomásia produziu no original.

²¹⁰ Ao que parece, a ocorrência do o termo *similitudo* (complementado por *uerbi*) está ligada ao fenômeno da paronomásia, apresentada e anotada no § 256.

250 As ditos derivados da ambigüidade²¹¹ são consideradas particularmente muito argutas, mas sua versatilidade não se dá sempre nos gracejos, mas sim muitas vezes nos assuntos graves. O primeiro Africano tentava acomodar, num banquete, uma guirlanda na cabeça; e como ela se rompesse com freqüência, P. Licínio Varo²¹² disse-lhe: ‘Não é de se admirar se não serve: na verdade a cabeça é grande.’²¹³ Palavras tão enaltecidas quanto honestas. Porém, do mesmo gênero temos esta outra: ‘É suficiente para Calvo, que fala pouco.’²¹⁴ Em suma, nenhum gênero de gracejo há que dele não se tomem coisas graves e severas.

251 *Atque hoc etiam animaduertendum est, non esse omnia ridicula faceta. Quid enim potest esse tam ridiculum quam sannio est? Sed ore, uoltu, [imitandis moribus,] uoce, denique corpore ridetur ipso. Salsum hunc possum dicere atque ita, non ut eius modi oratorem esse uelim, sed ut mimum. (LXII) Quare primum genus hoc, quod risum uel maxime mouet, non est nostrum: morosum, superstitiosum, suspiciosum, gloriosum, stultum: naturae ridentur ipsae; quas personas agitare solemus, non sustinere.*

251 E isto devo assegurar: nem todas as coisas ridículas são facetas. O que, com efeito, pode ser tão ridículo quanto o farsista?²¹⁵ Ora, com a boca, com o rosto, com a voz e, por fim, com o próprio corpo (a fim de imitar os costumes) ele faz rir. Posso dizer que ele é picante, mas não na medida em que espero adequada a um orador,²¹⁶ e sim para um comediante. O que há neste primeiro gênero, que provoca o riso ao máximo,

²¹¹ V. *De risu* (§§ 47–49 e nn.). Cícero cita o uso da ambigüidade em outros lugares, tais como *Orator* (121), *De partitōne oratoria* (108, 138), *De inuentione* (I, 17, 88; II, 116–119, 142, 147), *Topica* (96).

²¹² Públio Lucínio Varo. Edil Curul em 210 a.e.c. e cônsul em 208 a.e.c.

²¹³ As palavras *magnum* e *caput* remetem à posição de destaque de Africano (Públio Cornélio Cipião Africano *Maior*, que derrotou Aníbal em Zama em 202 a.e.c.), daí o tom elogioso da fala. Talvez hoje esse não fosse um elogio muito apropriado, seria até inconveniente e ofensivo.

²¹⁴ Trata-se provavelmente de Públio Licínio Calvo (IV–III a.e.c.) ou de Gneu Cornélio Cipião Calvo, tio de Cipião Africano ou de Marco Cecílio Metelo Calvo, cônsul em 142. No trecho anotado, encontramos ambigüidade em *Caluo*, que pode vir a ser adjetivo ou cognome de família e em *est* que pode ser o ver “ser” ou “comer”; daí teríamos “Calvo come o suficiente porque fala pouco” ou, como deixamos no texto, “É suficiente para Calvo, porque ele diz pouco”. Embora nossa escolha requeira um contexto que deva ser criado por quem lê (Calvo quer dizer quem tem pouco cabelo, Calvo prefere falar e ouvir pouco porque é de poucas palavras etc.), mantive aquela tradução porque nesse exercício a riqueza da ambigüidade é maior do que a definição que há na primeira opção. Optando por isso, percebi que obedeceria mais à intenção do texto, que é indicar a ambigüidade.

²¹⁵ Tipo de personagem grotesco.

²¹⁶ Em *De officiis* (I, 104), Cícero diz que dois são os gêneros de gracejar: um deles é deseducado, petulante, torpe, obsceno; o outro é elegante, urbano, engenhoso, facetoso.

não é nosso. O rabugento, o supersticioso, o desconfiado e glorioso e o estulto são por si só naturalmente risíveis. Nós costumamos censurar essas pessoas, e não representá-las.

252 *Alterum genus est in imitatione admodum ridiculum; sed nobis tantum licet furtim uti, si quando, et cursim; aliter enim minime est liberale. Tertium, oris deprauatio, non digna nobis. Quartum, obscenitas, non solum non foro digna, sed uix conuiuii liberorum. Detractis igitur tot rebus ex hoc oratorio loco facetiae reliquae sunt, quae aut in re, ut ante diuisi, positae uidentur esse aut in uerbo. Nam quod, quibuscumque uerbis dixeris, facetum tamen est, re continetur; quod mutatis uerbis salem amittit, in uerbis habet leporem omnem.*

252 Outro gênero bastante risível é a imitação. No entanto, podemos utilizá-la furtivamente ou às vezes de passagem. De outra maneira, não é sequer de bom tom. Um terceiro gênero, de caretas, não nos é digno. Um quarto, obscenidades, não só não é digno de dizer no foro, mas coisa apenas de festas liberais.²¹⁷ Subtraídas portanto tantas coisas deste lugar oratório, restam os gracejos que podem ser colocados tanto nas coisas como na palavra, conforme dividi antes; pois o que é faceto, seja qual for a palavra que disseres, está ainda assim contido no assunto. Aquilo que depois de mudadas as palavras perde a graça tem, nas palavras, toda a beleza.

253 *Ambigua sunt in primis acuta atque in uerbo posita, non in re. Sed non saepe magnum risum mouent; magis ut belle, ut litterate dicta laudantur: ut in illum Titium, qui cum studiose pila luderet et idem signa sacra noctu frangere putaretur gregalesque eum, cum in campum non uenisset, requirerent, excusauit Vespa Terentius, quod eum ‘bracchium fregisse’ diceret; ut illud Africani, quod est apud Lucilium: Quid Decius? Nuculam an confixum uis facere? inquit;*

253 Os ditos ambíguos são, em primeiro lugar, agudos e estão baseados na palavra e não em um assunto. Contudo eles muitas vezes não provocam grande riso. Eles, na verdade, são apreciados como ditos expressos com graça e elegância. Um exemplo disso

²¹⁷ Cf. *De officiis* I,144.

é aquilo dito sobre Tício,²¹⁸ que gostava muito de jogar bola e de quem se suspeitava que quebrasse, à noite, algumas estátuas sagradas. Um dia, como não viesse ao campo, seus amigos lamentavam sua falta. Então Vespa Terêncio²¹⁹ o escusou dizendo que Tício tinha quebrado um braço.²²⁰ Outro exemplo é o que disse Africano, citado por Lucílio: ‘Que, Décio? Acaso queres traspassar Núcula?’

254 *ut tuus amicus, Crasse, Granius, "non esse sextantis." Et si quaeritis, is, qui appellatur dicax, hoc genere maxime excellet; sed risum mouent alia maiorem. Ambiguum per se ipsum probatur id quidem, ut ante dixi, uel maxime; ingeniosi enim uidetur uim uerbi in aliud, atque ceteri accipiant, posse ducere; sed admirationem magis quam risum mouet, nisi si quando incidit in aliud quoque genus ridiculi.*

254 Como disse o teu amigo Grânio,²²¹ Crasso: ‘Não vale meia libra.’²²² E se perguntais, ele, que é chamado mordaz, excede em muito neste gênero. Porém outras coisas provocam maior riso. Como disse antes, o ambíguo por si mesmo é reconhecido certamente como o máximo;²²³ e parece, com efeito, que é próprio daquele dotado de engenho poder aplicar a força de uma palavra em um sentido diferente do que as demais pessoas entendem. Porém, isso provoca mais admiração do que riso, a não ser quando também incide em outro gênero de ridículo.

255 (LXIII) *Quae genera percurram equidem. Sed scitis esse notissimum ridiculi genus, cum aliud exspectamus, aliud dicitur; hic nobismet ipsis noster error risum mouet. Quod si admixtum est etiam ambiguum, fit salsius; ut apud Nouium uidetur esse misericors ille, qui iudicatum duci uidet: percontatur ita: ‘Quanti addictus?’ ‘Mille nummum.’ Si addidisset tantummodo ‘Ducas licet,’ esset illud genus ridiculi praeter expectationem; sed quia addidit: ‘nihil addo, ducas licet,’ addito ambiguo [altero*

²¹⁸ Tribuno da plebe em 99 a.e.c. Talvez este Tício seja aquele comentado por Cícero como um homem eloqüente e agudo, mas que se mostrava risível por causa dos gestos físicos.

²¹⁹ Desconhecido.

²²⁰ *bracchium fregisse*: A ambigüidade reside na dúvida se Tício quebrou o próprio braço ou o de uma estátua.

²²¹ O mesmo do § 244.

²²² Moeda do valor da sexta parte de um asse. Seu peso: duas onças, ou seja, entre 48 e 66 gramas.

²²³ Cf. § 250.

genere ridiculi] fuit, ut mihi quidem uidetur, salsissimus. Hoc tum est uenustissimum, quom in altercatione arripitur ab aduersario uerbum et ex eo, ut a Catulo in Philippum, in eum ipsum aliquid, qui lacessiuit, infligitur.

255 Gênero este que por certo percorrerei. Mas sabeis de um conhecidíssimo gênero de ridículo que é dizerem uma coisa, quando esperamos outra. Aqui o nosso próprio erro faz-nos rir. E se a ele se misturar alguma ambigüidade, o efeito é mais engraçado ainda; como em Nôvio,²²⁴ onde parece ser misericordioso aquele que vendo ser conduzido um adjudicado, pergunta: ‘Por quanto foi adjudicado?’ – ‘Por mil sestércios’. Mas se ali tivesse somente acrescentado ‘Podes levá-lo, se quiseres’ a frase seria do gênero do riso que surge contra o que se espera. Porém, como ajuntou ‘Nada acrescento, podes levá-lo’, adicionando assim o ambíguo (outro gênero de riso) foi isso, para mim, muito mais engraçado.²²⁵ Este tipo de gracejo é muito venusto, quando, numa alteração, uma palavra é tomada do adversário e com ela, como fez Cátulo contra Filipe,²²⁶ inflige-se aquele próprio que atacou primeiro.

256 *Sed quom plura sint ambigui genera, de quibus est doctrina quaedam subtilior, attendere et aucupari uerba oportebit; in quo, ut ea, quae sint frigidiora, uitemus – est enim cauendum, ne arcessitum dictum putetur –, permulta tamen acute dicemus. Alterum genus est quod habet paruam uerbi immutationem, quod in littera positum Graeci uocant παρονομασίαν, ut ‘Nobiliorem mobiliorem’ Cato; aut, ut idem, quom cuidam dixisset: ‘eamus deambulatum’ et ille: ‘quid opus fuit de?’ ‘Immo uero’ inquit ‘quid opus fuit te?’ aut eiusdem responsio illa: ‘Si tu et aduersus et auersus impudicus es.’*

256 No entanto, como muitos são os gêneros de ambigüidade, dos quais existe uma doutrina muito sutil²²⁷, convém estar atento e caçar as palavras para censurar; /processo/ em que diremos muitas coisas de forma aguda, ainda que evitemos aquelas palavras

²²⁴ Autor das atelanas – gênero teatral originário da Campânia, de caráter cômico e que se aproxima da farsa – contemporâneo da época de *De oratore* (cf. Bardon, 1956: p. 164). Chegaram até nós quarenta e quatro títulos e fragmentos. O trecho em referência se situa no 115 R(3).

²²⁵ A saber, ‘*nihil addo uerborum ou pecuniae*. Provavelmente o personagem quis dizer: “Está muito caro. Leve-o tu.”

²²⁶ Cf. § 220.

²²⁷ V. Livro II, 111.

mais frias (com efeito, é preciso tomar cuidado para que não se pense que a palavra está fora do propósito). Outro gênero é aquele que possui uma pequena alteração das palavras, variando, às vezes, uma só letra, e que os gregos chamam de *παρονομασία* (paronomásia);²²⁸ como faz Catão, que chama [Fúlvio] Nobilior de Mobilior;²²⁹ ou, quando o próprio Catão, como dissesse a alguém ‘Vamos passear’ e esse alguém lhe respondesse ‘Que falta isso me faz?’ retorquiu: ‘É mesmo. Que falta tu me fazes?’²³⁰ Ou aquela resposta do mesmo: ‘Se estás atrás ou na frente, és um sem vergonha do mesmo jeito’.

257 *Etiam interpretatio nominis habet acumen, quom ad ridiculum conuertas quam ob rem ita quis uocetur; ut ego nuper: Nummum diuisorem, ut Neoptolemum ad Troiam, sic illum in campo Martio nomen inuenisse. (LXIV) atque haec omnia uerbo continentur. Saepe etiam uersus facete interponitur, uel ut est uel paululum immutatus, aut aliqua pars uersus; ut Stati a Scauro stomachante – ex quo sunt non nulli qui tuam legem de ciuitate natam, Crasse, dicant –: st, tacete, quid hoc clamoris? quibus nec mater nec pater, tanta confidentia? Auferte istam enim superbiam. Nam in Caelio sane etiam ad causam utile fuit tuum illud, Antoni, quom ille a se pecuniam profectam diceret testis et haberet filium delicationem, abeunte iam illo, sentin’ senem esse tactum trigintá minis?*

257 A interpretação do nome também possui a sua agudeza, quando convertes em riso o porquê se chama alguém daquele jeito; como eu mesmo disse recentemente a respeito de Nímio, o comprador de votos, que, como Neoptólemo próximo à Tróia, achou seu nome no campo de Marte.²³¹ Todas essas coisas estão sustentadas na palavra.

²²⁸ Quintiliano não somente acolhe este gênero, como também apresenta no § 55 de *De risu* uma interessante e divertida enumeração de ditos picantes disparados contra Verres (v. *De risu*, §§ 53–55).

²²⁹ Provavelmente Marco Fúlvio Nobilior, cônsul em 189 a.e.c. Supostamente, Catão censura a demasiada afeição de Fúlvio Nobilior à cultura grega (Cícero, *Brutus*. 79) e em sua demasiada liberalidade de honras militares (cf. Aulo Gélíio V, 6, 24; Bardon, 1956: pp. 32–33).

²³⁰ Se no original a troca de letras transpôs a palavra de complemento circunstancial para verbal, o mesmo não pude fazer em português. Por isso tentei dirimir a perda, transpondo os pronomes “isso” e “tu” mantendo a mesma função sintática.

²³¹ Semelhantemente a Neoptólemo, filho de Aquiles, que recebeu este nome por ter participado da guerra de Tróia quando era muito jovem, Nímio angariou esta alcunha porque era um *diuisor*, um alborcador de votos (i.e., alguém que pagava os eleitores para que votassem em determinado candidato) e seu nome coincidia com a palavra latina para dinheiro, *numus*.

Muitas vezes também um verso é interposto gracejosamente²³² (ora como o é, ora com uma pequena mudança) ou alguma parte de um verso, como aquele de Estácio²³³, pronunciado por Escauro²³⁴, que estava indignado; donde, dizem alguns, Crasso, nasceu tua lei sobre a cidade:²³⁵

‘Silêncio, calem-se, por que esta gritaria?’ ‘Naqueles que não tem pai nem mãe tanta arrogância?’ ‘Deixai já essa soberba de lado.’²³⁶

Ora, sobre Célio,²³⁷ perfeitamente útil à causa foi aquele verso teu, Antônio (quando aquela testemunha dissera que provera o dinheiro do próprio bolso e tinha um filho muito libertino); tendo ele já saído, disseste:

‘Não te ressentas de ter tomado trinta minas de um velho?’²³⁸

258 *In hoc genus coniciuntur etiam prouerbia; ut illud Scipionis, cum Asellus omnis se prouincias stipendia merentem peragrasse gloriaretur: ‘agas asellum’ et cetera. Quare ea quoque, quoniam mutatis uerbis non possunt retinere eandem uenustatem, non in re, sed in uerbis posita ducantur.*

258 A este gênero ajuntam-se também os provérbios, como fez Cipião em resposta a Aselo que se gloriava merecedor de estipêndios porque percorrera todas as províncias: ‘conduze um asninho...’²³⁹ e as demais coisas’. Como essa há aquelas que também não

²³² Gênero também prescrito por Quintiliano. Os exemplos porém são diferentes (cf. *De risu*, §§ 96, 97).

²³³ Sobre Estácio v. n. 184.

²³⁴ Marco Emílio Escauro (v. §§ 265 e 280), de família decadente teve que ascender socialmente como *homo nouus* (i.e.: o primeiro de sua família a conseguir uma das grandes magistraturas de Roma). Com o apoio de Metelo foi cônsul em 115 e depois, a partir de 102, se tornou *princeps senatus*.

²³⁵ Trata-se da *Lex Licinia Mucia de ciuibus rediguindis* de 95 a.e.c., proposta por Crasso e Quinto Múcio Cévola Pontífice durante seu consulado conjunto.

²³⁶ Estácio, 245 sg. R³.

²³⁷ Trata-se provavelmente de Caio Célio Caldo, tribuno da plebe em 107 a.e.c. e cônsul em 94.

²³⁸ Na comédia o verso diz respeito ao filho que tira dinheiro do pai para gastar em prazeres (cf. *Com. inc. fab.* 45 R³). No contexto do parágrafo, o verso faz alusão ao dinheiro utilizado em corrupção eleitoral.

²³⁹ Tibério Cláudio Aselo, da ordem equestre, foi privado de status social e reduzido à condição de um *aerarius* (Cidadão privado do direito de votar e do serviço militar no exterior. Era a mais baixa classe de cidadãos cujo encargo era só pagar uma pequena taxa – *aera*) por Cipião Africano. Ao reclamar Aselo da censura (ocorrida em 142 a.e.c.) tentando fazer valer seus serviços militares, Cipião teria dito um destes

são baseadas nos assuntos, mas sim nos ditos (posto que não podem reter a mesma venustidade se forem mudadas as palavras).

259 *Est etiam in uerbo positum non insulsum genus ex eo, quom ad uerbum, non ad sententiam rem accipere uideare; ex quo uno genere totus est Tutor, mimus uetus, oppido ridiculus. Sed abeo a mimis; tantum huius genus ridiculi insigni aliqua et nota re notari uolo. Est autem ex hoc genere illud, quod tu, Crasse, nuper ei, qui te rogasset num tibi molestus esset futurus, si ad te bene ante lucem uenisset: ‘tu uero’ inquisti ‘molestus non eris.’ ‘Iubebis igitur te’ inquit ‘suscitari?’ Et tu ‘certe negaram te molestum futurum.’*

259 Há também um gênero engraçado baseado na palavra, que surge quando parece que entendemos algo pela palavra e não pelo seu sentido.²⁴⁰ Um exemplo cabal deste gênero é O Tutor,²⁴¹ um antigo mimo,²⁴² extremamente ridículo. Mas, deixo aqui os mimos. Quero somente que gêneros deste tipo de ridículo sejam notados como algo insigne e conhecido. Por outro lado há um exemplo deste gênero em que tu, Crasso, disseste há pouco àquele que perguntou se por acaso te incomodaria se ele viesse a ti antes do amanhecer: ‘Tu, em verdade, não serás importuno’. ‘Darás ordem, então, para que te levantem?’ disse aquele. E tu: ‘Certamente eu havia negado que me incomodarias’.

260 *Ex eodem hoc uetus illud [est], quod aiunt Maluginensem illum Scipionem, quom ex centuria sua renunciaret Acidinum consulem praecoque dixisset: ‘dic de L. Manlio. – ‘uirum bonum’ inquit ‘egregiumque ciuem esse arbitror.’ Ridicule etiam illud*

dois provérbios: *Agas asellum, si bouem non agere queas*, “Conduze um asninho, se não podes conduzir um boi” ou *Agas asellum, cursum non docebitur* “Conduze um asninho, não aprenderás a correr”. A mensagem do primeiro provérbio visa instruir o interlocutor a se contentar com aquilo que tem, a do segundo quer dizer no contexto entre Cipião e Aselo que aqueles préstimos militares de Aselo eram considerados muito poucos para que ele fosse considerado um bom soldado. Incrementa mais ainda o ridículo, o fato da palavra *asellum* ser o diminutivo de *asinus*, o que dá a entender uma censura ou depreciação por parte de Cipião.

²⁴⁰ A saber: literalidade ou literalismo.

²⁴¹ Mimo desconhecido.

²⁴² Os mimos tiveram sua origem no helenismo e consistiam originalmente em representações extemporâneas ou imitações ridículas de aspectos da vida comum em algumas festas. Mais tarde se transformaram em farsa dramaticamente construída (cf. Curtius, 1996: p. 509; Smith, 1870, pp. 763–764).

L. [Porcius] Nasica censori Catoni; cum ille ‘ex tui animi sententia tu uxorem habes?’ – ‘Non hercule’ inquit ‘ex mei animi sententia.’ Haec aut frigida sunt aut tum salsa, quom aliud est expectatum. Natura enim nos, ut ante dixi, noster delectat error; ex quo, quom quasi decepti sumus expectatione, ridemus.

260 Oriundo do mesmo gênero é aquele antigo dito que contam sobre o que disse Cipião Maluginense²⁴³ quando, como representante de sua centúria, anunciou Acidino²⁴⁴ como cônsul. E depois que o arauto lhe perguntou ‘O que dizes de L. Mânlio?’ ele respondeu: ‘Considero-o um bom homem e um cidadão notável’. Há ainda aquela resposta de L. Pórcio Nasica²⁴⁵ ao censor Catão, que lhe perguntara ‘Pensas, em teu íntimo ter uma esposa?’: ‘Por Hércules, não pelo que sinto em meu íntimo’²⁴⁶, disse ele. Essas frases são frias ou engraçadas quando outra coisa é esperada. Nosso erro, como disse antes, nos deleita pela sua natureza. Quando somos frustrados quanto à expectativa, rimos.

261 *In uerbis etiam illa sunt, quae aut ex immutata oratione ducuntur aut ex unius uerbi translatione aut ex inuersione uerborum. Ex immutatione, ut olim Rusca, quom legem ferret annalem, dissuasor M. Seruilius: ‘Dic mihi,’ inquit ‘M. Pinari: num, si contra te dixero, mihi male dicturus es, ut ceteris fecisti?’ – ‘Vt sementem feceris, ita metes’, inquit.*

261 Nas palavras se encontram também aqueles ditos que derivam de um discurso modificado (alegoria) ou da translação de uma só palavra (metáfora) ou da inversão de palavras (ironia). De alegoria²⁴⁷, temos o exemplo anterior de Rusca quando propunha a

²⁴³ Marco Cornélio Cipião Maluginense, pretor em 176 a.e.c.

²⁴⁴ Lúcio Mânlio Acidino Fulviano, filho de Quinto Fúlcio Flaco e filho adotivo de Lúcio Mânlio Acidino. Foi pretor em 188 a.e.c. e cônsul com seu irmão Quinto Fúlvio Flaco em 179 a.e.c.

²⁴⁵ Desconhecido.

²⁴⁶ V. Quintiliano, VIII, 5, 1.

²⁴⁷ V. *De risu* 69 e nn. Cícero define alegoria em *Orator* (94) como a metáfora continuada no discurso (v. § 262 e nn. e *De risu* 68 e nn.). Como exemplo de alegoria, Cícero traz uma a resposta de Pinário Rusca a Marco Servílio. Este fez àquele a seguinte pergunta: “Dize-me, Marco Pinário, se eu disse algo contra ti, falarás mal de mim como fizeste com os demais?”. A resposta, alegórica, foi a seguinte: “Conforme semeares, colherás.” No exemplo, a pergunta lançada por Servílio já contém algo de risível, se pressupusermos no trecho “*ut ceteris fecisti*” a censura a um vício nos moldes do que o próprio Cícero (*De oratore*, II, 236) e Quintiliano (VI, 3, 8) estabelecem. E, muito embora possa ser vista nessas palavras uma adequação à noção contida no parágrafo 8 de *De risu*, que chama de *urbanitas* o apontar nos outros os seus defeitos (Há uma referência indireta sobre a mesma idéia no parágrafo 289 de *De ridiculis*), sua

*Lex Annalis*²⁴⁸ e M. Servílio, que tentava dissuadi-lo,²⁴⁹ disse: ‘Dize-me Marco Pinário, se eu falar contra ti, falarás mal de mim como fizeste com os demais? E Rusca respondeu: ‘Conforme semeares, colherás.’²⁵⁰

262 *Ex translatione autem, ut quom Scipio ille maior, Corinthiis statuam pollicentibus eo loco ubi aliorum essent imperatorum, ‘turmalis’ dixit ‘displicere’. Inuertuntur autem uerba, ut Crassus apud M. Perpernam iudicem pro Aculeone quom diceret, aderat contra Aculeonem Gratidiano L. Aelius Lamia, deformis, ut nostis; qui quom interpellaret odiose, ‘audiamus’ inquit ‘pulchellum puerum’ [Crassus]. Quom esset adrisum: ‘non potui mihi’ inquit Lamia ‘formam ipse fingere; ingenium potui.’ Tum hic: ‘audiamus’ inquit ‘disertum’. Multo etiam adrisum est vehementius. Sunt etiam illa uenusta, ut in grauibus sententiis, sic in facetiis – dixi enim dudum rationem esse aliam ioci, aliam seueritatis; grauium autem et iocorum unam esse materiam –,*

262 De metáfora²⁵¹ temos o que Cipião,²⁵² o velho, disse aos Coríntios depois que estes lhe prometeram uma estátua no mesmo lugar onde estavam outros generais:

colocação na mensagem em forma de indagação parece justamente enfraquecer o suposto caráter dessas palavras em prol da força que reside quando uma provocação (no caso, por meio de uma pergunta) permite um contra-ataque (no caso, por meio de uma resposta, cf. *De oratore*, II, 230). De fato, tendo isso em mente e aquilo que já se disse a respeito do processo por que se constitui a alegoria, vê-se que no processo do risível alegórico Marco Pinário absorve, levando-os para o campo do verídico, dois pensamentos que podem se completar ou excluir um ao outro: “Rusca falava mal de quem fala algo contra ele” ou “Rusca possui um defeito que é falar mal de qualquer pessoa que lhe fala algo em contrário.” Porém, ao transpor esse pensamento para o nível semântico de sua resposta (firmada no fato real do exercício camponês de plantar e semear), demarcando um processo de causa e consequência, Rusca não só aniquilou o efeito risível já enfraquecido, como expôs seu interlocutor ao ridículo, caracterizando-o como alguém que precisa ser lembrado das consequências de uma ação, e provocando, por conseguinte, o riso, que, nesse exemplo, se deu não somente pela referida exposição do interlocutor de M. Pinário, mas também pela transferência imaginativa feita pelos ouvintes, que transferiu não apenas a primeira carga risível da primeira mensagem para a segunda, mas ainda uniu a alegoria da resposta a essa transferência, proporcionando outra transferência de retorno, “*ut sementem feceris, ita metes*”, que redundou, por sua vez, no riso.

²⁴⁸ Lei que propunha uma idade mínima para o exercício da magistratura em Roma.

²⁴⁹ Toda proposta de lei gera um discurso deliberativo. Na deliberação atuam o defensor da lei e o dissuasor, contrário à sua promulgação.

²⁵⁰ Não encontramos referências seguras sobre Marco Pinário Rusca e Servílio.

²⁵¹ Cícero define a metáfora como a comparação breve em uma só palavra (v. *De oratore*, III, 157; v. *Orator* §§ 81, 92-94 e *De risu* § 61 e nn.). Quanto ao exemplo, a palavra técnica é *translatio*, e ela enuncia a resposta dada por Cipião, o velho, aos Coríntios que lhe haviam prometido construir uma estátua junto àquelas dos outros generais:

“*turmalis displicere*”

A comparação e, por conseguinte, a metáfora se encontra na palavra *turmalis*, cujo primeiro significado, esquadrão ou pelotão, transferiu-se, numa comparação rápida (breve), para a palavra *statuam*, presente na

‘Pelotões não me agradam’. De ironia²⁵³ temos o exemplo de Crasso, que diante do juiz M. Perperna²⁵⁴ fazia a defesa de Aculeão e, contra este, assistia Gratidiano²⁵⁵ o

mensagem anterior, dos Coríntios. O processo metafórico se comprova aqui porque a palavra-exemplo obedece aos critérios que configuram uma metáfora. De início, observamos que, em grau, verifica-se a total semelhança entre o termo substituinte *turmalis* e o substituído *statuam*, que se dá porque a palavra pelotão ou esquadrão se adequa ao conjunto semântico que se obtém da construção *ubi aliorum essent imperatorum*. Mais, a transposição da palavra *turmalis* para o lugar de *statuam* foi tão bem sucedida que alterou o conjunto restante no enunciado. Havia ali outras estátuas onde se queria construir uma para Cipião, e como os agrupamentos militares não lhe agradavam, não queria uma sua onde já existia, para ele, um em forma de estátuas. Daí, talvez, venha o riso: dessa desaprovação de Cipião. Quanto ao tipo de transposição, fica bem claro que se trata da substituição de um termo inanimado por outro animado, não obstante possa se dizer que os pelotões reais pareçam estátuas, e as estátuas dos imperadores pareçam pelotões de verdade.

²⁵² Cipião, o velho.

²⁵³ Quintiliano define a ironia como a expressão de algo através de uma palavra que significa o seu contrário (VIII, 6, 54; VI, 2, 15). Essa primeira e principal acepção de ironia é confirmada no livro IX (2, 46) da *Institutio oratoria*. No primeiro caso ela é enquadrada entre as figuras trópicas e no segundo entre as figuras de pensamento. Como tropo a ironia obedece, além dessa primeira acepção, àquela em que uma figura se torna em tropo. Como figura, além de sua acepção primeira, ela se desenvolve em *simulatio* e *dissimulatio*, Quintiliano aponta que ela pode ser usada para o descrédito do adversário (IX, 3, 29). Em *De ridiculis* § 262, precisamente após o exemplo de metáfora, Cícero apresenta o primeiro de alguns exemplos de facécia irônica ali contidos. A palavra técnica no exemplo em que Crasso usa de ironia contra o advogado L. Élio Lâmia é a perífrase *inuertuntur uerba*, cujo termo *inuersione*, presente no parágrafo anterior (§ 261), relacionado com a palavra *uerba*, tem a mesma acepção do termo *contraria* do 44º parágrafo do 6º capítulo do livro VIII e do conteúdo da frase *in utroque enim contrarium ei quod dicitur intellegendum est* (em especial, as palavras *contrarium* e *intellegendum*). Como se vê, termos diferentes expressam a mesma essência: a ironia se compõe de uma palavra ou frase lançada cujo significado se entende pelo seu contrário. Seu uso está ligado ao elogio ou ao vitupério (VIII, 6, 55) e ela está ligada à *uoluntas* do orador que, imbuído de angariar o favor dos ouvintes à sua causa, a utiliza como um instrumento a fim de desfazer a teia de artimanhas do adversário, expondo-o à vergonha ou à reprovação (cf. Lausberg, 1976: vol. 2, p. 85; *Institutio oratoria* VI, 1–2). E este é o caso da historieta em que Crasso, numa causa em que ele defendia Aculeão contra Gratidiano, e era insistentemente interrompido, diante do juiz M. Perperna, pelo advogado L. Élio Lâmia, homem, como se dizia, de aparência desfavorável e que defendia Gratidiano. Ali, Crasso, como que num momento em que perdeu a paciência, acabou por dizer “*Audiamus pulchellum puerum*” (“Ouçamos o menininho lindo”) apontando (mesmo que beirando a deselegância), através do contrário, para a falta de beleza de Lâmia. Nos elementos da frase observamos que a insistência de Lâmia provocou em Crasso a impaciência expressa no verbo *audiamus* e que o elemento irônico consta na perífrase *pulchellum puerum*, cujo significado é totalmente oposto ao que se via nas feições do advogado. Ocorre, porém, que o processo ridículo não parou ali. Lâmia, percebendo a ironia, tentou desfazê-la ao dizer que não pudera forjar em si a beleza, mas o *ingenium*; ao que Crasso prontamente respondeu “*Audiamus disertum*” (“Ouçamos o eloqüente”), em que o termo irônico *disertum*, passa agora a significar o contrário do que quer dizer em seu sentido direto: Lâmia não era tão eloqüente como pensava (uma dúvida persiste: foi por Lâmia não ser considerado um orador eloqüente ou foi o processo irônico da primeira fala de Crasso que provocou um maior riso em sua última fala). O tipo de ironia aqui exposto coincide com a sua espécie mais comum, ou seja, aquela que atende o quesito primeiro de expressar através do contrário aquilo que se quer realmente dizer. Não se vê nas duas falas irônicas de Crasso uma ironia mais elaborada, como seria o caso de uma *dissimulatio* ou *simulatio*, isso nos parece claro. Porém, uma dúvida se estabelece quando se quer definir se nesse exemplo a ironia se configura como um tropo ou uma figura de pensamento. Quintiliano inclui a ironia não somente entre os tropos, como também entre as figuras de pensamento (cf. IX, 1, 3, 7). Entre os tropos ele não apenas a define como o contrário daquilo que é mostrado (*In eo uero genere quo contraria ostenduntur ironia est illusionem uocant*), como também indica a palavra latina para ironia: *illutio*. Ali, Quintiliano aponta ainda uma das utilidades da ironia que se desenvolve a partir de sua configuração (*ibid.* VIII, 6, 55):

Et laudis autem simulatione detrahare et uituperationis laudare concessum est

Ela permite depreciar fingindo elogiar e elogiar fingindo depreciar

advogado L. Élio Lâmia,²⁵⁶ que era feio, como sabeis. E como Élio o interpelasse de modo insuportável, Crasso disse: ‘Ouçamos este menininho lindo!’²⁵⁷ Com as risadas, Lâmia disse: ‘Não pude forjar em mim a beleza, mas sim o engenho’. Então Crasso completou: ‘Ouçamos então o eloquente’, e muito mais veemente foi o riso.²⁵⁸ Esses acima são também engraçados tanto nas frases graves quanto nas facetas (disse já há

E diz que com a irrisão podemos dizer aquilo pelo significado do que estamos dizendo:

Aliquando cum inrisu quodam contraria dicuntur iis quae intellegi uolunt (cf. *ibid.* VIII, 6, 56)

Observamos então a presença de três definições de ironia mais duas de utilidade para este tropo apenas no capítulo onde Quintiliano trata do assunto. Lembrando que nossa matéria de estudo é o riso, poderíamos dizer que se encontra neste capítulo não só a definição de ironia, mas ainda a recomendação para o seu uso na forma do riso. Porém, Quintiliano a coloca também entre as figuras de pensamento, sobre as quais discorre no capítulo IX da *Institutio oratoria*. Além de recomendá-la ali, como se disse acima, para o descrédito do adversário e, por conseguinte, para o crédito do orador que a utiliza (*ibid.* IX, 3, 29), o retor traça uma espécie de perfil desses dois tipos de ironia entre os parágrafos 44 e 46 do capítulo 4 do livro IX. No parágrafo 44, depois de dizer que a palavra *dissimulatio* não expressa com a devida extensão a força de figura do termo ironia, Quintiliano, tomando o cuidado de corroborar a definição de ironia que consiste em dizer pelo contrário, estabelece quais seriam as diferenças entre a ironia trópica e a de figura. A primeira, para ele, possui um caráter mais breve, conciso ou mesmo lacônico que a segunda. A ironia trópica se estabelece pela palavra enquanto a de figura se estende para o campo do pensamento (do sentido das palavras) e até do tom (o sentido pelo som) da voz (v. Haury, 1955: p.23). Os exemplos trazidos por Quintiliano ilustram muito bem o que são esses dois tipos de ironia: como tropo, ele traz uma passagem das Catilinárias *a quo repudiatus as sodalem tuum, uirum optimum, Metellum demigrasti*, onde a ironia está nas palavras *uirum optimum*; de figura, ele exemplifica a ironia quotidiana e visceral de Sócrates, que, sapientíssimo, se apresentava como um ignorante e admirador dos outros. Assim, para pensarmos o exemplo de Crasso (precisamente as palavras *pulchellum puerum* e *disertum*) como um tropo, precisaríamos visualizar não somente as duas ironias como dois processos isolados, e daí simplificados, como também entender que tanto *pulchellum puerum* quanto *disertum*, se aproximam do exemplo das Catilinárias. E para dela pensarmos como ironia de figura, deveríamos estender o processo irônico como que salpicado de alegoria, porquanto uma metáfora estendida (alegoria), Lâmia era muito feio, se estenderia à sua impaciência e impertinência associando os dois *uitia* em um, apenas passível de censura. Feita essa extensão, o processo se completaria (ou se desenvolveria) na segunda ironia, onde a palavra *disertum* concentraria a função de ironia, porque diria pelo contrário (Lâmia não era eloquente coisa alguma) e de censura, porque aqueles *uitia* passaram a indicar Lâmia como um homem nada eloquente.

²⁵⁴ Marco Perpena. Foi pretor em 95 a.e.c., cônsul em 92 com Caio Cláudio Pulcro e censor em 86 com Lúcio Marco Filipo.

²⁵⁵ Marco Mário Gratidiano, filho de Marco Gratidio de Arpinoe e da irmã de Caio Mário. Foi adotado por Marco Mário. Uma irmã de seu pai casou-se com o avô de Cícero. Foi tribuno da plebe em 87 a.e.c. e duas vezes pretor, em 85 e 82 a.e.c., quando foi morto por ordem de Sila (cf. Mommsen, Theodor, *Historia de Roma* (Tradução de A. García Moreno) Madrid: Aguilar, Tomo II, pp. 395-396, 460 e Cícero, *Brut.* 169).

²⁵⁶ Não há referências sobre este L. Élio Lâmia. Sobre o humor encontrado no binômio aparência-caráter, v. Steel, 2006: p. 50 e Corbeil, A. *Controlling Laughter: Political Humor in the Late Roman Republic*. Princeton: Princeton University Press, 1996, pp. 14-56.

²⁵⁷ *audiamus* (...) *pulchellum puerum*: literalmente “ouçamos este menino lindinho”. Embora esta tradução funcione a contento, preferi passar o diminutivo para o substantivo porque dessa forma o tom pejorativo fica mais evidente, mais claro. Certamente numa construção substantivo/adjetivo a atenção se volta não somente para o substantivo, como também, em alguns casos, sobre o primeiro elemento da construção. Coincidência ou não, é o que ocorre no latim e é o que ocorre em português; daí eu ter preferido, na tradução, acentuar a pejoração sobre o substantivo “menino” (menininho).

²⁵⁸ Aristóteles (*Retórica*, 1419b, 10) afirma que a um homem livre mais apropriada é a ironia do que a bufonaria, porquanto o homem irônico procura o próprio riso enquanto o bufão o dos outros (v. também 1127b, 24).

algum tempo, que um é o método do gracejo e o outro da severidade e que porém a mesma matéria faz parte dos gracejos e das coisas sérias).

263 *ornant igitur in primis orationem uerba relata contrarie, quod idem genus saepe est etiam facetum, ut Seruius ille Galba, quom iudices L. Scribonio tribuno plebis ferret familiaris suos et dixisset Libo: ‘Quando tandem, Galba, de triclinio tuo exhibis?’ – ‘Quom tu’ inquit ‘de cubiculo alieno’. A quo genere ne illud quidem plurimum distat, quod Glaucia Metello: ‘Villam in Tiburti habes, cortem in Palatio.’*

263 Portanto, as palavras retorquidas em contrário constituem um dos principais ornamentos do discurso – que é ele mesmo um gênero muitas vezes faceto também –, como aquilo que disse o famoso Sêrvio Galba²⁵⁹ quando propôs como juízes alguns amigos seus²⁶⁰; e como dissesse Libo²⁶¹, tribuno da plebe, ‘Quando sairás, enfim, Galba, do teu triclínio?’²⁶² ele respondeu: ‘Quando tu saíres do cubículo alheio’. Não se distancia muito deste gênero aquilo que disse Gláucia²⁶³ a Metelo:²⁶⁴ ‘Tens uma vila em Tiburto e um curral no Palatino’.

264 (LXVI) *Ac uerborum quidem genera quae essent faceta dixisse me puto. Rerum plura sunt, eaque magis, ut dixi ante, ridentur; in quibus est narratio, res sane difficilis. Exprimenda enim sunt et ponenda ante oculos ea, quae uideantur et ueri similia, quod est proprium narrationis, et quae sint, quod ridiculi proprium est, subturpia; cuius exemplum, ut breuissimum, sit sane illud quod ante posui, Crassi de Memmio. Et ad hoc genus ascribamus etiam narrationes apologorum.*

²⁵⁹ Sêrvio Sulpício Galba. Considerado homem de grande oratória, foi pretor em 151 a.e.c. e cônsul em 144 a.e.c. Quando era propretor na Espanha (em 150) combateu os Lusitanos com brutalidade e deslealdade, chegando a massacrar sem piedade emissários de paz enviados pelos Lusitanos. Foi por isso acusado por Lúcio Escríbônio Libão, mas a denúncia resultou inútil.

²⁶⁰ Era praxe que a parte acusada propusesse alguns juízes da causa e a parte adversária recusasse o que lhe aproovesse. Ao que parece procedimento semelhante ainda hoje na escolha de jurados em crimes contra a vida (talvez ambas partes tenham simultaneamente o direito de recusar quais e quais possíveis jurados poderão compor o júri e quais serão dispensados).

²⁶¹ Lúcio Escríbônio Libão, tribuno da plebe em 149 a.e.c.

²⁶² Sala ou mesa de jantar para três pessoas.

²⁶³ Caio Sêrvílio Gláucia (v. § 249).

²⁶⁴ Quinto Cecílio Metelo Numídio, um dos mais distintos membros de sua família, foi cônsul em 109 a.e.c. e esteve no comando na guerra contra Iugurta, obtendo nela grande sucesso, em parte graças aos seus emissários C. Mário e Públio Rútílio Rufo. (v. Smith, 1867: vol. 2, p. 1059).

264 Demais, julgo ter falado sobre os gêneros de facécias baseados nas palavras. Aqueles baseados nos assuntos são mais numerosos e, como disse antes, fazem rir mais, entre os quais está a anedota; coisa certamente difícil. De fato, elas devem exprimir e apresentar coisas que sejam verossímeis, o que é próprio da anedota, e que sejam um tanto torpes, o que é próprio do ridículo, cujo exemplo (ainda que brevíssimo) é aquele de Crasso sobre Mêmio, que expus anteriormente.²⁶⁵ A este gênero adicionamos as narrativas em forma de fábulas.

265 *Trahitur etiam aliquid ex historia; ut, quom Sex. Titius se Cassandram esse diceret: 'Multos,' inquit Antonius, 'possum tuos Aiaces Oileos nominare.' Est etiam ex similitudine, quae aut conlationem habet aut tamquam imaginem. Conlationem: ut ille Gallus olim testis in Pisonem, cum innumerabilem Magio praefecto pecuniam dixisset datam idque Scaurus tenuitate Magi redargueret: 'Erras,' inquit 'Scaure; ego enim Magium non conseruasse dico, sed tamquam nudus nuces legeret, in uentre abstulisse'; ut illud M. Cicero senex, [huius] uiri optimi, nostri familiaris, pater: 'nostros homines similis esse Syrorum uenaliū; ut quisque optime Graece sciret, ita esse nequissimum.'*

265 Também se extrai algo da História.²⁶⁶ Por exemplo: Sexto Tício dizia-se ele próprio Cassandra,²⁶⁷ ao que lhe respondeu Antônio: 'Sim. Posso até nominar muitos dos seus Ajaxes Oileus.'²⁶⁸ Há, ainda, o que se extrair da similitude, que tem ou uma comparação ou algo como uma analogia de imagens. Como exemplo de comparação,

²⁶⁵ Cf. §240.

²⁶⁶ Gênero acolhido por Quintiliano (v. *De risu*, § 98).

²⁶⁷ Cassandra. Foi a mais bela entre as filhas de Príamo e Hécuba. Em *Agamêmnon* de Ésquilo, Apolo promete iniciá-la nas artes adivinhatórias desde que ela lhe concedesse os prazeres do amor. Cassandra não cumpre sua promessa, e então Apolo a condena à incredibilidade dos homens (Há outro mito que diz que Apolo tentara surpreender Cassandra em seu templo em Timbre, e como ela resistisse, ele lhe aplicou essa mesma condenação. – Cf. Hygin. *Fab.* 93), o que aconteceu durante a guerra de Tróia, em que Cassandra, predizendo as catástrofes que sobreviriam sobre os príamos, não era ouvida por nenhum de seus habitantes.

²⁶⁸ Ajax, filho de Oileu, rei de Locros. Depois da tomada de Tróia, Cassandra fugiu para o templo de Atena e ali se agarrou à estatua da deusa. Então Ajax, considerado por alguns não somente um herói de guerra, mas também um homem brutal, sob violência a levou para longe dali, onde foi entregue depois como presa de guerra a Agamêmnon. Alguns outros dizem que Ajax estuprou Cassandra ali mesmo no templo de Atena (v. Smith, 1867: vol. 1, p. 621). No parágrafo anotado, Antônio ao afirmar conhecer esses "Ajaxes Oileus" se refere ao teor das práticas homossexuais de Tício, que ao dizer de si mesmo ser uma Cassandra reclama que suas previsões não são ouvidas por ninguém.

temos o que Galo²⁶⁹ disse quando, há algum tempo, testemunhou contra Pisão²⁷⁰ dizendo que muito dinheiro havia sido dado ao prefeito Mágio. E como Escauro redargüisse dizendo da pobreza de Mágio,²⁷¹ respondeu-lhe: ‘Enganas-te, Escauro²⁷², eu não disse que ele tenha guardado seu dinheiro; mas sim que ele o tem como o homem nu que reconhece uma noz estando com a barriga cheia delas’. Outro exemplo de comparação é o que disse Marco Cícero, o velho, pai deste nosso amigo e um homem excelente: ‘Nossos homens são semelhantes aos sírios venais: quanto melhor sabe grego, tanto pior é.’²⁷³

266 *Valde autem ridentur etiam imagines, quae fere in deformitatem aut in aliquod uitium corporis ducuntur cum similitudine turpioris; ut meum illud in Heluium Manciam: ‘iam ostendam cuius modi sis’; cum ille: ‘Ostende, quaeso’, ‘demonstraui digito pictum Gallum in Marian scuto Cimbrico sub Nouis, distortum eiecta lingua, buccis fluentibus; risus est commotus: nihil tam Manciae simile uisum est; ut cum Tito Pinario mentum in dicendo intorquenti: ‘tum ut diceret, si quid uellet, ubi nucem fregisset.’*

266 Por outro lado, as imagens também provocam, e muito, o riso. Elas remetem em geral a algum vício ou deformidade do corpo com a semelhança do que é mais torpe, como o que eu disse a Héliú Mância:²⁷⁴ ‘Vou mostrar agora como és’, e, tendo ele respondido ‘Mostra’, mostrei com o dedo um gaulês disforme, com a língua para fora e com as bochechas caídas, pintado no escudo cimbérico de Mário, abaixo das Novas Tabernas. O riso foi contagiante: nada tão semelhante a Mância havia sido visto antes. Outro exemplo é o que foi dito a Tito Pinário²⁷⁵ que torcia o queixo ao falar: ‘Se queres dizer algo, quebres primeiro a noz’.

²⁶⁹ Desconhecido.

²⁷⁰ Não encontramos referências precisas sobre este Pisão. Algumas edições trazem-no como Lúcio Calpúrnio Pisão Cesonino, porém não encontramos indicações concretas de qual dos Pisões foi processado, como se vê aqui, por concussão.

²⁷¹ Desconhecido.

²⁷² V. nota 234 (§§ 257 e 280).

²⁷³ Embora não se refira especificamente ao exemplo, um anedota há contada por Plínio, o velho (*Naturalis historiae*, XXIX, 14), dizendo que Catão, o Censor, dissera a seu filho para não se consultar com médicos gregos porque aquela gente decidira pôr fim ao povo romano por meio daquela profissão.

²⁷⁴ Héliú Mância, que era reconhecidamente feio (cf. Smith, William. *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology*: vol. 2, p. 914). Provavelmente o mesmo do § 274.

²⁷⁵ Desconhecido e pessoa diferente daquele Pinário citado no § 261 (Marco Pinário).

267 *Etiam illa, quae minuendi aut augendi causa ad incredibilem admirationem efferuntur; uelut tu, Crasse, in contione: ‘ita sibi ipsum magnum uideri Memmium, ut in forum descendens caput ad fornicem Fabianum dmitteret’. Ex quo genere etiam illud est, quod Scipio apud Numantiam, quom stomacharetur cum C. Metello, dixisse dicitur: ‘si quintum pareret mater eius, asinum fuisse parituram.’*

267 Também provocam o riso as coisas que com o pretexto de minorar ou engrandecer²⁷⁶ são levadas a uma incrível admiração; como tu, Crasso /disseste/ numa assembléia: ‘De tal modo Mêmio via a si mesmo grande, que, descendo ao foro, batia com a cabeça no arco de Fábio.’²⁷⁷ Ao mesmo gênero pertence a frase de Cipião diante de Numância, quando perdeu a paciência com C. Metelo.²⁷⁸ Contam que tenha dito: ‘Se a mãe desse aí tivesse tido um quinto filho, teria parido um asno.’²⁷⁹

268 *Arguta etiam significatio est, cum parua re et saepe uerbo res obscura et latens inlustratur; ut cum C. Fabricio P. Cornelius, homo, ut existimabatur, auarus et furax, sed egregie fortis et bonus imperator, gratias ageret quod se [homo] inimicus consulem fecisset, bello praesertim magno et graui: ‘Nihil est, quod mihi gratias agas,’ inquit ‘si*

²⁷⁶ *Minuere* e *augere* são também termos técnicos de *amplificatio*, recurso invectivo incluso entre os *argumenta* da parte do discurso *argumentatio*. No entanto, Cícero, assim como Quintiliano usa o mesmo exemplo de Fábio incluso entre as hipérboles (v. *De oratore*, 203; *De risu*, § 67 e n.), não obstante Cícero a incluir entre as figuras de palavras ou de pensamento destinadas a incrementar um argumento.

²⁷⁷ Chamado por Cícero de *Fornicem Fabianum* (cf. *In Verrem* I, 7), o arco de Fábio foi construído em 121 a.e.c. na margem oriental do Foro para comemorar o triunfo de Quinto Fábio Máximo sobre os Arvenos e os Alóbroges. Como não se sabe a altura do arco, fica a dúvida se dito ridículo sobre Mêmio (v. § 240) é uma ironia ou uma hipérbole. Por ser também desconhecida a altura de Mêmio (não obstante Quintiliano – cf. VI, 3, 67 – afirmar que ele era muito alto) não há como saber se o fato de Mêmio se considerar muito alto (*ita sibi ipsum magnum uideri Memmium*) sendo apenas um pouco mais alto que a altura média dos romanos fazia dessa situação alvo de ironia ou se há uma hipérbole na extensão integral do período *ita sibi ipsum magnum uideri Memmium, ut in forum descendens caput ad fornicem Fabianum dmittere*, relevando aí, porém, a possibilidade de outra ironia constituída por Crasso como que censurando uma possível auto-acepção errônea do próprio Mêmio. Demais, há ainda a possibilidade de que o arco fosse mesmo acessível a Mêmio, o que não nos parece muito provável. De qualquer modo, o período em questão constitui um dito ridículo seja qual for a circunstância.

²⁷⁸ Caio Cecílio Metelo Caprário, o quarto filho de Quinto Cecílio Metelo Mecedônico. Foi pretor em 117 a.e.c., cônsul em 113 da mesma era e censor em 102 com Cecílio Metelo Numídio (v. *De risu*, § 67).

²⁷⁹ O trecho faz referência às poucas qualidades de caráter ou intelectuais de Metelo. Quanto à construção, ainda hoje se utiliza o período de gestação humana para hiperbolizar uma característica física de outrem, sobretudo nos interiores do Brasil e em meio ao universo rústico. Uma expressão semelhante ao exemplo é usada quando um interlocutor se refere a um homem hirtto: “Se a mãe deste demora um pouco a gestação, teria parido um macaco”.

malui compilari quam uenire’; ut Asello Africanus obicienti lustrum illud infelix: ‘Noli’ inquit ‘mirari; is enim, qui te ex aerariis exemit, lustrum condidit et taurum immolauit.’ [Tanta suspicio est, ut religione ciuitatem obstrinxisse uideatur Mummius, quod Asellum ignominia leuarit.]

268 Há também uma indicação arguta, quando uma coisa obscura e latente é esclarecida por uma pequena circunstância e, muitas vezes, por uma palavra. Um exemplo: Públio Cornélio,²⁸⁰ homem, como se julgava, avaro e inclinado ao roubo, mas também um general honrado, forte e bom, agradecia a C. Fabrício,²⁸¹ seu inimigo, porque este o fizera cônsul, sobretudo numa guerra grande e grave. ‘Não há nada do que me agradecer’, respondeu Fabrício, ‘se preferi ser roubado a ser vendido’. Outro exemplo: Aselo²⁸² exprobatava a Africano dizendo que ele oferecera um sacrifício de mau agouro²⁸³, ao que respondeu Africano: ‘Não te admires, pois quem te devolveu os direitos de cidadão, preparou o sacrifício e imolou o touro’ [existe uma suspeita de que Múmio parecia ter oprimido a cidade sob a religião porque livrara Aselo da ignomínia].

269 *Vrbana etiam dissimulatio est, quom alia dicuntur ac sentias, non illo genere de quo ante dixi, cum contraria dicas, ut Lamiae Crassus, sed quom toto genere orationis seuere ludas, quom aliter sentias ac loquare; ut noster Scaeuola Septumuleio illi Anagnino, cui pro C. Gracchi capite erat aurum repensum, roganti ut se in Asiam praefectum duceret: ‘Quid tibi uis,’ inquit ‘insane? Tanta malorum ciuium est multitudo, ut tibi ego hoc confirmem, si Romae manseris, paucis annis te ad maximas pecunias esse uenturum.’*

²⁸⁰ Provavelmente filho de Públio Cornélio Rufino, ditador em 334 a.e.c. Foi cônsul em 290 a.e.c. e em 277, e ditador entre 289 e 285. Em 275 foi expluso do Senado por Fabrício e Quinto Emílio Papo porque possuía dez libras de prata (cf. Valério Máximo II, 9,4; Aulo Gélio IV, 8; XVII 21; Quintiliano, XII, 1, 43 *et alii.*)

²⁸¹ Caio Fabrício Luscino, cônsul em 282 e 278 e censor em 275 a.e.c., mas a primeira menção feita a seu respeito se dá no ano 285 (ou 284) quando foi embaixador entre os Tarentinos e outros povos (cf. Díon Cássio, *Frag.* 144). Foi “um dos mais populares heróis nos anais romanos, que, como *Cincinnatus* e *Curius*, é o representante da pobreza e da honestidade dos bons velhos tempos.” (Cf. Smith, 1867: v.1, p. 841.

²⁸² V. § 258.

²⁸³ Aquela censura de Cipião em que Aselo perdera o direito de pertencer à classe eqüestre havia sido invalidada por Lúcio Mumio Acaico, que a considerara injusta e restituira os direitos de Aselo. Não obstante, Aselo não se contentou e, ao se tornar tribuno da plebe em 139 a.e.c. resolveu se vingar de Cipião acusando-o de haver mudado o *lustrum* (ritual de sacrifício) e por isso uma pestilência sobreviera sobre a cidade.

269 A dissimulação²⁸⁴ também é urbana quando são ditas coisas diversas das que pensas, não naquele gênero de que falei antes, quando dizes o contrário (como Crasso disse a Lâmia), mas sim quando com todo gênero de discurso brincas com severidade, falando algo diferente do que pensas. Por exemplo, quando nosso Cévola disse a Septumuleio de Anágria (que fôra recompensado com ouro pela cabeça de Caio Graco)²⁸⁵ e que lhe rogava que fosse conduzido à Ásia como prefeito: ‘O que queres para ti, insano? Tanta é a quantidade de cidadãos maus, que isto eu te asseguro: se permaneceres em Roma, em poucos anos estarás muito rico’.

270 *Hoc in genere Fannius in annalibus suis Africanum hunc Aemilianum dicit fuisse egregium et eum Graeco eum uerbo appellat εἰρωνία; sed, uti ei ferunt qui melius haec norunt, Socratem opinor in hac ironia dissimulantiaque longe lepore et humanitate omnibus praestitisse. Genus est perelegans et cum gravitate salsum quomque oratoriis dictionibus tum urbanis sermonibus accommodatum.*

270 Em seus anais, Fânio²⁸⁶ diz que Africano Emiliano²⁸⁷ foi notável neste gênero, que em grego é chamado de εἰρωνοῦς. Mas, como fazem aqueles que conhecem melhor este assunto, minha opinião é que Sócrates, com sua elegância e humanidade, sobressaiu a todos no que tange à ironia e à dissimulação. Trata-se de um gênero assaz elegante, picante que possui gravidade, e que se adapta tanto aos discursos oratórios quanto às conversas urbanas.

²⁸⁴ Como se vê, para Cícero a palavra *dissimulatio* vem numa acepção diferente de Quintiliano (v. *De risu*, § 85). No parágrafo 272 ele traz exemplos de *dissimulatio* sob outra acepção.

²⁸⁵ Septumuleio que se fingira de amigo de Caio Graco não hesitou em cortar sua cabeça e entregá-la ao cônsul Opímio, que oferecera uma recompensa a quem a entregasse (cf. Valério Máximo IX, 4,1–3)

²⁸⁶ Há certa confusão a respeito de C. Fânio. Em *Brutus* (§ 99) Cícero distingue dois deles, e em *Ad Atticum* ele volta à questão, dizendo-se incapaz de separar um do outro com notada diferença. Por outro lado, P. Fraccaro escreve que o Caio Fânio orador foi filho de M. Fânio e veio a ser genro de Lélcio, exercendo o consulado em 122, e que o historiador C. Fânio foi filho do pai homônimo e combateu em Cartago ao lado de Tibério Graco em 146 a.e.c. (*apud* Bardon, H. *La littérature latine inconnue*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1956, p. 106-108; Cf. *Brutus* 99 e 101; XXXI, 118; *De legibus* I, 6).

²⁸⁷ Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano, o jovem. Era filho de L. Emílio Paulo, conquistador da Macedônia, e foi adotado por Cipião Africano, filho daquele que derrotou Aníbal. Exerceu o consulado em 147 a.e.c. e foi censor em 142 com L. Múmio.

271 *Et hercule omnia haec, quae a me de facetiis disputantur, non maiora forensium actionum quam omnium sermonum condimenta sunt. Nam sicut quod apud Catonem est – qui multa rettulit, ex quibus a me exempli causa non nulla ponuntur, – per mihi scitum uidetur, C. Publicium solitum dicere ‘P. Mummius quousvis temporis hominem esse’ sic profecto se res habet, nullum ut sit uitae tempus, in quo non deceat leporem humanitatemque uersari.*

271 E, por Hércules, todas estas coisas que discuto a respeito das facécias são condimentos não maiores nos processos do que em todas as conversas. Pois, assim como Catão faz referência (ele que mencionou muitas coisas sobre o assunto, algumas das quais usei aqui como exemplo) a C. Públio (coisa que me parece muito ajuizada) que costumava dizer que P. Múmio²⁸⁸ era um homem para todas as horas; tanto é assim, sem dúvida, que nenhum tempo existe na vida no qual não seja conveniente tratar um assunto com elegância e humanidade’.

272 *Sed redeo ad cetera. Est huic finitimum dissimulationi, quom honesto uerbo uitiosa res appellatur; ut quom Africanus censor tribu mouebat eum centurionem, qui in Pauli pugna non adfuerat, cum ille se custodiae causa diceret in castris remansisse quaereretque cur ab eo notaretur, ‘Non amo’ inquit ‘nimium diligentis.’*

272 Volto, porém, às demais coisas. Há algo próximo a esta dissimulação²⁸⁹ quando uma atitude viciosa é nomeada digna; como, por exemplo, quando Africano, censor, apartava de sua tribo um centurião que não estivera presente na guerra travada por Paulo: como o centurião dissesse que permanecera no acampamento para ali se manter em guarda e perguntasse por que estava sendo castigado, Africano lhe respondeu: ‘Não gosto de quem é dedicado em excesso.’²⁹⁰

²⁸⁸ Não encontramos referências seguras sobre quem foram estes Caio Públio e Públio Múmio.

²⁸⁹ Se no parágrafo 269 Cícero define *dissimulatio* como falar algo diferente do que se pensa, aqui ela consiste apenas em chamar de virtuosa uma coisa viciosa.

²⁹⁰ Lúcio Emílio Paulo Macedônico, edil curul em 193 a.e.c. e pretor em 191 na Espanha posterior, côsul na primeira vez em 182 e mais uma vez em 168, quando pôs fim à terceira guerra macedônica com a vitória em Pidna em 168 (Foi o fim do império de Alexandre, o grande, 144 anos após sua morte, cf. Mommsen, 1975: tomo I, pp. 1001-1003). Foi censor em 142 a.e.c. A punição em questão (afastar o centurião de seu grupo) se deu vinte e seis anos depois, o que resulta estranho (e daí suspeita-se aqui de algum tipo de erro) devido ao longo tempo entre a causa e a punição.

273 *Acutum etiam illud est, quom ex alterius oratione aliud excipias atque ille uolt: ut Salinatori Maximus, quom Tarento amisso arcem tamen Liuius retinuisset multaque ex ea proelia praeclara fecisset, quom aliquot post annis Maximus id oppidum recepisset rogaretque eum Salinator, ut meminisset opera sua se Tarentum recepisse: "Quidni" inquit "meminerim? Numquam enim recepissem, nisi tu perdidisses."*

273 Há também agudeza quando colhes do discurso de outrem algo diferente do que ele deseja. Um exemplo: Depois de ter perdido Tarento, Lívio Salinator²⁹¹ perseverou e cercou a cidade, travando ali muitas batalhas notáveis. Anos depois, Quinto Fábio Máximo²⁹² a retomou. Então, Salinator pediu-lhe recordar que ele, Máximo, retomara a cidade por obra sua. E a isso respondeu Máximo: ‘Por que não me lembraria? Eu nunca a haveria reconquistado se tu não a tivesses perdido.’²⁹³

274 *Sunt etiam illa subabsurda, sed eo ipso nomine saepe ridicula, non solum mimis perapposita, sed etiam quodam modo nobis: homo fatuus,*

postquam rem habere coepit, est emortuus.

et:

*quid est tibi ista mulier? – Vxor. – Similis me dius
[fidius.*

et:

quamdiu ad aquas fuit, numquam est emortuus.

²⁹¹ Marco Lívio Salinator foi cônsul em 219 a.e.c. com Emílio Paulo, e ambos foram enviados contra os Ilírios, onde obtiveram êxito. Depois, acusado de peculato, se ausentou de Roma e passou a viver em sua quinta ficando fora de qualquer assunto político por vários anos. Voltou a Roma em 210 a.e.c. e reassumiu seu lugar no Senado. Em 207, lutou ao lado de Caio Cláudio Nero (v. § 248) contra Asdrúbal na batalha de Metauro, e com ele foi novamente cônsul em 204 a.e.c., época em que, censor, estabeleceu uma taxa sobre o sal, daí o cognome *Salinator*.

²⁹² Quinto Fábio Máximo Verrucoso (cf. Cícero, *Brutus* 57), foi cônsul em 233, 228, 215, 214, e 209 a.e.c. (cf. Momigliano & Schiavone, 1988–1993: vol. 1, p. 525,) recebeu este cognome (Verrucoso) por causa de uma verruga negra que possuía sobre o lábio superior. Recebeu o também sobrenome de *Cunctator* – o contemporizador (cf. Tito Lívio 30, 26, 9) na segunda guerra púnica, por causa de sua tática de não confrontar diretamente Aníbal, com a qual obteve êxito e fama. Foi também ditador em 221.

²⁹³ Cícero parece ter confundido o Marco Lívio aqui citado. O Marco Lívio que esteve no comando da campanha de Tarento desde 214 a.e.c. chamava-se precisamente Marco Lívio Macato (cf. Tito Lívio XXIV, 20; XXVI, 39; XXVII 25, 34; Smith, 1867: vol. 2, pp. 877-888). Em *Da velhice* (11) Cícero comete o mesmo suposto equívoco.

(LXVIII) *Genus hoc leuius et, ut dixi, mimicum, sed habet non numquam aliquid etiam apud nos loci, ut uel non stultus quasi stulte cum sale dicat aliquid: ut tibi, Antoni, Mancia, cum audisset te censorem a M. Duronio de ambitu postulatum, ‘Aliquando’ inquit ‘tibi tuum negotium agere licebit.’*

274 As frases algo absurdas são também (e por isso mesmo, muitas vezes risíveis) convenientes não somente aos mimos como também de alguma forma nós oradores²⁹⁴:

“Homem insensato. Depois que começou a enriquecer, morreu.”

e:

“O que esta mulher é tua? “Esposa” “É a tua cara, palavra!”

e:

“Enquanto freqüentou os banhos, nunca morreu.”

Como disse, este gênero é menos importante e próprio dos mimos. Mas possuí, às vezes, algum lugar entre nós oradores, como quando alguém não estulto diz algo como que estultamente e com tempero;²⁹⁵ assim como o que Mância²⁹⁶ disse a ti, Antônio, quando ouviu Marco Durônio²⁹⁷ acusar-te de corrupção quando eras censor²⁹⁸: ‘Finalmente te será lícito tomar conta dos teus negócios’.

275 *Valde haec ridentur et hercule omnia, quae a prudentibus [quasi] per simulationem [non intellegendi] subabsurde salseque dicuntur. Ex quo genere est etiam non uideri intellegere quod intellegas; ut Pontidius: ‘qualem existimas, qui in adulterio deprehenditur?’ – ‘Tardum’ ut ego, qui in dilectu Metello, quom excusationem oculorum a me non acciperet et dixisset: ‘tu igitur nihil uides?’ – ‘Ego uero’ inquam ‘a porta Esquilina uideo uillam tuam;’*

²⁹⁴ Quintiliano cita o mesmo gênero em *De risu* (v. § 99 e 23).

²⁹⁵ A idéia de temperar uma fala ou discurso por meio do riso se encontra em *De risu*, § 19.

²⁹⁶ Provavelmente o mesmo Mância do § 266.

²⁹⁷ Marco Durônio, tribuno da plebe em 97 a.e.c., foi expulso do Senado pelos censores Marco Antônio e Valério Flaco porque havia abolido a *Lex Sumptuaria* de 103. Por vingança acusou Marco Antônio de prática de *ambitus* – disputa ilegal por cargos públicos –, Cf. Valério Máximo II, 9, 5.

²⁹⁸ Em 97 a.e.c.

275 Estas coisas fazem muitíssimo rir e, por Hércules, todas aquelas que são ditas com tempero e aparente absurdo por pessoas sensatas como que por simulação²⁹⁹ (em não entender). Deste gênero é também não parecer entender o que entendes, como Pontídio: ‘O que pensas daquele que é pego em adultério?’ ‘Lerdo’. Ou, como eu que no recrutamento disse a Metelo, quando não aceitou minha desculpa dos olhos e me disse: ‘Então, tu não vês nada? Eu, em verdade, – respondi –, da porta Esquilina vejo tua vila!’³⁰⁰

276 *ut illud Nasicae: qui, quom ad poetam Ennium uenisset eique ab ostio quaerenti Ennium ancilla dixisset ‘domi non esse’, [Nasica] sensit illam domini iussu dixisse et illum intus esse. Paucis post diebus cum ad Nasicam uenisset Ennius et eum a ianua quaereret, exclamat Nasica ‘domi non esse’. Tum Ennius: ‘Quid? Ego non cognosco uocem’ inquit ‘tuam?’ Hic Nasica ‘homo es impudens: ego cum te quaerirem ancillae tuae credidi te domi non esse, tu mihi non credis ipsi?’*

276 Outro exemplo: Chegando Cipião Nasica³⁰¹ à casa do poeta Ênio e chamando-o da porta, de lá de dentro respondeu-lhe a escrava dizendo que Ênio não estava. Não obstante, Nasica sentiu que ela tinha dito isso por ordem de seu amo e que Ênio estava mesmo em casa. Poucos dias depois, o poeta foi até a casa de Nasica e chamando-o da porta, Nasica gritou de lá de dentro que não estava em casa. ‘Que é? E eu não conheço tua voz?’, disse Ênio; ao que respondeu Nasica: ‘És um descarado! Quando te chamei em tua casa e a escrava disse que não estavas, acreditei; agora eu próprio digo que não estou e não acredito?!’

²⁹⁹ *Simulatio*: Quintiliano relaciona esta palavra a outro gênero um tanto quanto diferente daquele ao qual ela esta inclusa aqui. Enquanto Cícero não somente afirma que a *simulatio* consiste em não entender o que o interlocutor disse, como também a relaciona as respostas de conteúdo um pouco absurdos, Quintiliano, além de defini-la como “a idéia de possuir uma convicção inequívoca” (cf. *De risu*, § 85), dela faz uma espécie variação num subgênero (o principal é a *refutatio*) que ele chama de *confessionis simulatio* – simulação de confissão (cf. *De risu*, § 81).

³⁰⁰ O ridículo se configura aqui semelhante ao exemplo do episódio da morte da murena em que Domício censura a luxuosidade da casa de Crasso (v. § 230, n. 154). Neste exemplo a diferença reside numa mistura do ridículo vindo de algo que não se entende embutido numa resposta com a censura do excesso. A vila em questão é, provavelmente, a vila tiburtina, tão grande que mesmo alguém que enxergava mal como César podia vê-la de muito longe.

³⁰¹ Não se sabe a qual Cipião Nasica o texto se refere. Tanto pode ser Públio Cornélio Cipião Nasica *Optimus*, edil curul em 197, e cônsul em 191 a.e.c. e primo do primeiro Africano, como também pode ser Cipião Nasica *Corculum* filho do *Optimus*, edil curul em 169, cônsul em 162 e genro do primeiro Africano.

277 *Est bellum illud quoque, ex quo is, qui dixit inridetur, in eo ipso genere, quo dixit: ut, quom Q. Opimius consularis, qui adolescentulus male audisset, festiuo homini Egilio, qui uideretur mollior nec esset, dixisset: ‘quid tu, Egilia mea? Quando ad me uenis cum tua colu et lana?’ – ‘Non pol’ inquit ‘audeo: nam me ad famosas uetuit mater accedere.’*

277 Há também um belo recurso, através do qual aquele que diz algo para ridicularizar alguém é por este ridicularizado através do mesmo gênero de palavras: O consular Quinto Opímio,³⁰² que na adolescência era muito mal falado,³⁰³ disse a Egílio, um homem fino que parecia afeminado mas não era: ‘Que é de ti, Egília minha, quando virás à minha casa com tua roca e tua lã?’ Então Egílio lhe respondeu: ‘Não, por Pólux,³⁰⁴ não me atrevo! Minha mãe me proibiu de me aproximar das mulheres de má fama’.

278 (LXIX) *Salsa sunt etiam, quae habent suspicionem ridiculi absconditam. Quo in genere est Siculi illud: cui quom familiaris quidam quereretur quod diceret uxorem suam suspendisse se de ficu: ‘Amabo te,’ inquit, ‘da mihi ex ista arbore quos seram surculos.’ In eodem genere est, quod Catulus dixit cuidam oratori malo; qui cum in epilogo misericordiam se mouisse putaret, postquam assedit, rogauit hunc uidereturne misericordiam mouisse: ‘Ac magnam quidem, inquit ; neminem enim puto esse tam durum, cui non oratio tua miseranda uisa sit.’*

278 Também são picantes aquelas coisas que possuem uma oculta malícia³⁰⁵ do ridículo. A este gênero pertence a frase de um siciliano cujo amigo se queixava certa vez dizendo que a esposa tinha se enforcado num pé de figo: ‘Por favor, dá-me uma

³⁰² Quinto Opímio, pretor em 157 a.e.c. e cônsul em 154.

³⁰³ Lucílio XI, 450.

³⁰⁴ Por não ter encontrado referências precisas, não posso afirmar que a interjeição “Por Pólux” era pronunciada no trato feminino. Porém se assim é, o dito picante de Egílio ficou sobremodo incrementado por essa sutileza.

³⁰⁵ Quintiliano acolhe o gênero e o termo (v. *De risu*, § 88 e n.).

muda dessa árvore para eu plantar!’³⁰⁶ Ao mesmo gênero pertence a frase que Cátulo disse a um mau orador, que no epílogo de seu discurso julgava ter provocado misericórdia e depois, ao sentar-se, perguntou se parecia ter obtido êxito: ‘E grande! – respondeu Cátulo –, aliás, não creio que haja alguém tão duro, a quem teu discurso não pareça digno de misericórdia.’

279 *Me tamen hercule etiam illa ualde mouent stomachosa et quasi submorosa
ridicula, – non quom a moroso dicuntur; tum enim non sal, sed natura ridetur, In quo,
ut mihi uidetur, persalsum illud est apud Nouium:*

‘quid ploras, pater?’ –
‘Mirum ni cantem? condemnatus sum.’

*Huic generi quasi contrarium est ridiculi genus patientis ac lenti: ut quom Cato
percussus esset ab eo qui arcam ferebat, quom ille postea diceret ‘cave’, rogauit ‘num
quid aliud ferret praeter arcam.’*

279 A mim, por Hércules, muito me provocam o riso as palavras que expressam irritação e um tanto de mau humor; quando não ditas por um rabugento então, é a natureza dessas coisas que faz rir e não o tempero. Deste gênero há exemplo muito picante em Nívio:³⁰⁷

“Por que choras, papai?
“Estás surpreso que não estou cantando? Fui condenado, poxa!

Quase contrário a este é o gênero de ridículo paciente e calmo; como, por exemplo, quando Catão foi machucado por um homem que levava uma arca. Como o sujeito lhe dissesse ‘Cuidado’, perguntou-lhe Catão ‘Por acaso levas outra coisa além da arca?’

³⁰⁶ V. Quintiliano VI, 3, 88.

³⁰⁷ V. § 255.

280 *Est etiam stultitiae salsa reprehensio; ut ille Siculus, cui praetor Scipio patronum causae dabat hospitem suum, hominem nobilem, sed admodum stultum: ‘quaeso,’ inquit ‘praetor, aduersario meo da istum patronum, deinde mihi neminem dederis.’ Mouent etiam illa, quae coniectura explanantur longe aliter atque sunt, sed acute atque concinne; ut cum Scaurus accusaret Rutilium ambitus, cum ipse consul esset factus, ille repulsam tulisset, et in eius tabulis ostenderet litteras A. F. P. R. idque diceret esse ‘actum fide P. Rutili’, Rutilius autem ‘ante factum, post relatam’, C. Canius eques Romanus, quom Rufo adesset, exclamat neutrum illis litteris declarari. ‘Quid ergo?’ inquit Scaurus. – ‘Aemilius fecit, plectitur Rutilius.’*

280 Há também uma maneira picante de repreender a estultice³⁰⁸; como disse aquele siciliano, a quem o pretor Cipião³⁰⁹ concedia como advogado um hóspede seu, homem nobre mas sobremodo estulto: ‘Pretor, por favor, dá este advogado para o meu adversário. Se fizeres isso, não preciso de nenhum.’ Provocam também o riso, as coisas que por conjectura são explicadas muito diferentemente do que são, mas de maneira aguda e engenhosa. Nas eleições para cônsul, Escauro³¹⁰ acusava Rutílio³¹¹ de corrupção. Aconteceu que Escauro venceu e Rutílio perdeu. Daí, Escauro passou a escrever nas tábuas de Rutílio as seguintes letras: A.F.P.R. que dizia significar ‘Ato feito por Públio Rutílio! E Rutílio, por sua vez, dizia que aquilo significava ‘Antes feito, posteriormente relatado’. Então, C. Cânio³¹², cavaleiro romano que assistia a Rutílio Rufo, exclamou que as letras não significavam nenhuma das duas coisas, ‘O que então?’, perguntou Escauro. E o cavaleiro disse: ‘Aemilius³¹³ fez; perdeu Rutilius.’

281 (LXX) *Ridentur etiam discrepantia: ‘quid huic abest, nisi res et uirtus?’ Bella etiam est familiaris reprehensio quasi errantis: ut cum obiurgauit Albium Granius,*

³⁰⁸ Este outro gênero acolhido por Quintiliano (cf. *De risu*, § 71).

³⁰⁹ Lúcio Cornélio Cipião Asiático, filho do nono Africano, irmão do grande Africano, e pretor na Sicília em 193 e cônsul em 190 a.e.c. (cf. Tito Lívio XXXIX, 44, 1).

³¹⁰ V, §§ 257 e 265.

³¹¹ Públio Rutílio Rufo, pretor em 111 e cônsul em 105 a.e.c. Cícero diz dele e de Escauro (*Brutus* 110) serem homens de grande indústria, prática e boas capacidades, mas destituídos de talento oratório. Porém, Cícero também afirmava que Rufo era um homem íntegro e que a acusação *de repetundis* fora forjada por uma conspiração de parte da ordem equestre. Rufo aceitou serenamente o exílio e não voltou mais a Roma, estabelecendo-se em Smirna. O trecho anotado refere as trocas de acusações entre Escauro e Rufo.

³¹² Caio Cânio. Cícero assim o define em *De officiis* (III, 58): *C. Canius, eques Romanus, nec infacetus et satis litteratus*, “Caio Cânio, cavaleiro romano, faceto e muito erudito.”

³¹³ *Marcus Aemilius Scaurus*.

quod, quom eius tabulis quiddam ab Albucio probatum uideretur, [et] ualde absoluto Scaeuola gauderet neque intellegeret contra suas tabulas esse iudicatum.

281 Ri-se também de discrepâncias: ‘O que falta a este senão a riqueza e a virtude³¹⁴?’ Engraçada também é a repreensão do amigo ao que está prestes a se equivocar. Certa vez Grânio chamou a atenção de Álbio porque ele se alegrara muito por Cévola ter sido absolvido depois que Albúcio encontrou algo em suas tábuas como prova, e não percebeu que o juízo se deu justamente contra suas tábuas.

282 *Huic similis est etiam admonitio in consilio dando familiaris: ut cum patrono malo, quom uocem in dicendo obtudisset, suadebat Granius ut mulsum frigidum biberet, simul ac domum redisset: ‘Perdam’, inquit, ‘uocem, si id fecero.’ – ‘Melius est’ inquit ‘quam reum.’*

282 Semelhante a esse gênero é aquele em que há uma admoestação amiga e aconselhadora. Um advogado ruim dizia que estava perdendo a voz. Então, quando Grânio tentava persuadi-lo a que voltasse para casa e tomasse imediatamente vinho melado frio, disse-lhe: ‘Perderei a voz se fizer isso’; ao que lhe respondeu Grânio: ‘Melhor é do que perder o réu’.

283 *Bellum etiam est, quom quid cuique sit consentaneum dicitur: ut quom Scaurus non nullam haberet inuidiam ex eo, quod Phrygionis Pompei, locupletis hominis, bona sine testamento possederat, sederetque aduocatus reo Bestiae, cum funus quoddam duceretur, accusator C. Memmius: ‘Vide,’ inquit ‘Scaure, mortuus rapitur, si potes esse possessor.’*

283 Belo é também o gênero em que se diz o que é apropriado a cada um. Escauro³¹⁵ provocava certa indignação de alguns porque se apossara sem testamento dos bens de

³¹⁴ Quintiliano insere esta frase dentro de outro gênero de urbanidade (aqueles que consistem em frustrar a expectativa ou entender de outro modo o que foi dito, cf. § 84).

³¹⁵ V. §§ 257, 265, 280.

Frégio Pompeu,³¹⁶ homem muito rico. Certa vez, Béstia³¹⁷ assistia-o como advogado num processo quando passou um funeral. Então C. Mêmio,³¹⁸ o advogado de acusação, disse: ‘Escauro, estão carregando um morto. Verifique se podes ser o herdeiro.’

284 *Sed ex his omnibus nihil magis ridetur quam quod est praeter expectationem. Cuius innumerabilia sunt exempla, ut Appi maioris illius, qui in senatu, quom ageretur de agris publicis et de lege Thoria et peteretur Lucullus ab eis, qui a pecore eius depasci agros publicos dicerent: ‘Non est,’ inquit, ‘Luculli pecus illud: erratis’ – defendere Lucullum uidebatur – ‘ego liberum puto esse; qua libet pascitur.’*

284 Mas de todas essas, nenhuma provoca mais o riso do que aquela que vai contra a expectativa;³¹⁹ os exemplos são inumeráveis. Um deles é o caso de Ápio, o velho.³²⁰ Quando ele debatia no senado a respeito dos campos públicos e da lei Tória,³²¹ Luculo começou a ser atacado pelos senadores que o acusavam de ter seu gado pastando em campos públicos. Então, Ápio disse: ‘Errais senhores, aquele rebanho não é de Luculo’ – parecendo defendê-lo –, Eu o considero livre. Que paste onde lhe apraz’.

285 *Placet etiam mihi illud Scipionis illius, qui Ti. Gracchum perculit. Quom ei M. Flaccus multis probris obiectis P. Mucium iudicem tulisset: ‘Eiero,’ inquit ‘iniquus est.’ Cum esset admurmuratum: ‘Ah,’ inquit, ‘P. C., non ego mihi illum iniquum eiero, uerum omnibus.’ Ab hoc uero Crasso nihil facetius: cum laeisset testis Silus Pisonem, quod se in eum audisse dixisset: ‘Potest fieri,’ inquit, ‘Sile, ut is, unde te audisse dicis, iratus dixerit.’ Adnuvit Silus. ‘Potest etiam, ut tu non recte intellexeris.’ Id quoque toto capite adnuvit, ut se Crasso daret. ‘Potest etiam [fieri],’ inquit, ‘ut omnino, quod te*

³¹⁶ Desconhecido.

³¹⁷ Lúcio Calpúrnio Béstia, tribuno da plebe em 121 a.e.c. e cônsul em 111, concluiu com Marco Emílio Escauro um acordo de paz com Numídia sem consultar o Senado. A atitude causou indignação e ele foi condenado a uma pena que se desconhece. Por fim, terminou exilando-se de Roma em 90 a.e.c.

³¹⁸ V. § 240.

³¹⁹ Quintiliano faz desse subgênero de Cícero um componente de um gênero estabelecido pela divisão encontrada entre os §§ 23-24 de *De risu*, dele apresentando exemplos nos §§ 64 e 84.

³²⁰ A mesma dificuldade de identificação que encontramos no § 246 se repete aqui. Devido à extensa lista de nomes pertencentes à *gens Claudia* e à repetição de nomes, as referências se enfraquecem e não nos permitem precisar a qual personagem o texto se refere.

³²¹ Esta lei, de 119 a.e.c., leva o nome de seu propositor *Thorius* e trata de uma questão agropecuária: os pastos públicos.

audisse dicis, numquam audieris.’ Hoc ita praeter expectationem accidit, ut testem omnium risus obrueret. Huius generis est plenus Nouius, cuius iocus est familiaris: ‘Sapiens, si algebis, tremes’, et alia permulta.

285 Também me agradam as palavras daquele Cipião³²² que abalaram tremendamente Tibério Graco: como Marco Flaco³²³, depois de lançar-lhe muitos ultrajes, propusesse como juiz Públio Múcio³²⁴, disse: ‘Recuso, é iníquo.’ E como murmurassem,³²⁵ replicou: ‘Oh! Senadores! Recuso-o não por ser injusto para comigo, mas para com todos.’ Quanto a isso, nada há mais faceto do que Crasso. Certa vez, como fosse Silo testemunha num processo e prejudicasse a Pisão dizendo ter ouvido algo contra ele, disse-lhe Crasso: ‘Pode ser, Silo, que este de quem ouviste tal coisa, tenha falado isso com raiva?’ Silo admitiu. ‘Também pode ser que tu não tenhas entendido corretamente?’ E a isso também consentiu balançando a cabeça; e de tal modo, que acabou se entregando a Crasso: ‘Pode ser também que isso que dizes ter ouvido, jamais tenhas ouvido realmente?’ Isso de tal modo veio contra as expectativas, que o riso de todos aniquilou o testemunho³²⁶. Nívio³²⁷ está repleto deste gênero, do qual este gracejo é bem familiar: ‘Esperto: se tens frio, tremes’ e muitos outros.

286 (LXXI) *Saepe etiam facete concedas aduersario id ipsum, quod tibi ille detrahit: ut C. Laelius, cum ei quidam malo genere natus diceret indignum esse suis maioribus: ‘At Hercule,’ inquit, ‘tu tuis dignus.’ Saepe etiam sententiose ridicula dicuntur; ut M. Cincius, quo die legem de donis et muneribus tulit, cum C. Cento prodisset et satis contumeliose: ‘Quid fers, Cinciole?’ quaesisset: ‘Vt emas,’ inquit, ‘Gai, si uti uelis.’*

³²² Públio Cornélio Cipião Nasica Serapião, filho de Públio Cornélio Cipião Nasica *Corculum* (v. § 276), cônsul em 138 e 133. Cícero descreve nas *Tusculanas* (IV, 23, 51) que perante a passividade de Múcio Cévola (cônsul em 133 a.e.c.) diante da política de Tibério Graco, este Cipião juntou-se a alguns senadores e matou não somente a Tibério Graco, como também a alguns de seus partidários.

³²³ Marco Fúlvio Flaco, cônsul em 125 a.e.c., era partidário dos Gracos e morreu no mesmo dia em que Caio Graco morreu (cf. Cícero, *Cat.* I, 4; *Philippicae* VIII, 14).

³²⁴ Públio Múcio Cévola, pai de Quinto Múcio Cévola, homem de reconhecida integridade.

³²⁵ Os senadores murmuravam como se ali surgisse um escândalo dada a famosa integridade de Públio Múcio Cévola.

³²⁶ Silo e Pisão: desconhecidos.

³²⁷ V. § 255.

286 Muitas vezes podes rebater ao adversário com a mesma coisa que ele aplicou contra ti. C. Lélio³²⁸ respondeu assim a um sujeito mal nascido que lhe dizia ser indigno de seus ancestrais: ‘Mas, tu, por Hércules, és digno dos teus!’ Outras tantas vezes, diz-se coisas ridículas sentenciosamente, tal como respondeu M. Cíncio³²⁹ no dia em que propôs a Lei dos dons e das dádivas e C. Centão,³³⁰ aproximando-se, perguntou de forma bastante agressiva: ‘O que propões, Cincinho?’ ‘Proponho, Caio, que compres, se queres usar’.

287 *Saepe etiam salse, quae fieri non possunt, optantur: ut M. Lepidus, quom ceteris se in campo exercentibus ipse in herba recubisset: ‘uellem hoc esset,’ inquit, ‘laborare.’ Salsum est etiam quaerentibus et quasi percontantibus lente respondere quod nolint: ut censor Lepidus, quom cum M. Antistio Pyrgensi equom ademisset amicie [quom] uociferarentur et quaererent, quid ille patri suo responderet, cur ademptum sibi equom diceret, quom optimus colonus, parcissimus, modestissimus, frugalissimus esset: ‘Me istorum,’ inquit, ‘nihil credere.’*

287 Com bastante freqüência desejamos aquilo que não pode ser feito³³¹, como Marco Lépidio³³² que, enquanto os outros se exercitavam no campo, recostou-se na relva e disse: ‘Ah! Como eu queria que isso fosse trabalhar!’ Também é engraçado quando ocorre de as pessoas perguntarem algo e insistirem a tal ponto que, com indiferença,

³²⁸ Caio Lélio, o jovem. Amigo de Cipião Emiliano. Cônsul em 140, foi considerado um dos mais brilhantes oradores de seu tempo. É um dos protagonistas de *De amicitia* e está presente também em *De Re Publica*. Reconhecido por Cícero como um homem muito jovial (cf. *De Officiis* I, 108).

³²⁹ Marco Cíncio Alimento, tribuno da plebe em 204 a.e.c., possível irmão do historiador Lúcio.

³³⁰ Não encontramos referências a respeito deste Centão. Algumas edições indicam-no como Caio Cláudio Centão, cônsul em 240 a.e.c. e ditador em 213, ou seu filho homônimo, emissário do cônsul Públio Máximo em 200 a.e.c., mas mesmo elas não o fazem seguramente.

³³¹ Quintiliano introduz um gênero com construção semelhante – *quod fieri non potest* – ressaltamos “semelhante” e não “idêntica” porque a flexão verbal pode derivar um matiz diferente de gênero de dito ridículo. O exemplo trazido por Quintiliano que conta a anedota dos peixes que eram servidos de um lado num dia e no seguinte do outro, se aproxima, por assim dizer, mais do fato absurdo (que Cícero organiza aqui como gênero denominando de “frases absurdas”, cf. § 274). O exemplo apresentado aqui causa o riso por meio de uma fala que expressa um desejo que não é possível, ao menos circunstancialmente. Assim, embora estes gêneros sejam introduzidos por um aparelho frasal semelhante, seus exemplos vão a direções diferentes quanto à semântica e quanto à obediência àquela divisão de Cícero e Quintiliano sobre o ridículo de assunto e de palavras, o exemplo de Cícero se coaduna com o último (mais especificamente, com a mistura de ambos – o ridículo de palavras extraído de um assunto, cf. § 274) e o de Quintiliano mais com o primeiro.

³³² Semelhante ao caso de Ápio, o velho (n. 191), há aqui grande dificuldade de identificação da personagem.

lhês respondam o que não querem; como é o caso de quando o censor Lépido³³³ excluiu M. Antístio Pirgense³³⁴ da ordem eqüestre e seus amigos, que vociferavam e perguntavam o que Marco Antístio iria responder ao pai quando fosse por ele questionado por que fora dela excluído, não obstante Antístio fosse um colono ótimo, muito parco, modesto e frugal: ‘Que não acredito em nada disso’, respondeu-lhes Marco Lépido.

288 *Conliguntur a Graecis alia non nulla, exsecrationes, admirationes, minationes. Sed haec ipsa nimis mihi uideor in multa genera discripsisse. Nam illa, quae uerbi ratione et ui continentur, certa fere ac definita sunt; quae plerumque, ut ante dixi, laudari magis quam rideri solent.*

288 Os gregos catalogaram algumas outras imprecções, admirações e ameaças. Mas me parece que essas mesmas coisas foram excessivamente distribuídas por mim em muitos gêneros; pois aquelas que são sustentadas pela força e expressão da palavra são quase certas e definidas; as quais, na maioria das vezes (como disse antes), costumam arrancar mais elogios do que risos.

289 *Haec autem, quae sunt in re ipsa et sententia, partibus sunt innumerabilia, generibus pauca. Expectationibus enim decipiendis et naturis aliorum inridendis, ipsorum ridicule indicandis, et similitudine turpioris et dissimulatione, et subabsurda dicendo et stulta reprehendendo risus mouentur. Itaque imbuendus est is, qui iocose uolet dicere, quasi natura quadam apta ad haec genera et moribus, ut ad cuiusque modi genus ridiculi uultus etiam accommodetur; qui quidem quo seuerior est et tristior, ut in te, Crasse, hoc illa quae dicuntur salsiora uideri solent.*

289 Por outro lado aquelas que estão na própria coisa e no conceito possuem partes inumeráveis e poucos gêneros. Em suma, provocam o riso ao lograr as expectativas, ao ridicularizar a natureza dos outros [indicando risivelmente as nossas próprias],³³⁵

³³³ Marco Emílio Lépido, cônsul em 187 e 175 a.e.c. e censor em 179.

³³⁴ Desconhecido.

³³⁵ Cf. *De risu* § 22-23.

aproximando as coisas na semelhança com o mais torpe, usando de dissimulação, dizendo coisas com um quê de absurdo e repreendendo a estultice. E quem deseja falar gracejosamente deve estar imbuído de uma natureza apta a estes gêneros e costumes, de tal modo que até seu semblante se adéqüe a cada um destes gêneros. E quanto mais formidável for seu ar de tristeza e severidade, como em ti Crasso, mais as coisas que disser parecerão picantes.

290 *Sed iam tu, Antoni, qui hoc deuersorio sermonis mei libenter acquieturum te esse dixisti, tamquam in Pomptinum deuerteris, neque amoenum neque salubrem locum, censeo ut satis diu te putes requiesse et iter reliquum conficere pergas.*" *"Ego uero, atque hilare quidem a te acceptus," inquit, "et quom doctior per te, tum etiam audacior factus sum ad iocandum. Non enim uereor ne quis me in isto genere leuiorem iam putet, quoniam quidem tu Fabricios mihi auctores et Africanos, Maximos, Catones, Lepidos protulisti.*

290 Mas agora, tu, Antônio, que disseste que este meu discurso seria para ti uma hospedaria em que repousarias de livre vontade, tanto quanto desviasse de Pontino,³³⁶ lugar nem ameno nem saudável, conto com isto: que te consideres suficientemente descansado e retomes o restante do caminho." "Eu, na verdade, alegremente fui recebido por ti – disse Antônio –, e não só me tornei mais douto por ti, como também mais audaz na arte de gracejar. Já não temo, com efeito, que alguém me considere tão frívolo neste gênero, porquanto me colocaste no nível de Fabrício, Africano, Máximo, Catão e Lépidio.

291 *Sed habetis ea, quae uultis ex me audire, de quibus quidem accuratius dicendum et cogitandum fuit. Nam cetera faciliora sunt atque ex eis, quae dicta sunt, reliqua nascuntur omnia. (LXXII) Ego enim quom ad causam sum adgressus atque omnia cogitando, quoad facere potui, persecutus, quom et argumenta causae et eos locos, quibus animi iudicium conciliantur, et illos, quibus permouentur, uidi atque cognoui, tum constituo quid habeat causa quaeque boni, quid Mali. Nulla enim fere potest res in*

³³⁶ Pântanos situados na Campânia (Itália).

dicendi disceptationem aut controuersiam uocari, quae non habeat utrumque: sed quantum habeat, id refert. [...]”

291 Mas já tendes as coisas que desejastes ouvir de mim, acerca das quais haveria de falar e refletir mais acuradamente, pois as demais são mais fáceis e todas as outras restantes nascem destas que foram ditas. Eu, com efeito, quando me acerquei da causa, meditando, tratei de todas as coisas até onde pude. Foi quando vi e conheci tanto os argumentos da causa quanto as considerações com os quais conciliamos os ânimos dos juízes e aqueles com os quais os comovemos. Então determino o que há de bom e de ruim em cada causa. Em geral, quase nada pode ser chamado às decisões ou controvérsias no discurso, que não possua uma e outra coisa; mas o que importa é que elas sejam tratadas. [...]

³³⁷ Depois de César ter discorrido sobre o riso, a fala é devolvida a Antônio que tece então algumas considerações finais a respeito da *inuentio*. Ele instrui a proteger os argumentos mais fortes, procurar a simpatia dos ouvintes e tentar mudar seus sentimentos. Ora, esses são os objetivos do orador, cuja presença nessas considerações finais só fazem reforçar que eles devem permanecer em foco. Ademais, duas regras Antônio aplica em seus discursos: não expor argumentos complicados e difíceis e não provocar dano à própria causa. Apresentados exemplos e considerações a esse respeito chega ao fim o trato da *inuentio* em *De oratore*. Ainda no livro II, Antônio tratará da *dispositio* e da *memoria*.

MARCVS FABIVS QUINTILIANVS

Institutio oratoria VI, 3, 1–112

(*De risu*)

Tradução e Notas

1 *Huic diuersa uirtus quae risum iudicis mouendo et illos tristes soluit adfectus et animum ab intentione rerum frequenter auertit et aliquando etiam reficit et a satietate uel a fatigatione renouat. Quanta sit autem in ea difficultas uel duo maximi oratores, alter Graecae, alter Latinae eloquentiae princeps, docent;*

1 Diversa dessa³³⁸, /há/ uma virtude que provocando o riso do juiz não somente dissolve os sentimentos tristes³³⁹, como também afasta com frequência o ânimo da atenção aos fatos³⁴⁰, bem como algumas vezes o reanima e renova da saturação e da fadiga³⁴¹. Entretanto, os dois maiores oradores, dos quais o principal da eloquência grega e o outro o principal da eloquência latina, mostram o quanto ela é difícil;

2 *nam plerique Demostheni facultatem defuisse huius rei credunt, Ciceroni modum. Nec uideri potest noluisse Demosthenes, cuius pauca admodum dicta nec sane ceteris eius uirtutibus respondentia palam ostendunt non displicuisse illi iocos, sed non contigisse.*

³³⁸ Nos três primeiros capítulos do livro VI, Quintiliano se ocupa dos aconselhamentos quanto ao uso do *mouere adfectus* na *peroratio*. Nos dois primeiros, o retor trata do recurso que consiste em recapitular os fatos (sem recair, porém, numa repetição fastidiosa ou a uma simples enumeração) e daquele que provoca os sentimentos de piedade (comoção) em prol da causa defendida pelo orador. Em suma, o orador deve não somente recordar brevemente seu ouvinte sobre seus argumentos, como também excitar seus sentimentos de modo que sua atenção se volte favorável à sua causa e desfavorável à do adversário. A estes Quintiliano soma, no terceiro livro, outro recurso: o riso. E este deve funcionar em contrapartida aos efeitos provocados pelo *mouere adfectus*. Explico: aberta a possibilidade de réplicas e sabendo-se que numa disputa judiciária (da qual o tipo de discurso é o mais amplamente tratado e discutido, inclusive em *De oratore* e na *Institutio oratoria*) há uma alteração, certamente ocorrerá que, dependendo da causa, um dos advogados recorra em mover os sentimentos do juiz. O riso então funciona, conforme aponta Cícero (*De ridiculis*, § 236), justamente para anular essa benevolência captada pelo adversário por meio deste recurso, neutralizando e transferindo-a ao orador (cf. Quint. VI, 1–2).

³³⁹ Como se disse, aqueles que foram provocados pelo adversário através da excitação das emoções (cf. V, 6, 2 e 5).

³⁴⁰ Referência à parte da *peroratio* em que o orador recapitula os fatos para colocar a causa em evidência, caso isso ainda não tenha sido alcançado. Além disso, Quintiliano prescreve um recurso semelhante no livro IV (1, 49) onde fala sobre a prolepse no exórdio.

³⁴¹ Renovando dos extensos trabalhos, da atenção aos argumentos, da peroração enfim, o riso provocado pelo orador desfaz qualquer indocilidade do ouvinte e o deixa apto a predispor-se à sua causa.

2 pois um grande número de pessoas acredita que faltava a Demóstenes a habilidade nesta matéria³⁴² e a Cícero a moderação no seu uso³⁴³. Demóstenes não pode ser visto como se a recusasse, cujos pouquíssimos ditos picantes,³⁴⁴ que seguramente não estavam à altura de suas outras virtudes, evidenciam isto claramente: os gracejos não o desagradavam, mas não era exatamente esse o seu dom.

3 *Noster uero non solum extra iudicia, sed in ipsis etiam orationibus habitus est nimius risus adfectator. Mihi quidem, siue id recte iudico siue amore inmodico praecipui in eloquentia uiri labor, mira quaedam in eo uidetur fuisse urbanitas.*

3 Já o nosso Cícero é considerado excessivamente afeito ao riso, não somente fora do tribunal, mas também em seus próprios discursos. A mim em verdade parece ter havido nele uma admirável urbanidade³⁴⁵, esteja eu julgando convenientemente esteja eu deslizando em afeição desmesurada pelo principal nome da eloquência³⁴⁶.

4 *Nam et in sermone cotidiano multa et in altercationibus et interrogandis testibus plura quam quisquam dixit facete, et illa ipsa quae sunt in Verrem dicta frigidius aliis adsignauit et testimonii loco posuit, ut, quo sunt magis uulgaria, eo sit credibilius illa non ab oratore ficta, sed passim esse iactata.*

³⁴² Cf. *Orator* 90.

³⁴³ Plutarco (*Cíc.* 50, 5 sg.) confirma a fama.

³⁴⁴ Cícero define pelo exemplo de Ênio o sentido do termo *dictum* (no plural, *dicta*) como dito picante (cf. *De ridiculis*, § 222). Essa solução balizou a tradução desta palavra nos capítulos em que ela se apresentou sozinha e o contexto exigia e/ou permitia. Quando isso ocorreu, optei pela expressão “dito picante”, subentendido, portanto, o termo *salsum* na ocorrência em questão (p. ex.: §§ 28, 30 e 60). Por outro lado, quando a palavra surgiu acompanhada de algum modificador, obedeci à construção ali presente, utilizando a palavra traduzida “dito” acompanhada do devido modificador (p. ex.: §§ 6, 51 e 54). Em outros casos a palavra era apenas um componente do período ou a retomada de algo que havia sido dito antes, e isso não a incluía em nenhum desses casos (p. ex.: §§ 26, 104, 109, 111). Por fim, explico em *De ridiculis* (§ 216, n. 104) por que traduzi *salsum* por “picante”.

³⁴⁵ Sobre urbanidade (*urbanitas*), v. § 8, n. 354.

³⁴⁶ Defendendo Cícero da crítica sobre a qualidade de seu humor, Kelsey (1907) exalta sua excelente capacidade de persuasão (segundo Kelsey, Cícero, adepto do uso da *inuentio*, é inigualável entre os oradores nesse quesito) e sua sensibilidade no uso do ridículo. Um dos argumentos usados por Kelsey, talvez o principal, é justamente essa passagem de *De risu*, deixando claro que essa má fama de Cícero quanto ao humor derivou da má edição daqueles seus três livros sobre deus ditos ridículos e não sobre as *actiones* de Cícero (cf. § 4 e 55).

4 De fato, ele disse muitas coisas facetamente³⁴⁷ não apenas nas conversas quotidianas, mas também em maior abundância e mais do que qualquer um nos debates judiciários, bem como interrogando testemunhas. E mesmo aquelas palavras ditas com demasiada frieza contra Verres, ele as atribuiu a outras pessoas e as pôs na categoria de depoimento para que quanto mais vulgares fossem mais crível ficasse que elas não haviam sido preparadas pelo orador, mas sim ditas aqui e ali.³⁴⁸

5 *Vtinamque libertus eius Tiro, aut alius, quisquis fuit, qui tris hac de re libros edidit, parcius dictorum numero indulsissent et plus iudicii in eligendis quam in congerendis studii adhibuissent; minus obiectus calumniantibus foret, qui tamen nunc quoque, ut in omni eius ingenio, facilius quod reici quam quod adici possit inuenient.*

5 Oxalá seu liberto Tiro,³⁴⁹ ou outro qualquer que tenha publicado os três livros sobre o assunto, tivesse sido menos indulgente com a quantidade de ditos picantes e empregado mais juízo no escolher do que zelo no acumular.³⁵⁰ Fosse isso, ele teria sido menos exposto aos caluniadores, que, mesmo hoje, encontrarão nesse e nos demais aspectos do seu talento mais facilmente o que retirar do que acrescentar.

6 *Adfert autem rei summam difficultatem primum quod ridiculum dictum plerumque falsum est [hoc semper humile], saepe ex industria deprauatum, praeterea numquam honorificum; tum uaria hominum iudicia in eo quod non ratione aliqua, sed motu animi quodam nescio an enarrabili iudicatur.*

6 Além disso, acarreta à matéria uma extrema dificuldade: primeiro, o dito ridículo é quase sempre falso (e este é sempre baixo), muitas vezes propositalmente distorcido, e além do mais nunca enaltecedor; e, em segundo lugar, o fato de haver vários juízos dos

³⁴⁷ Referência à nomenclatura do riso oratório de Cícero definido em *De ridiculis*.

³⁴⁸ Cf. *In Verrem*, II, 1, 121.

³⁴⁹ Não há referências sobre o liberto Tiro. Quanto à existência dos livros que continham os *dicta* de Cícero há referências em *Ad familiares* (VII, 32; IX, 16). Em uma delas (XV, 21), inclusive, aparece o nome de *Trebonius* (cf. Kelsey, 1907: p. 7) como seu prévio curador (v. Macróbio *Saturnalia* II, 1, 12).

³⁵⁰ Kelsey (1907: pp. 7–8), cita essa má fama angariada por Cícero devido à má escolha no ajuntamento de seus ditos ridículos em três livros.

homens a seu respeito, porquanto ele não é entendido por meio de algum princípio racional, mas por um certo movimento do ânimo que não sei se pode ser explicado.³⁵¹

7 *Neque enim ab ullo satis explicari puto, licet multi temptauerint, unde risus, qui non solum facto aliquo dictoue, sed interdum quodam etiam corporis tactu lacessitur. Praeterea non una ratione moueri solet: neque enim acute tantum ac uenuste, sed stulte, iracunde, timide dicta ac facta ridentur, ideoque anceps eius rei ratio est, quod a derisu non procul abest risus.*

7 De fato, não acredito que alguém possa explicar satisfatoriamente, ainda que muitos tenham tentado, de onde vem o riso, que é provocado não só por algum fato ou dito mas também algumas vezes por certo toque do corpo³⁵². Com efeito, o riso não costuma ser provocado por uma só ação: não rimos somente por palavras e ações realizadas de forma aguda e elegante, mas também pelas praticadas de forma estulta, iracunda e medrosa. E é por isso que a natureza de sua matéria é perigosa, pois o riso não se afasta muito do escárnio.³⁵³

8 *Habet enim, ut Cicero dicit, sedem in deformitate aliqua et turpitudine; quae cum in aliis demonstrantur, urbanitas, cum in ipsos dicentis reccidunt, stultitia uocatur. Cum uideatur autem res leuis, et quae a scurris, mimis, insipientibus denique saepe moueatur, tamen habet uim nescio an imperiosissimam et cui repugnari minime potest.*

8 O riso possui seu lugar, como diz Cícero, em alguma torpeza ou imperfeição³⁵⁴, chamadas de urbanidade³⁵⁵ quando apontadas nos outros e estultice quando recaem

³⁵¹ Embora Quintiliano não marque textualmente a observação dos cinco aspectos que devem ser observados quanto ao riso, como o faz Cícero no parágrafo 235 de *De ridiculis*, referências a elas podem ser encontradas em *De risu*. A primeira delas, “o que é o riso?”, à semelhança de Cícero também subjaz no texto, mas não é respondida por Quintiliano. Parece, no entanto, que Quintiliano, diferentemente de Cícero, reconhece ignorar o processo físico por que ocorre o riso. V. *De ridiculis* § 235 e nn.

³⁵² Talvez o texto se refira ao toque em determinadas partes do corpo que causam o riso (chamado popularmente de cócegas) ou ao que teoriza Plínio, o velho, em *Naturalis historia* (XI, 198), e Aristóteles em *De partibus animalium* (III, 10, 672, b10).

³⁵³ *Derisu*: Preferi “escárnio” a “derrisão” porque seu uso é mais comum e freqüente.

³⁵⁴ Referência à segunda pergunta a respeito do riso (cf. *De ridiculis*, § 235, 236 e Aristóteles, *Poética* 1449a 34 sg). Afirmativamente, Cícero e Quintiliano concordam que o riso tem seu lugar nas deformidades e nos vícios das pessoas. Todavia, como diz Aristóteles (*idem ibidem*) e o próprio

sobre os mesmos que estão falando. Por outro lado, posto que possa ser visto como um assunto menor, e amiúde provocado por bufões, mimos, tolos enfim, o riso possui, contudo, uma força talvez poderosíssima e irresistível.

Quintiliano (cf. §§ 28–31), não será qualquer vício objeto do riso. Tendo em mente a acepção de Bergson, que diz (1983: p. 26, 28) do riso um castigo do automatismo e um resultado da rigidez e da quebra da normalidade e o efeito do *monstrum* descrito nos quarenta primeiros versos da *Arte Poética* de Horácio, o riso (apontado no v. 5, observar-se-á que existe determinado ajuste para que um vício se mostre risível. Empiricamente, se ri de um rosto distorcido a imitar gestos, jeitos e maneira involuntárias de determinada pessoa que não sejam dignos de pena ou comiseração. Mas não se ri se uma deformação física é resultado de uma anormalidade da saúde de alguém ou de uma aberração qualquer. O riso preceituado por Quintiliano não somente se afasta por completo desse último tipo de riso, impróprio, como também determina maior cuidado e restrição no tipo de riso que deve ser provocado pelo orador.

³⁵⁵ Em seu artigo *Early Roman Urbanity* (*The American Journal of Philology*, vol. 81, nº. 1, 1960: pp. 65–72) Edwin S. Ramage colhe em textos de Cícero provas do desenvolvimento do conceito de *urbanitas* à época do último ano do orador. O primeiro conceito remete ao contraste entre a noção física de cidade e o refinamento que ela proporciona (cf. *Ad familiares* VII, 6, 1; XVII, 1; III, 9, 1; *Brutus* 177; *De oratore* I, 17; *Pro Roscio Amerino* 120). O segundo diz respeito ao riso refinado. Ramage relembra diversos parágrafos em que Cícero separa o humor do orador do humor dos bufões (cf. §§ 239, 244–246) e reproduz um trecho de *De officiis* 104, em que isso se mostra bem claro. Trata-se deste trecho: *Duplex omnino est iocandi genus, unum illiberale, petulans, flagitiosum, obscenum, alterum elegans, urbanum, ingeniosum, facetum*. Cícero diz que dois são os gêneros de gracejar: um deles é deseducado, petulante, torpe, obsceno; o outro é elegante, urbano, engenhoso, facetoso. Já o terceiro conceito diz sobre os modos do homem urbano, suas maneiras de falar quanto ao tom da voz e da pronúncia. Ramage também apresenta, a partir de peças de Plauto e Terêncio, a oposição entre o *homo urbanus* e o *homo rusticus*, especificamente quanto aos modos de vida. Ao citar a peça *Vidularia*, de Plauto, ele traz termos como *mollitia* e *umbra*, relativos à vida na cidade em oposição como a vida laboriosa do campo. Em *Adelphoe* de Terêncio, ele aponta a oposição entre *facilitate* e *clemens* (da cidade) e *parce* e *duriter* (do campo). Demais, cita também Domicio Marso (*De risu*, §§ 102–108) e, em especial, a ênfase de Catão sobre as características do homem urbano, para Ramage um *gentleman*, um cavalheiro. Já em seu trabalho denominado *Urbanitas: Cícero and Quintilian, a Contrast in Attitudes* (*The American Journal of Philology*, vol. 84, nº 4, 1963: pp. 390–414) Ramage diz que essa noção de *urbanitas* se insere no interesse dos romanos em perpetuar sua herança. Assim, desde um tempo próximo ao de Cícero até o primeiro século da era comum, o conceito de *urbanitas* se estabelece e se define até se mostrar mais exato em Quintiliano do que em Cícero. Depois, alegando que alguns artigos que trataram sobre o tema apresentavam pontos conflitantes (externos ou internos), Ramage reintroduziu a comparação entre a *urbanitas* Ciceroniana e a quintiliana. Em processo semelhante ao que fez em seu primeiro artigo (“Early Roman Urbanity”) ele enumera as ocorrências do termo em Cícero. Consta ali uma tentativa de classificação de sinônimos de *urbanitas*, a exclusividade de ocorrência do termo entre a elite romana, trechos onde Cícero comenta a respeito de um suposto “aroma da urbanidade”, a aproximação entre *urbanitas* e *humanitas*, a diferença entre cultura e polidez nas acepções do termo, a relação da palavra com a noção de cavalheirismo, a relação entre *urbanitas*, a proximidade entre a *urbanitas* e o estilo Ático (cf. *Orator* 89), entre ela e o humor e, por fim, entre *urbanitas* e *facetiae* (*Brutus* 177). Mais adiante o autor retoma essas informações para discorrer sobre o uso da *urbanitas* entre Cícero e Quintiliano. Assim, ele afirma que à época de Quintiliano o termo passou a ser usado não apenas como uma noção abstrata de humor, mas também para derivar seu produto, o ridículo ou o gracejo (em Quintiliano, como apontamos, dito ridículo ou dito picante). Ramage desenvolve ainda a percepção encontrada em *De risu* sobre o refinamento do homem urbano, oposição entre a urbanidade e a rusticidade (a primeira na definição de Domicio Marso e a segunda na de Quintiliano), a moderação no uso do riso e seu censurável exagero (questão essa que transita pela doutrina de ἥθος e πάθος). Por fim, Ramage alinha uma comparação entre as duas acepções de *urbanitas*: a de Quintiliano envolve um caráter formador na educação do orador, a de Cícero possui uma acepção intangível e quicá abstrata compreendida a partir das ocorrências em suas obras.

9 *Erumpit etiam inuitis saepe, nec uultus modo ac uocis exprimit confessionem, sed totum corpus ui sua concutit. Rerum autem saepe, ut dixi, maximarum momenta uertit, ut cum odium iramque frequentissime frangat.*

9 Muitas vezes, ele irrompe involuntariamente³⁵⁶ e se torna visível não apenas pela expressão do rosto e da voz, como também sacode todo o corpo com sua força. Por outro lado, como eu disse, o riso transforma as situações mais pesadas, como, por exemplo, ao abrandar com muita frequência o ódio e a ira.³⁵⁷

10 *Documento sunt iuuenes Tarentini, qui multa de rege Pyrrho sequius inter cenam locuti, cum rationem facti reposcerentur et neque negari res neque defendi posset, risu sunt et oportuno ioco elapsi. Namque unus ex iis "immo", inquit, "nisi lagona defecisset, occidissemus te", eaque urbanitate tota est inuidia criminis dissoluta.*

10 Disso servem de exemplo alguns jovens de Tarento, que, depois de terem dito muitas coisas ruins a respeito do rei Pirro durante a ceia, foram chamados a prestar contas dessas atitudes, e não podendo negá-las nem justificá-las, esquivaram-se com um riso e um oportuno gracejo. Um deles disse: “Sim, se a botilha não tivesse chegado ao fim, ter-te-íamos matado”. Assim, toda aquela hostilidade acabou desfeita por meio daquela urbanidade.³⁵⁸

11 *Verum hoc quidquid est, ut non ausim dicere carere omnino arte, quia nonnullam obseruationem habet suntque ad id pertinentia et a Graecis et a Latinis composita praecepta, ita plane adfirmo praecipue positum esse in natura et in occasione.*

³⁵⁶ Cf. *De ridiculis*, § 235 “o que é o próprio riso, por que ajuste é causado, onde se encontra, por que modo aparece e de repente irrompe, por que desejando contê-lo, não podemos segurá-lo e por qual modo ocupa ao mesmo tempo os pulmões, a boca, as veias e o rosto.”

³⁵⁷ Cf. § 1º.

³⁵⁸ O episódio também aparece em Valério Máximo (V, 1, ext.3), Plutarco (*Pyrrh.* VIII, 11 sg) e Dión Cassius (X, *frag.* 40, 47).

11 Na verdade, seja qual for sua natureza, da mesma maneira que não ousou dizer que o riso carece completamente de arte,³⁵⁹ porquanto seu uso requer algum cuidado e há preceitos pertinentes a ele compostos tanto pelos gregos como pelos latinos; também afirmo, abertamente, que ele tem seu lugar principalmente na natureza e na ocasião.

12 *Porro natura non tantum in hoc ualet, ut acutior quis atque habilior sit ad inueniendum (nam id sane doctrina possit augeri), sed inest proprius quibusdam decor in habitu ac uultu, ut eadem illa minus alio dicente urbana esse uideantur.*

12 Indo mais longe, a natureza não apenas exerce influência nisto: que alguém seja mais agudo e habilidoso para a invenção humorística (pois isso pode seguramente ser ensinado por uma doutrina); no entanto algumas pessoas possuem um decoro tão especial do corpo e do rosto, que as mesmas coisas parecem ser menos urbanas quando ditas por outras pessoas.

13 *Occasio uero et in rebus est, <cuius est> tanta uis ut saepe adiuti ea non indocti modo, sed etiam rustici salse dicant, et in eo, quid aliquis dixerit prior; sunt enim longe uenustiora omnia in respondendo quam in prouocando.*

13 Já a ocasião, por sua vez, está não somente nas circunstâncias (tanta é a sua força que muitas vezes, auxiliados por ela, não somente os rudes, mas também os rústicos falam picantemente) como também naquilo que alguém tenha dito antes. Com efeito, tudo fica muito mais elegante na resposta do que na provocação.

14 *Accedit difficultati quod eius rei nulla exercitatio est, nulli praeceptores. Itaque in conuiuuiis et sermonibus multi dicaces, quia in hoc usu cotidiano proficimus: oratoria urbanitas rara, nec ex arte própria, sed ad hanc consuetudine commodata.*

³⁵⁹ Cf. *De ridiculis*, §§ 216-218.

14 Acresce a dificuldade o fato de não haver exercício nem professor algum desta matéria. É por essa razão que existem muitos homens mordazes nos banquetes e nas conversas, porque é nesta prática quotidiana que progredimos. A urbanidade é rara na oratória e não oriunda de uma arte³⁶⁰ própria, mas emprestada do uso³⁶¹.

15 *Nihil autem uetabat et componi materias in hoc idoneas, ut controuersiae permixtis salibus fingerentur, uel res proponi singulas ad iuuenum talem exercitationem.*

15 Por outro lado, nada impediu a composição de matérias apropriadas ao assunto, de tal maneira que fossem compostas controversias misturadas a jovialidades e que até temas específicos fossem propostos aos jovens como exercício.

16 *Quin ipsae illae (dicta sunt ac uocantur) quas certis diebus festae licentiae dicere solebamus, si paulum adhibita ratione fingerentur aut aliquid in his serium quoque esset admixtum, plurimum poterant utilitatis adferre, quae nunc iuuenum uel sibi ludentium exercitatio est.*

16 Ademais, se fossem compostas com um pouco mais de método ou até se fosse misturado algo sério nelas, essas mesmas /discussões/ (chamadas de ditos picantes), que costumávamos dizer em certos dias de liberdade festiva,³⁶² poderiam trazer algo útil do que agora é só uma prática dos jovens ou dos que se divertem.

³⁶⁰ Em *De ridiculis* Cícero já mencionava a inexistência de uma arte sobre o riso: nos parágrafos 216, 231 – 232, ele afirma não haver arte própria sobre a matéria; no § 217, afirma que as tentativas resultaram frustrantes; no § 219, diz até que a arte do riso é desnecessária; no § 227, que não há como aprender a utilizar o riso por uma arte (v. nota anterior) e no § 229 afirma que se não há uma arte do riso, há porém preceitos que sobre ele podem ser estabelecidos.

³⁶¹ Talvez a referência mais estreita entre este parágrafo e aquele em que Cícero expõe em *De ridiculis* a respeito da inexistência de uma arte do riso esteja nos parágrafos 227 e 229, em que Cícero ao mesmo tempo diz que, embora não exista uma arte própria do ridículo, há sim algo a ser preceituado sobre ele. Diz também que se deve ter em conta as pessoas, os fatos e a ocasião ao usá-la, o que condiz ao menos em parte com o que defende Quintiliano, aqui dizendo que a arte do riso se dá por empréstimo do uso, da prática (que certamente exige a atenção às pessoas, aos fatos, à ocasião).

³⁶² Provável referência às *Saturnalia*, festa em homenagem a Saturno que tinha início em 17 de dezembro e durava 12 dias, nos quais havia grande licenciosidade dos costumes e das palavras, daí talvez Horácio tê-la chamado de *libertas decembris* (*Sermones*, II, 7, 4).

17 *Pluribus autem nominibus in eadem re uulgo utimur: quae tamen si diducas, suam quandam propriam uim ostendent. Nam et urbanitas dicitur, qua quidem significari uideo sermonem praeferentem in uerbis et sono et usu proprium quandam gustum urbis et sumptam ex conuersatione doctorum tacitam eruditionem, denique cui contraria sit rusticitas.*

17 Além disso, comumente chamamos uma mesma coisa por vários nomes: as quais mesmo consideradas isoladamente, mostram particularmente sua própria força. Pois isso também se diz urbanidade,³⁶³ na qual vejo definida a linguagem que traz nas palavras, através do som e do uso, um gosto próprio da cidade³⁶⁴ e uma tácita erudição tomada das conversas dos doutos; em suma, o contrário da rusticidade.³⁶⁵

18. *Venustum esse quod cum gratia quadam et uenere dicatur apparet. Salsum in consuetudine pro ridículo tantum accipimus: natura non utique hoc est, quamquam et ridicula esse oporteat salsa. Nam et Cicero omne quod salsum sit ait esse Atticorum, non quia sunt maxime ad risum compositi, et Catullus, cum dicit:*

"Nulla est in corpore mica salis",

non hoc dicit, nihil in corpore eius esse ridiculum.

18. É evidente que venusto é tudo o que é dito com graça e beleza. Conforme o costume, consideramos picante o que é equivalente àquilo que é ridículo. Porém, esse não é absolutamente o seu efeito natural, não obstante o dito agudo necessite ser picante. Com efeito, Cícero disse que tudo o que é picante está relacionado aos Áticos,³⁶⁶ mas não disse isso porque os Áticos são especialmente inclinados ao riso. Do mesmo modo, quando Catulo diz:

³⁶³ Quintiliano define a *urbanitas* aqui e no § 107, v. também § 8, n. 355.

³⁶⁴ Cícero fala em *odor urbanitatis* (o aroma da urbanidade) em *De oratore* III, 161.

³⁶⁵ O parágrafo coloca em evidência a oposição existente entre urbanidade e rusticidade (cf. Ramage, 1963: p. 406; n. 355).

³⁶⁶ Quintiliano (XII, 10, 17) argumenta que as maneiras dos áticos, refinadas e sensíveis, mas que não suportavam redundâncias, ajudaram na definição do estilo homônimo, e que o modo de viver do povo asiático, que sempre fora inclinado à pompa e à ostentação, foi assimilado na definição do estilo oratório asiático. Os seguidores do estilo ático enalteciam-no como lúcido, simples e reservado [Para Kennedy

“não há um grão de sal no corpo”,³⁶⁷

não quer dizer que nada no corpo dela é ridículo.

19. *Salsum igitur erit quod non erit insulsum, uelut quoddam simplex orationis condimentum, quod sentitur latente iudicio uelut palato, excitatque et a taedio defendit orationem. Sales enim, ut ille in cibis paulo liberalius adpersus, si tamen non sit inmodicus, adfert aliquid propriae uoluptatis, ita hi quoque in dicendo habent quiddam quod nobis faciat audiendi sitim.*

19 Portanto, a palavra picante será semelhante àquilo que não é insosso, como que um simples tempero do discurso³⁶⁸, que é sentido por uma percepção latente tal qual

(1972: p. 242) “o aspecto mais interessante do neo-aticismo é sua tendência ao classicismo”], e criticavam o asiático como pomposo e florido. Por outro lado, a citação neste parágrafo se refere à passagem entre os §§ 87-90 de *Orator*, onde Cícero afirma que tudo o que é picante e saudável é próprio do estilo ático. A referência não somente faz lembrar o embate entre os oradores seguidores deste estilo oratório e aqueles do estilo asianista, como também dele faz parte: o teor do parágrafo 90 de *Orator* culmina a crítica que Cícero faz dos novos áticos (neo-áticos) ao dizer que nunca havia visto um deles utilizar os ditos picantes e as facécias da maneira que ali ele precitua ao orador. Cícero, por sua vez, era acusado por alguns rivais de se identificar como um orador asianista. E a acusação beirava o mau gosto quando autores como Licínio Calvo, amigo do poeta Catulo (v. § 60), afirmavam que o estilo, além de redundante, de repetições excessivas, frio quanto aos ditos picantes, era também quase afeminado (*ibid.*, XII, 10, 12). Cícero em resposta, por um lado, chamava esses dois e outros poetas de *noui* (novos) e, por outro, dizia que a definição de Aticismo era mais ampla do que o Aticismo romano admitia. Em Tácito (*Dialogus de oratoribus*, 18) vemos que Cícero chamava Calvo de *exsangue et aridum* (exangue e árido), Brutus de *otiosum atque diiunctum* (tedioso e disjunto), e que Calvo chamava Cícero de *solutum et eneruem* (mole e efeminado) e Bruto a Cícero de *fractum atque elumbem* (efeminado e fraco). STEEL (*ibid.*, pp. 58-59), faz importante observação ao lembrar que se Demóstenes se igualava a Lísias, orador ático, quanto ao grande estilo de Atenas, também é possível dizer que Cícero, equiparado a Demóstenes (como o aponta Quintiliano em *De risu*, §§ 1-2) em poder oratório e estilo próprio, era também ele um aticista. Retomando a citação feita por Quintiliano e o que ele disse sobre os áticos, duas justificativas podem talvez ser encontradas para a disparidade entre o teor da citação e o que o retor quis dizer: a primeira diz respeito ao que o próprio Quintiliano afirmou no parágrafo 3 sobre Demóstenes: “os gracejos não o desagradavam, mas não era exatamente esse o seu dom.” Ora sendo ele um orador ático à altura de Lísias, não caberia dizer agora que aquela não-inclinação para o riso se mostraria agora diferente, ou seja, especial (“especialmente, ou afoitamente, inclinado ao riso”, cf. § 3); a segunda hipótese decorre em parte da primeira e leva em consideração o que o parágrafo seguinte de *De risu* diz sobre temperar o discurso com o riso, conotando claramente que seu uso requer boa dose de moderação. Em outras palavras, os áticos possuíam além da saúde dos discursos, grande capacidade em ser picantes na medida correta, mas não sabemos precisar se Quintiliano quis dizer os áticos no sentido amplo, geral, incluindo aí aqueles inimigos literários de Cícero ou se acolheu também aquela assertiva do orador.

³⁶⁷ Cf. Catulo 86, 4. A pessoa em questão é Quíntia. A citação não está precisa, como se vê no poema em sua íntegra e traduzido: *Quintia formosa est multis, mihi cándida, longa / recta est. Haec ego sic singula confiteor, / totum illud ‘formosa’ nego; nam nulla venustas, / nulla in tam magno est corpore mica salis. / Lesbia formosa est, quae cum pulcerrima tota est, / Tum omnibus una omnis subripuit ueneres.* (Para muitos Quíntia é formosa, para mim ela é cándida, alta, / ajeitada. Tudo isso eu admito, / mas nego em suma aquele “formosa”. Pois nenhuma beleza, / nenhum grão de sal há em tão grande corpo. / Lésbia é formosa. Ela que toda lindíssima de todas roubou sozinha os encantos.

acontece com o paladar e que estimula e afasta o discurso do tédio. De fato, são coisas picantes: assim como o sal espalhado na comida com um pouco de abundância (mas sem exagero) dá a ela algo do seu próprio gosto, também o dito picante possui no discurso algo que cria em nós a sede de ouvi-lo.

20 *Facetum quoque non tantum circa ridicula opinor consistere; neque enim diceret Horatius facetum carminis genus natura concessum esse Vergilio. Decoris hanc magis et excultae cuiusdam elegantiae appellationem puto. Ideoque in epistulis Cicero haec Bruti refert uerba: "ne illi sunt pedes faceti ac deliciis ingredienti molles", quod conuenit cum illo Horatiano:*

"molle atque facetum Vergilio".

20 Sou da opinião também de que o faceto não consista somente nas coisas ridículas. E, de fato, Horácio não diria que o gênero de poesia concedido a Virgílio pela natureza fosse faceto. Considero essa palavra aplicada mais à beleza e a uma elegância esmerada. E é por essa razão que Cícero refere, nas epístolas, estas palavras de Bruto: “Certamente aqueles pés são facetos e delicados e a delicadeza do caminhar lhes dá leveza”. Isso se ajusta àquela afirmação de Horácio:

“Para Virgílio o gênero delicado e faceto.”³⁶⁹,”

21 *Iocum uero id accipimus, quod est contrarium serio: nam et fingere et terrere et promittere interim iocus est. Dicacitas sine dubio a dicendo, quod est omni generi commune, ducta est, proprie tamen significat sermonem cum risu aliquos incessentem. Ideo Demosthenen urbanum fuisse dicunt, dicacem negant.*

21 Admitimos como gracejo aquilo que é contrário ao sério; pois fingir, espantar e propor são às vezes um gracejo. A palavra *dicacitas*³⁷⁰ provém, sem dúvida, de *dicere*

³⁶⁸ V. *De ridiculis*, § 216, n.104.

³⁶⁹ O verso se encontra nas *Satirae* 1, 10, 44-45. Na citação de *Brutus*, a palavra *mollis* refere-se talvez às Bucólicas de Virgílio (*Eclogae* 2, 50; 3, 45; 4, 28; 5, 31 e 38; 7, 45; 8, 64; 10, 42).

(dizer), e é comum a todo este gênero; propriamente, todavia, ela significa um discurso que ataca a outras pessoas com o riso. Eis porque dizem que Demóstenes era urbano,³⁷¹ mas negam que fosse mordaz.³⁷²

22 *Proprium autem materiae, de qua nunc loquimur, est ridiculum; ideoque haec tota disputatio a Graecis περὶ γελοίου inscribitur. Eius prima diuisio traditur eadem quae est omnis orationis, ut sit positum in rebus ac uerbis.*

22 Mas o objeto desse assunto, do qual estamos falando, é o ridículo. E é por isso que toda essa discussão é intitulada pelos gregos de περὶ γελοίου (*De risu*). Sua primeira divisão é a mesma daquela disposta em todos os discursos: o ridículo está baseado nos assuntos e nas palavras.³⁷³

23 *Vsus autem maxime triplex: aut enim ex aliis risum petimus aut ex nobis aut ex rebus mediis. Aliena aut reprehendimus aut refutamus aut eleuamus aut repercutimus aut eludimus. Nostra ridicule indicamus et, ut uerbo Ciceronis utar, dicimus aliqua subabsurda. Namque eadem quae si inprudenter excidant stulta sunt, si simulamus, uenusta creduntur.*

23 Seu uso se faz principalmente tríplice: provocamos o riso por coisas nossas, por coisas dos outros ou por elementos neutros.³⁷⁴ Da parte alheia censuramos ou refutamos

³⁷⁰ Para nós, mordacidade. V. *De ridiculis*, § 218.

³⁷¹ Cf. § 2 e *Orator*, 90. A diferença entre Demóstenes ser urbano e não mordaz revela mais uma vez a urbanidade como gênero de riso.

³⁷² V. *De ridiculis*, § 218.

³⁷³ Cícero estabelece divisão idêntica em *De ridiculis*, § 248.

³⁷⁴ Nos parágrafos 22 e 23-24 Quintiliano traça duas categorizações de ditos ridículos baseadas em Cícero. O parágrafo 22 de *De risu* é uma referência ao parágrafo 248 de *De ridiculis*, e o parágrafo 22 se conecta ao § 274, que não consta nas categorizações de Cícero. Quintiliano, porém, não explica o funcionamento entre a divisão desenvolvida no § 22 e o uso tríplice demarcado no §§ 23-24 nem submete ou equipara um ao outro. Depois, o retor constitui esta tripartição a partir de outro ponto de *De ridiculis* em que não ocorre categorização. Mais, apenas o segundo elemento dessa tripartição se apóia em Cícero. Continuando, Quintiliano também não desenvolve os exemplos na seqüência da categorização, deixando para fazê-la apenas no parágrafo 39. Entre este e o parágrafo 44 encontramos os exemplos dos gêneros de urbanidade baseados no assunto, e entre os parágrafos 45-83 estão os gêneros de urbanidade baseados nas palavras, o que atende àquela divisão do parágrafo 22. O desencontro aparece no parágrafo 84 quando Quintiliano diz restar “os gêneros que consistem em frustrar a expectativa ou entender de outro modo o que foi dito”, o que não confere com a tripartição dos parágrafos 23-24. Afinal falta o elenco de

ou rebaixamos ou rebatemos ou zombamos. De nós, falamos de forma ridícula e, usando uma expressão de Cícero, dizemos algo um tanto absurdo.³⁷⁵ E as mesmas palavras que se mostram estultas se escapam aos imprudentes, são consideradas venustas, se as simulamos.

24 *Tertium est genus, ut idem dicit, in decipiendis exspectationibus, dictis aliter accipiendis, ceteris, quae neutram personam contingunt ideoque a me media dicuntur.*

24 O terceiro gênero,³⁷⁶ como diz o mesmo Cícero, consiste em lograr as expectativas³⁷⁷ e em interpretar de modo diferente as palavras e as demais coisas que dizem respeito a uma pessoa neutra. Por isso, chamo-o de intermediário.³⁷⁸

25 *Item ridicula aut facimus aut dicimus. Facto risus conciliatur interim admixta grauitate: ut M. Caelius praetor, cum senam eius curulem consul Isauricus fregisset, alteram posuit loris intentam (dicebatur autem consul a patre flagris aliquando caesus); interim sine respectu pudoris: ut in illa pyxide Caeliana, quod neque oratori neque ulli uiro graui conueniat.*

25 Fazemos ou dizemos as coisas ridículas do mesmo modo. O riso é obtido por uma ação à qual se mistura algo de sério, como uma história do pretor Marco Célio: quando o cônsul Isaurico rasgou sua cadeira curul, ele a substituiu por outra reforçada com tiras de couro (pois diziam alguns que, algumas vezes, Isaurico fora açoitado pelo

exemplos dos dois primeiros gêneros dessa tripartição, e o elenco que se desenvolve a partir do § 84 não faz parte dos exemplos da bipartição do § 22. Em suma, o retor faz duas categorizações sem relacioná-las: desenvolve a primeira, mas somente parte da segunda.

³⁷⁵ Cf. *De ridiculis*, § 284.

³⁷⁶ Somente neste parágrafo Quintiliano utilizou a palavra gênero, o que possibilita enxergar sua tentativa de categorização de ditos ridículos. Portanto, assim como em Cícero, chamei esta categorização de *genera facetiarum*, no que apenas obedeci à nomenclatura de Cícero, chamo as de Quintiliano de *genera urbanitatis* não porque ele tenha assim as nomeado, mas em acordo com sua definição terminológica do ridículo oratório, a *urbanitas*, com a presença do termo *genus*, que indica a existência de gêneros e também para atender a necessidade de denominar o elenco de gêneros expostos em *De risu*, que ele vai elencar a partir do parágrafo 39.

³⁷⁷ Este gênero, acolhido de Cícero (*De ridiculis*, §§ 284–285), faz parte de uma tripartição, enquanto em *De ridiculis* é só um modelo entre os gêneros de ridículo de assunto.

³⁷⁸ Esta tripartição de Quintiliano encontra-se em Cícero, *De ridiculis*, § 289. Cícero, porém, não utiliza o termo *media*.

pai).³⁷⁹ Não obstante, a falta de pudor, como no caso do vasilho de Célio,³⁸⁰ não convém a orador algum nem a qualquer homem de respeito.

26 *Idem autem de uultu gestuque ridículo dictum sit: in quibus est quidem sua gratia, sed maior cum captare risum non uidentur; nihil enim est iis quae [dicenti] salsa dicuntur insulsius. Quamquam autem gratiae plurimum dicentis seueritas adfert, fitque ridiculum id ipsum, quod qui dicit illa non ridet, est tamen interim et aspectus et habitus oris et gestus non inurbanus, cum iis modus contingit.*

26 O mesmo se pode dizer também sobre a fisionomia e o gesto ridículo, os quais possuem, decerto, sua graça. No entanto, o resultado é maior quando não se percebe que queremos provocar o riso.³⁸¹ De fato, nada é mais insípido que aqueles que querem que os chamemos de picantes. Por outro lado, ainda que a severidade de quem fala traga algo muito agradável, pois o ridículo aparece quando quem fala não ri, todavia o aspecto, a expressão e o gesto são talvez não inurbanos quando a medida é observada.

27 *Id porro quod dicitur aut est lasciuum et hilare, qualia Gabbae pleraque, aut contumeliosum, qualia nuper Iuni Bassi, aut asperum, qualia Cassi Seueri, aut lene, qualia Domiti Afri.*

27 Continuando, o dito ridículo ou é lascivo ou é hilário, como quase tudo em Gaba;³⁸² ou contumelioso,³⁸³ como mais recentemente em Júnio Basso;³⁸⁴ ou áspero como em Cássio Severo,³⁸⁵ ou sutil como em Domício Africano.³⁸⁶

³⁷⁹ Possivelmente o episódio aconteceu quando Públio Servílio Vácia Isaurico era cônsul e Marco Célio pretor em 48 a.e.c. (v. Smith, 1867: vol. 3, p. 1.233).

³⁸⁰ Cícero, *Pro Caelio* 69. O vasilho em questão era a peça em que estava, como dizia a acusação, o veneno para Clódia (Sobre Clódia, v. Smith, W. *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology*: vol. 1, p. 762).

³⁸¹ Cícero orienta que assim se proceda ao provocar o riso (v. *De ridiculis*, § 289).

³⁸² Gaba era um famoso bufão que viveu na época de Augusto. Juvenal (V, 4) e Marcial (I, 41, 16 e 10, 101, 2 e 3) também fazem referência a ele.

³⁸³ No parágrafo 74 há um exemplo de contumélia de Júnio Basso.

³⁸⁴ Júnio Basso já era conhecido quando Quintiliano era ainda menino e viveu na época do consulado de Crispo Passieno em 42 a.e.c. (cf. §§ 57 e 74).

³⁸⁵ Contemporâneo de Augusto, Cássio Severo introduziu um novo estilo de oratória e foi o primeiro a abandonar o estilo dos então antigos oradores. Quintiliano diz que talvez ele merecesse um lugar melhor entre os maiores oradores da Antiguidade. O mesmo Quintiliano diz ainda que Severo, de temperamento

28 *Refert his ubi quis utatur. Nam in conuictibus et cotidiano sermone lasciua humilibus, hilaria omnibus conuenient. Laedere numquam uelimus; longeque absit illud propositum, potius amicum quam dictum perdendi. In hac quidem pugna forensi malim mihi lenibus uti licere. Nonnumquam et contumeliose et aspere dicere in aduersarios permissum est, cum accusare etiam palam et caput alterius iuste petere concessum sit. Sed hic quoque tamen inhumana uideri solet fortunae insectatio, uel quod culpa caret uel quod redire etiam in ipsos qui obiecerunt potest. Primum itaque considerandum est et quis <et> in qua causa et apud quem et in quem et quid dicat.*

28 Importa o lugar onde usamos as palavras, pois no convívio e no quotidiano a linguagem chula convém às pessoas rudes³⁸⁷ e a alegre convém a todos. Jamais desejemos ofender alguém e longe de nós esteja o propósito de perder o amigo, mas não a /piada/³⁸⁸. Certamente, numa disputa forense prefiro me permitir usar palavras agradáveis³⁸⁹. Às vezes, é permitido falar com injúrias e asperezas contra os adversários quando, com certeza, for possível acusar alguém abertamente e pedir, com justiça, a cabeça de outrem. Mas, mesmo assim, parece desumano insultar a sorte de alguém, seja porque é inocente ou porque uma injúria pode recair sobre aqueles mesmos que a lançaram. Deste modo, deve-se considerar, antes de tudo, quem, em que causa, diante de quem, contra quem e o quê se fala.

29 *Oratori minime conuenit distortus uultus gestusque, quae in mimis rideri solent. Dicacitas etiam scurrilis et scaenica huic personae alienissima est; obscenitas uero non*

forte e passional, talentoso e de surpreendente mordacidade, possuía uma oratória áspera que fazia rir (cf. X, 1, 116 e 117).

³⁸⁶ Segundo Quintiliano, que o conheceu ainda jovem (Plínio, o jovem, *Livro Décimo das Epistolas* II, 14), Domício Africano foi um dos maiores e mais maduros oradores da antiguidade (cf. X, 1, 118; XII, 10,11).

³⁸⁷ V. § 8, n. 355.

³⁸⁸ Aqui especificamente haveria a necessidade de traduzir *dictum* por “dito picante” (cf. § 2, n. 344). No entanto, tomei a licença de traduzir o termo por “piada”, para assim poder utilizar um dito famoso entre nós que consiste em dizer justamente sobre o oportunismo sempre presente em algumas pessoas que é disparar um dito picante ou sarcástico sem levar em conta as pessoas (no caso, os amigos) ou o lugar ou a circunstância.

³⁸⁹ Não há em *De risu* uma afirmação direta autorizando o uso do riso por parte do orador, que vem a ser a terceira pergunta sobre o riso (“É próprio de o orador utilizar o riso?”, cf. *De ridiculis* 235–236). A possibilidade desse uso está menos subentendida nessa passagem do que nos parágrafos 1º, 12, 13, 17, 18–20. No primeiro, as vantagens ali apontadas coincidem em parte com o teor da segunda parte do parágrafo 236 de *De ridiculis*, os demais deixam subentendido que é próprio do orador utilizar o riso.

a uerbis tantum abesse debet, sed etiam a significatione. Nam si quando obici potest, non in ioco exprobranda est.

29 De modo nenhum convêm ao orador o rosto e os gestos disformes (que costumam ser risíveis nos mimos). A mordacidade do bufão e teatral é assaz estranha à sua persona.³⁹⁰ Na verdade, não só a obscenidade explícita deve permanecer longe de suas palavras, mas também qualquer indício dela. Enfim, se em algum momento for possível fazer alguma objeção, não é com o gracejo que se deve fazê-la.

30 *Oratorem praeterea ut dicere urbane uolo, ita uideri adfectare id plane nolo. Quapropter ne dicet quidem salse quotiens poterit, et dictum potius aliquando perdet quam minuet auctoritatem.*

30 Por outro lado, assim como desejo que o orador fale com urbanidade, também não quero que ele pareça, em todas as ocasiões, querer mostrar isso explicitamente. Por isso é que ele não deve falar picantemente todas as vezes que puder e preferirá por vezes perder algum dito picante a diminuir sua autoridade.

31 *Nec accusatorem autem atroci in causa nec patronum in miserabili iocantem feret quisquam. Sunt etiam iudices quidam tristiores quam ut risum libenter patiantur.*

31 Além disso, pessoa alguma suportará um advogado de acusação escarnecedor numa causa atroz nem um advogado de defesa zombeteiro numa que inspira comoção. Há sem dúvida alguns juízes austeros demais para aturar com boa vontade o riso.

32 *Solet interim accidere ut id quod in aduersarium dicimus aut in iudicem conueniat aut in nostrum quoque litigatorem; quamquam aliqui reperiuntur qui ne id quidem quod in ipsos reccidere possit euitent. Quod fecit Longus Sulpicius, qui, cum ipse foedissimus esset, ait eum contra quem iudicio liberali aderat ne faciem quidem*

³⁹⁰ Cícero orienta de modo idêntico em *De ridiculis*, § 244.

habere liberi hominis: cui respondens Domitius Afer "ex tui," inquit, "animi sententia, Longe, qui malam faciem habet liber non est?"

32 Costuma acontecer, por vezes, que aquilo que dizemos contra o adversário se aplica ao juiz ou ao nosso cliente, se bem que alguns advogados há que não evitam aquilo que possa recair sobre eles próprios. Longo Sulpício fez algo assim. Possuindo ele uma aparência horrível, disse, perante o juiz e contra um homem que pleiteava a liberdade, que este não possuía sequer o aspecto de um homem livre; ao que lhe respondeu Domício Africano: “De teu íntimo, Longo, a afirmação de que quem possui um rosto feio não é livre?”

33 *Vitandum etiam ne petulans, ne superbum, ne loco, ne tempore alienum, ne praeparatum et domo ablatum uideatur quod dicimus: nam aduersus miseros, sicut supra dixeram, inhumanus est iocus. Sed quidam ita sunt receptae auctoritatis ac notae uerecundiae ut nocitura sit in eos dicendi petulantia; nam de amicis iam praeceptum est.*

33 Assim, devemos evitar que o que dizemos pareça petulante, soberbo, não condizente ao lugar, inoportuno, premeditado e trazido de casa; pois, como disse acima, o gracejo contra os infelizes é desumano. Mas há certas pessoas dotadas de tanta autoridade e notável respeito que seria funesto dirigir-se a elas com petulância; quanto aos amigos, já disse o que penso.

34 *Illud non ad oratoris consilium, sed ad hominis pertinet: lacessat hoc modo quem laedere sit periculosum, ne aut inimicitiae graues insequantur aut turpis satisfactio. Male etiam dicitur quod in pluris conuenit, si aut nationes totae incessantur aut ordines aut condicio aut studia multorum.*

34 Este outro conselho diz respeito não aos oradores, mas a todos os homens: Ao provocar alguém perigoso de atacar, deve-se fazê-lo de maneira que isso não cause grave inimizade ou vergonhosa reparação. Além disso, o dito agudo lançado contra

muitas pessoas é inconveniente se afronta uma nação inteira ou uma classe social ou condição ou interesse de muitos.³⁹¹

35 *Ea quae dicet uir bonus omnia salua dignitate ac uerecundia dicet: nimium enim risus pretium est, si probitatis inpendio constat. Vnde autem concilietur risus et quibus ex locis peti soleat, difficillimum dicere. Nam si species omnis persequi uelimus, nec modum reperiemus et frustra laborabimus.*

35 Aquela palavra risível que o homem ilustre diz, é dita com toda a dignidade e o respeito intactos. Com efeito, o riso custa caro, se seu preço é a honra. Por outro lado, é muito difícil dizer onde se consegue o riso e em que lugares costuma ser procurado. Pois, se quisermos perseguir todos os seus aspectos, não descobriremos a regra e trabalharemos em vão.

36 *Neque enim minus numerosi sunt loci ex quibus haec dicta quam illi ex quibus eae quas sententias uocamus ducuntur, neque alii. Nam hic quoque est inuentio et elocutio, atque ipsius elocutionis uis alia in uerbis, alia in figuris.*

36 Decerto, não são menos numerosos nem diferentes os lugares dos quais tiramos os ditos picantes do que aqueles de onde retiramos aquilo que chamamos de pensamentos. De fato, também aqui há a invenção e a elocução, e a eficácia da elocução está às vezes nas palavras e às vezes nas figuras.

³⁹¹ Do parágrafo 25 até aqui, Quintiliano se ocupa em determinar os modos pelos quais o orador deve utilizar o riso. Em resumo, o orador deve se afastar da falta de pudor (§ 25); evitar os gestos e fisionomia ridículos (6); deve ter em conta antes de utilizar um dito ridículo os lugares (§ 28), as situações (§ 31) e as pessoas (§§ 32 e 34); não gesticular à maneira dos mimos nem ser mordaz à moda bufa e teatral (§ 29) e muito menos aproximar-se das obscenidades explícitas (§ 29); deve, enfim, querer ser mais risível do que mostrar sê-lo (§ 30). Ora, o teor dessas passagens responde perfeitamente à quarta pergunta sobre o riso (*De ridiculis*, § 235), “Até que ponto o orador pode utilizar o riso?”, que Cícero responde nos parágrafos 237 e 238 de *De ridiculis*. Demais, os cuidados e as maneiras que devem ser observados ao utilizar o riso coincidem em grande parte entre os dois tratados. Tanto Cícero quanto Quintiliano (o primeiro afirmando haver necessidade de grande atenção a este aspecto, e o segundo determinando dez parágrafos para tal instrução) indicam claramente que o orador deve usar da moderação ao gracejar. Percebe-se também que de certa forma o sucesso potencial do riso no processo de persuasão requer e depende em certa medida da atenção a esses cuidados.

37 *Risus igitur oriuntur aut ex corpore eius in quem dicimus, aut ex animo, qui factis ab eo dictisque colligitur, aut ex iis quae sunt extra posita; intra haec enim est omnis uituperatio; quae si grauius posita sit, seuera est, si leuius, ridicula. Haec aut ostenduntur aut narrantur aut dicto notantur.*

37 O riso nasce do aspecto daquele contra quem falamos ou do seu caráter, que encerra seus atos e palavras, ou de coisas externas a ele.³⁹² Dentro dessa categorização há todo tipo de censura: se ela for colocada de forma mais grave, é séria; se posta de forma mais leve, é ridícula. E isso é mostrado com gestos ou narrado ou marcado com palavras.

38 *Rarum est ut oculis subicere contingat, ut fecit C. Iulius: qui cum Heluio Manciae saepius obstrepenti sibi diceret: "Iam ostendam qualis sis", isque plane instaret interrogatione qualem tandem se ostensurus esset, digito demonstraui imaginem Galli in scuto Cimbrico pictam, cui Mancia tum simillimus est uisus: tabernae autem erant circa forum ac scutum illud signi gratia positum.*

38 É raro ter a sorte de expô-lo ante os olhos, como fez Caio Júlio, que após ser repetidas vezes interrompido aos gritos por Hélvio Mância,³⁹³ disse-lhe: “Já te mostrarei como és”; e como ele de pronto insistisse em perguntar com quem então se parecia, com o dedo Mância mostrou a imagem de um Gaulês pintada num escudo cimbérico, com o qual Mância era parecidíssimo. Ora, havia nas vizinhanças do foro algumas tabernas que tinham aquele escudo como sinal.

39 *Narrare quae salsa sint in primis est subtile et oratorium; ut Cicero pro Cluentio narrat de Caepasio atque Fabricio aut M. Caelius de illa D. Laeli collegaeque eius in prouinciam festinantium contentione. Sed in his omnibus cum elegans et uenusta*

³⁹² V. *De ridiculis*, §§ 238-239.

³⁹³ Cícero conta a mesma historieta em *De ridiculis* (v. § 266 e nn.). Plínio, o velho, a reproduz também (v. *Naturalis historia* XXXV, 25), mas ali o interlocutor de Mância não é Júlio César Estrabão, mas Crasso.

exigitur tota expositio, tum id festiuissimum est quod adicit orator. Nam et a Cicerone sic est Fabrici fuga illa condita:

39 Contar uma anedota é em primeiro lugar³⁹⁴ algo sutil e da categoria de um orador, como faz Cícero em *Pro Cluentio* a respeito de Cepásio e Fabrício, ou Marco Célio³⁹⁵ sobre aquela disputa entre Décimo Lélcio e seu colega para ver quem chegaria primeiro à província.³⁹⁶ Em todos esses casos, a exposição toda exige elegância e venustidade, porém aquilo que o orador adiciona é, sobretudo, agradabilíssimo. De fato, assim Cícero contou a famosa fuga de Fabrício:

40 *"Itaque cum callidissime se putaret dicere et cum illa uerba grauissima ex intimo artificio deprompsisset: "Respicite, iudices, hominum fortunas, respicite C. Fabrici senectutem", cum hoc "respicite" ornandae orationis causa saepe dixisset, respexit ipse: at Fabricius a subselliis demisso capite discesserat"; et cetera quae adiecit (nam est notus locus), cum in re hoc solum esset, Fabricium a iudicio recessisse;*

40 “Então como acreditasse falar impetuosamente e como extraísse aquelas palavras gravíssimas da sua mais profunda astúcia, disse: ‘Olhai, ó juízes, as sortes dos homens, olhai a velhice de C. Fabrício’”. Quando disse várias vezes a palavra “olhem” sob o pretexto de ornar o discurso, olhou ele mesmo, mas Fabrício ausentara-se do seu assento com a cabeça abaixada etc. (o restante já é conhecido). Nessa história uma coisa só interessa: Fabrício havia deixado o tribunal³⁹⁷.

41 *et Caelius cum omnia uenustissime finxit, tum illud ultimum: "Hic subsecutus quo modo transierit, utrum rati an piscatorio nauigio, nemo sciebat: Siculi quidem, ut sunt lasciui et dicaces, aiebant in delphino sedisse et sic tamquam Ariona transuectum".*

³⁹⁴ Entre este e o parágrafo 44, Quintiliano desenvolve os gêneros de urbanidade de assunto atendendo à divisão e descrição de Cícero entre os §§ 239–243 (gênero de facécias de assuntos) de *De ridiculis*.

³⁹⁵ Trata-se do mesmo Marco Célio do parágrafo 25.

³⁹⁶ O episódio é desconhecido, porquanto o texto de Marco Célio não chegou até nós.

³⁹⁷ A intenção de Cepásio, que defendia o velho Fabrício em determinado processo, era causar comoção nos juízes. No entanto, seja porque envergonhado seja porque já sem esperanças de vitória, Fabrício saiu furtivamente do tribunal com a cabeça abaixada, fato que provocou o riso nos ouvintes quando Cepásio, que não percebera que Fabrício saíra, olhou para o lugar vazio deixado por seu cliente. Cícero narra este episódio em *Pro Cluentio* 58 também.

41 Célio também contou uma história toda com extrema venustidade, depois na parte final: “Ele o seguiu de perto, mas ninguém sabia por que modo havia transposto o mar, se com uma jangada ou em um navio de pescador. Os sicilianos – é certo que são lascivos e mordazes – diziam que ele havia montado em um golfinho e tinha sido assim transportado tal qual *Arion*.”

42 *In narrando autem Cicero consistere facetias putat, dicacitatem in iaciendo. Mire fuit in hoc genere uenustus Afer Domitius, cuius orationibus complures huius modi narrationes insertae reperiuntur, sed dictorum quoque ab eodem urbane sunt editi libri.*

42 Cícero porém considera que é na narração que se manifestam as facécias, e no ataque a mordacidade.³⁹⁸ Neste gênero, foi admiravelmente venusto Domício Africano, cujas muitas histórias encontram-se inseridas dessa mesma maneira em seus discursos, embora também existam livros de ditos urbanamente agudos publicados por ele mesmo.

43 *Illud quoque genus est, positum non in hac ueluti iaculatione dictorum et inclusa breuiter urbanitate, sed in quodam longiore actu, quod de L. Crasso contra Brutum Cicero in secundo De oratore libro et aliis quibusdam locis narrat.*

43 Há ainda aquele gênero que consiste não em uma espécie de dardo de ditos e em uma urbanidade expressa com brevidade, mas em alguma ação mais demorada, como conta Cícero a respeito da disputa entre L. Crasso e Bruto, no segundo livro de *De oratore* e em alguns outros lugares.³⁹⁹

³⁹⁸ Em *Orator* 87, Cícero define o ridículo estendido no discurso (narração) como facécia. Porém este mesmo gênero de ridículo é denominado por ele em *De ridiculis* (cf. § 218) como *cauillatio* (cavilação), incluindo-a entre os *genera facetiarum*, o que redundava em certa confusão terminológica. Aqui Quintiliano faz referência ao trecho pertencente ao *Orator*, todavia a acepção e o exemplo que seguem à referência se referem às acepções que levam em *De ridiculis* (§ 218) o nome de *cauillatio* e mordacidade e que são desenvolvidas entre os §§ 239–243 (cavilação/assunto) e 244–247 (mordacidade/palavras).

³⁹⁹ O excerto a que Quintiliano se refere é este: “Pela minha mesma opinião, parece que por nenhum modo doutrinário possa-se ensinar a respeito desse assunto. Com efeito, há dois gêneros de facécias, um distribuído igualmente pelo discurso e o outro muito incisivo e breve. Os antigos chamaram o primeiro de cavilação e o segundo de mordacidade. Tanto um como outro recebem um nome desimportante, porquanto todo ato de provocar o riso é desimportante”. Ora, em *De ridiculis*, Cícero distingue esses dois gêneros de facécias e mostra, ao desenvolver a acepção, como exemplo do discurso de Crasso contra Bruto (v. *De ridiculis* §§ 222–226) citado aqui por Quintiliano. Ali, no texto de Cícero, essa acepção do termo cavilação fica exemplificada pelo episódio citado. Cícero não o inclui em um suposto terceiro

44 *Nam cum Brutus in accusatione C. Planci excitatis duobus lectoribus ostendisset contraria L. Crassum patronum eius in oratione quam de colonia Narbonensi habuerat suasisse iis quae de lege Servilia dixerit, tris excitavit et ipse lectores, iisque patris eius dialogos dedit legendos; quorum cum in Priuernati unus, alter in Albano, tertius in Tiburti sermonem habitum complecteretur, requirebat ubi essent eae possessiones. Omnis autem illas Brutus uendiderat, et tum paterna emancupare praedia turpius habebatur. Similis in apologis quoque et quibusdam interim etiam historiis exponendis gratia consequi solet.*

44 De fato, como Bruto,⁴⁰⁰ depois de ter apresentado dois leitores como testemunhas, sustentasse no processo contra Gneu Plânco⁴⁰¹ que Lúcio Crasso,⁴⁰² advogado de Plânco, num discurso que fizera sobre a colônia narbonense, havia persuadido os juízes do contrário daquilo que ele mesmo dissera sobre a lei Servília. Crasso fez então vir três leitores e deu-lhes ele mesmo os diálogos do pai de Bruto para que os lessem; e como eles contivessem conversas obtidas em suas residências, uma em Priverno, outra em Albano, e a última em Tibur, passou a perguntar onde se encontravam aquelas posses. Ora, Bruto havia vendido todas elas. Na época, era motivo de muita desonra alienar uma herança paterna.⁴⁰³ As apologias e, talvez, algumas histórias narradas costumam alcançar beleza semelhante.

45 *Sed acutior est illa atque uelocior in urbanitate breuitas, cuius quidem duplex forma est, dicendi ac respondendi, sed ratio communis in parte; nihil enim, quod in lacessendo dici potest, non etiam in reperiendo;*

gênero, como Quintiliano parece fazer aqui ao iniciar o período com a oração *Illud quoque genus est*, que li e traduzi como o apontamento de Quintiliano para mais um gênero de facécias além daqueles dois por ele citados anteriormente (cf. § 42 e *De ridiculis*, §§ 218–226).

⁴⁰⁰ V. *De ridiculis*, § 220.

⁴⁰¹ Idem.

⁴⁰² Lúcio Licínio Crasso, orador muito admirado por Cícero (que o escutou durante a juventude) e um dos protagonistas de *De oratore*.

⁴⁰³ O episódio é contado quase que detalhadamente em *De ridiculis* (§§ 222–227 e nn.).

45 Mas na urbanidade é mais aguda e mais rápida a brevidade, cuja forma é decerto dupla: o ataque ou a réplica. Todavia, seu método é, em parte, comum. Não há nada que possa ser dito atacando que não possa ser dito também replicando.⁴⁰⁴

46 *at quaedam propria sunt respondentium. Illa etiam atque <etiam> cogitata adferri solent, haec plerumque in altercatione aut in rogandis testibus reperiuntur. Cum sint autem loci plures ex quibus dicta ridicula ducantur, repetendum est mihi non omnis eos oratoribus conuenire,*

46 Por outro lado, algumas palavras são próprias de quem está respondendo. Pois, as palavras usadas para o ataque costumam ocorrer depois de uma reflexão; enquanto estas, de réplica, são encontradas algumas vezes na contestação ou no interrogatório das testemunhas. No entanto, como muitos são os lugares dos quais as palavras ridículas podem ser tiradas, devo repetir que nem tudo convém ao orador,

47 *in primis ex amphibolia, neque illa obscura quae Atellani e more captant, nec qualia uulgo iactantur <a> uilissimo quoque, conuersa in maledictum fere ambiguitate: ne illa quidem quae Ciceroni aliquando, sed non in agendo exciderunt; ut dixit, cum is candidatus qui coci filius habebatur coram eo suffragium ab alio peteret: "Ego quoque tibi fauebo";*

47 principalmente aquilo que vem da ambigüidade,⁴⁰⁵ nem daquela obscuridade costumeira dos atores Atelanos nem daquela qualidade de palavras proferidas pelo mais baixo vulgo, cuja ambigüidade beira o ultraje, e nem mesmo aquelas utilizadas algumas vezes por Cícero, mas que não lhe saíram da boca durante o discurso⁴⁰⁶; como, por

⁴⁰⁴ Entre este e o parágrafo 83 Quintiliano desenvolve os gêneros de urbanidade de palavras atendendo à divisão e descrição de Cícero entre os §§ 244–247 (gênero de facécias de palavras) de *De ridiculis*.

⁴⁰⁵ Cícero determina ambigüidade como gênero de facécia em *De ridiculis* (§§ 250, 254 e nn.). V. §§ 250, 253, 256 e nn. Quintiliano determina um tipo de ambigüidade a ser evitada e outra a ser acolhida pelo orador (cf. §§ 48-51).

⁴⁰⁶ Quintiliano retoma a censura ao excesso de Cícero no uso do riso citado no § 3, nascida dos livros de ditos ridículos publicados pelo liberto Tiro (ou outra pessoa), citados no § 5.

exemplo, o que ele disse a um candidato (tido como filho de um cozinheiro) que perante ele pedia a outro que lhe desse o voto: “Eu também ajudar-te-ei”;⁴⁰⁷

48 *non quia excludenda sint omnino uerba duos sensus significantia, sed quia raro belle respondeant, nisi cum prorsus rebus ipsis adiuuantur. Quare [non] hoc [modo] paene et ipsum scurrile Ciceronis est in eundem de quo supra dixi Isauricum: "Miror quid sit quod pater tuus, homo constantissimus, te nobis uarium reliquit".*

48 digo isso não porque toda palavra de duplo sentido deva ser excluída, mas sim porque raramente elas respondem com beleza; a não ser quando as circunstâncias favorecem por si próprias à perfeição. Assim, naquela mesma fala de Cícero contra Isaurico, do qual falei acima, há quase algo de bufão: “Admiro que teu pai, um homem constantíssimo, nos tenha legado a ti, tão variado⁴⁰⁸”.

49 *Sed illud ex eodem genere praeclarum: cum obiceret Miloni accusator, in argumentum factarum Clodio insidiarum, quod Bouillas ante horam nonam deuertisset, ut exspectaret dum Clodius a uilla sua exiret, et identidem interrogaret quo tempore Clodius occisus esset, respondit "Sero": quod uel solum sufficit ut hoc genus non totum repudietur.*

49 Não obstante, desse mesmo gênero há uma história especial: como o advogado de acusação exprobrasse Milão argumentando que este havia feito uma emboscada

⁴⁰⁷ O gracejo está na homofonia entre o vocativo de *coquus* (*coque*) e o advérbio *quoque*, em que Cícero parece deslizar num tipo de humor inapropriado. Em português esse jogo entre os sons se perdeu totalmente.

⁴⁰⁸ Ao que parece, Quintiliano se refere ao episódio narrado no parágrafo 25. Se assim é, importa dizer que a palavra “variado” traduz o adjetivo *uarium*, que tanto significa inconstante, variado, quanto sovado, golpeado por açoites. O jogo com a palavra, com sobreposição de significados, fica claro em latim quando o contexto é conhecido. Em português, porém, esse efeito acaba se perdendo, porque o termo “inconstante”, que seria uma tradução mais adequada para expressar a instabilidade de Isaurico, não coincide com “açoitado”, “sovado” ou até mesmo “surrado”. Para tentar dirimir a perda, escolhi então o adjetivo “variado” no lugar do preferível “inconstante”, para que as primeiras sílabas da palavra façam lembrar a palavra “vara”, que por metonímia traz à mente a idéia de “surra”, “sova” etc. Embora concorde se tratar de uma tentativa quase vã, acredito que ao menos ela não prejudica o sentido geral do período. De resto, se no parágrafo anterior reside uma censura ao humor de Cícero, exagerado segundo alguns (cf. §§ 3 e 5), neste a censura é também de Quintiliano, porquanto esse dito ridículo se aproxima ao do bufão, um tipo de humor que tanto Cícero (cf. *De ridiculis*, §§ 240, 244–247, 251; *Orator* 88) quanto Quintiliano (cf. *De risu*, § 29) afirmam dever ser grandemente evitado pelo orador.

contra Clódio (o advogado tentava provar que Milão deixara os Bovilos antes da hora nona e que esperara o momento em que Clódio saísse de sua vila) e como o interrogasse repetidas vezes quando Clódio havia sido morto, Cícero disse: “Tarde!”. Um só exemplo desses é suficiente para que este gênero não seja de todo repudiado.⁴⁰⁹

50 *Nec plura modo significari solent, sed etiam diuersa: ut Nero de seruo pessimo dixit: "Nulli plus apud se fidei haberi, nihil ei nec clusum neque signatum esse".*

⁴⁰⁹ Este exemplo ilustra o tipo de humor ambíguo calibrado e adequado bem utilizado por Cícero e que pode ser preceituado. Há uma ressalva importante para o uso da ambigüidade: segundo Cícero, embora identificada como facécia (de palavras, não de assunto), ela nem sempre provoca o riso (cf. *De ridiculis*, § 250). Por outro lado, a ambigüidade também é apreciada pela elegância e graça que ela proporciona ao discurso. Cícero diz haver uma doutrina muito sutil a seu respeito (cf. *De ridiculis*, § 256) e Quintiliano (VII, 9, 1-15) afirma que as espécies de ambigüidade são muitas, mas poucos são seus gêneros. Segundo ele, há dois gêneros principais: a ambigüidade de uma só palavra e a ambigüidade de um grupo de palavras, que se subdividem em um grupo de três gêneros. O primeiro deles, a homonímia, pode engendrar o erro quando uma mesma palavra se aplica a várias coisas ou pessoas, como, por exemplo, *gallus* (que significa tanto um animal – a ave – um país, um eunuco etc.) e *Ajax* (que, sem o epíteto, deixa a dúvida: o poderosíssimo, filho de Telamon, ou o veloz, filho de Oileu?). O segundo gênero é aquele em que uma palavra possui, na íntegra, um sentido e, quando dividida, cavilações ineptas, tais como *ingenua* (nascida livre – *ingenua*; de joelhos – *in genua*) ou *coruinum* (corvino, relativo a corvo – *coruinum*; coração – *cor*; vinho – *uinum*). E o terceiro deles caracteriza-se pela composição de palavras e consiste na adição de sons, casos etc. Lausberg (1976: vol. 1, p. 203) identifica esse gênero como o da ordem obscura pouco inteligível na construção do conjunto da frase. Exemplos: *in culto loco* (em lugar cultivado), *inculto loco* (em lugar não cultivado); *Lecheten audivi percuisse Demean* [Lacheten AGH: -tem laur. XLV I.9 // *demean f*: -mea AGH – mean *Vindob. 3135* (...), *apud* Quintilien, *Instution Oratoire* (texte établi et traduit par Jean Cousin), 1977: p. 179, n. 10.), onde não se sabe quem tenha ouvido: Laquete ou Démea? Quintiliano afirma também, ao conceituar e classificar a ambigüidade precisamente no segundo parágrafo do livro IX (*singula adferunt errorem cum pluribus rebus aut hominibus eadem appellatio est*) que essa variedade de *status legales* (VII, 5, 6) produz erro (cf. Lausberg, 1976: vol. 2, pp. 384-85). Segundo Quintiliano, a acepção e categorização de *ambiguitas* está, em outras palavras, relacionada à concepção de *proprietas* (VIII, 2, 1) e *improprietas* (VIII, 2, 3), que por sua vez originam o defeito chamado *obscuritas* (VIII, 2, 12). Entende-se por *proprietas* a propriedade de uma palavra para uma determinada coisa e como *improprietas* a ausência disso. A *obscuritas* está relacionada entre os *uerba singula* que por sua vez estão relacionados ao fenômeno da *perspicuitas*, que é subordinada à *inuentio*, parte da retórica onde se discute os aspectos entre os quais consta o riso. Há, em suma, uma oposição entre a *perspicuitas* como *uirtus* e sua descaracterização, que é a *obscuritas*, como *uitium*. Mediante tais premissas, fica a impressão que a *ambiguitas* não seja apenas um *uitium* em contraposição ao que Cícero diz sobre ela no parágrafo 253: *magis ut belle et litterate dicta laudantur*. Porém, mediante a afirmação de Quintiliano em *De risu* (VI, 3, 48):

non quia excludenda sint omnino uerba duos sensus significantia

e sua presença entre os *genera facietiarum* organizados por Cícero, que a denotam como algo não dispensável no uso oratório, resta a dúvida se a *ambiguitas* é de fato um *uitium* ou se há alguma liberdade em usá-la. Por dois modos se dirime essa incógnita. Um deles diz respeito ao zelo que o orador deve exercer no uso desse status. O outro diz respeito à qualidade da *ambiguitas* quando se a concebe não como sua acepção primeira e direta, um *uitium*, mas como *uirtus* (cf. Lausberg, 1976: vol. 2, pp. 384-85) e se entende seu uso como uma *licentia* concedida ao uso da *ambiguitas* para o *ornatus* do discurso (cf. Quintiliano, VIII, 3,15).

50 As palavras costumam ter não somente múltiplos significados, mas também um oposto, como disse Nero a respeito de um péssimo escravo: “Ninguém pode ser considerado mais fiel que ele. Para ele nada está escondido ou trancado.”⁴¹⁰

51 *Peruenit res usque ad aenigma, quale est Ciceronis in Plaetorium Fonteius accusatorem, cuius matrem dixit dum uixisset ludum, postquam mortua esset magistros habuisse. (dicebantur autem, dum uixit, infames feminae conuenire ad eam solitae, post mortem bona eius uenierant): quamquam hic "ludus" per tralationem dictum est, "magistri" per ambiguitatem.*

51 A ambigüidade se aproxima do enigma, como nas palavras de Cícero ao defender Fonteio contra Pletório, cuja mãe, disse Cícero, possuía em vida uma escola e depois de morta mestres (dizia-se que, enquanto viva, mulheres infames costumavam juntar-se a ela e que, após sua morte, essas mesmas mulheres venderam seus bens), conquanto aqui a palavra *escola* é dita metaforicamente e *mestres* de forma ambígua.⁴¹¹

52 *In metalepsin quoque cadit eadem ratio dictorum, ut Fabius Maximus, incusans Augusti congiariorum quae amicis dabantur exiguitatem, heminaria esse dixit (nam congiarium commune liberalitatis atque mensurae) a mensura ducta inminutione rerum.*

52 O mesmo modelo de ditos cai também na metalepse,⁴¹² como no exemplo de Fábio Máximo⁴¹³ que, acusando a exigüidade de *congiaria* dada aos amigos de

⁴¹⁰ Cf. *De ridiculis*, § 248 e n.

⁴¹¹ Marco Fonteio – governador da Galia Transalpina entre 74 e 72 a.e.c. – foi defendido por Cícero (por volta de 70) num processo em que era acusado de concussão (*Pro Fonteio*). Parte desse discurso de Cícero foi perdida, nela estava a citação constante neste parágrafo (v. Smith, W. *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. Little, Brown, and Company, Boston, 1867: vol. 2, pp.179-180).

⁴¹² A metalepse deste exemplo não se faz exatamente por aquele modelo de substituição sinonímica de uma palavra por outra que resulta numa impropriedade (o que explicaria o uso do verbo *cadere*). A diferença entre esse modelo e o ocorrido no parágrafo inclui essa metalepse naquele modelo caracterizado por uma relação algo remota ou parcial, e não de semelhança. A palavra *heminaria* vem de *hemina* que é a sexta parte de um congio, palavra que origina *congiaria*. É essa relação de medidas que estabelece a proximidade entre as palavras e que produz o riso (cf. Quintiliano VIII, 6, 37), Lebek (1978: pp. 275) manifesta preocupação semelhante.

⁴¹³ Paulo Fábio Máximo, cônsul em 10 a.e.c. [Bardon (1952), indica que Fábio Máximo foi cônsul em 11 a.e.c.]. A ele eram destinados muitos poemas de Ovídio compostos no exílio [PANI (1991), afirma que

Augusto, chamou a mesma – através da medida tirada da escassez dos presentes – de *heminaria*, pois *congiarium* significa tanto liberalidade quanto uma determinada medida.

53 *Haec tam frigida quam est nominum fictio adiectis, detractis, mutatis litteris; ut Acisculum, quia esset pactus, "Pacisculum", et Placidum nomine, quod is acerbus natura esset, "Acidum", et Tullium, cum fur esset, "Tollium" dictos inuenio.*

53 Esses ditos são tão frios quanto a formação de nomes⁴¹⁴ através de adição, subtração e mudança de letras.⁴¹⁵ Encontro ditos tais como *Asciculus*, que passou a ser chamado de *Pasciculus*, porquanto este fizera um pacto; ou *Placidus*, mudado para *Acidus*, porque era ácido por natureza e *Tullius*, que por ser ladrão, veio a se chamar *Tollius*.⁴¹⁶

54 *Sed haec eadem genera commodius in rebus quam in nominibus respondent. Afer enim uenuste Manlium suram multum in agendo discursantem, salientem, manus iactantem, togam deicientem et reponentem, non "agere" dixit, sed "satagere". Est enim dictum per se urbanum "satagere", etiam si nulla subsit alterius uerbi similitudo.*

54 Porém, esses mesmos gêneros respondem mais convenientemente nos assuntos do que nos nomes.⁴¹⁷ Com efeito, Africano⁴¹⁸, fazendo graça, disse sobre Mânlio Sura que este, ao discursar saracoteava (*satagere*) e não atuava (*agere*), porquanto Mânlio,⁴¹⁹ ao falar, pulava, gesticulava e deixava cair a toga para recolocá-la depois. Aqui, o verbo

Ovídio depositava muita esperança em Germânico e Ovídio a fim de voltar a Roma]. Em um desses poemas Ovídio pranteia a morte de Fábio Máximo (*Epistulae ex ponto* IV, 6, 9).

⁴¹⁴ Ao tratar da *ornatus* no livro VIII, Quintiliano diz sobre a *fictio* (VI, 30-32), que é a criação de novas palavras por meio da onomatopéia e da derivação.

⁴¹⁵ Cícero liga este gênero ao fenômeno da paronomásia (v. *De ridiculis*, § 256), do que se conclui que Quintiliano tenha acolhido a este gênero também.

⁴¹⁶ Todos estes personagens são desconhecidos.

⁴¹⁷ Do mesmo modo que Cícero apresenta a interpretação de nomes na sequência daqueles gêneros de ditos ridículos originários da paronomásia, também Quintiliano os apresenta em ocasião semelhante (v. *De ridiculis*, § 257).

⁴¹⁸ A saber: Domício Africano (v. § 27, n. 386).

⁴¹⁹ Desconhecido.

saracotear (*satagere*)⁴²⁰ é por si mesmo dito urbano, sobretudo porque não há outro semelhante.

55 *Fiunt et adiecta et detracta adspiratione et diuisis coniunctisque uerbis similiter saepius frigida, aliquando tamen recipienda; eademque condicio est in iis quae a nominibus trahuntur. Multa ex hoc <genere> Cicero in Verrem, sed ut ab aliis dicta: modo futurum ut omnia uerretur [cum diceretur Verres], modo Herculi, quem expilauerat, molestiorem <quam> aprum Erymanthium fuisse, modo malum sacerdotem qui tam nequam uerrem reliquisset, quia Sacerdoti Verres successerat.*

55 Do mesmo modo, os ditos frios são formados não somente através da adição e da subtração de uma aspiração, mas mais freqüentemente também da divisão e da junção de palavras, que devem ser, no entanto, algumas vezes aceitáveis. A mesma condição vale para aqueles extraídos de nomes próprios. Cícero utilizou muito desse gênero contra Verres, mas como que ditos por outras pessoas: ora dizia que ele varreria⁴²¹ todas as coisas para adiante (daí ser chamado Verres); ora dizia que Verres molestara mais a Hércules (de quem saqueara o templo) do que o javali de Erimanto;⁴²² ora dizia que ele fora um sacerdote tão ruim que deixara atrás de si verro, porquanto Verres sucedera Sacerdote.⁴²³

56 *Praebet tamen aliquando occasionem quaedam felicitas hoc quoque bene utendi, ut pro Caecina Cicero in testem Sex. Clodium Phormionem: "Nec minus, Níger," inquit, "nec minus confidens quam est ille Terentianus Phormio".*

⁴²⁰ Embora entenda que o verbo saracotear usufrui do mesmo *status* que *satagere* em latim (não possui semelhante em português) e os verbos saracotear e atuar possuam semelhanças fonéticas, preferi transcrever os verbo em latim na tradução para que o jogo de palavras ficasse um pouco mais claro (v. STEEL, 2006, p. 54; Macrobius, *Saturnalia*, 3. 14. 12).

⁴²¹ Em latim *Verro*, *-is*, *-i* ou *-si*, *-sum*, *-rere* (v. *In Verrem* II, 19, 52; IV, 53).

⁴²² Cf. *In Verrem* IV, 95.

⁴²³ Cf. *In Verrem* I, 121. O ridículo aqui se estabelece pelo jogo de palavras resultante da coincidência entre o nome de Verres com o do animal suíno e do nome de Caio Licínio Sacerdote com o título.

56 É a boa sorte, todavia, que proporciona algumas vezes a ocasião para que esses ditos⁴²⁴ sejam bem usados, como faz Cícero em *Pro Caecina*, contra o testemunho de Sexto Clódio Formião: “Não é menos negro nem menos descarado do que aquele Formião de Terêncio.”⁴²⁵

57 *Acriora igitur sunt et elegantiora quae trahuntur ex ui rerum. In iis maxime ualet similitudo, si tamen ad aliquid inferius leuiusque referatur: qualia ueteres illi iocabantur, qui Lentulum "Spintherem" et Scipionem "Serapionem" esse dixerunt. Sed ea non ab hominibus modo petitur, uerum etiam ab animalibus; ut nobis pueris Iunius Bassus, homo in primis dicax, "asinus albus" uocabatur,*

57 Logo, as palavras extraídas da força dos assuntos são mais acres e mais elegantes.⁴²⁶ Nelas a similitude é muito eficaz se, todavia, se referir a um assunto menor e sem importância,⁴²⁷ tal qual aquelas com as quais gracejavam nossos antepassados, que chamaram *Lentulus*⁴²⁸ de *Spinther* e *Scipion*⁴²⁹ de *Serapion*. A similitude pode ser procurada não somente nas características humanas, mas também nas dos animais, como o exemplo de Júnio Basso que sendo homem instintivamente mordaz era chamado por nós, meninos, de “asno branco.”⁴³⁰

⁴²⁴ V. §§ 53, 54 e nn.

⁴²⁵ V. Cícero *Pro Caecina* 27. Formião era o nome do personagem de uma das comédias de Terêncio. Ao que parece, os dois Formiões assemelhavam-se em caráter e na cor da cutis.

⁴²⁶ V. *De ridiculis* § 248.

⁴²⁷ Depois de determinar que a *similitudo* faça uma comparação não obscura e não desconhecida, Quintiliano (VIII 3, 72-79) discorre sobre o uso da comparação na constituição do *ornatus* (Importa dizer que há outro tipo de *similitudo*, inclusa entre os *argumenta*, campo da *inuentio*, cf. Quintiliano V, 11), campo da *elocutio*. Lausberg (1976: vol. 2 pp. 252-255), tentar estabelecer a partir do texto de Quintiliano uma gradação do uso da *similitudo*, afirmando haver dela um grau mínimo, médio e máximo. Ocorre que conferindo a teoria com o texto do retor, a gradação não fica muito clara, motivo pelo qual se torna difícil apontar com absoluta certeza a que grau daqueles esses exemplos de ditos ridículos se aproximariam.

⁴²⁸ *Publius Cornelius Lentulus* (Públio Cornélio Lentulo), cônsul em 57 a.e.c. Lentulo recebeu este cognome devido à sua semelhança física com um ator chamado *Spinther*. Curiosamente, seu colega de consulado, Metelo Nepo, era também parecido com outro ator, Panfílio (cf. Plínio, o velho. *Naturalis historia* VII, 10; Valério Máximo, IX, 14, 4).

⁴²⁹ Públio Cornélio Cipião Nasica Serapião, filho de Públio Cornélio Cipião Nasica *Corculum*, cônsul em 138 e 133 (v. *De ridiculis*, §§ 276, 285 e nn.). Cipião recebeu este cognome ao ser comparado a Serapião, que poderia ser tanto um mercador de animais destinado ao sacrifício (cf. Valério Máximo IX, 14, 3-4) quanto um mercador de porcos (cf. Plínio, o velho, *Naturalis historia* VII, 54 e XXI, 10); não obstante serem talvez a mesma pessoa.

⁴³⁰ V. § 27. É difícil precisar a razão dessa alcunha de Júnio Basso. Ao que parece algum traço físico seu o aproximava da figura daquele animal, no entanto qualquer conjectura aqui seria mera especulação.

58 *et Sarmentus seu P. Blaessius Iulium, hominem nigrum et macrum et pandum, "fibulam ferream" dixit. Quod nunc risus petendi genus frequentissimum est.*

58 e de Sarmento⁴³¹ (ou Públio Blésio)⁴³² que chamou Júlio⁴³³ homem negro e magro e encurvado, de “gancho⁴³⁴ de ferro”. Hoje em dia essa maneira de procurar o riso é muito freqüente.

59 *Adhibetur autem similitudo interim palam, inseri solet parabola: cuius est generis illud Augusti, qui militi libellum timide porrigenti: "Noli," inquit, "tamquam assem elephanto des".*

59 Por outro lado, a similitude⁴³⁵ costuma ora ser aplicada às claras, ora inserida numa parábola, cujo modelo é aquela famosa frase que Augusto disse a um soldado que, por timidez, se delongava em fazer um pedido: “Não ajas como se desses um asse a um elefante.”⁴³⁶

60 *Sunt quaedam ui similia: unde Vatinius dixit hoc dictum, cum reus agente in eum Caluo frontem candido sudario tergeret idque ipsum accusator in invidiam uocaret: "Quamuis reus sum," inquit, "<et> panem tamen candidum edo".*

60 Algumas são semelhantes pela força: Vatínio⁴³⁷ proferiu este dito picante quando, sendo réu, limpava o rosto com um pano branco enquanto Calvo⁴³⁸ discursava

⁴³¹ Sarmento é conhecido pelas passagens de Juvenal (*Satirae* V, 3) e Horácio (*Sermones* I, 5, 51).

⁴³² Não há referências seguras sobre quem foi Públio Blésio.

⁴³³ Desconhecido.

⁴³⁴ Há diversos significados para *fibula*. Trata-se de modo geral de uma peça em forma de colchete ou fivela que tem uma de suas pontas travadas num outro objeto ou na outra ponta da mesma peça para prender determinada coisa. Sem dúvida a descrição das características físicas de Júlio faz pensar em um objeto curvo e sobremodo usado no quotidiano.

⁴³⁵ V. n. 427.

⁴³⁶ O mesmo dito encontra-se também em Suêtonio (*Diui Augustus* 53,2) e Macróbio (*Saturnalia* II, 4, 3).

⁴³⁷ Públio Vatínio. Foi tribuno em 59 a.e.c., pretor em 55 e cônsul em 46. Cícero ataca Vatínio em *Pro Sestio* (132–135) quando defendia Sestio e *In Vatinium*, discurso que Cícero escreveu do seu ataque ao testemunho de Vatínio no processo contra Sestio, de 56 a.e.c. (v. Cf. Smith, W. *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology*: v. 3, pp. 1233–35).

⁴³⁸ Licínio Calvo, orador aticista (Quintiliano, X, 1, 115) e um dos *noui poetae*, como eram chamados por Cícero os poetas modernos da época, entre eles Catulo, amigo de Licínio, que acusou três vezes Públio

contra ele e, incomodado, seu acusador chamava a atenção para aquilo: “Embora eu seja réu, como pão branco.”⁴³⁹

61 *Adhuc est subtilior illa ex simili tralatio, cum quod in alia re fieri solet in aliam mutuumur (ea dicatur sane fictio): ut Chrysippus, cum in triumpho Caesaris eborea oppida essent tralata et post dies paucos Fabi Maximi lignea, thecas esse oppidorum Caesaris dixit. Et Pedo de myrmillone qui retiarius consequabatur nec feriebat: "Vium," inquit, "capere uult".*

61 Até aqui, a similitude mais sutil é a metáfora⁴⁴⁰ que vem da semelhança, que costuma ser realizada quando tomamos emprestada uma coisa de um lugar para aplicar em outro (o que, sem dúvida, chama-se ficção); como fez Crisipo quando, num triunfo de César, diversos objetos de marfim eram transportados de uma cidade fortificada e poucos dias depois outros de madeira eram levados num triunfo de Fábio Máximo, disse que aquelas eram, na verdade, caixas de César. E Pedo, que disse a respeito de um gladiador *mirmillo* que açoitava um *retiarius* e não o feria: “Ele quer pegá-lo vivo!”⁴⁴¹

Vatínio, partidário de César, de fraude eleitoral. A primeira vez em 58 a.e.c., a segunda em 55 e a última em 54, provavelmente. Tácito afirma que o discurso de Calvo contra Vatínio na acusação de fraude eleitoral de 55 a.e.c. era um modelo do uso da eloquência. Por outro lado, tanto Cícero (*Brutus*, 283 sg.) quanto Quintiliano (X, 1, 115) dizem de Calvo um orador dotado de muitos recursos.

⁴³⁹ *Quamuis reus sum (...) <et> panem tamen candidum edo.* O substantivo *panem* (pão) é homófono de uma forma arcaica da palavra *pannus*, -i (*pannis*, -is: pano, pedaço de estofado) e o verbo *edo* (edo- edis, ou *es*, *edit*, ou *est*, *edi*, *esum*, *edere*, ou *esse*: comer) é homônimo e homófono de outro verbo *edo* (*edo*, *is*, -*didi*, -*ditum*, -*dere*: expor, produzir, apresentar). Embora não se possa provar se Vatínio conhecia essa forma arcaica da palavra *pannis*, -is, considere a possibilidade de que o autor da frase tenha se aproveitado dessas coincidências vocabulares para demarcar sua inocência, não obstante o fato de que fosse réu, ao passar o pedaço de estofado branco no rosto seguidamente a ponto de incomodar o acusador e mostrá-lo branco, ele estava afirmando alegoricamente a certeza de que era inocente. O conjunto dessas palavras coincide com a forma traduzida “pão branco” [escolhida não somente porque mais imediata e de um sentido mais direto, como também porque a coincidência entre *panis*, -is (*panem*) e *pannis*, -is (*pannem*, no processo alegórico) é apenas fonética (que funcionou, provavelmente, naquela situação, mas não condiz para a tradução)], o que remete ao fato de que os homens livres comiam pão branco, *panis candidus* (feito com uma qualidade mais refinada de farinha) enquanto os pobres e escravos comiam pão grosseiro, *panis cibarius*.

⁴⁴⁰ V. § 68 e nn.; *De ridiculis*, § 262 e nn.

⁴⁴¹ O gladiador *mirmillo* portava um escudo, uma espada e um capacete sobre o qual apontava a figura talhada de um peixe. Já o gladiador *retiarius* portava uma rede e um tridente. Seu adversário comum era logicamente o *mirmillo*, que também era rival do gladiador *Threx*, que portava um pequeno escudo, uma proteção sobre um dos ombros e a famosa espada *gladius*.

62 *Iungitur amphiboliae similitudo, ut a L. Gabba, qui pilam neglegenter petenti "sic," inquit, "petis tamquam Caesaris candidatus". Nam illud "petis" ambiguum est, securitas similis. Quod hactenus ostendisse satis est.*

62 A similitude⁴⁴² pode juntar-se à ambigüidade, como fez Gaba⁴⁴³ dizendo a um homem que perseguia descuidadamente uma bola: “Assim – disse-lhe –, do jeito que persegues, pareces um candidato de César”; pois aqui, o verbo perseguir é ambíguo, e o descuido é semelhante nos dois casos. Sobre isso, o que já mostrei até aqui é o suficiente.

63 *Ceterum frequentissima aliorum generum cum aliis mixtura est, eaque optima quae ex pluribus constat. Eadem dissimilium ratio est. Hinc eques Romanus, ad quem in spectaculis bibentem cum misisset Augustus qui ei diceret: "Ego si prandere uolo, domum eo", "Tu enim," inquit, "non times ne locum perdas".*

63 Demais, a mistura de certos gêneros com outros é muito freqüente e quanto maior a mistura, melhor ela se apresenta. A regra das dissimilações é a mesma. Um exemplo disso é a anedota de um cavaleiro romano que bebia durante um espetáculo. Como Augusto lhe enviasse alguém para dizer-lhe: “Eu, se quero almoçar, vou para casa”, ele lhe respondeu: “Mas tu não temes perder o assento.”⁴⁴⁴

64 *Ex contrario non una species. Neque enim eodem modo dixit Augustus praefecto quem <cum> ignominia mittebat, subinde interponenti precibus: "Quid respondebo patri meo?", "Dic me tibi displicuisse", quo Gabba paenulam roganti: "Non possum commodare, domi maneo", cum cenaculum eius perplueret. Tertium adhuc illud, nisi quod ut ne auctorem ponam uerecundia ipsius facit: "Libidinosior es quam ullus spado", quo sine dubio et opinio decipitur, sed ex contrario. Et hoc ex eodem loco est, sed nulli priorum simile, quod dixit M. Vestinus cum ei nuntiatum esset <necatum esse>: "Aliquando desinet putere".*

⁴⁴² V. n. 310.

⁴⁴³ O mesmo Gaba do § 27.

⁴⁴⁴ Posteriormente o imperador autorizou a beber no teatro (cf. Marcial I, 26).

64 O gênero que vem do contrário não possui uma só espécie. Com efeito, o modo por que Augusto usou deste gênero não foi o mesmo utilizado por Gaba. A um oficial que fora despedido com desonra e que alegava incessantemente com estas súplicas: “O que responderei ao meu pai?” Augusto respondeu: “Diga que eu não gostei de ti.”⁴⁴⁵ Gaba, por sua vez, respondeu assim a um homem que pedia emprestada sua capa de viagem: “Não posso emprestá-la; estou em casa”, pois naqueles dias chovia em sua sala de jantar. Há ainda um terceiro exemplo, cujo autor por discrição não revelarei: “És mais libidinoso que um eunuco”, na qual, sem dúvida, a expectativa é frustrada, mas a partir do contrário. E desse mesmo lugar, mas com nenhuma semelhança com os precedentes, a frase dita por Marco Vestino⁴⁴⁶ quando lhe anunciaram que alguém morreria: “Finalmente parou de feder.”

65 *Onerabo librum exemplis, similemque iis qui risus gratia componuntur efficiam, si persequi uoluerio singula ueterum. Ex omnibus argumentorum locis eadem occasio est. Nam et finitione usus est Augustus de pantomimis duobus qui alternis gestibus contendebant, cum eorum alterum saltatorem dixit, alterum interpellatorem.*

65 Se eu quiser enumerar um a um os risos dos antigos, carregarei este livro desses exemplos e farei dele algo semelhante àqueles compostos de coisas engraçadas para fazer rir. De todos os lugares de argumentos provém a mesma oportunidade. De fato, não somente Augusto fez uso de uma divisão a respeito de dois pantomimos⁴⁴⁷ que contendiam com gestos alternados dizendo que um era o dançarino e o outro o impertinente,

66 *Et partitione Gabba, cum paenulam roganti respondit: "Non pluit, non opus est tibi: si pluet, ipse utar". Proinde genere specie, propriis, differentibus, iugatis, adiunctis, consequentibus, antecedentibus, repugnantibus, causis, effectis,*

⁴⁴⁵ Este exemplo de dito ridículo é também contado por Macróbio (cf. *Saturnalia* II, 4, 6).

⁴⁴⁶ Marco Vestino Ático, cônsul em 65 a.e.c., embora fosse inocente da conspiração movida por Piso, morreu por ordem de Nero (cf. Tácito, *Annales* 48, 52, 68, 69).

⁴⁴⁷ A pantomima era uma dança mímica com acompanhamento musical, geralmente sem palavras, e já era popular entre os gregos nos tempos clássicos.

comparatione parium, maiorum, minorum similis materia praeбетur, sicut in tropos quoque omnis cadit.

66 como também Gaba lançou mão de uma partição: quando um homem pediu-lhe emprestada a capa, ele respondeu dizendo: “Se não chove, ela não tem utilidade para ti; se chover, eu mesmo a usarei.” Assim, do mesmo modo como tudo resulta em tropos, a matéria semelhante aos ditos ridículos é fornecida⁴⁴⁸ pelo gênero, pela espécie, pelas propriedades, pelas diferenças, pelas afinidades, pelas circunstâncias de um fato, pelas conseqüências, pelos antecedentes, pelas contradições, causas, efeitos, pela comparação⁴⁴⁹ de igualdade, superioridade e inferioridade.

67 *An non plurima dicuntur <per hyperbolen? ut > quod refert Cicero de homine praelongo, caput eum ad fornicem Fabium offendisse, et quod P. Oppius dixit de genere Lentulorum, cum assidue minores parentibus liberi essent, nascendo interiturum.*

67 Não serão hipórbolos,⁴⁵⁰ por acaso, um grande número de ditos? Como aquele que Cícero refere, por exemplo, a respeito de um homem muito alto, ao dizer que ele tinha batido a cabeça no arco de Fábio;⁴⁵¹ e de Públio Ópio,⁴⁵² que a respeito da família dos Lentulos dizia que, uma vez que os filhos eram cada vez menores que os pais, ela se extinguiria procriando.

⁴⁴⁸ Este parágrafo desenvolve a instrução contida no anterior. Dos mesmos lugares onde se colhem as matérias, os *tropos*, para falar daquilo que é sério, se colhe também aquilo necessário para falar com humor, urbanamente. Cícero traz a respeito instrução com semelhante teor (v. *De ridiculis*, § 248).

⁴⁴⁹ Há um tipo de comparação prescrito por Quintiliano (VII, 4, 12) e por Cícero (*De inuentione*, I, 15; *De oratore*, I, 257) incluso tipos de defesa (Quintiliano VII, IV 1-20), campo da *dispositio* (cf. VII, 1, 1-2) também utilizado no discurso deliberativo. Essa *comparatio* consiste em dizer que uma ação foi realizada para prevenir um mal maior, caso em que a comparação se dá na escolha entre o que é ruim e o que é menos ruim.

⁴⁵⁰ Quintiliano prescreve a hipórbolo como meio de mover os afetos na peroração (v. VI, 2, 24). No livro VIII, 7, 72-76, ele a inclui entre os *tropi*. Cícero utiliza o mesmo exemplo (por meio dos termos técnicos *augere/minuere*) para ilustrar também a hipórbolo entre seus *genera facetiarum* (v. *De ridiculis*, § 267 e n.), o que permite dizer que Quintiliano acolhe de Cícero também este gênero para os seus *genera urbanitatis*.

⁴⁵¹ V. *De ridiculis*, § 267.

⁴⁵² Nas *saturnalia* (II, 3, 3) de Macróbio há também um personagem com esse nome que cita um dito ridículo de Cícero sobre a pequena estatura das pessoas da família Lentulo.

68 *Quid ironia? nonne etiam quae seuerissime fit ioci paene genus est? Qua urbane usus est Afer, cum Didio Gallo, qui prouinciam ambitiosissime petierat, deinde, impetrata ea, tamquam coactus querebatur: "Age," inquit, "aliquid et rei publicae causa". Metaphora quoque Cicero lusit, cum Vatini morte nuntiata, cuius parum certus dicebatur auctor: "Interim," inquit, "usura fruar".*

68 E sobre a ironia?⁴⁵³ Porventura não se torna, mesmo a mais severa, quase um gênero de gracejo? Dela, por exemplo, Africano⁴⁵⁴ serviu-se urbanamente quando disse a Dídio Galo,⁴⁵⁵ que, com muito empenho, havia requerido o governo de uma província e depois de obtê-la queixava-se de ter sido coagido a aceitá-la: “Faça alguma coisa que seja também do interesse do Estado”. Também Cícero brincou por meio da metáfora⁴⁵⁶

⁴⁵³ Não obstante Quintiliano tratar amplamente sobre a ironia, sobretudo no livro IX, expus no texto de *De ridiculis* as definições e acepções sobre ela no desenvolvimento do exemplo de ironia ali mencionado (cf. *De ridiculis*, § 262), as quais também são pertinentes às ocorrências da palavra em *De risu*.

⁴⁵⁴ A saber: Domício Africano.

⁴⁵⁵ A. Dídio Galo, *curator aquarium* durante o império de Calígula (40 e.c.) e sob o império de Cláudio (50 e.c.) comandou o exército romano em Bósforo, sendo depois designado pelo mesmo Cláudio a suceder Ostório na Britânia (v. Tácito, *Annales* XII, 15, 40; XIX 29; *Agricola* 14; Frontino *De aquaeductu urbis romae* 102).

⁴⁵⁶ V. *De ridiculis* § 262 e nn. Ao discorrer sobre os *tropi*, no sexto capítulo do oitavo livro da *Institutio oratoria*, Quintiliano estabelece para eles uma primeira e geral divisão: há tropos de significação e tropos de ornamento. Entre os *tropi significationis* (VIII, 6, 2) se encontra a metáfora, que segundo o próprio Quintiliano, é a transposição do sentido de uma palavra sobre outro num processo de comparação em que a metáfora é a sua forma mais breve (cf. *De oratore*, III, 157).

O retor exemplifica (VIII, 6, 9) isso à perfeição quando diz:

comparatio est, cum dico fecisse quid hominem 'ut leonem'; tralatio cum dico de homine 'leo est'

“Quando digo que um homem fez algo como um leão isso é comparação; quando digo que tal homem é um leão, isso é metáfora”

Cícero, por sua vez, não só a define (*De oratore* III, 157):

Similitudinis est ad uerbum unum contracta breuitas, quod uerbum in alieno loco, tanquam suo positum

“A brevidade reduzida a uma só palavra é própria da comparação; palavra essa que, posta num lugar alheio como se fosse seu”

como também condiciona sua validade mediante a qualidade dessa translação:

si agnoscitur, delectat; si simile nihil habet, repudiatur

“deleita, se for reconhecida e repudiada é, se nada possui de semelhante”

E tanto Cícero quanto Quintiliano estendem suas instruções sobre o tema. O primeiro aponta, entre os parágrafos 155 e 160, a definição e as nuances de metáfora. Além da definição que se disse acima (a metáfora é uma comparação reduzida numa só palavra e posta no lugar de outra como se fosse o seu)

quando lhe foi anunciada a morte de Vatínio,⁴⁵⁷ de cuja notícia o autor tinha pouca certeza: “Enquanto isso usufruirei dos juros”.

69 *Idem per allegorian M. Caelium, melius obicientem crimina quam defendentem, bonam dextram, malam sinistram habere dicebat. Emphasi A. Villius dixit ferrum in tuccium incidisse.*

69 O mesmo Cícero, através da alegoria,⁴⁵⁸ dizia que M. Célio, advogado melhor na acusação que na defesa, tinha a mão direita boa e a esquerda ruim⁴⁵⁹. Usando a ênfase, A. Vílio disse que a espada de Túcio caíra sobre ele.⁴⁶⁰

Cícero {depois de traçar um elogio dizendo que ela é algo semelhante a um vestido que cobre primeiro o corpo e depois o adorna [A origem da metáfora reside, segundo Cícero, na pobreza de palavras relacionadas a determinadas coisas (cf. *De oratore*, III, 115 e 158-159)] e é usada também pelos rústicos que dizem brilhar a videira ou haver luxúria entre as plantas ou que são alegres as colheitas [*Op. cit.* III, 155]} ensina que tendemos ao uso da metáfora (*ibid.* III, 159-160) porque é uma marca do engenho saltarmos os obstáculos (Mais precisamente *transilire ante pedes posita*) e escolher outras procuradas ao longe (*et alia longe petita sumere*), ou porque utilizando-a conduzimos o ouvinte a outro plano sem todavia distraí-lo daquela atenção (o que é um deleite máximo: *alio ducuntur cogitatione neque tamen aberrat, quae maxima est delectatio*), ou porque em cada palavra se obtém a coisa e toda semelhança (*in singulis uerbis res ac totum simile conficitur*) ou porque toda translação que está empregada com a razão se dirige aos sentidos, sobretudo à visão, que é o sentido mais agudo (*omnis translatio, quae quidem sumpta ratione est, ad sensus ipsos admouetur, maxime oculorum qui est sensus acerrimus*). Com efeito, aquiescendo ao parágrafo 261 do livro III de *De oratore*, inalamos o *aroma* da urbanidade, percebemos a “delicadeza” da humanidade, ouvimos o “murmúrio” do mar e degustamos a “doçura” dos discursos. E se aproximássemos o exemplo do parágrafo 262 de *De ridiculis* às causas desse uso, poderíamos dizer que também para fazer rir fazemos uso da metáfora. Demais, Cícero aponta quais seriam os efeitos a se evitar no uso da metáfora, a saber: que a semelhança por ela estabelecida não seja maior nem menor que a coisa comparada e que se a translação for muito dura, uma palavra que a abrande deve ser posta logo antes dela (*Op. cit.* III, 162–64). E se esses últimos efeitos, a ser evitados, constituem o que se chama de grau *ímpar* da metáfora, aqueles exemplos nascidos dos sentidos (inalamos o *aroma* da urbanidade, percebemos a *delicadeza* da humanidade, ouvimos o *murmúrio* do mar etc.) constituem o grau *totum simile*, o campo propriamente dito da metáfora. Em outras palavras, para que se identifique uma metáfora constituída de modo adequado, faz-se necessário observar a obediência aos quesitos comparação figurada numa só palavra e ao ajuste perfeito entre a palavra substituinte e a coisa comparada. Já Quintiliano, depois de definir metáfora, estabelece, entre os parágrafos 9 e 11 do sexto capítulo livro VIII da *Institutio oratoria* (Na verdade, Quintiliano estende a descrição por mais alguns parágrafos), quatro tipos de transposição comparativa que é, em suma, a metáfora (*Huius uis quadruplex maxime uidetur*). A transposição de uma coisa animada em substituição a outra animada: *Cum in rebus animalibus aliud pro alio ponitur, ut de agitatore ‘Gubernator magna contorsit equum ui’, aut – ut Liuius Acipionem a Catone ‘adlatari’ solitum refert*; de uma coisa inanimada a outra inanimada: *Aut (...) inanima pro aliis generis eiusdem sumuntur, ut ‘Classique inmittit habenas’*; de uma inanimada a uma animada: *Aut pro rebus animalibus anima: ‘Ferron an fato moerus Argiuom occidit’*; e de uma animada a uma inanimada: *Aut contra: ‘sedet inscius alto accipiens sonitum saxi de uertice pastor.’*

⁴⁵⁷ V. § 60.

⁴⁵⁸ Cf. *De ridiculis* § 261 e nn. Para Quintiliano, a alegoria se define como “uma metáfora continuada numa frase inteira” (cf. IX, 2, 46). Em outras palavras, ela está para o pensamento como a metáfora está para a palavra. Ou seja, enquanto a metáfora estabelece uma comparação através de signos diferentes, a alegoria estende esse fenômeno para o campo da frase, onde uma mensagem toda se relaciona comparativamente com uma outra mensagem anterior. Nas palavras de Quintiliano, a alegoria

70 *Figuras quoque mentis, quae σχήματα διανόιας dicuntur, res eadem recipit omnis, in quas nonnulli diuiserunt species dictorum. Nam et interrogamus et dubitamus et adfirmamus et minamur et optamus; quaedam ut miserantes, quaedam ut irascentes dicimus. Ridiculum est autem omne quod aperte fingitur.*

70 A mesma regra compreende todas as figuras de pensamento (também denominadas σχήματα διανόιας), com as quais alguns⁴⁶¹ matizaram espécies de ditos ridículos. De fato, interrogamos, duvidamos, afirmamos, ameaçamos e optamos. Algumas coisas dizemos como compassivos, outras como que encolerizados. O ridículo é, por outro lado, tudo o que pode ser abertamente fingido.

71 *Stulta reprehendere facillimum est; nam per se sunt ridicula; sed rem urbanam facit aliqua ex nobis adiectio. Stulte interrogauerat exeuntem de theatro Campatium Titius Maximus an spectasset. Fecit Campatius dubitationem eius stultiorem dicendo: "<Non>, sed in orchestra pila lusi".*

71 Repreender os ditos estultos é fácilimo.⁴⁶² Eles são ridículos por si mesmos, mas alguma adição vinda de nós produz uma coisa urbana. Um exemplo: Tício Máximo

proporciona nessa segunda mensagem, “um outro sentido por meio de outras palavras” (cf. VIII, 6, 48) através daquilo que Lausberg chama de “transferência imaginativa” (cf. LAUSBERG, 1976: v.2, p. 286,) e o próprio Quintiliano de *inuersio* (cf. VIII, 6, 44). A alegoria consta, atendendo a uma nomenclatura de Quintiliano (VIII, 6, 1), entre as *figurae per immutationem*, que são, por sua vez, tropos de pensamento (Lausberg faz uma distinção entre os tropos de palavras isoladas, chamados de tropos pontuais, dos tropos de pensamento. Ele instrui dizendo que os primeiros afetam pontos específicos do discurso, ao passo que os últimos afetam toda a “superfície do pensamento”) ou figuras de pensamento, como afirma CURTIUS, (1996: p. 81).

⁴⁵⁹ A alegoria se baseia aqui na técnica bélica que determina o escudo para ser usado com a mão esquerda (defesa) e a espada com a mão direita (ataque). A mão boa de Marco Célio é sua habilidade em acusar e a mão ruim sua ineficácia em defender. Como de regra, Cícero, citado neste parágrafo, faz aqui mais uma censura à ocupação de acusador, além da citação da censura de Crasso à dedicação de Bruto a este ofício (v. *De ridiculis* § 226). Em *Brutus* (273) ele relembra esta capacidade de Marco Célio em ser melhor acusador que defensor.

⁴⁶⁰ Não há referências seguras sobre quem eram estes personagens. Quanto ao dito ridículo, Quintiliano define a ênfase como o efeito de amplificação de significado daquilo que se escreveu (IX, 2,3). Assim, como não se sabe o contexto em que este dito ridículo se insere, mas através de seu conteúdo suspeita-se que a hipotética morte de Tício tenha sido involuntária, resta avaliarmos que, de um lado, não se trata de ironia, pois não há um contrário plausível sendo dito ali, e, de outro, a cena se aproxima do absurdo (“... a espada caíra sobre ele.”) quando a frase que a remete tem seu sentido amplificado para algo que vai além de seu sentido primeiro (Tício foi, na verdade, assassinado): o fato de uma espada cair (e não ser apontada contra) sobre alguém sem que haja um sujeito praticando a ação.

⁴⁶¹ Desconhece-se quem sejam.

⁴⁶² Cf. *De ridiculis*, § 280.

perguntara estultamente a Compácio (que saía do teatro), se ele havia assistido ao espetáculo. Compácio tornou-lhe então mais estulta a dúvida dizendo: “Não. Mas joguei bola na orquestra”.

72 *Refutatio cum sit in negando, redarguendo, defendendo, eleuando, ridicule negauit Manius Curius. Nam cum eius accusator in sipario omnibus locis aut nudum eum in neruo aut ab amicis redemptum ex alea pinxisset: “Ergo ego,” inquit, “numquam uici”.*

72 Como a refutação⁴⁶³ esteja em negar, redargüir, defender e minorar, Mânio Cúrio⁴⁶⁴ negou de forma ridícula quando disse a seu acusador (que o havia pintado num pano nas mais variadas cenas: ou nu na prisão ou sendo salvo do jogo por amigos): “Eu nunca venci então?”.

73 *Redarguimus interim aperte, ut Cicero Vibium Curium multum de annis aetatis suae mentientem: “Tum ergo cum una declamabamus non eras natus”. Interim et simulata adsensione, ut idem Fabia Dolabellae dicente triginta se annos habere: “Verum est,” inquit, “nam hoc illam iam uiginti annis audio”.*

73 Às vezes redargüimos abertamente, como fez Cícero dizendo a Víbio Cúrio⁴⁶⁵, que mentia muito sobre sua idade: “Então quer dizer que quando declamávamos juntos, tu não eras nascido?”; outras vezes, com assentimento simulado, como disse Cícero a

⁴⁶³ Lembramos que Quintiliano trata da *inuentio* nos livros IV, V e VI (da *elocutio* nos livros VII, VIII e IX e da *memoria* e *actio* no livro XI), e mais especificamente das provas e da refutação no livro V, capítulo 13. No § 2, o retor elenca por meio de verbos alguns meios pelos quais os advogados podem estabelecer a refutação. Dos verbos aqui apresentados, apenas *redarguo* não se mostra identicamente ali, apenas sinonimicamente. Por outro lado, Quintiliano aponta o verbo *derideo*, ligando o recurso do riso aqui doutrinado ao uso no exercício desta parte do discurso e mostrando que o riso se dá nos processos em que uma espécie de alteração se estabelece, ou seja, os movimentos persuasivos do adversário que necessitam ser neutralizados ou enfraquecidos.

⁴⁶⁴ Talvez se trate do mesmo Cúrio descrito por Salústio em *De coniuratione Catilinae* (23, 1), mas com o primeiro nome Quinto.

⁴⁶⁵ Víbio Cúrio, um dos comandantes da cavalaria do exército de César quando este iniciou a guerra com Pampeu na Itália (cf. César, *Commentariorum de bello ciuili* I, 24; Cícero *Epistulae ad Atticum* II, 20; IX, 6).

respeito de Fábba,⁴⁶⁶ mulher de Dolabela, que dizia ter trinta anos: “É verdade – disse Cícero –, pois faz vinte anos que eu ouço isso”;

74 *Belle interim subicitur pro eo quod neges aliud mordacius, ut Iunius Bassus, querente Domitia Passieni quod incusans eius sordes calceos eam ueteres diceret uendere solere. "Non mehercules," inquit, "hoc umquam dixi, sed dixi emere te solere". Defensionem imitatus est eques Romanus, qui obicienti Augusto quod patrimonium comedisset: "Meum," inquit, "putaui".*

74 noutras vezes agradavelmente, quando algo que negas é substituído por algo mais mordaz, como é o exemplo de Júnio Basso. Domícia, mulher de Passieno,⁴⁶⁷ reclamava que ele a acusara de avareza dizendo que ela costumava vender seus sapatos velhos; ao que ele respondeu: “Não, por Hércules! Eu jamais disse isso. Disse que tu costumavas comprá-los”. Um cavaleiro romano imitou este tipo de defesa ao dizer a Augusto, que o acusava de ter comido o patrimônio: “Poxa,⁴⁶⁸ pensei que fosse meu!”.

75 *Eleuandi ratio est duplex: ut aut nimiam quis iactantiam minuat (quem ad modum C. Caesar Pomponio ostendenti uulnus ore exceptum in seditione Sulpicianae, quod is se passum pro Caesare pugnantem gloriabatur, "Numquam fugiens respexeris," inquit, aut crimen obiectum, ut Cicero obiurgantibus quod sexagenarius Publiliam uirginem duxisset: "Cras mulier erit," inquit.*

75 Há dois modos de minorar:⁴⁶⁹ diminuir quem é excessivamente jactancioso, como o exemplo do episódio em que Caio César⁴⁷⁰ disse a Pompônio, que se gloriava como combatente que sofrera por César, mostrando um ferimento recebido na boca durante a sedição sulpicianae:⁴⁷¹ “Quem foge nunca olha para trás”; ou a acusação apresentada,

⁴⁶⁶ Primeira mulher de Públio Cornélio Dolabella (v. n. 71, § 79).

⁴⁶⁷ Crispo Passieno, cônsul em 42 e.c. (cf. Smith: v.1, p. 892).

⁴⁶⁸ Adicionei uma interjeição na oração para realçar a ironia.

⁴⁶⁹ V. § 72 e n.

⁴⁷⁰ Caio Júlio César Estrabão, irmão de Quinto Lutácio Cátulo (v. *De ridiculis* § 220 e nn.), um dos protagonistas de *De oratore* e interlocutor principal de *De ridiculis*.

⁴⁷¹ Sobre a sedição sulpicianae, v. Smith, W. *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology*: vol. 3, pp. 945-46.

como a resposta de Cícero àqueles que o acusavam de, sexagenário, ter desposado a virgem Publília: “Amanhã mesmo ela será uma senhora”.

76 *Hoc genus dicti consequens uocant quidam, estque illi simile quod Cicero Curionem, semper ab excusatione aetatis incipientem, facilius cotidie prohoemium habere dixit, quia ista natura sequi et cohaerere uideantur.*

76 Alguns denominam conseqüente este gênero de ditos porque parecem, por natureza, ser conseqüentes e formar uma continuidade. E ele é semelhante ao que Cícero utilizou quando disse que o exórdio de Curião,⁴⁷² que sempre começava a discursar desculpando-se pela idade, tornava-se mais fácil a cada dia;

77 *Sed eleuandi genus est etiam causarum relatio, qua Cicero est usus in Vatinius, qui pedibus aeger cum uellet uideri commodioris uoletudinis factus et diceret se iam bina milia passuum ambulare: "Dies enim," inquit, "longiores sunt". Et Augustus, nuntiantibus Terraconensibus palmam in ara eius enatam, "Apparet," inquit, "quam saepe accendatis".*

77 Mas outro gênero de diminuição⁴⁷³ é a relação de causas. Não somente Cícero fez uso disso contra Vatínio, que sendo doente dos pés queria parecer curado e dizia já poder percorrer duas milhas a pé; ao que Cícero respondeu: “É. Com certeza os dias são bastante longos.”⁴⁷⁴ E Augusto, quando alguns terraconenses anunciaram-lhe que uma palma havia nascido sobre seu altar,⁴⁷⁵ disse: “Percebe-se claramente o quão frequentemente vós acendeis suas chamas.”

78 *Transtulit crimen Cassius Severus; nam cum obiurgaretur a praetore quod advocati eius L. Vaxo Epicurio, Caesaris amico, conuicium fecissent: "Nescio," inquit,*

⁴⁷² Provavelmente Caio Escribônio Curião, citado por Cícero em *Brutus* (§ 210 sg.)

⁴⁷³ V. § 72 e n.

⁴⁷⁴ O mesmo dito ridículo aparece em Macróbio (*Saturnalia*, 2, 4, 16), cujo autor é Augusto porém.

⁴⁷⁵ V. Tácito, *Annales*, 78.

"qui conuiciati sint, et puto Stoicos fuisse". Repercutiendi multa sunt genera, uenustissimum quod etiam similitudine aliqua uerbi adiuuatur, ut Trachalus dicenti Suelio: "Si hoc ita est, is in exilium", "Si non est ita, redis" inquit.

78 Cássio Severo⁴⁷⁶ transferiu⁴⁷⁷ a acusação. Quando repreendido por um pretor porque seus advogados interrogaram aos gritos Lúcio Varo Epicúrio,⁴⁷⁸ amigo de César,⁴⁷⁹ respondeu: “Desconheço quem tenha gritado, e acredito que foram os estóicos.”⁴⁸⁰ Muitos são os gêneros de rebater. O mais venusto é aquele incrementado por alguma semelhança de palavras; como fez Tracalo:⁴⁸¹ dizendo-lhe Suélio “Se a coisa está assim, vais para o exílio”, ele lhe respondeu “Se não está, retornas.”⁴⁸²

79 *Elusit Cassius Seuerus, obiciente quodam quod ei domo sua Proculeius interdixisset, respondendo "Numquid ergo illuc accedo?" Sed eluditur et ridiculum ridículo, ut diuus Augustus, cum ei Galli torquem aureum centum pondo dedissent, et Dolabella per iocum, temptans tamen ioci sui euentum, dixisset: "Imperator, torque me dona", "Malo," inquit, "te ciuica donare".*

79 Cássio Severo eludiu a exprobração que um homem lhe fazia dizendo que Proculeio o proibira de entrar em sua casa, respondendo: “Porventura eu lá apareço?” Mas, com o ridículo pode-se eludir o ridículo, como fez uma vez o divino Augusto. Como os gauleses o houvessem presenteado com um colar de ouro de cem libras e Dolabela,⁴⁸³ gracejando, mas tentando tirar vantagem com seu gracejo, lhe dissesse

⁴⁷⁶ V. § 27.

⁴⁷⁷ Verbo *transfero*, *-fers*, *-tuli*, *-latum*, *-fere* aparece no trato da *refutatio* descrito acima (Quintiliano V, 13; v. § 72 e n.), o que inclui este gênero de urbanidade entre aqueles mostrados mais acima.

⁴⁷⁸ Não se encontrou referências seguras que era Lúcio Varo Epicúrio. Algumas edições dizem-no parente de Nônio Asprena, contra quem Cássio Severo moveu um processo (cf. Suetônio, *Diui Augustus* 56).

⁴⁷⁹ César: subentendido Augusto.

⁴⁸⁰ A semelhança de nome permite o jogo de palavras que faz alusão ao embate filosófico entre epicuristas e os estóicos.

⁴⁸¹ Marco Galério Tracalo, cônsul em 68. Segundo Quintiliano (X, 119; XXI, 5,5; XXI, 10,10), foi um dos mais distintos oradores de sua época.

⁴⁸² Não há referências exatas sobre o contexto em que se deu este dito ridículo.

⁴⁸³ Públio Cornélio Dolabela. Foi apontado como membro dos *quindecimviri* em 51, e no ano seguinte acusou Ápio Cláudio de ter violado direitos soberanos do povo. Compelida pela conduta do marido, sua esposa Fábiana o deixou, e Dolabela então se casou com Túlia, filha de Cícero (v. *Ad familiares* II, 16, 5; Smith: 1867: vol. 1, pp. 1058–59).

“Presenteia-me com o colar , imperador”, ele lhe disse: “Prefiro presenteá-lo com a coroa cívica.”⁴⁸⁴

80 *Mendacium quoque mendacio, ut Gabba, dicente quodam uictoriato se uno in Sicilia quinque pedes longam murenam emisse: "Nihil," inquit, "mirum; nam ibi tam longae nascuntur ut iis piscatores pro restibus cingantur".*

80 Podemos também eludir uma mentira com outra;⁴⁸⁵ como fez Gaba quando um tipo dizia ter comprado, na Sicília, uma moréia⁴⁸⁶ de cinco pés de comprimento por um *uictoriatus*.⁴⁸⁷ “Novidade! – disse ele – Ali as moréias nascem tão grandes, que os pescadores cingem-se com elas em lugar de cordas.”⁴⁸⁸

81 *Contraria est neganti confessionis simulatio, sed ipsa quoque multum habet urbanitatis. Sic Afer, cum ageret contra libertum Claudii Caesaris et ex diuerso quidam condicionis eiusdem cuius erat litigator exclamasset: "Praeterea tu semper in libertos Caesaris dicis," "nec mehercule," inquit, "quicquam proficio". Cui uicinum est non*

⁴⁸⁴ *Torquis* (colar) possui, além dessa acepção a de condecoração militar a qualquer um que resgatasse um romano das mãos do inimigo. A coincidência de nomes permitiu a Augusto responder como mesmo teor ridículo dizendo que daria no lugar do caro colar uma *Corona ciuica* (Coroa cívica – feita com folhas de carvalho), que possuía um valor muito maior (a terceira na hierarquia das condecorações – acima dela estavam a *Corona obsidionalis* e a *Corona triumphalis*, a mais alta condecoração que uma pessoa poderia obter), pois era um prêmio dado a quem salvasse um cidadão numa batalha e dava ao seu possuidor certos privilégios, como, por exemplo, isenção de impostos para si mesmo, para seu pai e para seu avô paterno. Suetônio (*Diui Augustus*, XXV) afirma que raramente Augusto concedia esta honraria e que seu valor era puramente honorífico, o que incrementa ainda mais o dito ridículo em questão (cf. Smith, 1870: pp 359–363).

⁴⁸⁵ É claro o desenvolvimento dos aspectos da *refutatio* até este e o próximo parágrafo, como gêneros de urbanidade (v. § 72 e n.).

⁴⁸⁶ Um tipo de peixe; o mesmo que Lampréia. Segundo Houaiss (2001, p.1960) “1 designação comum aos peixes teleósteos, anguiliiformes, da família dos murenídeos, de corpo alongado e quase cilíndrico, revestido por muco, boca dotada de fortes dentes e uma nadadeira dorsal que se estende do dorso ao ânus. 1.1 peixe (*Muraena helenae*) encontrado do Atlântico ao Mar Mediterrâneo, de até 1,50 m de comprimento, com a coloração variando de amarela a marrom-escuro com manchas esbranquiçadas; moréia-comum”.

⁴⁸⁷ Moeda de prata do valor de cinco asses (unidade que seria de medida para as moedas, pesos e medidas de Roma dividida em doze partes ou onças. Como moeda pesava originariamente uma libra ou doze onças de cobre. Uma onça equivale ao peso entre 24 e 33 gramas) com a efígie de *Victoria* (deusa dos romanos). Segundo o interlocutor de Gaba, o peixe foi comprado por um preço irrisório.

⁴⁸⁸ Ao que parece já vem de muito tempo as piadas em torno do exercício da pesca, sobretudo quando este tipo de dito ridículo usa da mentira para provocar o riso. No interior do Brasil é bastante comum o riso obtido por meio da “mentira de pescador”.

negare quod obicitur, cum et id palam falsum est et inde materia bene respondendi datur, ut Catulus dicenti Philippo: "Quid latras?", "Furem uideo," inquit.

81 O contrário da negação é a simulação de confissão, mas até essa tem muito de urbanidade. Assim fez Africano enquanto defendia uma causa contra um liberto do imperador Cláudio César. Enquanto discursava, um sujeito da mesma classe social do litigante exclamou: “Agora tu falas sempre contra os libertos de César!” E Africano respondeu: “Por Hércules, eu não faço progresso algum!”. Um recurso vizinho a este é não negar a acusação, ainda que ela seja publicamente falsa e, sobretudo, se ela oferece boa oportunidade de resposta; como fez Cátulo a Filipe que lhe indagava: “Por que ladras?”. E ele respondeu: “Porque vejo um ladrão!”⁴⁸⁹

82 *In se dicere non fere est nisi scurrarum et in oratore utique minime probabile: quod fieri totidem modis quot in alios potest, ideoque hoc, quamvis frequens sit, transeo.*

82 Dizer contra si mesmo⁴⁹⁰ é algo quase dos bufões e, em geral, é muito pouco apreciável em um orador. Os modos de se fazer isso são tantos quanto os modos de se fazer contra outras pessoas; conquanto isso seja freqüente, passo adiante.

83 *Illud uero, etiam si ridiculum est, indignum tamen est homine liberali, quod aut turpiter aut inpotenter dicitur: quod fecisse quendam scio qui humiliori libere aduersus se loquenti: "Colaphum," inquit, "tibi ducam, et formulam scribes quod caput durum habeas". Hic enim dubium est utrum ridere audientes an indignari debuerint.*

83 Na verdade, aquilo que é dito com violência e torpeza não é algo digno de um cavalheiro, ainda que aquilo que se diz seja risível. Conheço certo sujeito que fez algo assim. Ele disse estas palavras a um homem de condição inferior a sua, que lhe falava como fala um homem livre: “Vou te dar um safanão e tu me darás razão porque tens a cabeça dura”. Quem ouve uma frase como essa não sabe se ri ou se fica indignado.

⁴⁸⁹ V. *De ridiculis* §§ 220 e 255.

⁴⁹⁰ Cf. § 23 e *De ridiculis* §§ 274 e 289.

84 *Superest genus decipiendi opinionem aut dicta a intellegendi, quae sunt in omni hac materia uel uenustissima. Inopinatum et a lacessente poni solet, quale est quod refert Cicero: "Quid huic abest nisi res et uirtus?" aut illud Afri; "Homo in agendis causis optime uestitus"; et in occurrendo, ut Cicero audita falsa Vatini morte, cum obuium libertum eius interrogasset "Rectene omnia?" dicenti "Recte". "Mortuus est!", inquit.*

84 Restam os gêneros que consistem em frustrar a expectativa ou entender de outro modo o que foi dito,⁴⁹¹ que nesta matéria são os mais venustos. O inesperado costuma ser colocado não somente por aquele que ataca,⁴⁹² tal como aquilo que Cícero refere: “O que falta a este senão a riqueza e a virtude?”⁴⁹³ ou aquele outro de Africano: “O homem mais bem vestido nas alegações”; como também na réplica, como fez Cícero depois de ouvir a falsa notícia da morte de Vatínio⁴⁹⁴ e quando encontrou um liberto deste perguntou-lhe “Como vão as coisas?” e respondendo-lhe o homem “Estão bem”, disparou: “Agora ele está morto mesmo!”⁴⁹⁵

85 *Plurimus autem circa simulationem <et dissimulationem> risus est, quae sunt uicina et prope eadem, sed simulatio est certam opinionem animi sui imitantis, dissimulatio aliena se parum intellegere fingentis. Simulauit Afer cum in causa subinde dicentibus Celsinam de re cognouisse (quae erat potens femina): "Quis est," inquit, "iste?" Celsinam enim uideri sibi uirum finxit.*

85 Há muitíssimo riso em torno da simulação e da dissimulação,⁴⁹⁶ as quais são vizinhas e quase a mesma coisa, não obstante a simulação seja dar a idéia de possuir uma convicção inequívoca⁴⁹⁷ e a dissimulação fingir ter entendido muito pouco do que

⁴⁹¹ Quintiliano inclui este gênero no parágrafo 23 e o desenvolve nos parágrafos seguintes a este, o que não ocorre com os dois primeiros gêneros do referido parágrafo em parte alguma do texto. De qualquer modo o texto de Quintiliano se baseia em *De ridiculis*, o que possibilita dizer, em certa medida, que também estes gêneros são acolhidos por Quintiliano. O primeiro é exemplificado neste parágrafo e o segundo se estende entre os §§ 85 e 90.

⁴⁹² Cf. *De ridiculis*, § 284.

⁴⁹³ Cícero inclui esta frase dentro de outro gênero de facécia: discrepâncias (cf. *De ridiculis*, § 281).

⁴⁹⁴ Sobre Vatínio v. § 60.

⁴⁹⁵ V. §§ 68 e 84.

⁴⁹⁶ Sobre a acepção de *dissimulatio* em Cícero, v. *De ridiculis*, § 269.

⁴⁹⁷ *Simulatio*: Cícero usa o mesmo termo numa outra acepção de gênero (v. *De ridiculis*, § 275 e n.).

o outro disse.⁴⁹⁸ Africano simulou quando, em uma causa em que diziam sucessivamente que Celsina (que era uma mulher importante) sabia dos fatos, perguntou: “Quem é este?” Ele fingiu ter tomado Celsina por homem.

86 *Dissimulauit Cicero cum Sex. Annalis testis reum laessisset et instaret identidem accusator: "Dic, M. tullii, <si> quid potes de Sexto Annali"; uersus enim dicere coepit de libro Enni annali sexto:*

"Quis potis ingentis causas euoluere belli?"

86 E Cícero dissimulou quando *Sextus Annalis*,⁴⁹⁹ testemunha, havia prejudicado o réu que ele, Cícero, defendia. E como o advogado de acusação instasse de quando em quando dizendo: “Marco Túlio, se podes diga-me alguma coisa a respeito de *Sextus Annalis*? Cícero então começou a citar versos do sexto livro dos *Annales* de Ênio⁵⁰⁰

“Quem poderá explicar as causas de uma guerra tão grande?”⁵⁰¹

87 *Cui sine dubio frequentissimam dat occasionem ambiguitas: ut Cascellio, qui consultatori dicenti "Nauem diuidere uolo", "perdes", inquit. Sed auerti intellectus et a solet, cum ab asperioribus ad leniora deflectitur: ut qui, interrogatus quid sentiret de eo qui in adulterio deprehensus esset, tardum fuisse respondit.*

87 A ambigüidade dá, sem dúvida, muita ocasião para esse gênero de dissimulação; como fez Cascélio,⁵⁰² que a um consulente que lhe dizia “quero dividir o barco”,

⁴⁹⁸ Com essa acepção Cícero estabelece o gênero da *simulatio* (v. § 275). Comparando: “fingir ter entendido muito pouco do que o outro disse” é para Cícero *simulatio* e para Quintiliano *dissimulatio*. Para Cícero a *dissimulatio* está ligada à ironia.

⁴⁹⁹ Mantive a escrita latina para que a homonímia ficasse evidente no exemplo. Na tradução para o português o sobrenome de *Sextus* (Sexto) seria escrito *Analís* e o nome do poema de Ênio seria escrito *Anais*, o que faria a tradução perder o efeito cômico gerado pela homonímia dos nomes em latim.

⁵⁰⁰ Em *Ad familiares* (II, 6, 1), Cícero cita um Sexto Vílio, amigo de Milão, que era amante de Fausta, filha de Sula, talvez a mesma citada por Horácio em *Satirae* (I, 2, 64).

⁵⁰¹ Cf. Ênio, *Annales*, VI, 174.

respondeu: “Vais perdê-lo”. Mas a compreensão costuma também ser desviada de outro modo, como no exemplo do homem que, interrogado sobre o que pensava de outro que havia sido flagrado em adultério, disse: “Lerdo.”⁵⁰³

88 *Ei confine est quod dicitur per suspicionem, quale illud apud Ciceronem querenti quod uxor sua ex fico se suspendisset: "Rogo des mihi surculum ex illa arbore ut inseram"; intellegitur enim quod non dicitur.*

88 Vizinho a isso é aquilo que é dito por malícia, tal qual refere Cícero: um homem se queixava porque a mulher se enforcara num pé de figo; ao que o outro lhe respondeu: “Por favor, dá-me uma muda daquela árvore para eu plantar.”⁵⁰⁴ Aquilo que não é dito pode, com efeito, ser entendido.

89 *Et hercule omnis salse dicendi ratio in eo est, ut aliter quam est rectum uerumque dicatur: quod fit totum fingendis aut nostris aut alienis persuasionibus aut dicendo quod fieri non potest.*

89 E – por Hércules! – todos os meios de falar picantemente consistem nisto: dizer de modo diferente do que é reto e verdadeiro, o que acontece totalmente quando fingimos nossa opinião ou a alheia ou quando dizemos coisas que não podem ser feitas.⁵⁰⁵

90 *Alienam finxit Iuba, qui querenti quod ab equo suo esset adpersus: "Quid? tu," inquit, "me Hippocentaurum putas?" Suam C. Cassius, qui militi sine gladio decurrenti "Heus, commilito, pugno bene uteris", inquit, et Gabba de piscibus, qui, cum pridie ex parte adesi et uersati postera die positi essent: "Festinemus, alii subcenant", inquit.*

⁵⁰² Jurista da época de Augusto (cf. Horácio, *Ars Poetica*, 371). Macróbio também cita este ocorrido em *Saturnalia*, II, 6,2.

⁵⁰³ Cf. *De ridiculis*, § 275.

⁵⁰⁴ Em Cícero, esta frase é atribuída a um siciliano. De resto, é justo dizer que Quintiliano acolhe o termo apontado por Cícero para identificar este gênero: *suspicionem* (cf. *ibid.* § 278).

⁵⁰⁵ O gênero apresentado por Quintiliano apenas se assemelha ao apresentado por Cícero em *De ridiculis*, § 287 e n.

Tertium illud Cicero, ut dixi, aduersus curium; fieri enim certe non poterat ut cum declamaret natus non esset.

90 Juba⁵⁰⁶ fingiu a alheia. Um homem queixava-se com ele dizendo ter sido borrifado por seu cavalo, e ele respondeu: “Quê? Pensas que sou hipocentauro?”⁵⁰⁷ Caio Cássio⁵⁰⁸ fingiu a sua ao dizer a um soldado que corria à batalha sem o gládio: “Hei, camarada, usará bem os punhos, hã!?” E Gaba,⁵⁰⁹ que a respeito de uns peixes que eram servidos num dia de um lado e, no seguinte, do outro, disse: “Vamos rápido, pois estão jantando debaixo da mesa.” Um terceiro exemplo é aquele em que Cícero, como disse antes, disse a Curião⁵¹⁰ que, certamente, não poderia ter acontecido que declamasse quando não era nascido ainda.

91 *Est et illa ex ironia fictio, qua usus est C. Caesar. Nam cum testis diceret a reo femina sua ferro petita, et esset facilis reprehensio, cur illam potissimum partem corporis uulnerare uoluisset: "Quid enim faceret," inquit, "cum tu galeam et loricam haberes?"*

91 Há também aquela ficção⁵¹¹ que vem da ironia,⁵¹² da qual Caio César fez uso. De fato, uma testemunha dizia que o réu a ferira nas coxas com uma espada; e como fosse fácil refutá-la perguntando por que quisera deixar vulnerável justamente aquela parte do corpo, disparou: “E o que tu querias que ele fizesse enquanto tu tinhas o elmo e a couraça?”

⁵⁰⁶ Juba II, filho de Juba, rei da Numídia. Depois da morte de seu pai (46 e.c.), Juba foi levado cativo para Roma. Lá, havendo conquistado as graças de César, recebeu excelente educação e se dedicou com diligência aos estudos. Ainda jovem Augusto lhe devolveu o reinado que era de seu pai (v. Smith, 1867: v. 2, p. 636).

⁵⁰⁷ O fingimento de Juba se fez dizendo que o homem o tinha visto como a parte humana do cavalo sobre o qual estava montado.

⁵⁰⁸ Desconhecido.

⁵⁰⁹ Como em outras passagens, trata-se do mesmo Gaba do § 27.

⁵¹⁰ V. § 73 e n..

⁵¹¹ A ironia do exemplo não se apresenta na sua acepção normal, dizer o inverso daquilo que se pensa, mas sim na justificativa do injustificável baseado num fato inventado, constituído aqui por uma *fictio* que se assemelha ao *locus* oratório incluso no trato dos *argumenta* (*inuentio* > *argumentatio*), que consiste em apresentação de um argumento fictício. Nesse caso, o elmo e a couraça são a ficção que baseiam a ironia de Caio César (cf. Quintiliano V, 10, 95).

⁵¹² Sobre ironia, v. § 68 e *De ridiculis*, § 262 e nn.

92 *Vel optima est autem simulatio contra simulantem, qualis illa Domiti Afri fuit. Vetus habebat testamentum, et unus ex amicis recentioribus, sperans aliquid ex mutatione tabularum, falsam fabulam intulerat, consulens eum an primipilari seni <iam> testato <rusrus> suaderet ordinare suprema iudicia: "Noli," inquit, "facere; offendis illum."*

92 Por outro lado, a melhor simulação é aquela feita contra aquele que simula, tal qual o exemplo de Domício Africano. Domício, já entrado em anos, tinha feito um testamento⁵¹³ e um dos amigos mais recentes, esperando algo para si na mudança do documento, inventou uma história falsa e perguntou-lhe se deveria persuadir um velho primipilo, que já havia redigido seu testamento, a ordenar seu último desejo; ao que respondeu Africano: “Não queiras fazer isso, pois o ofendes”.

93 *Iucundissima sunt autem ex his omnibus lenta et, ut sic dixerim, boni stomachi: ut Afer idem ingrato litigatori conspectum eius in foro uitanti per nomenclatorem missum ad eum "Amas me," inquit, "quod te non uidi?" et dispensatori, qui, cum reliqua non reponeret, dicebat subinde "Non comedi; pane et aqua uiuo", "Passer, redde quod debes": quae ὑπὸ τὸ ἥθος uocant.*

93 Porém, as mais jucundas, dentre todas essas, são as rápidas e leves; as quais são, por assim dizer, de boa digestão.⁵¹⁴ O próprio Africano mandou uma mensagem a um cliente ingrato que fugia toda vez que o via no foro: “Amas-me porque não te vi?” e a um despenseiro que o desfalcava e não repunha nem prestava contas e dizia incessantemente “Não comi: vivo de pão e água”. Um dia Africano lhe disse: “Periquito! Pague o que deves então”. A este gênero chamam de ὑπὸ τὸ ἥθος.

94 *Est gratus iocus qui minus exprobrat quam potest, ut idem dicenti candidato: "Semper domum tuam colui", cum posset palam negare, "Credo," inquit, "et uerum".*

⁵¹³ Cf. Plínio, o jovem (VIII 18, 5).

⁵¹⁴ Em *De ridiculis* “stomachus” é utilizada numa situação oposta (v. *De ridiculis*, § 279).

Interim de se dicere ridiculum est, et, quod in alium si absentem diceretur urbanum non erat, quoniam ipsi palam exprobratur mouet risum;

94 Prazeroso é o gracejo que exproba o menos possível, como o próprio Africano respondeu a um candidato que lhe dizia: “Sempre respeitei a tua casa” e ele respondeu: “Acredito. É verdade” (mesmo que pudesse negar isso publicamente). Às vezes o ridículo é falar de si mesmo e aquilo que não é urbano quando se fala de alguém ausente, passa a ser risível se a pessoa está presente,

95 *quale Augusti est cum ab eo miles nescio quid improbe peteret <et> ueniret contra Marcianus, quem suspicabatur et ipsum aliquid iniuste rogaturum: "Non magis," inquit, "faciam, commilito, quod petis quam quod Marcianus a me petiturus est".*

95 tal qual um exemplo de Augusto. Um soldado pedira-lhe algo de ímprobo, (cuja essência desconheço) e como vinha ao seu encontro Marciano, de quem Augusto desconfiava que fosse receber também um pedido injusto, disse alto ao soldado: “Do que me pedes, ó soldado, não farei mais do que me vier pedir Marciano.”⁵¹⁵

96 *Adiuuant urbanitatem et uersus commode positi, seu toti ut sunt (quod adeo facile est ut Ouidius ex tetrastichon Macri carmine librum in malos poetas composuerit), quod fit gratius si qua etiam ambiguitate conditur, ut Cicero in Lartium, hominem callidum et uersutum, cum is in quadam causa suspectus esset:*

"Nisi si qua Vlixes lintre euasit Lartius":

96 Também favorecem a urbanidade não somente os versos colocados convenientemente,⁵¹⁶ seja inteiramente como são (é absolutamente fácil que Ovídio, a partir do poema em quarteto de Macro,⁵¹⁷ tivesse composto um livro contra os maus

⁵¹⁵ Não há referências seguras dizendo que este Marciano é o mesmo senador sob Tibério citado por Tácito (*Annales* VI, 38).

⁵¹⁶ Cf. *De ridiculis*, § 257.

⁵¹⁷ Bardon (1956: pp.44–47) e Smith (1867: vol. 2, pp. 892–93) citam o poeta Emílio Macro, que morreu na Ásia em 16 a.e.c. No entanto, apenas o último cita mais um Emílio Macro, que viveu em 12 e.c.

poetas), o que fica mais agradável, se vier temperado por alguma ambigüidade; como por exemplo, a frase de Cícero contra Lúrcio, homem hábil e sagaz, que era suspeito em uma determinada causa:

“A não ser que Ulisses Lúrcio⁵¹⁸ tivesse fugido em sua jangada”;⁵¹⁹

97 *seu uerbis ex parte mutatis, ut in eum qui, cum antea stultissimus esset habitus, post acceptam hereditatem primus sententiam rogabatur:*

"Hereditas est quam uocant sapientiam"

pro illo "felicitas est"; seu ficti notis uersibus similes quae παρωδία dicitur;

97 seja com a mudança de uma parte dos versos, como o exemplo de um homem antes considerado estultíssimo e que, depois de ter recebido uma herança, foi o primeiro a ser chamado a discursar. A ele se atribui o seguinte verso:

“A herança é o que chamamos sabedoria⁵²⁰”,

onde “herança” substitui “fortuna”; seja inventando-os de modo que fiquem semelhantes a versos conhecidos; procedimento conhecido como παρωδία.

98 *et prouertia oportune aptata, ut homini nequam lapso et ut adleuaretur roganti: "Tollat te qui non nouit". Ex historia etiam ducere urbanitatem eruditum est, ut Cicero fecit cum ei testem in iudicio Verris roganti dixisset Hortensius: "Non intellego haec*

Portanto, não obstante ambos se originarem de Verona, viveram em épocas diferentes. Ademais, nenhuma das referências define qual desses Macros compôs o *Carmen Tetrastichon*, um poema em quartetos, que Ovídio tranforma por meio de supressões e transposições em versos satíricos contra os maus poetas.

⁵¹⁸ Cícero utilizou a proximidade sonora dos nomes (*Lartius* e *Laetius*, sobrenome patronímico de Ulisses – Odisseu) como coincidência do comportamento do primeiro com a vida de viagens e fugas do segundo em sua volta a Ítaca.

⁵¹⁹ A palavra *lintre* (*lintres*, -ium) denota uma embarcação pequena, frágil e, de certo modo, improvisada. Por isso, adotei a palavra jangada para que essa acepção favorecesse a expressão deste dito ridículo sem que se alterasse o sentido primeiro do termo e da frase.

⁵²⁰ O verso citado é um trimetro jâmbico de procedência desconhecida.

aenigmata"; "Atqui debes," inquit, "cum Sphingem domi habeas"; acceperat autem ille a Verre Sphingem aeneam magnae pecuniae.

98 Há também os provérbios adaptados oportunamente⁵²¹, como a frase dita a um homem mau que, caído, rogava para que o levantasse: "Quem não te conhece que te levante." ⁵²² Com efeito, faz parte da erudição trazer a urbanidade a partir de fatos da História.⁵²³ Certa vez, Cícero interrogava uma testemunha durante o processo de Verres, quando Hortênsio lhe disse: "Não compreendo estes enigmas"; ao que respondeu Cícero: "Pois deverias, afinal tens uma esfinge⁵²⁴ em casa." De fato Hortênsio recebera de Verres uma esfinge de bronze caríssima.⁵²⁵

99 *Subabsurda illa constant stulti simulatione; [et] quae nisi fingantur stulta sunt, ut qui mirantibus quod humile candelabrum emisset: "Pransorium erit" ,inquit. Sed illa similia absurdis sunt acria, quae tamquam sine ratione dicta feruntur: ut seruus Dolabellae, cum interrogaretur an dominus eius auctionem proposuisset: "Domum," inquit, "uendidit".*

99 As frases absurdas⁵²⁶ estabelecem-se pela simulação de estultice de tal maneira que, não fosse o fingimento, tratar-se-ia mesmo de estultice; como o que disse um homem àqueles que se espantavam por ter ele comprado um candelabro muito simples: "Este é bom para o almoço", ⁵²⁷ disse. Por outro lado, quanto mais essas frases surgirem de algo dito quase sem intenção mais acres elas se tornam; como, por exemplo, o que o servo de Dolabela⁵²⁸ disse a um tipo que especulava se seu senhor publicaria o leilão de seus bens: "Ele vendeu /tudo/, até a casa/."⁵²⁹

⁵²¹ Cf. *De ridiculis*, § 258.

⁵²² A resposta é uma variante daquela encontrada em Horácio, *Epistulae* 1, 17, 61 sg.

⁵²³ Quintiliano acolhe mais este gênero de Cícero, que se encontra em *De ridiculis*, § 265.

⁵²⁴ A resposta de Cícero faz referência ao enigma da esfinge solucionado por Édipo.

⁵²⁵ Por duas vezes Plutarco cita esta resposta de Cícero a Hortênsio (cf. *Moralia* p. 255B; *Vita Cíc.* VII, 8).

⁵²⁶ Cf. § 23 e *De ridiculis* § 274 .

⁵²⁷ O *candelabrum* obviamente é usado para a noite. No almoço não se usa, daí o riso.

⁵²⁸ O genro de Cícero, v. § 79 e n.

⁵²⁹ Adicionei o pronome "tudo" e o advérbio "até" para reforçar a expressão que quer dizer que Dolabela havia vendido até mesmo a própria casa.

100 *Deprensi interim pudorem suum ridiculo aliquo explicant: ut qui testem dicentem a reo uulneratum interrogauerat an cicatricem haberet, cum ille ingentem in femine ostendisset: "Latus," inquit, "oportuit". Contumeliis quoque uti belle datur; ut Hispo obicienti aspere crimina accusatori "<Men ex te> metiris?", inquit. Et Fuluius Propincus legatario interroganti an in tabulis quas proferebat chirographus esset: "Et uerus," inquit, "domine".*

100 Às vezes, embaraçados, alguns se desfazem do constrangimento com algo ridículo, como por exemplo um advogado de defesa quando perguntava a uma testemunha, que dizia ter sido ferida pelo réu, se ela tinha alguma cicatriz. E como a testemunha mostrasse uma enorme na perna, respondeu-lhe: “Melhor tivesse sido no flanco”. Também o insulto, bem utilizado, é permitido: como fez Hispão⁵³⁰ ao dizer a um advogado de acusação que asperamente o acusava de vários crimes: “É com tua régua que irás me medir?”. E Fúlvio Propinco⁵³¹ respondeu assim ao legatário que lhe perguntava se o conteúdo das tábuas era escrito de próprio punho: “E é também verdadeiro, senhor”.

101 *Has aut accepi species aut inueni frequentissimas ex quibus ridicula ducerentur; sed repetam necesse est infinitas esse tam salse dicendi quam seueræ, quas praestat persona locus, tempus, casus denique, qui est maxime uariis.*

101 Essas são as espécies mais freqüentes de ditos ridículos, que tomei extraídas desses exemplos ou as encontrei eu mesmo. Mas é necessário que eu repita: são infinitas as possibilidades de dizer de modo picante ou sério; e elas são oferecidas pelas pessoas, pelos lugares, pelo tempo e pelo acaso, enfim, que é muito variado.

102 *Itaque haec ne omissem uiderer attigi: illa autem quae de usu ipso et modo iocandi complexus sum adfirmarim <esse> plane necessaria. His adicit Domitius*

⁵³⁰ Romano Hispão, retor romano que em 62 e.c. acusou Sêneca de associar-se a C. Pisão. Porém, a acusação retornou contra ele pelo próprio (cf. Tácito, *Annales* I, 74, XVI, 17; Sêneca, o velho, *Controversiae* II, 5, 20, IX, 3, 11).

⁵³¹ Desconhecido.

Marsus, qui de urbanitate diligentissime scripsit, quaedam non ridicula, sed cuilibet seuerissimae orationi conuenientia, eleganter dicta et proprio quodam lepore iucunda: quae sunt quidem urbana, sed risum tamen non habent.

102 Assim, toquei nesses tópicos a fim de não parecer que me esqueci de algo. Por outro lado, aquilo que abracei de seu próprio uso e do modo de gracejar assegurarei ser especialmente necessário. Para este assunto contribuiu Domício Marso,⁵³² que escreveu com especial dedicação alguns ditos não ridículos a respeito da urbanidade, palavras ditas com elegância e que possuem um encanto próprio e agradável, mas convenientes a qualquer discurso mais sério. Palavras certamente urbanas, mas que não contêm o riso.

103 *Neque enim ei de risu, sed de urbanitate est opus institutum, quam propriam esse nostrae ciuitatis et sero sic intellegi coeptam, postquam urbis appellatione, etiam si nomen proprium non adiceretur, Romam tamen accipi sit receptum.*

103 Seu trabalho não trata do riso, mas da urbanidade, que é própria da nossa cidade e que começou tardiamente a ser entendida dessa maneira; tal qual Roma, que depois que passou a ser conhecida como Urbe, veio a ser chamada somente assim, sem a adição do nome próprio.

104 *Eamque sic finit: "Urbanitas est uirtus quaedam in breue dictum coacta et apta ad delectandos mouendosque homines in omnem adfectum animi, maxime idonea ad resistendum uel lacessendum, prout quaeque res ac persona desiderat". Cui si breuitatis exceptionem detraxeris, omnis orationis uirtutes complexa sit. Nam si constat rebus et personis, quod in utrisque oporteat dicere perfectae eloquentiae est.*

104 Domício Marso a define assim: “A urbanidade é uma virtude brevemente condensada num dito, apta a deleitar e suscitar nos homens todo tipo de sensações. É

⁵³² Domício Marso, poeta da era Augusta, cujos aspectos da vida particular não chegaram até nós. Marso escreveu poemas de vários gêneros, porém os mais celebrados são seus epigramas. Marcial refere-se a ele freqüentemente com grande admiração. Sabe-se incidentalmente que seus epigramas distinguiam-se por sua licenciosidade e humor, além da severidade de suas sátiras (v. Marcial, II, 71,77; V, 5; VII, 99).

extremamente idônea para a defesa ou o ataque, consoante ao que requerem as coisas e as pessoas”. Essa definição, excetuando-se dela o que diz a sobre a brevidade, comporta todas as virtudes oratórias. Afinal, se ela se funda nas coisas e nas pessoas, importa então dizer que é próprio da perfeita eloquência tratar tanto de umas quanto de outras.

105 *Cur autem breuem esse eam uoluerit, nescio, cum idem atque in eodem libro dicat fuisse et in multis narrandi urbanitatem. Paulo post ita finit, Catonis, ut ait, opinionem secutus: "Vrbanus homo [non] erit cuius multa bene dicta responsaque erunt, et qui in sermonibus, circulis conuiuiis, item in contionibus, omni denique loco ridicule commodeque dicet. Risus erit quicumque haec faciet orator".*

105 Desconheço, todavia, por que quis Marso que a urbanidade fosse breve, se ele mesmo (e no próprio livro) diz que a urbanidade na narrativa⁵³³ encontra-se em muitos autores. Pouco depois, referindo a opinião de Catão, ele faz esta definição: “O homem urbano será aquele capaz de dizer e responder bem, e que nas conversas, nos círculos, nos convívios, mesmo nas assembléias e, enfim, em todo lugar saberá falar de forma ridícula e convenientemente. Todo orador que fizer isso fará rir.”

106 *Quas si recipimus finitiones, quidquid bene dicetur et urbane dicti nomen accipiet. Ceterum illi qui hoc proposuerat consentanea fuit illa diuisio, ut dictorum urbanorum alia seria, alia iocosa, alia media faceret: nam est eadem omnium bene dictorum. Verum mihi etiam iocosa quaedam uidentur posse <in> non satis urbana referri.*

106 Se aceitarmos essas definições, tudo aquilo que é dito bem passará então a receber o nome de urbanidade.⁵³⁴ De resto, para Marso, que propôs aquela definição, resultou lógica esta divisão: os ditos urbanos apresentam-se de forma séria, gracejosa ou média. Ora, tudo o que pode ser dito bem possui essa mesma divisão. Para mim, no

⁵³³ Cf. §§ 42-44 e sg.

⁵³⁴ Definição de urbanidade de Quintiliano. Segundo ele, Marso não define claramente o que vem a ser a urbanidade, uma vez que sua afirmação se confunde com a definição de *dicere bene*.

entanto, algumas frases, mesmo parecendo gracejosas, não são consideradas suficientemente urbanas.

107 *Nam meo quidem iudicio illa est urbanitas, in qua nihil absonum, nihil agreste, nihil inconditum, nihil peregrinum neque sensu neque uerbis neque ore gestuue possit deprendi, ut non tam sit in singulis dictis quam in toto colore dicendi, qualis apud Graecos atticismos ille reddens Athenarum proprium saporem.*

107 Pois na verdade, segundo meu entendimento, a urbanidade é a virtude na qual nada de inconveniente, nada de rústico, nada de grosseiro, nada de exótico (nem quanto ao pensamento, às palavras, à voz ou aos gestos) pode ser encontrado;⁵³⁵ não obstante ela não se encontre nem palavras isoladas nem na totalidade do que se diz – exatamente como, nos gregos, os aticismos davam aos discursos o sabor peculiar de Atenas.

108 *Ne tamen iudicium Marsi, hominis eruditissimi, subtraham, seria partitur in tria genera, honorificum, contumeliosum, medium. Et honorifici ponit exemplum Ciceronis pro Q. Ligario apud Caesarem: "Qui nihil soles obliuisci nisi iniurias",*

108 Contudo, para não obliterar a opinião de Marso (homem de extensa erudição) lembro que/ ele divide em três partes as expressões sérias: as honrosas, as injuriosas e as intermediárias. Como exemplo do gênero de honra Marso pôs uma frase que Cícero,

⁵³⁵ Curtius chama de *rusticitas* a linguagem deselegante e áspera (Curtius, 1996: p. 126). Este riso romano do camponês, cáustico, cru, natural, se manifestava em suas maneiras, em seu linguajar e em seus modos de vida. Tudo isso era mais visível nas mais variadas festas rurais: As *Saturnalia*, que começavam em 17 de dezembro e homenageavam Saturno; as *Lupercalia* (em homenagem a Luperco ou Pan) iniciadas em 15 de fevereiro; as *Liberalia*, em 17 de março (que eram festas em honra de Baco); e as *Floralia*, que eram jogos florais em honra a Flora, a meretriz, e ocorriam em abril. Nelas, o riso era desenfreado, licencioso e agressivo. Havia injúrias de todos os tipos e medidas de agressões verbais, como, por exemplo, nas *Saturnalia*, que ocorriam para preencher o espaço entre o ano lunar, oficial, e o solar, que regia os trabalhos agrícolas. Nessa festa havia um ambiente de inversão: tochas e candeeiros eram acesos durante o dia, havia a aclamação de um novo sol em plena meia-noite, os homens se vestiam de mulher e simulavam vozes femininas nos cantos e nas danças. Tudo era inversão: os escravos usavam um chapéu dos libertos chamado *pilues libertatis*, e comiam com seus senhores e lhes davam ordens até. Na segunda sátira de Horácio, por exemplo, a um escravo seu é permitido dirigir-lhes censuras. O riso estava marcado ali através das grosserias e obscenidades que caracterizam esses doze dias de festa. Nelas o riso está ali nas inversões, nas licenciosidades, nos vinhos etc. Como diz MINOIS, “um riso-evasão que (...) aniquila o mundo real e o tempo” (cf. Minois, 2003: pp. 96-100). Sobre a oposição entre urbanidade e rusticidade, cf. § 8, n. 355.

em *Pro Ligario*, atribui a César: “Tu que nada costumás esquecer, a não ser as injúrias.”⁵³⁶

109 *et contumeliosi quod Attico scripsit de Pompeio et Caesare: "Habeo quem fugiam, quem sequar non habeo", et medii, quod ἀποφθεγματικόν uocat et est ita, cum dixit "neque grauem mortem accidere uiro forti posse nec immaturam consulari neque miseram sapienti". Quae omnia sunt optime dicta, sed cur proprie nomen urbanitatis accipiant non uideo.*

109 Como exemplo de frase injuriosa, expôs aquilo que Cícero escreveu a Ático a respeito de Pompeu e César: “Tenho de quem fugir, não tenho a quem seguir.”⁵³⁷ E, por fim, como exemplo médio, que ele chama de ἀποφθεγματικόν (sentencioso), e assim é quando Cícero disse: “A morte não pode ser grave para um varão corajoso nem prematura para um cônsul nem mísera para um sábio.”⁵³⁸ Todas essas frases são ditas de forma perfeita, mas não vejo porque devam receber o nome de urbanidade.

110 *Quod si non totius, ut mihi uidetur, orationis color meretur, sed etiam singulis dictis tribuendum est, illa potius urbana esse dixerim, quae sunt generis eiusdem, <ex> quo ridicula ducuntur et tamen ridicula non sunt, <ut> de Pollione Asinio seriis iocisque pariter accommodato dictum est esse eum omnium horarum,*

110 Nome esse, ao que me parece, que não deve corresponder somente à total compleição do discurso, mas sim atribuído também às palavras isoladas. Diria que podem ser chamadas urbanas aquelas palavras que são do mesmo gênero das quais derivam aquelas que produzem o ridículo e, todavia, não são ridículas, como o exemplo de Polião Asínio,⁵³⁹ apto às palavras sérias e gracejosas e que foi chamado de homem para todas as horas.

⁵³⁶ Cf. *Pro Ligario*, 35.

⁵³⁷ Cf. *Ad Atticum*, VIII, 7, 2.

⁵³⁸ Cf. *In Catilinam*, IV, 3,

⁵³⁹ Caio Polião Asínio (76 – 5 a.e.c.) foi político partidário de César e Antônio durante a guerra civil e cônsul em 40 a.e.c. Foi também poeta, orador e crítico literário (v. Smith, 1867: v.3, pp. 436–38).

111 *et de actore facile dicente ex tempore, ingenium eum in numerato habere: etiam Pompei, quod refert Marsus, in Ciceronem diffidentem partibus: "Transi ad Caesarem, me timebis". Erat enim, si de re minore aut alio animo aut denique non ab ipso dictum fuisset, quod posset inter ridicula numerari.*

111 Sobre um advogado⁵⁴⁰ que com facilidade improvisava o discurso, dizia ele que seu engenho estava em ter o dinheiro contado⁵⁴¹; além disso, há a frase (citada por Marso) de Pompeu a Cícero, que desconfiava de seu partido: “Passe para o lado de César, terás medo de mim.”⁵⁴² Essa, com efeito, seria colocada entre as frases ridículas se fosse dita a respeito de algo menor ou com outra disposição de espírito ou, afinal, se fosse dita por outro que não Pompeu.

112 *Etiam illud quod Cicero Caerelliae scripsit, reddens rationem cur illa C. Caesaris tempora tam patienter toleraret: "Haec aut animo Catonis ferenda sunt aut Ciceronis stomacho"; stomachus enim ille habet aliquid ioco simile. Haec quae monebam dissimulanda mihi non fuerunt: in quibus ut errauerim, legentis tamen non decepi, indicata et diuersa opinione, quam sequi magis probantibus liberum est.*

112 O mesmo vale para o que Cícero escreveu a Cerélia, que lhe perguntava por que tolerava com tanta paciência o domínio de César: “Este tempo deve ser suportado com o ânimo de Catão⁵⁴³ ou com o estômago de Cícero”; com efeito a palavra estômago possui aqui algo semelhante a um gracejo. Lembro que tudo o que expus não o fiz por dissimulação. Se errei em alguma coisa, não quis, de qualquer modo, enganar os leitores. Tendo eu indicado minha opinião e a contrária, qualquer um é livre para seguir aquela que lhe parecer a mais correta.⁵⁴⁴

⁵⁴⁰ O termo é em certa medida impreciso. A palavra *actor* se traduz tanto por advogado, quanto por orador ou mesmo ator. Preferi a expressão advogado porque ela se adequa melhor ao contexto.

⁵⁴¹ O mesmo dito ridículo se encontra em Sêneca, *Contr.* II, 5, 20.

⁵⁴² Macróbio cita o mesmo episódio, v. *Saturnalia*, II, 3, 8.

⁵⁴³ Marco Pórcio Catão Uticense (95-46 a.e.c.), bisneto de Catão, o Censor. Opunha-se aos triúmviros e quando César conquistou o poder absoluto, suicidou-se em Útica depois de passar pelos mais variados tipos de privações (v. Plutarco, *Cato Maior*; Salústio, *Bellum Catilinae*, 54; Tácito, *Historiae*, IV, 8; Cícero, *Ad Atticum*, I, 18; XI, 9; Smith, 1867: v.1, pp. 645–650).

⁵⁴⁴ Quintiliano trata no próximo capítulo da *altercatio*, que ele explica ser um procedimento após a apresentação das causas. Nela o objetivo é rechaçar os argumentos da parte contrária e isso se faz

CONCLUSÃO

Um dos objetivos deste trabalho foi reunir acolhimentos de Quintiliano obtidos do texto de Cícero através do prisma de cinco perguntas feitas por César, personagem de *De oratore*, no parágrafo 235 de *De ridiculis*, a saber: O que é o riso? Onde se encontra? É próprio de o orador utilizá-lo? Em que medida? Quais são os gêneros de ridículo?

Para indicar o acolhimento, verifiquei a coincidência ou aproximação de teoria, nomenclaturas, gêneros, modelos e exemplos. Sempre que algum desses aspectos foi aproveitado referi a ocorrência e marquei, quando isso se mostrou necessário, a diferença. Sem dúvida, não poucas definições, instruções e gêneros que se encontram em Quintiliano foram obtidos em Cícero. Em *De risu*, até mesmo alguns exemplos se repetem.

Demais, os textos estabelecem um diálogo no estabelecimento da palavra técnica que indique o riso oratório. Em um ponto de seu pequeno tratado (§ 20) Quintiliano, ao citar Horácio, refere a palavra *facetiae* em sua forma *facetum* e Cícero, em *De ridiculis* (§ 231), cita o termo *urbanitas* em sua forma *urbanitatis*. Porém, a influência Cícero em Quintiliano fica mais evidente quando verificamos que a tentativa de Cícero em estabelecer uma arte e doutrina sobre o riso, que até então fora inexistente ou insuficiente, se repete em Quintiliano.

Primeira pergunta 1: O que é o riso?

Em *De ridiculis*, César, o personagem, primeiro nega querer ou poder respondê-la (*De ridiculis*, § 235) e depois, por força de outras definições, tais como o lugar onde

confutando as afirmações do adversário, desprezando-as, redimensionando-as e até as expondo ao ridículo. Ademais, somado à utilidade do riso apontada na *altercatio*, Quintiliano sobre isso diz que não há outra parte do processo em que a urbanidade (como vimos em *De risu*) tenha maior emprego (v. Kennedy, 1972: p. 507; Cícero, *De inuentione* I, 23–25). Ele prescreve ao orador moderação e paciência, inteligência rápida (não há espaço para reflexão) e uma mente atenta e aguda. Sobre agudeza ele ainda indica sua importância na *altercatio*, sobre a qual, afirma (como faz em *De risu* a respeito da arte da urbanidade, v. §§ 11, 14) não haver uma arte retórica que a ensine, mas que nela, por outro lado, encontra apoio. Por fim, já no capítulo V, Quintiliano passa a tratar da *dispositio*, outra parte da retórica.

se encontra o riso (a segunda pergunta de César), apenas tangencia os aspectos que estão envolvidos no mecanismo psíquico, emocional e físico do ato de rir. Algumas vezes o texto se aproxima dos processos que disparam o riso, outras vezes do ato físico do rir, mas sempre de negada, insuficiente, posta em segundo plano ou até accidental.

Já Quintiliano (*De risu* §§ 6, 7) diz haver vários juízos dos homens seu do riso, que não é entendido por algum princípio racional, e sim por um movimento do ânimo, que Quintiliano afirma desconhecer. Mais à frente, no parágrafo 19, ele faz uma interessante analogia sinestésica entre o uso moderado do riso no discurso, o tempero que o sal dá à comida seu resultado, daí a sinestesia, que é “sentir sede” em ouvir um discurso. De qualquer forma, os dois textos não trazem a definição explícita do que é o riso, pois em nenhum parágrafo dos dois textos seus autores se detiveram na análise do processo pelo qual o riso ocorre, o qual inclui elemento provocador, admiração, deleite e processos físicos que envolvem o coração, os pulmões, o diafragma e os aparelhos fonadores.

Segunda pergunta: Onde o riso é encontrado?

A noção de o riso se encontra nos vícios dos corpos, nas imperfeições, naquilo que é quase feio ou deformado, enfim, naquilo que é torpe e imperfeito, vem de Aristóteles (*Poética*, 1449 a 34 sg.) e é seguida tanto por Cícero (*De ridiculis*, §§ 236, 248, 266) quanto por Quintiliano (*De risu*, § 8).

Terceira pergunta: é próprio de o orador utilizar o riso?

A resposta é sim. É claramente próprio de o orador utilizar o riso (*De ridiculis*, § 236). Os ditos picantes, a urbanidade, as *facetiae* e os gracejos (*De ridiculis*, §§ 216, 229, 231) proporcionam várias vantagens (*De ridiculis*, § 219) para o orador no discurso. Cícero (*De ridiculis*, § 236) aponta que a

“hilaridade é benévola àquele que as desperta ou porque todos adoram uma agudeza contida, muitas vezes, numa palavra, sobretudo de quem responde, e às vezes também de quem ataca; ou porque enfraquece o adversário; ou o constrange, diminui, afugenta; ou porque o refuta; ou

também, pode ser, porque mostra que o próprio orador é um homem polido, erudito, urbano; ou, sobretudo, porque muitas vezes mitiga e abranda a tristeza, a severidade e as coisas desagradáveis. O gracejo e o riso dissolvem aquilo que não é fácil de ser diluído com argumentos.”

Dessas vantagens Quintiliano acolhe, já no primeiro parágrafo de *De risu*, essas últimas, que é abrandar a tristeza e a severidade das coisas desagradáveis e a diluição de coisas que os argumentos não conseguem com facilidade. Ele diz:

“Diversa a essa, /há/ uma virtude que provocando o riso do juiz não somente dissolve os sentimentos tristes, como também afasta com freqüência o ânimo da atenção aos fatos, bem como algumas vezes o reanima e renova da saturação e da fadiga.”

Como já se explicou, os sentimentos tristes, a seriedade e a atenção aos fatos causam nos ouvintes a saturação e a fadiga. E isso pode ter sido provocado pelo adversário (os sentimentos de tristeza, ódio, ira etc.) ou pela morosidade natural do processo, que pode se mostrar evidente na recapitulação, parte da *peroratio*. Nesse caso o elemento funciona como um elemento aliviador capaz de reverter uma situação desfavorável ao orador.

Quanto às primeiras, o ataque, a resposta e o enfraquecimento do adversário, Quintiliano não as acolhe em *De risu*, mas no capítulo IV do livro VI ao tratar da *altercatio*. Já a utilidade do riso em mostrar o orador como um homem polido, urbano e erudito se alinha ao que Quintiliano instruiu sobre a configuração do ῥήτορ do orador nos capítulos I e II também do livro VI.

Quarta pergunta: até que ponto o orador pode ou deve utilizar o riso?

Essa questão está ligada à moderação. E esta está contida na definição do gênero de ridículo oratório, que em Cícero são as *facetiae* e em Quintiliano a *urbanitas*.

Quintiliano definiu tanto esta quanto aquela dizendo da primeira uma palavra ligada à beleza e à elegância esmerada e da segunda uma linguagem dos doutos que se

revela o contrário da rusticidade e aquilo que apontado nos outros se configura em gênero de ridículo (Cf. *De risu*, §§ 3, 8, 14, 17, 30 etc.).

Cícero por sua vez aproxima a urbanidade do dito picante (*De ridiculis*, § 231) e deixa evidente por todo *De ridiculis* para ele o gênero de ridículo é a facécia (*De ridiculis*, §§ 217, 218, 219, 225, 227, 229, 231, 233, 239 etc.).

Se por um lado os gêneros de ridículo (as *facetiae* e a *urbanitas*) embutem o distanciamento do que é vulgar, rústico e obsceno, por outro, tanto Cícero quanto Quintiliano apontam de quais gêneros de ridículo o orador deve se afastar, o que permite dizer que o retor acolhe os preceitos de moderação anunciados por Cícero.

Portanto, para ele e Quintiliano o orador deve ao gracejar: ter em conta o lugar, as pessoas e o momento, para que não diga algo não condizente, ofensivo, inoportuno (*De ridiculis*, § 221, *De risu*, §§ 28, 33, 34, 35); saber adequar o dito ridículo à causa, não incorrendo no erro de escarnecer em uma causa atroz ou de coisas dignas de grande ódio ou zombar de uma miséria extrema ou em uma causa comovente (*De ridiculis*, § 237, 238/ *De risu*, § 31); evitar o riso do bufão, do mimo e do mímico e suas obscenidades (*De ridiculis*, §§ 239, 242, 244, 245, 247, 252/ *De risu*, §§ 25, 29).

Quinta pergunta: quais são os gêneros do ridículo?

Os gêneros de ditos ridículos de Cícero são chamados *genera facetiarum* e em Quintiliano, denominamos nós, *genera urbanitatis*. Como vimos, a categorização que ambos estabeleceram não se completaram e, por conseguinte, não permitiram uma observação mais precisa do que seria um quadro de ditos ridículos organizado por categorias. No entanto, livre dessa categorização, foi possível verificar quais dos gêneros de facécias de Cícero Quintiliano aproveitou entre seus gêneros de urbanidade. Para aferir esse acolhimento determinei um critério simples que consistiu em observar o modelo do exemplo em relação à sua nomenclatura em cada texto. Disso resultou que alguns gêneros de ditos ridículos foram acolhidos do mesmo modelo e nomenclatura, outros tinham o mesmo modelo mas nomenclaturas diferentes, outros apresentaram variação de gêneros acolhidos, e enfim alguns outros mostraram certa proximidade de modelos e gêneros, cujo acolhimento pode estar sujeito a algum critério interpretativo. Devo adiantar que nem sempre a nomenclatura se formou por denominações de figuras

ou tropos ou outros elementos retóricos. Nesse caso reproduzi apenas a nomenclatura contida no parágrafo onde o gênero foi colhido.

Os gêneros com o mesmo modelo e a mesma nomenclatura acolhidos são os ditos ridículos formados por: anedotas (*De ridiculis*, §§ 240, 264/*De risu*, § 39); metáfora (*De ridiculis*, § 262 /*De risu*, § 61); ironia (*De ridiculis*, § 262 /*De risu*, § 68); alegoria (*De ridiculis*, § 261 /*De risu*, § 69); ambigüidade (*De ridiculis*, §§ 250, 253, 254 /*De risu*, § 47); hipérboles (*De ridiculis*, § 267/*De risu*, § 67); repreensão de estultice (*De ridiculis*, § 280/*De risu*, § 71); simulação (*De ridiculis*, § 275, 276/*De risu*, § 85); malícia (*De ridiculis*, § 278/*De risu*, § 88); interposição de versos (*De ridiculis*, § 257/*De risu*, § 96, 97); adaptação ou uso de provérbios (*De ridiculis*, § 258 /*De risu*, § 98); frases absurdas (*De ridiculis*, § 274 /*De risu*, § 99); quebra de expectativa (*De ridiculis*, § 284, 285, 289/*De risu*, § 64, 84). Há gêneros em que o modelo é igual, mas a nomenclatura é diferente. Trata-se do gênero de ridículo que Quintiliano diz ser formado por ditos frios (*De risu*, § 53,56) e que Cícero diz ser formado por paronomásia (*De ridiculis*, § 256) e um gênero que consiste em fingir ter entendido o que o outro disse, o qual Quintiliano chama de *dissimulatio* (*De risu*, §§ 85, 86) e Cícero de *simulatio* (*De ridiculis*, § 275). Aqueles que apresentam variação a partir de gêneros acolhidos são formados por: *dissimulatio ex ambiguitas* (*De ridiculis*, § 250, 253, 254/*De risu*, § 87); ambigüidade que se aproxima do enigma (*De ridiculis*, § 250, 253, 254/*De risu*, § 50); similitude com ambigüidade (*De ridiculis*, § 250, 253, 254 /*De risu*, § 62); *fictio ex ironia* (*De ridiculis*, § 262/*De risu*, § 91). Os gêneros com proximidade entre modelos ou nomenclatura são estes: dito ridículo formado por similitude (*De risu*, § 57-60) e por comparação (*De ridiculis*, § 265); dito ridículo formado pelo desejo do que não pode ser feito (*De ridiculis*, § 287) e pelo dizer o que não pode ser feito (*De risu*, §§ 89, 90).

Palavras de encerramento

Se em autores tão distintos como Cícero e Quintiliano pareça comum, ao tratar de um assunto, reconhecer a possibilidade de ter se esquecido de alguma coisa ou de ter errado em algum aspecto, como não o seria em um estudante?

Assim, à maneira de Quintiliano, a quem admiro, ressalto que se me esqueci ou errei em alguma coisa não o fiz para enganar os leitores, mas por causa de alguma limitação que será suplantada por mais estudo, tempo e incentivo.

BIBLIOGRAFIA

Básica

CÍCERO, Marco Túlio. *De oratore* (volume primeiro – Livros I, II, texto original com tradução de E. W. Sutton).

_____. *De l'orateur* (livro II) (texto original com tradução de Edmond Courbaud). Paris: Les Belles Lettres, 1966.

_____. *Dell'oratore* (texto original com tradução para o italiano de Mario Martina, Marina Ogrin, Ilaria Torzi e Giovanna Cettuzzi). Milão: BUR, 1994.

_____. *Sobre el orador* (introdução, tradução e notas de José Javier Iso). Madri: Gredos, 2002.

QUINTILIANO, Marco Fábio. *La formazione dell'oratore* (volume primeiro – Livros I-IV, texto original com tradução para o italiano de Stefano Corsi). Milão: BUR, 2006.

_____. *La formazione dell'oratore* (volume segundo – Livros V-VIII, texto original com tradução para o italiano de Stefano Corsi e Cesare Calcante). Milão: BUR, 2001.

_____. *Institution oratoire* (livros VI e VII, com tradução para o francês de Jean Cousin). Paris: Les Belles Lettres, 1977.

_____. *Instituzione oratoria* (volume primeiro, com tradução para o italiano de Simone Beta e Elena D'Incerti Amadio). Milão: Mondadori, 2007.

_____. *Instituzione oratoria* (volume segundo, com tradução para o italiano de Simone Beta). Milão: Mondadori, 2007.

_____. *The Institutio oratoria* (texto original com tradução de H.E.Butler). Londres: Cambridge, Mass. : Harvard University Press, 1920–1922.

Obras de referência

ARISTÓTELES. *Parts of animals* (texto original com tradução para o inglês de A. L. Peck). Cambridge, MA/London: Harvard University Press/Heinemann, 1961.

_____. *Poética* (tradução de Eudoro de Souza). São Paulo: Ars Poetica, 2001.

_____. *Retórica* (introdução, tradução e notas de Quintín Racionero). Madri: Gredos, 1990.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica* (introdução de Roberto de Oliveira Brandão, tradução de Jaime Bruna). São Paulo: Cultrix, 2005.

BENNETT, H. *The Wit's Progress: A Study in the Life of Cicero*. The Classical Journal, Vol. 30, No. 4 (Jan., 1935), pp. 193-202.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico* (tradução Nathanael C. Caixeiro). Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BOISSER, G. *Cicéron et ses amis*. Paris: Hachette, 1865.

CAMILO, Vagner. *Risos entre pares; poesia e humor românticos*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.

COFFEY, Michael. *Roman satire, its outlook on social life*. Handem: Conn, 1964.

CORBEIL, A. *Controlling laughter: Political humor in the late Roman republic*. Princeton: Princetotn University Press, 1996.

COUSIN, Jean. *Études sur Quintilien*. Paris: Boivin, 1967.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1996.

FONTANIER, Pierre. *Les figures du discours*. Paris: Flammarion, 1977.

FRONTINO, Sexto Júlio. *The stratagems and The aqueducts of Rome*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1993.

GARAVELLI, Bice Mortara. *Manual de retórica* (tradução para o espanhol de María José Vega). Madri: Cátedra, 1988.

HANSEN, João Adolfo. *Retórica da agudeza*. In: Letras Clássicas, nº 4. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000, pp.317-342.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas; Editora da Unicamp, 2004.

KENNEDY, George. *Cicero's De inventione and the Rhetorica ad Herennium*. In: The art of rhetoric in the Roman world: 300 B.C.-A.D. 300. Princeton: Princeton University Press, 1972, pp. 103-148.

_____. *Cicero and his younger contemporaries*. In: The art of rhetoric in the Roman world: 300 B.C.-A.D. 300. Princeton: Princeton University Press, 1972, pp. 149-300.

_____. *Quintilian and his younger contemporaries*. In: The art of rhetoric in the Roman world: 300 B.C.-A.D. 300. Princeton: Princeton University Press, 1972, pp. 487-552.

KENNEY, E. J. e CLAUSEN, W. V. (eds.). *Historia de la literatura clasica (volume II – Literatura latina)*. Madri: Gredos, 1989.

LAUSBERG, Heinrich. *Manual de retórica literária: fundamentos de una ciência de la literatura* (tradução de José Perez Riesco). Madri: Gredos, 1976.

MACRÓBIO, Ambrósio Aurélio Teodósio. *Saturnalia* (texto original com comentários de Jacobus Willis). Lipsiae: B. G. Tevbneri, 1963.

RAMAGE, E. S. *Early roman urbanity*. In: The American Journal of Philology, Vol. 81, No. 1: 1960, pp. 65-72.

_____. *Cicero on Extra-Roman Speech*. In: Transactions and Proceedings of the American Philological Association, Vol. 92, 1961, pp. 481-494.

_____. *Urbanitas: Cicero and Quintilian, a contrast in attitudes*. In: The American Journal of Philology, 1963, Vol. 84, No. 4, pp. 390-414.

SANTOS, Marcos Martinho dos. *O monstrum da Arte poética de Horácio*. In: Letras Clássicas, nº 4. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000, pp.191-265.

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso* (tradução de Alessandro Zir). São Leopoldo: Unisinos, 2002.

STEEL, Catherine. *Roman oratory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Obras de citações

CÍCERO, Marco Túlio. *De amicitia* (texto original com comentários de Valentín García Yerba). Madri: Gredos, 1967.

_____. *Brutus* (texto original com tradução para o francês de Jules Martha). Paris: Les Belles Lettres, 1923.

_____. *L'excursus ridiculis* (curadoria de G. Monaco). Palermo: Palumbo, 1968.

_____. *La invención retórica* (introdução, tradução e notas de Salvador Núñez). Madri: Gredos, 1997.

_____. *De inventione, De optimo genere oratorum, Topica* (textos originais com tradução para o inglês de H. M. Hubbell). Cambridge, MA/London: Harvard University Press/William Heinemann Ltd., 1976.

_____. *Lettres à Atticus* (tradução de Édouard Bailly). Paris: Garnier Frères, 1937-38.

_____. *De oratore* (livro III), *De fato, Paradoxa stoicorum, De partitione oratoria* (textos originais com tradução para o inglês de H. Rackham). Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 1992.

_____. *L'oratore* (texto original com tradução de G. B. Pighi). Milão: Mondadori, 2004.

_____. *Rhetorica ad Herennium* (com tradução para o inglês de Harry Caplan). Cambridge, MA/London: Harvard University Press/William Heinemann Ltd., 1989.

_____. *De Senectute* (com tradução para o inglês de William Armistead Falconer). Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

_____. *The speeches: Pro lege Manilia, Pro Caecina, Pro Cluentio, Pro Rabirio perduellionis* (com tradução para o inglês de H. Grose Hodge). Cambridge/London: Harvard University Press/ W. Heinemann, 1952.

_____. *Da velhice e Da amizade* (tradução de Tassilo Orpheu Spalding). São Paulo: Cultrix, 1964.

MARCIAL, Marco Valério. *Epigrammi* (texto original com tradução para o italiano de Simone Beta). Milão: Mondadori, 1995.

OVÍDIO. *Pontiques* (texto original com tradução de Jacques André). Paris: Les Belles Lettres, 1977.

PLÍNIO SEGUNDO, Caio. *Historiae naturalis*. Paris: Panckoucke, 1835.

PLUTARCO. *Como tirar proveito dos inimigos, seguido de Da maneira de distinguir o bajulador do amigo* (tradução de Ísis Borges B. da Fonseca). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SUETÔNIO, Caio Tranqüilo. *Les douze Césars*. Paris: Garnier, 1955.

Dicionários

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 2000.

SEYFFERT, Oskar. *Dictionary of classical antiquities*. Boston: Little, Brown, and Company, 1894.

SMITH, William (ed.). *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. London: John Murray, 1867.

_____ (ed.). *A dictionary of Greek and Roman antiquities*. Boston: Little, Brown, and Company, 1870.

Historiografia

BARDON, H. *La litterature latine inconnue*. Paris: C. Klincksieck, 1989.

HORÁCIO. *Obras completas: odes, epodos, carme secular, sátiras e epístolas*. São Paulo: Edições Cultura, 1941.

_____. *Les sermons d'Orace: satires et épitres*. Paris: Hachette, 1940.

LÍVIO, Tito. *Storiarum libri*. Lipsiae: Hiltze, 1866.

_____. *Ab urbe condita*. Oxford: Oxford University Press, 1952.

MOMIGLIANO, A. & SCHIAVONE, A. (dir.). *Storia di Roma*. Torino: Einaudi, 1988-1993.

MOMMSEN, Theodor. *História de Roma* (Tradução de A. Garcia Moreno). Madri: Aguilar, 1975.

PARATORE, Ettore. *A época de César*. In: *História da literatura latina* (tradução de Manuel Losa, S.J.). Lisboa: Calouste Gulbenkian, s/d, pp. 163-344.

_____. *A época dos Flávios e de Trajano*. In: *História da literatura latina* (tradução de Manuel Losa, S.J.). Lisboa: Calouste Gulbenkian, s/d, pp. 677-790.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.

ODGERS, Merle M. *Quintilian's Rhetorical Predecessors*. Transactions and Proceedings of the American Philological Association, vol. 66, 1935, pp. 25-36.

TÁCITO, Caio Cornélio. *Anais* (tradução de Leopoldo Pereira). Rio de Janeiro: SLP, 1964.

_____. *The Annals* (textos originais cometados por Anthony John Woodman e Ronald H. Martin). Cambridge: Cambridge University Press, 1996.